

EDWIN B. REESINK

*Narratio
Kanamaru*

NARRATIO KANAMARI

NARRATIO KANAMARI

Edwin B. Reesink

Editora Universitária UFPE
Recife 2013

Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Editora UFPE

Conselho Editorial do PPGA-UFPE:

Antônio Motta, Bartolomeu F. de Medeiros, Carlos Sandroni, Danielle Pitta, Edwin Reesink, Josefa Salete Cavalcanti, Judith Chambliss Hoffnagel, Lady Selma Albernaz, Marion Teodósio, Mísia Lins Reesink, Parry Scott, Peter Schröder, Renato Athias, Roberta Campos, Roberto Motta, Vânia Fialho.

Comissão Editorial do PPGA-UFPE:

Antonio Motta, Edwin Reesink, Judith Hoffnagel.

Coordenação do PPGA:

Mísia Lins Reesink, Peter Schroder (Vice).

© Edwin Reesink 2013

Planejamento Gráfico e Diagramação: Mísia Lins Reesink
Revisão Técnica: Do Autor

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Kalina Lígia França da Silva, CRB4-1408

R329n Reesink, Edwin Boudewijn.
Narratio Kanamari [recurso eletrônico] / Edwin Boudewijn Reesink. –
Recife : Ed. UFPE, 2013.

ISBN 978-85-415-0845-2 (online)

1. Índios da América do Sul – Amazônia. 2. Índios Kanamari – Mitologia.
3. Índios Kanamari – Lendas I. Título.

980.41 CDD (23.ed.)

UFPE (BC2017-007)

NOTA SOBRE A CONVENÇÃO GRÁFICO-FONÉTICA

A transcrição do Kanamari, e especialmente, o modo de escrever esta língua, somente podia ser provisória, tendo em vista que não sou linguista e que quase não existia nenhum texto em Kanamari, a não ser alguma coisa publicada pelo New Tribes (ver as publicações de Groth), que utiliza um modo de transcrição pouco próprio em alguns aspectos. Diga-se, de passagem, que um problema adicional para mim foi a dificuldade de saber distinguir entre a vogal curta e a longa, diferença relevante, por exemplo: em wara e waara, que existe na língua, segundo o linguista Queixalós (informação pessoal, em 2002). Da proposta de M.Silva et.al., por outro lado, a transcrição difere em usar i em vez de e, tendo em vista que isto se aproxima com o uso em português, e utilizo o ə em vez de â, para ressaltar um som ausente em português (mas semelhante ao presente em inglês, como em “cut”, razão pelo qual os americanos (em Groth) usam o u, inaceitável pelo uso em português).

Este uso é muito próximo do usado por Ma. R. Carvalho (2002: 11), que também adota uma solução que se aproxima do uso no português brasileiro. Segundo a autora, a vogal ə é “alta central fechada, não arredondada”, a consoante dj é “africada alveolar sonora” e a consoante h é “fricativa alveolar sonora”.

introdução:
Narratio Kanamari

O título desse livro se refere as narrativas míticas do povo indígena Kanamari da Amazônia ocidental, aqui principalmente a aldeia no Jutai. A pesquisa de campo principal que deu origem a esse livro se realizou em 1984, enquanto que em 1988 consegui fazer uma pequena temporada adicional. No ano de 1993 a pesquisa redundou numa tese de doutorado no Museu Nacional, defendida no início de 1994¹. A tese consiste de dois volumes: o primeiro introduz os Kanamari e discute a mitologia em termos mais organizados e glosando os protagonistas das narrativas e suas aventuras. Ou seja, discute a mitologia e esboça uma interpretação inicial do seu conjunto. No segundo volume, o intuito é o de documentar a mitologia e franquear seu acesso a consulta e análise para quem se interessar. No seu todo, a tese pretendia contribuir, dentro dos seus limites modestos, para a etnologia dos povos indígenas das Terras Baixas do America do Sul. O primeiro volume está disponível também em um livro em separado sob o título original da tese, *Imago Mundi Kanamari* (ebook, 2013, pela Editora da UFPE). Na introdução desse primeiro livro o leitor encontrará detalhes da pesquisa, seus

¹ Agradeço o CNPq que apoiou minha permanência no PPGAS com uma bolsa de doutorado. Agradeço também todas as pessoas que de alguma maneira ajudaram na feitura da tese. Sem nominar ninguém, creio que essas pessoas saberão reconhecer as suas contribuições e, igualmente, estarão conscientes da minha gratidão pelo que fizeram. Todas elas influenciaram de algum modo o presente texto.

limites e objetivos, e seus desdobramentos. Desse modo, a introdução nesse livro situa o que é reproduzido, aqui além de informar sobre a tese e o momento em que foi escrita. Realmente, o leitor que está interessado em ter uma noção melhor dos Kanamari deve consultar esse livro, que termina com o seguinte parágrafo:

A transmissão de saber para os *təkəna* procede da geração adjacente mais velha para a mais nova, tendo Kurau terminado assim a sua fala na língua que herdou de Tamakori e que partilha com ele: Então é assim, nossos pais sempre deram conselhos para nós. Nós fazemos isto com nossas crianças, nossos filhos. Nós devemos ensinar aquela palavra de novo.

“Baktihtam kirə’am wamam ki am tsabo. Tsanim tə’am tsanim awə tatam batih. Hawak.

As histórias bonitas eram fortes mesmo. Faz tempo, não é de agora não. Acabou.”

Nesse sentido, o presente volume continuará, de certo modo, no ponto em que o primeiro terminou. Desse modo, nesse livro aqui encontra-se somente o *corpus* dos mitos coletados, com algumas informações sobre o desenrolar da pesquisa de campo, os narradores e as condições em que contaram as suas histórias. As narrativas não podem, é claro, ser reproduzidas em sua totalidade no outro livro, nesse sentido mais enxuto e mais analítico. Dessa maneira, um pesquisador que realmente se interesse pelas narrativas em suas expressões faladas originais raramente tem a oportunidade de ler todo o conjunto disponível para o analista. O conjunto desse livro é que lhe permitirá rever, e, se assim quiser, ampliar o uso desse material. O presente livro é, portanto, um suplemento ao primeiro. Além disso, é necessária atentar para o fato de que não houve modificações de atualização nessa edição, quanto à literatura por exemplo: o tempo do livro é do segundo semestre do ano de 1993.

Há uma outra razão para esse registro de campo, narradores e as suas falas. A pesquisa se realizou na década de 80 do século passado (depois fizemos – com as colegas Ma. R. Carvalho e K. Tall – somente uma rápida excursão em Eirunepé e em aldeias do Juruá na década de 90). Essa visita, infelizmente, não incluiu uma ida ao alto Jutai, em razão de ser algo sempre bem complicado em termos logísticos. No Juruá, por outro lado, ouvimos, pelo trânsito de pessoas entre rios, notícias do Jutai e de que algumas pessoas

do Jutai faleceram nesse período. Soubemos, por exemplo, que a pessoa mais velha da época de nossa pesquisa, Muyawan, faleceu, mas, infelizmente, o mesmo ocorreu também com pessoas bem mais novas, como Djo'ohnanim. Ora, com o tempo passado para a publicação atual, a falta de assistência da saúde regular da Funai no Alto Jutai e as condições de vida nesse rio, é inevitável que mais pessoas, e mais narradores, tenham falecido. Outras pessoas se mudaram para o Juruá, para morar em outra aldeia. Nesse sentido, esse livro pode servir como testemunho de uma tradição, na verdade de tradições de diferentes Djapa, na memória e expressão performática dos narradores herdeiros de uma tradição, ou de várias, pela sua ascendência e que as contingências da história reuniu numa única aldeia no Alto Jutai. Testemunho de uma riqueza narrativa, de empenho dos narradores, a quem agradecemos e, dessa maneira, talvez possamos homenageá-las nesses registros e, em algum momento, devolver sua palavras para os seus descendentes.

O PRIMEIRO MUNDO

1. trabalho de campo e registro de mitos

Introdução

Nas coletâneas de mitos de culturas indígenas raramente se depara com maiores informações sobre as pessoas que narraram os mitos e o contexto em que isto se processou. Às vezes há algumas indicações disponíveis sobre narrador e contexto e, às vezes, fornece-se transcrições literais. De fato, são por demais conhecidos os crescentes questionamentos na antropologia sobre como o trabalho de campo representa o esforço particular de um determinado antropólogo numa situação única. Este fato se reflete sempre tanto na sua forma de conduzir a pesquisa, quanto na sua transformação em discurso para os pares, envolvendo uma complexa interação entre a situação no campo, a sociedade estudada e seus participantes e o próprio antropólogo. No limite, pretender a objetividade absoluta se mostra impossível, mas, não obstante, a meta de se propor o grau máximo de objetividade possível deve ser mantida como ideal. Diga-se, de passagem, que este desafio vale para toda a ciência, inclusive as chamadas “objetivas”, mas que o problema se põe mais fortemente nas ciências sociais.

Em face disto, encontramos atualmente na literatura que se ocupa e preocupa com o ‘fazer trabalho de campo’, orientações para que o pesquisador explicita a sua situação particular na empreitada concluída: todo o contexto é importante, especialmente quando ele mesmo é o instrumento principal do trabalho. Antigamente uma etnografia raramente se referia a esta caixa preta antropológica, com notável exceção de Malinowski e mais ainda da “nuerose” de Evans-Pritchard (e o que significava para entender os Nuer), ambos sem fazer clara ligação aparente entre a sua explicitação e as análises elegantes que seguiam estas introduções. Por outro lado, em casos de excelentes etnografias como essas, os próprios livros costumam permitir repensar a análise em moldes diferentes das propostas pelo autor (tanto que existem). Atualmente, sob o estímulo de controvérsias como Mead/ Freeman, a pesquisa de campo entra cada vez mais no rol das preocupações fundamentais do antropologia.

No limite o próprio trabalho de campo deveria ser objeto de meticolosa descrição a fim de permitir que outros colegas tivessem condições de avaliar seus resultados, ou seja, tal atitude obrigaria a publicar um extenso

relato, no fim das contas até todos os registros dos cadernos de campo. Realmente, houve o caso de um pesquisador holandês que entregou o seu diário de campo como tese de doutorado, mas, por mais interessante e válido que isso eventualmente possa ser, a antropologia, apesar dos riscos do processo de abstração maior do real, não se deve deter neste nível mais baixo de generalização. Desisti da idéia inicial de reproduzir aqui todo o material sobre mitologia que foi recolhido ao longo da pesquisa de campo. Tal reprodução consumiria demasiado espaço e optei por uma forma intermediária, para dar um quadro um pouco menos completo do material e acrescentar alguma informação a respeito da situação em que foi registrado. Para tal fim, proponho-me descrever algumas características relevantes da pesquisa de campo e indicar o material reunido em suas diferentes fases.

A pesquisa

Inicialmente, é necessário apontar que a pesquisa entre os Kanamari seguiu-se a uma sugestão sobre o vácuo etnográfico deste povo, feito por J.C. Melatti, que trabalhava então entre os Marubo dentro do Parque Indígena do Javari. Ainda dentro dos limites deste Parque – cuja proposta de criação infelizmente até hoje não desfruta de uma situação de pleno reconhecimento legal – a antropóloga Ma. Rosário G. de Carvalho, colega na Universidade Federal da Bahia, escolheu as comunidades Kanamari que habitavam a região do Alto Jutai, no limite mais meridional da Área. Já em outubro-novembro de 1983 ela viajou para a Amazônia, e passou por Tefé, Miratu e baixo Jutai. Entretanto, a intenção original de subir os quase 2000 quilômetros do Jutai até chegar ao alto rio, provou-se de ser de uma dificuldade prática muito grande. Dentro do Parque Javari, somente as comunidades Kanamari do Itacoai talvez sejam menos alcançáveis ainda do que as do Jutai.

O Alto Jutai ainda é uma região distante, pouco povoada e de muito difícil acesso para pessoas com recursos limitados. Não há tráfego regular para subir a distância que separa a foz do alto curso, a não ser umas poucas embarcações de comerciantes que empreendem a longa viagem. Saindo de Eirunepé, no rio Juruá, tem que se andar um dia por terra para chegar ao Juruazinho, o formador meridional do Jutai. Ai, no outro lado, não existe

nada além de algumas poucas casas de seringueiros, geralmente distantes no mínimo uma hora de canoa umas das outras, e quem não tem canoa dificilmente viaja, ou, se estiver sem motorzinho de popa e combustível, demorará em chegar. Em 1988 fiz a viagem de canoa, com uma turma de índios (todos homens), a remo, e, depois de dois dias por terra, demoramos cinco dias para descer o Juruazinho e meio dia de subida para chegar à aldeia nova (mais embaixo) no Jutaizinho.

Em nossa primeira visita a campo, saímos no início de fevereiro de 1984 no intuito de subir o rio a partir de Tefé. Este plano se frustrou em função de dificuldades práticas, após gastarmos precioso tempo, energia, e dinheiro. Resolvemos ir para Eirunepé e lá tivemos a sorte de encontrar o chefe de uma equipe de prospecção sísmica (da então firma Lasa, conhecida pelo número, “a 200”), com a finalidade de investigar a extensão da formação geológica que contém o gás natural conhecido principalmente pelo campo de Caruari a jusante de Eirunepé, área de presença da Petrobrás, contratante do serviço das companhias que executam a prospecção propriamente dita. Esse pessoal nos deu um apoio fundamental, sem por em questão nosso trabalho e com simpatia, ajudando de modo decisivo no problema logístico de entrar e sair na área indígena, dando, por exemplo, carona de helicóptero para a movimentação entre o Juruá e o Jutai (havendo lugar sobrando, como fazia para os regionais também). Nessa época a Funai tinha concedido licença para a exploração, que retirou somente em 1985, em face dos distúrbios que a penetração causou, sendo já sentidos entre os Kanamari, mas particularmente perigoso para os índios sem contato que habitam os altos cursos dos rios Jandiatuba e Jutai.

Interrompemos a pesquisa, por várias razões, apesar de termos permanecido somente pouco mais de um mês no Jutai. Na saída encontramos pessoal da Funai subindo o rio de barco, mobilizado em função da doença misteriosa que, segundo os voluntários da Opan, acometia os Kanamari. Na nossa ausência, este pessoal visitou os índios e quando conseguimos voltar, depois de prolongado tempo de viagem, na metade do mês de maio, toda a situação se tinha modificado. A Funai distribuiu amplamente os remédios trazidos e acenou com a possibilidade de substituir os regatões como fonte de bens industrializados, agora já incorporados e cobiçados pelos índios. A equipe responsável convenceu os índios de que a Funai poderia voltar e comprar

seus “produtos” (principalmente borracha) e vender-lhes a “mercadoria” de que precisam, saindo, deste modo, da atuação nada benquista dos comerciantes “cariú”, cuja prática os índios sentem como exploradora. Com o argumento de que isso era preciso para facilitar as transações e o acesso ao Alto Jutai, dificilmente navegável no verão amazônico ao sul do equador, a Funai lançou os Kanamari à aventura de construir uma grande e única aldeia bem mais perto da junção do Jutazinho com o Juruazinho, próximo ao igarapé Queimado, cujo nome se aplicou à aldeia.

Quando chegamos à aldeia nova, não havia mais ninguém da Funai, e “o Petrobrás” (nome dado regionalmente às equipes sísmicas) não frequentava mais o alto rio. O agente da Opan e sua mulher, ambos voluntários com anos de presença na região, tinham sido expulsos pelos índios, segundo estes últimos em função de motivos que consideravam denotar falta de reciprocidade e falta de diplomacia nas tentativas de impor seus pontos de vista. A única outra voluntária da Opan era tolerada pelos índios na aldeia, porque se tinha casado com um índio, e eles diziam que isso significava somar gente e potencial contribuição para uma nova geração (de fato, logo estava grávida). Diga-se, de passagem, que o pessoal da Opan temia ‘uma concorrência na sua área particular’, e imputaram o efeito de sua própria inabilidade à ação “daqueles antropólogos”, isto é, nós.

A Funai, não surpreendentemente, apareceu somente mais uma vez naquela verão, na figura de um enfermeiro que ficou somente o tempo suficiente para recolher coisas que tinham ficado na aldeia, e saiu logo depois. Posteriormente, a Funai instalou um representante em Eirunepé, e ele, devendo cuidar de todo o médio Juruá, até o início de 1989 não tinha ido visitar o Jutai (somente o encarregado da atração dos Korubo passou uma vez, de helicóptero, naquele mesmo ano). Ou seja, a Funai induziu os índios à construção de uma aldeia inteiramente nova, rio abaixo, reunindo todos os Kanamari do alto curso. Cada aldeia principal (as duas maiores e uma menor) tinham seus líderes políticos, conhecidos por “tuxaua” na Amazônia, e estes, em particular os dois das aldeias maiores, não queriam deixar de sê-lo, criando, desde logo, algumas facções na aldeia. Apesar de cooperarem e casarem entre si, uma certa divisão persistiu. Esta rivalidade existia já antes da junção das duas aldeias, e não é o pior efeito da decisão, aparentemente tomada pela Funai levando em conta sua própria comodidade, pois não deu o resultado esperado pelos índios. A presença do órgão federal mudou as

relações interétnicas, fortalecendo os Kanamari, mas sua posterior ausência a desmoralizou pelo menos parcialmente, e o órgão nunca cumpriu a sua promessa.

Se a situação em Caraná era tumultuada pela quantidade de diferentes atores sociais envolvidos (incluindo aí a presença intermitente de membros da equipe sísmica), agora, em Queimado, a vida dos Kanamari se tornou mais turbulenta em função do transplante das aldeias. Sem ajuda da Funai, a nova aldeia se localizava numa clareira em terra firme, que mal tinha sido limpa na área ocupada mais diretamente. Somente uma casa (para a Funai), em estilo regional, mas sem paredes, estava construída. Os índios nos alojaram nesta casa, que, de noite, se lotava até sua capacidade máxima. Todas as outras famílias viviam em tapiris precários. Toda a comida da roça precisava ser buscada em expedições rio acima, sobrecarregando as (boas) roças de Caraná, obrigando os índios a viagens periódicas e duras para o abastecimento. Tudo se apresentava para fazer ao mesmo tempo, no início do verão, estação seca: buscar comida da roça, pescar, caçar, coletar, limpar o terreno da aldeia, fazer casa, cortar borracha para vender, e fazer todo o trabalho de novas roças na vizinhança da aldeia. Por toda esta situação, pensei, por algum tempo, em chamar este capítulo de “1984”.

Obviamente, numa situação e local de difícil acesso para nós, a quantidade de bagagem e comida era limitada, e esta última se restringia quase a chá e leite em pó, complementada por uma mala de enlatados gentilmente oferecida pelo pessoal da base da Lasa. Com todos os Kanamari juntos neste acampamento improvisado inicial, e posteriormente nas casas em construção, depois de alguns meses a aldeia começou a tomar forma mais definitiva, mas perduravam as constantes deslocamentos para colher nas roças a montante. Estas eram, em Caraná, bem grandes e suficiente para o consumo da aldeia local, mas não preparadas para esse contingente adicional de pessoas. Em face disto, uma vez mais avançado o verão, a aldeia inteira viajou, não permanecendo ninguém em Queimado, a fim de aproveitar as roças ainda mais longínquas da aldeia de Nauá. Nesta excursão, com toda a gente levando pouca bagagem e deixando coisas em Queimado, viajando, em nosso caso, com crianças, periquito e macaco, passamos umas duas semanas fora da aldeia antes de voltar. Com esta exceção, tentamos ficar na aldeia-base em construção, apesar da grande movimentação de parcelas grandes da população indígena. Esta situação, partilhamos, no início, das refeições feitas por

algumas pessoas de Caraná. Depois de algum tempo, assumimos, minimamente, a aparência de um casal, com um fogo, panelas e refeições próprias, para satisfação dos índios, sempre prontos para perguntar o que estava cozinhando; muitas vezes, um ou outro partilhava do resultado. No quadro de abastecimento precário e dependente dos esforços e das viagens, nossa provisão dependia da boa vontade dos Kanamari. De modo geral, entretanto, embora muitas vezes com estoques baixos e às vezes a zero, as pessoas de Caraná sempre conseguiam dar-nos alguma coisa para cozinhar, enquanto os outros, de Nauá, também ajudavam decisivamente, de forma que sempre acabamos tendo o que comer. Assim, parte significativa do tempo e energia se investia nas atividades domésticas, em condições de moradia e subsistência sempre precárias. Quanto aos índios, dos quais quase que somente encontramos curiosidade e boa vontade, eles se ocupavam com toda esta série de atividades e sobrava-lhes pouco tempo para fins antropológicos.

Uma tal situação de dificuldade cotidiana para pesquisa soará bastante familiar aos pesquisadores em sociedades indígenas. Neste caso, apesar de um talento razoável para línguas, somente aprendi palavras e frases curtas da língua Kanamari. Como vários índios conheciam, até certo ponto, alguns melhor do que outros, o português regional, nessa primeira fase limitamo-nos particularmente a este dialeto, até mesmo nas gravações (a não ser de cantos de festa e ritual; v. adiante). Apesar das condições desfavoráveis, consegui uma razoável coleção de mitos, ainda que, infelizmente, estimulada pelo investigador e não observada no seu contexto 'natural'. Depois do verão e da excursão da aldeia toda, e de várias saídas por parte de famílias e grupos maiores, as roças do lugar estavam plantadas, quase todas as casas mais ou menos acabadas, e não havia muito mais o que fazer para os índios nesta aldeia. Todos se preparavam para subir o rio para passar o inverno nas aldeias antigas. Como os regatões, já raros, só aportam em busca de borracha no verão, a área ficaria totalmente isolada, e o único meio de deixá-la seria convencer algum Kanamari a viajar vários dias, ou até semanas, de canoa (dependendo do caminho e da possibilidade muito incerta de alugar algum motorzinho rio abaixo). Portanto, quando surgiu oportunidade de sair em uma carona de alguns moradores de mais abaixo no Jutai, aproveitamos até lá, e depois viajamos ainda cinco dias, também de carona, no barco de um comerciante, até chegar à base da Lasa, no médio Jutai, em meados de novembro.

Apesar de ter conseguido razoável acervo de mitos nessas primeiras

idas ao campo, não tinha nenhuma gravação de mitos em Kanamari, ou alguma tradução literal. Quando surgiu disponibilidade de tempo, embora limitado por outros fatores (como dinheiro, pois paguei tudo do próprio bolso, embora na primeira estadia, ainda contasse com a ajuda da bolsa de doutorado do CNPq), resolvi voltar à aldeia e passei, sozinho, um mês – março a abril de 1988 – no Alto Jutai. Cheguei de carona, numa canoa tão cheio de homens que quase não suportou o peso, e saí num barco a motor superlotado de famílias de seringueiros, em parte de mudança do rio, em parte doente de malária, enquanto eu sofria de hepatite. Apesar destes problemas, o tempo na aldeia foi bom, a população estava bem estabelecida no local e com roças boas. Nesse tempo tinham reconstruído, em grande parte, a aldeia de Queimado, criando inclusive um amplo espaço que servia de terreiro central. A situação era bem tranqüila, nem havia mais os ataques xamanísticos que complicavam a já complicada vida dos Kanamari em 1984. O único fator fora do normal consistia na visita de grande parte da população Kanamari do lugar Três Unidos, no Juruá, convidados para “comer a roça” de um índio importante. A visita causava alguma fricção, de vez em quando, além de esforços maiores para conseguir suprir todos de peixe e carne, e de tentativas de se aproveitar o tempo para fazer rituais em conjunto.

Desta vez consegui gravar alguns mitos em Kanamari, mas, como estava sem meios de transcrever e traduzir, retornei em dezembro do mesmo ano, apostando na possibilidade de encontrar um homem já conhecido que pudesse colaborar nesta tarefa. Por sorte, ele tinha se fixado recentemente em Eirunepé e conseguimos trabalhar, com intervalos diversos, de janeiro até março de 1989, quando tive de voltar para o início do ano letivo em Salvador. Como resultado, transcrevemos e traduzimos o material gravado em Kanamari, com observações adicionais interessantes, e revisamos boa parte do material manuscrito de Tastevin (aquela parte do material que recolhi no Arquivo da sua Ordem em Paris). Embora de fato bem aquém do desejável, ao todo esse trabalho representa um avanço importante na direção de um futuro registro, mais completo, em Kanamari.

Uma caracterização do material

Antes de fornecer uma seleção do material disponível, vale a pena dar algumas informações gerais sobre ele. Dentro do quadro, já delineado, dos

períodos de campo, comecemos por caracterizar os mitos em termos do surgimento dos primeiros fragmentos ou versões de cada um (a primeira vez em que foi registrado) ao longo do trabalho de campo. Vê-se, por essas datas, que pouco mais de duas semanas depois do início do trabalho de campo, um dos dois principais narradores me contou pela primeira vez fragmentos míticos. Por si só, o curto tempo passado e sua aceitação rápida de contar algo, evidenciam um pouco da importância que a mitologia representa como pensamento preeminente na ordenação do mundo Kanamari. Nesse primeiro tempo, nada mais do que uma inicial aproximação com o universo Kanamari, quase desconhecido na literatura, já pude ter notícia de mais de um quarto do total registrado (quase um terço, 30%). Os melhores registros e a maioria dos fragmentos e versões, entretanto, se deram no período mais longo de permanência no Jutai. A maioria das fitas e do novo material adveio da intensificação do contato diário, da aproximação com certas pessoas-chave e da espera dos momentos adequados para abordar o assunto com mais facilidade e calma.

<i>Primeiro tempo</i>	1984	primeira data 16/03/84, Mitos 1-9; total de mitos inclui até o 21.
<i>Segundo tempo</i>	1984	mitos 22-67. Fitas 6,3,4,5,7,8,9,10,11,12,13 (em port.).
<i>Terceiro tempo</i>	1988	mito 68. Fitas 14,17 (em Kanamari).
<i>Quarto tempo</i>	1989	mito 69. Transcrição e tradução de mitos.

Quadro 1. Primeiros registros de mitos, por períodos de tempo, inclusive as gravações.

O terceiro tempo serviu para registrar alguns mitos em Kanamari – embora poucos ainda, pela ausência dos principais narradores, ocupados com outras atividades no cotidiano. No quarto período, também intermitentemente por causa das ausências temporárias do colaborador, além da tradução, o trabalho se beneficiou dos seus comentários adicionais. A seqüência pela qual tomei conhecimento da mitologia induziu-me a uma divisão ou conjugação de certos mitos. Ou seja, certos fragmentos foram classificados em primeira instância como mito, conquanto pudessem ser considerados como parte de uma história maior, episódio passível de se contar em separado (Para um exemplo semelhante, S.Hugh-Jones 1988a). Cataloguei um resumo

de todo o material em fichas (15 por 20 cm.), com a numeração dos mitos

No.	Nome	No. Fichas	No. Entradas	No. Narradores
-----	------	------------	--------------	----------------

0	Mawin	6	9	6
1	Piyoyom	3	12	5
2	Mulher de pau	2	11	6
3	Criação de gente	2	13	7
4	Caba	1	5	2
5	Roça do Ururbu	2	5	3
6	Lua e Sol	1	3	2
7	Origem cariú e caboclo	2	7	5
8	Geral Tamakori	6	32	8
9	Origem rio	1	7	6
10	Roça do cachorro	1	2	1
11	Tamakori e Kirak	2	9	5
12	Rondon	2	6	3
13	Origem pupunha	2	8	4
14	Origem banana	1	6	7
15	Origem escuridão	2	9	5
16	Tracajá	1	2	2
17	Jakwari	2	4	3
18	Enchente	1	4	3
19	Onça dona do peixe	2	2	2
20	Origem fogo	1	5	3
21	Kotsa	5	11	6
22	Tamakori (americano)	3	8	5
23	Origem animais kariwa	1	5	5
24	Origem Kirak	1	3	3
25	Padre Conceição	2	6	3
25	Origem plantas roça	2	5	4
27	Origem peixe	1	2	2
28	Adjaba come caçadores	3	6	5
29	Primeira caça veado	2	4	3
30	Origem Kaxinawá	1	1	1
31	Morte definitiva	1	3	2
32	Origem rami	1	1	1
33	Origem animais	1	7	3
34	Prim. broca Tamakana	1	3	5
35	Piçda canibal	1	1	2
36	Origem pesca	1	1	2
37	Margarida (Kaina)	1	2	3
38	Peixe boia (pedra)	1	1	2
39	Honorato e sereia	1	1	2
40	Baixada de Tamakori	2	6	4
41	Peixe-boi	3	7	5
42	Origem makiari e kupiná	2	3	4
43	Origem tawa	2	6	5
44	Wahpaka	3	6	3
45	Mancha da Lua	1	4	5
46	Djanim	5	10	6
47	Onça dona d'água	3	4	3
48	Cariú mata outro	1	1	1
49	Onça mata mulheres	2	4	3

(Cont.) No.	Nome	No. Fichas	No. Entradas	No. Narradores
50	Onça ibu	1	1	1
51	Onça casa mulher	1	1	1
52	Guariba rouba menina	1	1	1
53	Mapinkwari	2	2	2
54	História Daura	1	1	1
55	Adjaba rouba crianças	2	3	2
56	Origem tabaco	3	4	4
57	Origem Hitsam	2	4	3
58	Origem Kawɜ	1	2	1
59	Yodji	1	1	1
60	Origem boto vermelho	1	1	1
61	Adjaba mata c. maripɜ	1	1	1
62	Piɜda Wana	1	1	1
63	Kowɜ	2	4	3
64	Briga entre Wadjo	1	2	1
65	Adjaba fura cu	2	2	1
66	Tatu e Coati	1	2	1
67	Piɜda Kana'am	3	3	3
68	Gente vira Wiri	1	2	2
69	Morcego e Onça	1	1	1
	Total	125	125	218

Quadro 2. Índice geral dos mitos, com os resumos fichados.

e das diferentes entradas de fragmentos e versões (rememorando que cada registro num evento separado é uma entrada diferente), numa classificação que, será claro, não deixa de ter um grau considerável de arbitrariedade. Algumas observações preliminares a respeito deste quadro serão esclarecedoras. Primeiro, a já referida arbitrariedade se faz sentir particularmente na escolha de um mito separado, como os mitos no.6 (lua e sol), no.8 ('geral Tamakori') e no.11 (Tamakori e Kirak). Todos, de alguma maneira, dizem respeito à divindade principal dos Kanamari, Tamakori, referido muitas vezes com seu irmão Kirak. Algumas narrativas entraram num conjunto de elementos, talvez separáveis, porque foram narradas juntas numa determinada ocasião. Isto vale para algumas histórias gravadas em fita, em que o narrador estava estabelecendo seu próprio roteiro (v. Mito 22). Uma narrativa resultou da conversa inicial de um xamã prestes a me iniciar em sua prática e que resume a história do mundo; em função da particularidade da ocasião deixei o relato desta forma, sem dividi-lo (Mito 54). Os relatos, às vezes, se re-

ferem a eventos inspirados pela sociedade regional, ou a eventos que seriam mais ‘históricos’ do que ‘míticos’ (p.ex. Mitos 52, 53, 59). Evidentemente, estas narrativas não compõem a hipotética mitologia ‘original’ dos Kanamari, mas atualmente se integram no repertório da ‘história’ Kanamari e, em face disto, as incluí no resumo. Por estas contingências, que derivam muito mais de todo o fluxo particular do trabalho de campo, os números envolvidos somente representam indicações aproximadas, sem serem números de alguma forma absolutos. Os 70 mitos enumerados poderiam aumentar ou diminuir a partir da modificação dos critérios. Para os 70 classificados há 322 entradas diferentes. Cada entrada consiste de uma referência ao mito (da menor à maior), por ocorrência dada (de modo que cada menção num evento e contexto novo produz uma entrada nova). Assim, temos em média mais de 4,5 entradas por mito (v. Quadro 4).

No. de entradas	Quantidade de mitos	No. absoluto de entradas
1	16	16
2	11	22
3	7	21
4	9	36
5	5	25
6	7	45
7	4	28
8	2	16
9	3	27
10	1	10
11	2	22
12	1	12
13	1	13
32	1	32

Quadro 3. Número de entradas por mito.

Como se vê, de 16 mitos (um quarto do total) temos somente uma referência, enquanto que para a metade do total há de uma a três entradas. Dispomos para 27 mitos (mais de um terço) de entre 4 e 7 referências, enquanto que os maiores números ficam por conta das categorias mais gerais

que se referem a Tamakori, particularmente o “geral Tamakori”, que se destaca como o maior de todos. Naturalmente, quantidade não significa qualidade e vice-versa. A qualidade dependeu muito do narrador e da situação em geral daquele momento, sendo que acabei por me concentrar em assegurar a participação de algumas pessoas em particular. No total, vinte homens contribuíram para o acervo, sendo que dois se destacaram como os principais narradores (no.1 e 2), e um terceiro forneceu comentários complementares ao trabalhar na tradução de mitos contados pelos outros (Quadro 5).

Nome	No	Número de Mitos	Total		Entr.
			só	com outro	
Kurau	1	0-9, 11-22, 24-26, 28, 34, 40-43, 46, 49, 55-57, 59-63, 67.	42	-	95
Djo'ó	2	0-9, 13, 15, 17-18, 20-22, 29, 31, 33, 41-48, 56-58, 63, 67.	33	-	64
João	3	0-1, 3, 8, 10-11, 13, 20-21, 27-28, 33, 41, 43-47, 49, 53, 56, 67-69.	24	-	51
Aro	4	2-3, 7-9, 11, 14-5, 18, 21-24, 27-31, 40, 46.	20	-	23
Pairo	5	16, 28, 37, 44-45, 47, 52-53, 55, 57, 63-66.	14	-	22
Deon	6	1-3, 8, 11, 15, 22-24, 29.	10	16	18
Muyawan	7	0, 2, 11-12, 21-22, 25, 46, 68.	9	-	16
Konin	8	0, 3, 17, 19, 28, 49-51.	8	-	
Djahuma	9	8, 12, 33, 43, 56.	5	-	
Waro	10	2, 8, 13-14, 26.	5	-	
Daura	11	43, 46, 54.	3	-	
Tewin	12	7, 21.	2	10	
Djo'ó (K)	13	7, 8.	2	-	
Djanon	14	12.	1	5	
Kaioma	15	32.	1	-	
Podak	16	3.	1	-	
Dahiwa	17	15.	1	-	
Tsabaro	18	-	1	6	
Awin	19	-	1	2	

Nomes	No	Número de mitos	Ent.
Djo'ó e Tewin	20	0, 1, 5, 9, 14, 23, 26, 34.	8
Djo'ó e Djanon	21	9, 14, 40, 42.	4
Djo'ó e Awin	22	41, 42.	2
Deon e Tsabaro	23	34-39.	6
Deon e Kurau	24	25.	1

Quadro 4. Narradores e seus registros de mitos e entradas.

Como se nota, os primeiros dois narradores contribuíram com um grande número no total dos mitos (dois terços e metade), e ainda mantêm um número um pouco maior ou menor de duas entradas em média por mito. Afora a situação singular do terceiro narrador, o colaborador na transcrição e tradução – também com duas entradas em média por mito –, para as outras pessoas começa a diminuir a repetição (a ponto de que, depois, deixo de fornecer este dado, já que se aproxima de uma referência por mito). Para organizar os dados, coloquei os narradores em ordem decrescente pelo critério, primeiro de participação independente, e somente em segundo lugar por sua participação de eventos em conjunto. Os dados dessas ocorrências se localizam na parte de baixo do quadro, e vale observar que a primeira pessoa, de um modo geral, manteve a iniciativa e a predominância, com exceção do último caso, em que a primeira proporcionou o relato maior, mas em determinado momento remeteu para a autoridade maior da segunda. Em geral, procurei obter as narrativas em situações tranqüilas, com nenhuma ou poucas outras pessoas presentes, pretendendo melhorar a qualidade do registro, mas a segunda parte do quadro mostra de que isto nem sempre foi possível numa aldeia movimentada e ativa. O surgimento destas co-participações antecipa mais um indício de que o conhecimento amplo da mitologia não se restringe aos narradores privilegiados aqui, mas que se trata de conhecimento partilhado entre os membros da aldeia.

2. primeiro tempo

Introdução

No primeiro período em Caraná, vivemos na casa de um jovem casal, com uma filha, e estando grávida a mulher, casa essa que abrigava, enquanto visitavam prolongadamente a aldeia, os pais da mulher e uma neta destes que consideravam como filha. Os pais/sogros moravam mais fixamente rio abaixo, num riozinho chamado Dávi, junto com algumas outras poucas famílias. Umas duas semanas depois, com a aldeia já bastante lotada pela gente de Caraná e do Dávi, recebeu ainda a visita dos moradores da aldeia do alto rio, Nauá. Todas as (poucas) casas se encheram de pessoas para abrigar. A aldeia fervilhava de gente, sempre se movimentando, tentando caçar e pescar, nem sempre com sucesso. Acresça-se, a este contingente, ainda algumas famílias Tukano (Tsunhuak Djapa), duas famílias do Juruá, antropólogos e o agente da Opan. Vez ou outra passava o barco da Lasa, em serviço, e regularmente os helicópteros sobrevoavam o rio e a aldeia. Para os Kanamari, normalmente, a visita de outros Kanamari ocasiona a organização de festa e ritual. Por exemplo, as mulheres cantam, pedindo carne e peixe, os homens correspondem tentando suprir este desejo, e de noite se canta Warapikom no terreiro.

Os índios, além de suas atividades normais, se mostram sempre muito curiosos sobre o mundo dos cariú (branco), fonte de bens industrializados tão práticos e interessantes. Por se sentirem lesados nas relações de troca de borracha e madeira por “mercadoria”, procuravam aprender a ler, escrever e contar, para se defenderem no trato com os regatões. Em razão disto, vários índios, principalmente os homens, nesse momento, solicitaram papel, lapis e “conta para fazer”, aproveitando horas mais ou menos vagas, tanto de manhã como de tarde (se pudessem até de noite), para treinar seus números. Pela troca das informações, começamos a conhecer as pessoas e, ao mesmo tempo, a sua visão do mundo. Curiosos, os novos visitantes se integraram rapidamente nesta interação incessante, e um dia, conversando sobre o mundo lá fora, um me perguntou se Salvador era próxima do lugar aonde a terra se junta ao céu. Kurau chegou e todos começaram a explicar que existe este lugar e que hoje só há dois céus em cima da nossa cabeça. Antigamente, havia um outro, bem próximo, que chegou à altura das árvores mais altas. Este “céu velho” caiu, e estamos em cima dele agora, olhando para o “céu novo”.

Naquele tempo, o sapo que se escuta de noite, era gente, e outros bichos também. O “padre Contesino” já foi lá no fim do mundo e subiu para o céu.

Após esta introdução, em pé, no terreiro, trabalhei com Kurau e Muyawan (o homem mais velho da área) sobre a genealogia deles, enquanto todos estavam sentados no chão da casa. Kurau se mostrou interessado e gostou de falar sobre os parentes e as perguntas não esgotaram sua paciência. Tanto assim que, quando saí, perguntou se não ia voltar mais tarde. Voltei no início da noite, no escuro, quando os índios costumam, na ausência de uma festa ou um ritual, ou se deitar ou conversar um pouco. Não havia paredes, nem nenhuma mobília nas casas, mas estas se enchiam com os mosquiteiros. Estes são de pano e abrigam as duas redes do casal e de eventuais filhos menores. Quando cheguei, Kurau já tinha baixado o pano e as redes, mas não tinha ido dormir. Esta era uma boa hora para contar e ele se deitou no chão da casa, sempre elevado do solo, ficando com a metade do corpo para fora do mosquiteiro para conversar. Deste modo, ele estava toda à vontade, e eu fiquei em pé na frente da casa, me apoiando no assoalho desta para ouvi-lo. Uma luzinha de candeeiro iluminava um pouco o cenário. Perguntei, então, sobre as primeiras indicações de que tinha ouvido falar antes, no terreiro.

Mito

Mito 1-4: (“)(1)E.: Aquele céu que era mais baixo e caiu, como é esta história?

K.: Era o primeiro céu, baixou e é esta terra de agora. Naquele tempo, todo índio virar sapo. Tempo em que Deus ainda tava aqui. Tempo antigo, do qual ouviu falar do seu pai, que ouviu do seu e que disse para ele contar para seus filhos, assim, de noite. O Deus que fala é **Tamakori**. Ele que faz mulher, de pau, com cabelo e todo. Tamakori viajou, juntou caroços no terreiro, de “paieira”, juntou bem umas dez carreira. Viajou para baixo [do rio] e aí, num outro terreiro, juntou caroços de outro coqueiro. Baixou de novo, botou caroço de Kaxinawá, de outro coqueiro. Todos estes viram gente depois. Ele chegou até aonde o céu chega na terra. Era dia, só tinha dia, nem tinha noite e ele voltou no mesmo dia. Aí já encontrou gente, plantação,

voltando, vai entrando. Tamakori tinha outro irmão, **Kirak**. Agora chama de anjo, porque Tamakori é Deus (2). Kirak vem atrás. Na volta já encontra muita gente, com todo, como aqui [a aldeia]. Encontrou Kanamari primeiro, depois Kulina e Kaxinawá, que são de outras qualidades de caroço. Já tinha tudo, milho, como na plantação dele. Falta gente lá, aí ele faz uma mulher, bonita, de pau. Bota dentro da taboca e pendura na casa (3). Bota outras coisas dentro folha, amarra cipó, e bota no outro canto, pendurado. Aí fala alguma coisa sobre se o irmão pega ou não [não ouvi direito] e continua com Tamakori que vai caçar, de tudo, macaco preto, nambu, mutum. Vai com zarabatana (4). Tukano ainda sabe fazer e ainda fazem o veneno para passar na ponta. Veneno bem preto. Faz incisão na ponta, sobre pouco mais de que a ponta do dedo, com dente de piranha. Aí quando entra no bicho quebra e fica, depois morre. Só Tukano sabe fazer. Ele chega na casa de *tori*, caba grande (5). Vai tirar dois, um para ele, outro para irmão. Kirak sobe, vai tirar, o irmão diz para que não vai não, caba não vai deixar. Vai sim, vai não, vai cair e morrer. Trepar e caba atacar e cai. Aí Tamakori reza nele e fica bom de novo. Tamakori é o mais velho.(“)

(1). Nesse caso, trata-se de um relato não gravado, não literal mas aproximativo, no caso de que usarei o sinal (“) para a transcrição, e colchetes para observações minhas. O sinal “ indica, como de costume, uma reprodução literal. As notas concernentes ao mito seguirão imediatamente após do mesmo e com entrelinhado reduzido. Quando os animais, no mito, figuram como protagonistas, seu nome será destacado com a letra inicial em maiúscula.

(2) Aqui comenta que já contou isto para o agente da Opan, para um padre e um americano.

(3) Indica com a mão o canto alto da casa à sua esquerda. Logo em seguida se tratará do mesmo lado, localizado atrás na casa.

(4) Mostra como bota na boca e expira.

(5) O *tori* é a casa da Caba, parecido com um cesto.

Comentários

Duas observações se impõem, antes de prosseguir, para um melhor entendimento. Primeiro, o dialeto do português Kanamari inclui suas particularidades, que precisam ser aprendidas. Nesse momento nem sempre era possível entender tudo corretamente. Obviamente, com maior familiaridade da língua e dos mitos, o registro destes melhora. Em segundo lugar, ouvir e anotar num caderninho, em pé, sobre um chão de casa, na semi-escuridão, atrapalha o registro mais literal do que é contado, e o resumo se deu em parte na manhã seguinte. Nestas condições, há erros, mal-entendimentos do relato, no qual se misturam frases literais do narrador com frases minhas. Kurau contou ainda nesta oportunidade, depois de tocar nos Mitos 1-4 de forma truncada, uma versão mais completa do que ficou como Mito 5, a história da roça do Urubu.

Mito

Mito 5 K: (“) Só tinha os dois irmãos. Uma mulher mais velha era a cotia, chamavam ela de *tso*so (1). Ela foi para a roça do Urubu. Lá tinha frutas para comer e ela ia para comer *baratsapakom* (2). Parece que os dois sobem para a Cotia juntar as frutas lá em baixo mas que Tamakori esconde uma parte. Lá de cima ele vê tudo, lá do alto vê a casa do Urubu. Diz para não olhar para o lado de lá, só para cá [parece que é a cotia que fala]. Ele joga de lá em cima carço na casa do Urubu. Tak. De novo. Sai todo mundo lá, valentes. Tamakori diz, eu vou lá buscar flecha. Kirak fica e Tamakori vai andando e encontra Nambu no meio do caminho. Este manda ele parar e chama para beber o *kuya* dele [caçuma]. Então dá. Tem de beber todinho senão você morre. Aí, ele faz, tirando do cu com a mão faz uma cuia de *kuya*. Ele bebe todo. Vai para o porto. Aí ele vira peixe, bem branco, *tsopapohnim* (3). Duas moças chegam e tentam pegá-lo entre elas. Não conseguem e ele sai e vira gente. Elas querem casar com ele. Vão para a casa do Urubu e uma casa com ele. Já é de noite e é para foder mesmo. Mas pombo não fica duro não (4). Sabido ele, eles têm vontade de comer gente. De manhã o Urubu velho diz para brincar com seus filhos. Ele se pinta de carvão e bate com as pernas e

vira caroço [não foi claro]. Tentam bater em Tamakori mas não conseguem. Ele vira beija-flor e sai por um buraquinho da casa, parecia que não tinha buraco nenhum no telhado. Tentam acertar ele até acabar com as flechas. Vira gente e leva as flechas. Chega em casa e dá o resto para o irmão, só fica com dois. Kirak também quer ir. Vai não, que você vai morrer. Mas ele sai e encontra o nambu, derrama o *kuya*, não bebe tudo. Nambu diz que vai mandar matar. Chega no porto e vira o peixe *iyawa*, o tubarana, e as duas moças não pegam ele, sai e vira gente. Parece que outra moça o pega para marido agora e fala com o pai dela. Ajeitam e já vai deitar. Já fica duro, foder mesmo, jovens e bonitos, né. Pombo danado. Tira e vira menino dentro da cuia. De manhã o Urubu velho manda brincar com os cunhados e Kirak vira caroço de buriti para bater na perna do outro. Caiu no telhado, pela palha e morre dentro do camborau. Apodreceu e comeu, e jogam os ossos fora. Tamakori manda buscar, osso, unha, e espalha tudo no terreiro. Faz ele de novo lá, pega barro para a carne. Bem feito. Pega caroço de bacaba, bem limpinho, branco, bota para olho. É bem como nosso olho. Acorda ele e Tamakori diz para ele que morreu, vamos embora. Que nada, eu tava dormindo. Tamakori não brinca, nunca morreu. Você já viu ele? Você conhece ele? Ele tá lá [Na sua frente e atrás de mim, no outro lado do rio, um pouco em cima do mato, a lua brilhava no escuridão]. Lá tá ele, ele tá lá no céu, a lua.“)

- (1) Sogra, tia cruzada.
- (2) Fruta não-identificada.
- (3) Indica com a mão ser do tamanho de uns 15 cm.
- (4) Para os Kanamari pombo é pênis, periquito é a genitália feminina.

Comentários

Assim Kurau me apresentou a divindade preeminente dos Kanamari, contando desde já suas aventuras e demonstrando sua importância. Tamakori também subiu para o céu e mora lá, assumindo a forma da lua (*wadja*, nes-

ta forma visível). Ele disse para o seu irmão Kirak – o que deu como “dourado” – para ficar de dia, andando como o sol, *tsam*, enquanto a lua serviria para iluminar a noite, “para quando o camarada tá perdido de noite”. Ele enfatizou que Tamakori é que tem tudo, canoa, roça etc., e que ele atuou na divisão entre “caboclo” e cariú. Ele fez a mulher, “abriu a mulher” e é ele que manda crianças e o índio morre quando ele quer. Como o morto foi aqui em baixo, assim será ele lá em cima. Igual. “Toda vida assim”. Tamakori chamou São Jorge para trabalhar com ele na lua. Também fez o rio e as suas voltas. Por fim, ele encerrou a conversa explicando que Tamakori manda planta, que têm plantas que são dele, como a fruta “cubiu” [cúbiu], e aquele que tá logo aí, que cariú chama coração de queixada (apontou para lá). Ao todo, a conversa incluiu um leque de mitos que numerei de 1 a 9.

Os informantes

Nessa época Kurau morava com a família e o genro num lugar um pouco mais rio acima do que a aldeia de Nauá. Ele era casado com uma mulher de cerca de vinte anos (tendo uma filha bem novinha), enquanto ele mesmo era um dos homens mais velhos, já tendo filhos e netos. Já fora casado várias vezes e perdeu pelo menos algumas das esposas por morte, de doença. O impacto da sociedade regional causou muitas mortes e até mesmo houve uma epidemia no fim dos anos setenta ou início dos anos oitenta, que matou, relativamente, muita gente. Por isto, a genealogia provocou-lhe o comentário de que aquele era um “tempo mais bonito”, e que “não tem mais nada de gente”. O pai dele era, segundo ele, Kamudja Djapa e era casado com duas mulheres ao mesmo tempo (a sua mãe, ele deu como Wadjo Paranim Djapa). O pai também foi tuxaua. Quando jovem, todos estes Kanamari habitavam no Juruá e somente mais tarde, à procura de um rio mais livre de cariú, é que passaram para o Jutaízinho (passando primeiro no Juruázinho). Uma filha sua, que já morreu, casou com o último representante de um Djapa originário do rio Jutai (Waro, dos Kotsa Djapa). Ele conseguiu sua atual mulher no Juruá, deixando a sua filha casada lá com o irmão dela, numa troca direta. Pela informação dele, ela seria FBSSD, parente distante, descendente de parte do grupo que ficou no Juruá. Embora, tecnicamente, para o critério Kanamari, ela fosse neta de um “irmão” (primo paralelo),

numa categoria incestuosa, tal fato não parece pesar contra o casamento, ou seu prestígio (pela distância e pelo fato de se tratar de troca entre aldeias).

Em face dessas mortes, ele aprendeu a ser xamã, quando já adulto, procurando aprender até dos Kulina, com sua reputação de temíveis xamãs. Também já foi tuxaua mas cansou-se, e passou o encargo para o irmão mais novo. Por sua idade, suas relações de parentesco, suas atividades, seu exercício competente do xamanismo e seus conhecimentos, ele é respeitado pelos outros índios. Como exemplo disto, um jovem muito inteligente (que, segundo afirma o próprio, estuda para ser tuxaua), relutou em classificá-lo com o que seria o termo correto, *paiko* (avô), pelas implicações de velho (até velho demais) que parece ter, insistindo em chamá-lo de “nosso companheiro”.

Nesta época também tinha chegado, junto conosco, o João Manelão e a sua família. Ele, um mestiço, planejava tornar-se intermediário entre um comerciante branco e os Kanamari, para comprar a borracha e a madeira e vender os bens industrializados já incorporados à vida dos índios. Ele se candidatava a essa função por ser ele mesmo uma ponte entre os dois mundos, e por gozar da confiança dos índios. Seu pai veio de Maranhão – até hoje os índios acreditam que todo “negro” vem daí – e se estabeleceu entre os Wadjo Paranim no Juruá. Ali se casou com uma Kanamari, a mãe de João e seus irmãos, e intermediava o contato. João aprendeu português com toda a fluência a partir do lado paterno, um pouco de Kanamari pelo de sua mãe, e chegou a ser fluente em Kulina quando a família morou durante anos entre este povo no Juruá. João casou com uma índia Kanamari (descendente, principalmente, de Bem Djapa) de nome Kate e se estabeleceu entre os Kanamari. Quando os missionários americanos, protestantes, fundaram sua missão em Três Unidos, abaixo de Eirunepé, ele foi fundamental para persuadir uns grupos de Kanamari a se mudarem para lá. Moraram muito tempo lá e, a partir daí, ele se tornou fluente em Kanamari, esquecendo, quase, a língua Kulina. Neste local funcionou durante vários anos como tuxaua, que é sempre um líder na intermediação interétnica. Assim, ele conhece o mundo dos seringueiros brancos e fala o português regional, mas por sua mãe e pela mulher e ainda devido ao domínio da língua, é considerado um dos seus pares pelos Kanamari. Neste primeiro tempo só o conhecemos superficialmente, ao passar na aldeia (morava num igarapé mais abaixo no Jutai). Numa visita de emergência à base da Lasa, tentei aproveitar sua presença

para gravar um mito. Entretanto, o gravador emprestado falhou, e o relato, novamente, é um resumo aproximativo.

Mito

Mito 10 J.: (“) Tamakori e Kirak estão viajando. Tamakori é Jesus, Kirak é Pedro [o santo]. Aí eles ouvem um galo cantar e Kirak não conhecia ainda este bicho. Tamakori pede ao Kirak para tirar duas espigas de milho da roça do Cachorro, que fez a roça junto com o Maracanã (*kawam paranim*, arara grande) e com o Macaco prego (*wadjo paranim*). Kirak tirou seis espigas e o Cachorro que vigiava a sua roça, o descobriu. Ele correu atrás e o matou. Depois Tamakori pegou morto e o ressuscitou.

Comentário

No fim deste primeiro período de campo ainda consegui fragmentos ou versões de mitos que numerei de 11 a 21. Como era visitante na aldeia de Caraná, Kurau tinha tempo livre para conversar, porque os hospedeiros e os mais jovens se encarregavam de pescar e caçar. Ele disse que tinha muito para contar ainda, e contou logo que Eirunepé se chamava de São Felipe, nome que advém de um Kanamari que tinha o nome de João Felipe. De fato, os Kanamari insistem que Eirunepé é um nome derivado de língua Kulina, mas que era terra Kanamari, que aí, no lago da cidade atual, se localizava uma maloca dos Wadjo Paranim. Esta foi forçada a se mudar pela presença dos intrusos (de igarapé a igarapé mais distante a aldeia chegou ao local atual, Restauração).

Depois, a conversa enveredou por outros assuntos, mas nos dias seguintes vários mitos surgiram. Num desses dias, ele começou lembrando que Tamakori disse para não se brigar, para não se fazer mal contra os outros. Falou rapidamente, de novo, sobre a necessidade de casar e ter filhos para continuar a gente, e de ensiná-los. Perguntei pelo sol e a lua, e ele explicou alguma coisa sobre seus movimentos e retomou a exposição sobre Tamakori.

Mito

Mitos 11 e 12 K.: (“)Tamakori chamou Kirak para mariscar. Foram e pegaram tudo, surubim, tudo. Tamakori manda fazer um anzol grande, amarrava linha e quando amanhece já tem peixe no anzol. Bem como a gente, mesma coisa. Ensinou fazer canoa, trabalhar na canoa, 3, 4, 5 dia já tem canoa nova, já tem casca. Kirak vai fazer *kuya* de banana no camborau. Depois mesmo como nós faz. Manda fazer, lapis é osso de macaco. Tamakori entrega tudo isto. Tamakori manda fazer papel de folha de baúba, pra contar, escrever, contar dia do mês. Ensinou para Rondon, entregou tudo assim, pronto, pra ensinar seu pessoal. Todo cariú, manda fazer assim, ensinar seu pessoal. Fazer terçado, plantar banana, macaxeira, tudo. Rondon viu e ensinou. Tamakori manda dizer pra nós, vai trabalhar. Rosa é a mulher dele, ela sabe ler. Mandou trabalhar, pode brincar, nada de briga, tudo trabalhando, comendo, trabalhando, comendo. Até que filho nasce. Aí, ensinou filho de novo. Ensinar capinar roça, derrubar pau, tudo. Ensinar todos. Depois de Rondon ficou filho. Para casar? Homem tem de pedir pra pai dela, pai dá para ele. O pai depois pergunta moça se ela quer, se quiser pode casar. Tamakori manda na pesca também. Ele que dá a este ou aquele. Manda *kupiná*, agora vai lá, que tem muito e dá pra sobrar pra urubu (2). Outro dia já diz que vai de anzol mesmo. Tamakori ensinou fazer casa. Ensinou pessoal mesmo como nós fazemos. Mesmo assim, escada, fogão, tudo assim. Tamakori falou: bora, tirar açai. Bora. Tira envira para fazer picunha, *ebik*, pra subir. Subiu. Manda fazer trabalho pra ensinar. Pra amolar ferro, derrubar pau, tirar, pra filho aprender.(“)

- (1) O osso do braço inferior.
- (2) Um dos venenos de pesca.

Mito 1. K. (“)Primeiro céu. Antigamente tinha o primeiro céu, baixo. Aí, curumim brincar e deu flechadas nele (1). Uma vez, duas vezes, não conseguiu. Aí, o sapo, que era gente, pegou a zarabatana pra tentar também e furou. *Kodo* [céu] quebrou e desceu bem baixo, da altura de uma árvore alta. O pai falou pra não brincar mais. Tinha um passarinho lá em cima cantando e disse pra não imitar ele senão cai tudo. Mas o menino imitou o pássaro e o céu caiu todo. Agora este céu é a terra sobre que nós andamos. O sapo é o *Piyoyom*, era gente e agora virou sapo, um sapo com cabeção, cabeça dura. O pássaro canta “him, him”. O pai falou, não faz não, caboclo vai virar todo sapo. Este sapo aí que faz “ho, ho”, de noite, em dia de chuva, no verão (2). (“

(1) Termo muito usado para menino.

(2) Ele seguiu com uma versão mais elaborada do mito do primeiro céu sem uma pausa.

Comentários

Perguntei pelo trovão (rapazes brincando com tocos de pau), relâmpago (fogo de Tamakori) que é pesado e pode matar, e ele observou que tudo no céu com Tamakori é como aqui. Aí tem cobra, peixe pra comer, jacaré. Quando mata aqui, anta, gato, lontra, ele já vai pra o céu [não consegui mais informações a respeito]. Aí ele fez questão de ditar algumas linhas em Kanamari, que se referem, bem rapidamente, ao céu que caiu e a que Tamakori comeu caroços, os deixou em carreira no terreiro e que queria fazer gente.

Mito

Mito 3 K.: (“)Kanamari de jaci, uma palmeira grossa com muito palha e que tem um caroço grande; Kulina de caroço da palmeira paieira, *koraci*;

Kaxinawá de caroço de *kotsi*, palmeira que cresce na beira do rio e tem caroço comprido.“)

Mito 13 K.: (Ele emendou com o episódio da origem da pupunha (que pode aparecer separadamente, mas também integra a mesma viagem de Tamakori). Tamakori tinha o lábio inferior furado e um pauzinho preso aí (de uns 2 cm., chamado *nanomi*). Este caiu do lábio no terreiro, ele chama Kirak pra procurar, mas não acham. Enterrou aí. Quando volta, tem um pé de pupunha madura, grosso e bem baixo, com fruta com caroço pequeno. Comem-na crua e querem dar-lhe um nome, que não tem. Depois de comer, Kirak solta um peido, tsoooo, e Tamakori diz que vai ser *tso* o nome da pupunha. Entrega depois para a gente, que a vai plantar e espalhar.

Aproveita o informante umas nuvens que passam, aponta lá para cima e diz que a fumaça do fogo da roça, com todas as suas cores, dá origem às nuvens.

Mito 14 K.: (“)A banana vem de dente de *piɜda*, jaguar. Foi baixando no mesmo dia, quando tem uma onça na beira do rio, Matso, sentada perto do buraco dela. Kirak vai tirar dente dele. Tira dois grandes, dentes dele. No terreiro, arrumando os caroços em carreira, ele junta os dentes, que vão virar banana. A gente é que planta depois.“)

Mito 15 K.: (“)Tudo este tempo é verão, nunca tem noite, nunca tem chuva. Quando tem gente, começam a fazer roça, aí dá aquela fumaça. Tamakori junta a fumaça e bota na folha, como fazemos com peixe (1). Tamakori diz para não abrir pra Kirak. Ele sai para caçar e mata muita caça. Kirak abre o pacote e de repente tudo é escuro. Tamakori tá lá no mato e dorme lá, então. Porque é escuro deixa tudo e sobe (2). Tem o barulho de *piɜda*, é Kirak subindo, fazendo som de onça. Chega lá e bota unha e dente em Tamakori,

brinca com ele. Kirak quer voltar. Tamakori fica lá. Ele arranha o pau, na casca do pau e sopra. Vira jacu, mutum, kujubim lá no alto do pau. O mutum já faz seu “hum, hum”, já amanheceu o dia. Cujubim faz “tarura”, bate asa e faz assim. Jacu também bate asa e faz “tata”. Mutum canta às quatro horas. Aí chegou a manhã. Desceu de manhã. Lá tem arrumação de jacaré, casa dele, botar ovo. O jacaré tá perto dentro d’água. Ele mata, leva e come de uma vez só o jacaré. Junta os ossos, casca, tudo com cipó empilhado, faz olho de caroço de bacaba (como nosso), bota perna. Ele pega um pedaço de pau pra rezar e bota no cu, até meio pau. Caroço é de *wadjihomim*, que tem um caroço vermelho e preto e um caroço bem encarnado que cariu chama de pama, *ma’ahokoda*. A carne é de barro (3). Manda fazer irmão, fazer ele de novo.“(“

- (1) Coloca-se peixe enrolado numa folha de bananeira selvagem antes de o botar em cima do fogo.
- (2) Diz algo não claro sobre a subida e sobre fruta de pau.
- (3) Seguem duas frases sobre isto em Kanamari.

Mito 16 K.: (“)Primeiro tempo de caboclo. Foram flechar peixe, mas só pegaram um peixe menor (*djaikom*) e ficou, ficou, outro cara já foi embora. Aí viu duas mulheres sentadas em cima de um pau. Vou lá, vou falar com elas. Foi lá, quando chega perto, elas caem na água e desaparecem. É Tracajá. Vai fazer volta na beira do lago. Até de noite, o *djaikom* já apodreceu e aí volta pra maloca. O nome dele é Kawamnuhnam. No dia seguinte, a mesma coisa. Ele vê elas, fica o dia inteiro e elas caem na água. “Brabo com ele”. Chegando em casa a mulher reclama, fica o dia todo pescando e só traz um *djaikom*. Os outros sim, trazem comida e comem e ela não come nada. No terceiro dia, vai de novo. Sete horas. Tracajá de novo. Tem casa lá embaixo d’água. Papai, caboclo aperreia nós. Nós sentado e ele procura conversa. O pai diz que pode falar com ele, é pra dizer pra ele que ele quer falar com ele, pode trazer pra cá. Aí, elas ficam e ele chega. Dizem que o pai quer falar com ele. Nós leva você no braço. Ele vai pra mato e bota caruara na barriga

(2). Volta, e, entre as mulheres, segurando os braços delas, vai andando, vai andando. É aqui pra mergulhar. Quando desce, quando chega elas beliscam ele com [...] e mexem com ele para ele ficar em pé. Chegou na porta, lá tem água mais não. Lá tem cobra, jacaré amarrado que chama de cachorro e é pra comer gente. Falava como gente. Ele pergunta se tem caça, *tawa* [macaxeira]. Tem tudo. Ele quer voltar para trazer banana, madura, tudo madura, para ele. Tartaruga fala pra fazer caminhão [caminho grande] da beira até a maloca, e chamá-lo quando tá madura. *Kawɜ*, tartaruga (3). Aí, chega a hora de avisar, fez caminhão. Contou tudo, vamos lá, vamos fazer caminhão até a casa. Chama com buzina, ele leva a buzina e os outros ficam no porto. O cunhado dele queria ir também, mas disse que não, você morre. Ele desce, buzina e chama todo Tartaruga. Vai na frente, buzina lá no porto. Sobem, no porto, buzina cinco vezes, dez vezes, *hori* (4). Já vem subindo, todos, bocado. Vão andando, andando muito. Aí canta *akwam*, isto é *tsuipa*, o canto deles. De repente, ficam com medo de serem mortos. Voltam logo e só conseguem pegar dois pra comer. Fica três. Um Capitari, uma Tartaruga macho é pego pra uma viúva, sem marido né. Amarra e amansa ele. A mulher mostra o periquito pra ele e diz pra ele olha que coisa boa (5). Pronto amansou e casou, virou gente. Fica marido.(“)

(1) Este mito e os seguintes foram registrados em outras oportunidades, mas sempre seguiremos a seqüência cronológica em que apareceram.

(2) Uma pedra xamanística, um *djohko*.

(3) Todo tipo de bicho de casca, os quelônios.

(4) Nome de uma das buzinas dos Kanamari.

(5) Aqui entrou Aro para completar o relato, já que Kurau foi chamado para comer e nisso, de modo geral, ninguém segura um Kanamari.

Mito 17 K.: (“)Primeiro caboclo, era pra pegar tartaruga. Aí ele fez de cedro, aprontou e pega dez tartaruga tracajá, peixe-boi, todo peixe (1). Bocado. Outra noite, foi lá, pega pouco, já pegava demais. Outra noite, pegava mais. Fez

tarrafão, de tarrafa, grande, pau cumprido que cariú faz pra pegar peixe-boi, peixe grande, tamanho desta casa, entra e não sai. Três noites, faz oooh, ele levanta pra ver o que tem dentro. Nada. Desce de novo. Levanta com varazinha pra ver. Nada, terceira vez, quarta vez tem curumim lá dentro. O caboclo, nome dele Oba, pega ele, mas quando tira d'água piranha morde dedo dele e sangra, sangue na canoa. Pega foi Jakwari, dono das tartarugas, um menino de tamanho talvez de uns três anos, tem cabelo meio longo, é bonito ele. Tirou menino do fundo e irmão diz “dá pra mim”. Não, eu tenho filha moça pra criar ele. Levou e deu pra filha pra criar. Filha solteira para cuidar dele, dorme com ele, come com ele, dorme, até grande. Quando maiorzinho, ele faz pulseiras para a perna e o braço pra ele (2). Outros já não gostam. Eles reclamam que ele tava com a moça. Não casou, a moça não casou. Mais dia, ele já tá casado com ele. Vão pescar, outro mata *djaikom*³, todo miudinho bocado (3). Entrega para Jakwari também, tá aqui para você também. Ele bota no canto, na folha, pra levar pra casa mais tarde. Jakwari fala para ela, já marido, chama irmão e irmã, mas não é, casam. Vou tomar banho e demorar um pouco, espera. Empurra tartaruga, bota na terra, novo este. A mulher diz que tem de levar mais pra mãe, pra o pai, chama mãe e pai também. Vai e chega com tartaruga grande. Pronto, depois busca e faz curral grande com pouca água para ele ficar. Leva a pequena. Deixou os tiara pequena (*djaikom*) todo lá. Só leva tartaruga. A mulher carrega para a mãe. Animado com ele, quebra feito dela. De noite vai a cantar. Vou buscar outro maior. Outro dia, o outro pessoal diz vamos botar rapé pra ele morrer, ficar com a mulher. O Jakwari, vamos brincar, vamos brincar, aqui toma tabaco. Não, não gosto não, eu morro. Nada, toma um pouco. Tomou e morreu na hora. Devagar, toma devagar e soprou tabaco. Morreu logo. Enterrou. Tem a viúva, tem animação que ela ficou solteira. Houve festa, Warapikom, casou com outro, na mesma hora. Já enterrou, não sai mais nunca. Escureceu mais. Jakwari já saiu. Nós fazer Warapikom, brincar no terreiro, na beira do rio. A mulher já casou, já fez tapiri, não vai pra festa, já tá no tapiri com marido. Cinco horas, Jakwari já saiu, vai pra mãe. Mãe cadê minha irmã, já casou. Mãe vai sair daqui, agora já vem água até o céu. Não morre não. Mãe, vai embora, já tá perto. Jakwari vai lá e pega os dois caboclos pelo braço, no meio deles, e diz vamos brincar. São os rapazes que sopraram o tabaco. Aí papagaio já vem, vem água. Quando chega na perna, bora virar boto companheiro. *Mapikar*³. Boto preto que anda em três. Dois caboclos e ele. Segura

pelos braços. Três machos. Todo tempo, nunca mais deixou. Jakwari manda fazer chuva, boto dentro d'água, né.(“)

- (1) Parece que utilizou um arpão, mas isto fica pouco claro.
- (2) Os Kanamari confundam muito o modo masculino e o feminino, distinção ausente na sua língua; é a moça que faz.
- (3) Literalmente um *djaikom* pequeno.

Mito 18 K.: (“)Outro de primeiro caboclo. Muito água perto do céu, morreu bocado. Tamakori e Kirak fazem barco para botar tudo dentro, bota toda coisa dentro, porco, tudo, grande. Vaza de novo e manda andorinha para ver como tá. Já tá quase seco. Desce e a terra fica como agora. Como agora (2). (...) É assim”. Todas as coisas. Tamakori é quem manda caça e pesca, até seringá. Tem de rezar para tirar leite (3).(“)

- (1) Das tartarugas passa para o mito do dono das tartarugas, para finalizar com um rápida referência a outra enchente.
- (2) O narrador seguiu então com outras referências curtas sobre Tamakori, como este dá ou manda fazer coisas e o pessoal tomar conta, que pode brincar.
- (3) Rezar para Tamakori para que os pedidos sejam atendidos.

Mito 9 (1)K.: (“)Tamakori fez quebrada, ele fez tudo, primeiro aqui o rio grande, depois os igarapés. Este aqui é de pique maior. Quando pronto, tudo virou água. Jutai primeiro, fez caminhão, quebrada. Só tinha mato, aí ele fez rodagem e nunca acabar mais, até hoje. Pra morar gente.(“)

(1) Agora, já numa sessão posterior, Kurau apontou primeiro para o rio e afirmou que este não era de água.

Mito 19 K.: (“)Aí, na beira do igarapé, a Onça plantou seringueira. Quem plantou seringueira na beira foi ela. Depois caiu folha, caroço, de tudo, na água e vira peixe. Foi a primeira Onça. Pacu pequeno, de folha pequena e pacu grande de folha grande. Aí tinha um pescador chamado Honorэм (1). Caboclo mesmo. Cai e vira tudo peixe de todo tipo, cheio. Honorэм vai pescar e acha o igarapé. A Onça chega lá e diz para ele que não flecha não. Não flecha branco, novo, só preto, mais velho e maior [peixe]. Se você sacar, eu vou comer você. Quando você flecha você não saca mas dá pra mim. Primeira vez, joga pra onça. Diz pra ele, saca bem, flecha direito. Ele flecha quatro. Bem, agora só na outra vez, você mesmo pode tomar agora, eu não quero mais. Você leva quatro também e vai embora. Chega lá, o cunhado dele, tudo como aqui. Rapaz, como você conseguiu estes peixes? Mas, só ele podia, e não diz nada. Só tinha este. Outra vez ele foi de novo. Muito peixe, peixe à vontade. Segunda vez, igual, pode levar cinco. Honorэм era тэкэна como nós [gente], casado com irmã do cunhado. Depois da terceira vez, o cunhado foi, sozinho, sabia que era pra baixo, né (2). Procurou. Achou. Aí, bem na beira, o caboclo em cima do pau, em cima do igarapé. Chega a Onça, e diz que não é pra flechar. Não saca não, dá pra mim. Primeira vez, flechou, sacou. Zzzz. Três vezes flechou e não deu. Zzzz, saca, naquele tempo não tinha bico, só friaca na flecha (3). Aí, a Onça matou. Honorэм volta pra lá, mas não tem mais peixe, nada. A Onça já foi pra outro canto e levou os peixes. Até a seringueira morreu.(“)

(1) Perguntado, parece que é o nome de pássaro que canta de manhãzinha, é pintado como uma onça e mergulha para pescar, com o nome, cariú, de socó-boi.

(2) Os Kanamari pensam o seu espaço físico a partir das coordenadas verticais: “para cima” e “para baixo”. Isto rege tanto as subidas e descidas num rio, como deslocamentos no mato.

(3) Não tinha ponta farpada na ponta da flecha, provavelmente se trata de uma ponta lanceolada. Isto aumenta a dificuldade de flechar os peixes de modo correto, sem desperdiçar a flechada.

Mito 20 K.: (“)Primeiro fogo é do Macaco. Tudo Macaco, todo tipo reunido. Mas só tinha um fogo no mundo e eles não queriam dar para ninguém. Tudo armado com cassete de pau para evitar que alguém leva. Uru grande, *Kadjo* grande, foi lá pra pegar. Pode vir, nós mata você. Você vai ver, vai morrer aqui. Ele queria brasa do fogo. Aí ele voa e consegue (1). Pega brasa do fogo. Um só. Foi embora, foi lá dentro pra fazer fogo pra ele. Os Macacos não queriam que o fogo ia se espalhar pelo mundo. Todos os Macaco chorando e quase brigaram. Uru pega seringueira seca. Faz fogo pra ele também. Quando tá pronto, os Macacos mandam o Sapo, *Ho*, aquele que faz “ho, ho”, para apagar o fogo. Ho, agora você vai lá, para apagar o fogo. Ele vai, todo passarinho lá. Fartura de passarinho, para não deixar roubar o fogo. Sapo chega e tá queimando um bocado lá. Ho, “ba”, apagou tudo. Aiaiai, choram. *Kadjo* vai lá de novo para tirar o fogo. Tem zoada, agora fica difícil, não deixamos mais não. Na boca da noite ele consegue pegar, apesar de tudo. Ele vai e leva mais pra dentro. Perto dos Macaco mais não. Tira fogo pra nós também. O Macaco não tira mais não e *Kadjo* deu pra gente, Macaco não queria dar pra ninguém. Por isso nós não mata o Uru, é como nós assim. Gente. Honor3m também. Por isso que o Macaco tem cara preta, toda marcada assim (2). (“)

(1) O pássaro voa de cima para baixo, pega um pedaço em chamas e sobe de novo. Kurau o chama de Uru, mas não parece ser o pássaro normalmente indicado por esse nome, trata-se de um semelhante a uma coruja.

(2) E outros ficam pretos em outros lugares do corpo.

Mito 21 (1)T.: (“)As mulheres foram para a roça para trabalhar mas só tiraram cipó samaúma. Não fazendo nada. Um filho pergunta para sua mãe, e ela diz que trabalha, capina, cava, faz tudo direito. Mas, lá só passa hora, todas juntas, catando piolho, fazendo hora até hora para tomar banho. Vão para o rio e no outro lado aparece uma Lontra. Elas estavam pintando a cara, se cuidando, e subiram no pau, todas. Vai lá minha irmã, ele só quer foder e tem peixe. Ele vai me matar. Que nada. Eu vou, mas ele vai me matar. (“) K.: (“)Ele mostrando peixe, só quer foder. Ela vai e ele vai pra cima. Elas descem todas e todas fodem com ele e ganham peixe. É *Kotsa*, Lontra (2). Uma velha só ganha bodó, as outras, peixes melhores. Elas voltam para casa. Chegando lá dizem que conseguiram o peixe no curral velho, que encontraram lá (3). Amanhã vai de novo. faz cipó para sentar, faz *kuya* (4). Disse nada, foi lá no curral velho. Mulher nem nunca foram lá. A roça tá no mato. Só brincar com *Kotsa*. Mas o filho diz, mãe agora você vai trabalhar bem. Fala com o pai dele, elas não fazem nada. Foi pra roça ver e só mato, foi pra curral e não viu nada. Falou. O pai também é pajé. Sopra tabaco, vira *korama’am*, pacaú, que não morde não (5). Manda espiar o banho. Lá do outro lado, em cima de um pau, ele repara que pintam a cara, vê tudo, pronto até tomar banho. “Bum”, batem [com alguma coisa não clara], aí logo chega bando de Lontra, cheio de peixe. Quando fodendo as mulheres, numa carreira, ela cai [a cobra n’água] e passa no meio. Mamãe, é de papai. Tenta matar, mas ela escapa. Ele fala pra pai. Eles não dizem nada prás mulheres. Eles fazem tara [ininteligível] de tucum, pai, irmão, tudo. Amanhã manda as mulheres todas pra roça, até cinco horas. Todo homem atrás, fazer tara. Tucum pronto, só falta curral pra matar Lontra. Eles chegam lá na beira do rio e pegam um pedaço de pau, e começam a botar isto lá todo na beira (6). Pintam cara e tudo, amarram pinto pra trás. Chamam as Lontras. Fizeram curral de cipó tsitsika e amarram na bunda, pra fingir buraco de mulher, e quando eles chegam caem em cima e caem no curral. Só um tinha só um laço pra pegar e não pegou, escapou um. Eles tiram o coração, gordura da barriga. Resto joga fora. É pra fazer carne misturado, batida misturado com carne (7). Na folha como carne batida. Quando as mulheres chegam, vêem rastro de queixada e taquara cheio de sangue. Chegam, se pintam, chamam, nada. O [aririnha]

que sobrou já foi pra outro canto já, com medo. Aí, voltam e os homens dizem: pode comer, já tamos com o bucho cheio, pode comer. É queixada, bebe *kuya*. Passa dois, três dias. Tinha ovo de Lontra na porta, em cima, pendurado na madeira (8). Pinga, pinga do banho. Demora. Parece que tem um homem com espinha. Ele senta bem embaixo para mulher tirar do pé dele. O banho cai em cima da perna dela e aí ela descobre. Os homens pegam a tara de tucum e açoitam as mulheres. Depois as mulheres viraram queixada, todas elas. Só a velha virou *padja*, tamanduá grande. Leva só o tucum como rabo. Dois filhos pequenos ficaram pra trás, casazinho, porque tinha um pau caído barrando a passagem que as outras pularam por cima. Chorando: vamos experimentar. Gavião, vira gavião, *pawɜrɜhkom*, sinal de queixada. “*Honga*”, grito do gavião. “*Tata homwa*”, grito do macho. “*Homwa*”, grito da fêmea. Quando lua nova, os homens cantam na maloca e já tava com saudade. Bora meu irmão, pra roça, vamos comer mamão. Dois irmão e um cunhado. Foram, no meio do caminho encontram taiabo de jacu, *mitsi*, formiga que anda até em casa. Aí, os homens viraram quatro jacu. Os queixadas já chegam, invadem a maloca e os homens sobem no poste para se proteger. As queixadas demoram e eles viram cupim. Mais tarde é que as queixadas saem e vão embora. Acabou.(“)

(1) Nesta altura Kurau ficou com menos vontade de contar e mais distraído por outras coisas. Mas Tewin, presente aí, no chão da maior casa da aldeia, iniciou um outro mito. Depois de começar, ele se referiu a “Kurau sabe”, e este acabou por ceder e continuar a narração.

(2) Ariranha segundo Tewin, que, agora já está como coadjuvante. Isto é, a espécie maior de lontra enquanto a espécie menor será referida como lontrinha.

(3) Armadilha de peixe, para prender o peixe.

(4) Está tudo bem, aparentemente.

(5) Uma cobra inofensiva para o homem, e que tem traços brancos.

(6) Em forma de forquilha.

(7) Um prato especial, quando a carne é cortada em pedaçinhos e batida depois, semelhante a carne moída. Enrolada em folha, é posta diretamente sobre o fogo.

(8) O ovo é o testículo.

Intervalo

Nestes dias os Kanamari resolveram fazer o ritual *Piɜda* [Onça], ritual importante que exige, quando bem feito, bastante atenção e investimento de energia. Kurau exercia nele um papel ativo, sempre cantando de noite na fileira dos homens, que, na visão dos índios, lideram o canto, acompanhados pelas mulheres, que se opõem a eles na fileira que os enfrenta. Nesse tempo, tentei pelo menos conhecer um pouco mais um dos outros visitantes de Nauá, o Djo’o nhamim (Djo’o grande, para distingui-lo dos outros do mesmo nome). Um dia, ao fim da tarde, os homens voltaram da caça e da pesca e entraram cantando no porto, subindo para o terreiro. Estavam vestidos com vestes de palha que os cobriam da cabeça aos pés, e entregaram os peixes às mulheres que os recebiam cantando no terreiro. Esperando pelo tratar dos peixes e o seu cozimento, eu estava sentado na beira de uma casa, vendo a recepção e a entrega ao lado do Djo’o. Timidamente, ele fez algumas observações. Disse que: (“no primeiro mundo a primeira gente era *piɜda*, *piɜda tɜkɜna* [jaguar gente]. depois é que virou jaguar mesmo. Mais tarde tinha o primeiro caboclo, Karion. Depois de algumas observações, resumiu o mito do céu caído.

Mito

Mito D.: (“Era o Sapo *Piyoyom*, de cumprimento de um dedo. Juntou todo seu pessoal e subiu no coqueiro *karahtsi*. Lá ele rezou, rezou e soprou até que o primeiro *kodo* (céu) caiu. Reza Matso, que é uma qualidade de cachorro.

Outros morrem todos, mas os do coqueiro sobrevivem e se espalham de novo. Isso é caboclo que conta, papai, mamãe (1).(")

(1) O narrador ainda acrescentou que “nós de *poronhanim*”, coco grande, Kulina de *karahtsi* e Kaxinawá de pé de buriti novo. Tamakori reza muito para isto.

O informante

O próprio ato de não ter participado da entrega dos peixes era significativo. Djo’o mantinha uma atitude ambivalente com respeito a sua própria cultura, numa posição pouco participativa nesse tipo de atividades coletivas; mesmo nos momentos de rotina cotidiana era raríssimo que fosse pescar. Não pescava, não fazia roça e não era casado, mas ligava-se, principalmente, ao grupo doméstico do seu “sobrinho” Djahuma (casado e com filhos), embora tivesse feito uma casa para si mesmo em Queimado (tentando enfeitá-la de modo especial e distinto; foi idéia da Funai que os ‘solteiros’ também deviam ter casa própria). Durante algum tempo fora casado, umas duas vezes, mas, segundo ele, não queria casar mais. Também, as mulheres não gostavam muito dele, criticando-o sua falta de atividades de subsistência, o que não impediu que arrumasse uma “namorada”. Ao mesmo tempo, as pessoas se referiam a ele como uma das pessoas mais qualificadas para falar das histórias do “Primeiro Mundo”, como ficou convencional chamá-las. Além do mais, era homem da geração mais madura, um dos mais velhos (mas de uma geração posterior à de Kurau), com idade para ter filhos grandes (não os tinha). De fato, com o que ouviu dos pais (que descendiam, segundo ele, principalmente de Wadjo Paranim), gravou os mitos que é capaz de contar. Deste modo, Djo’o sabe mesmo a história Kanamari e parece se identificar com ela, a ponto de ter-me contado um mito para condenar práticas de casamento, aos seus olhos incestuosas, aplicando os velhos ideais Kanamari.

Talvez uma certa nostalgia dos tempos antigos permeasse o pouco envolvimento na vida social atual, com exceção da participação entusiasmada

3. segundo tempo

Intervalo

Como já indicado, quando voltamos à aldeia após ausência de pouco mais de um mês, todos os índios do Alto Jutai estavam acampados no novo lugar escolhido para ser a grande aldeia Kanamari do rio, com seu território começando logo abaixo do igarapé Queimado e indo até o alto rio. Nesta profusão de tapiris e de movimentos os mais variados, nossa preocupação e a dos índios era primordialmente a de melhorar as condições ali existentes e muito precárias. No primeiro mês trabalhamos com o que nos foi possível fazer, ou seja, o que surgia no momento, como, por exemplo acompanhar a feitura do rami, já que este cerimonial passou por um tempo de intensa atividade pública. Por quase um mês não houve praticamente registro de referências míticas.

O informante

Somente depois, uma noite, Deon, um jovem adulto, veio passear de noite na ‘nossa casa’ (sempre dividida com outras famílias), e minha colega antropóloga, aproveitou sua presença para questioná-lo. Naquele momento poucas pessoas estavam na aldeia, inclusive a agente da Opan, casada com um índio. A última ainda não tinha cortado as relações conosco – o que fez depois de passar em Eirunepé, onde se encontrou com o casal afastado pelos índios –, e Deon era muito ligado a ela. Sem sua influência, ele sempre se mostrou acessível e prestativo, geralmente simpático e de bom humor. Era casado e sua mulher estava grávida, para a alegria dos dois, que queriam muito ter filhos mas já tinham perdido mais de um. Sua participação, no total do acervo mítico coletado, ficou em sexto lugar entre todos os narradores e advém de umas poucas ocasiões como estas, de longas conversas no escuro da noite, em casa, o que foi ajudado pelo fato de que se gravou uma fita (no.3) pouco mais de um mês depois da primeira. Ele e seus irmãos, um subgrupo interno ao grupo do tuxaua de Nauá (que posteriormente desenvolveu a intenção de ter um líder próprio), identificam-se, parece, mais com sua ascendência Wadjo Paranim Djapa, apesar mesmo de ter sua mãe forte descendência Potso Djapa.

Mito

Mito 22 (1)D.: (“Na lua o anjo, filho de Tamakori, movimenta a lua com a ajuda de um motor. O americano foi lá para buscar a lua e falar com Tamakori. Este não quis dar a lua porque, se o fizesse, caía tudo e *piɔda* matava todos (2). O Americano traz banana e outras coisas de lá. Tamakori disse que ele ia ficar doente, e ele ficou, somente sarando depois de muito remédio e alguém sabido o ajudou. Veio de novo lá em Mamori, onde nosso amigo, Guilherme, tem casa lá (3). O anjo que mora lá, tomando conta, faz tudo como um dono de um barco (“motor”), bota gasolina, toma café, banho, e trabalha para andar devagar de noite e dormir de dia. É “gente mesmo”. A mãe dele é Nossa Senhora, tá viva ainda, mora no céu. Americano foi lá de avião, sentou [pousou], acha graça, ofereceram comida mas só quer café com pão. Lá só tem eles mesmo e os caboclos estão com medo. Medo porque o americano fez capa de borracha que abriu lá em cima e quase morreu de vento forte (4). Quase morre, cobriu nariz. Desce da lua. Foi no rádio que disse para o americano aonde tava a porta do céu, ele não sabia, porta grande. O americano foi com pedra, porque gasolina gasta muito. Pedra grande, pedra não gasta (5). Quando gasolina mesmo, acaba e cai. Anjo olha todos nós aqui. Ele mesmo manda fazer casa, ajuda na caça, pescar. Quando caça e não encontra nada, ele não deu. Aí fala com Tamakori (6). Amanhã papai Tamakori manda porco para cachorro acuar. Tatu ele ajuda a não morrer no buraco. Tamakori bota nome mesmo. Ele bota Wadjo Paranim, natureza de macaco cairara. Tukano, natureza de Tukano (7). Cariú também. Nasceu no mesmo jeito, aqui mesmo neste mundo. Primeiro mundo, não tem nada, não tem tawa, banana, milho. Liso. Tamakori só tem roça lá no céu. Adão falou para Noé, não tem nada. Nem pra plantar banana. Nem semente traz do céu. Adão já traz. Pimenta para botar no caldo, caboclo, Wadjo Paranim também, foi buscar com ele. Adão foi segunda vez, roça grande. Disse pra Tamakori que queria, vinha buscar pau de mandioca, maniva. Pode levar, plantar, cajá, melancia, milho. Depois de plantar bocadinho na roça, de manhã cedo, Adão dormiu e de manhã já tá nascendo [a plantação]. Já tem macaxeira, já tá nascendo com um dia. Banana também, um dia. Planta cedinho, dia seguinte tá maduro. Tá tudo amargo. Cana também, pega, tira

casca, bota na boca, amargo. Fala com Tamakori que tá amargo, *pam*. Foi lá de novo, Tamakori nós leva e tudo tá amargo, pau de tawa, banana, milho, cana. Amargo mesmo, nem pode engolir. Eu tou brincando. Pode ir, Adão, agora tá doce. Ananás, milho, tudo. Noé desce e diz agora você vai buscar banana, cana (8). Vai, que eu já falei com Deus. Foi. Agora você experimenta Noé. Sim me dá um para experimentar. Tira casca, tá muito doce. Bom. Adão foi buscar tawa, e quebra um pedaço. Bom, não tá muito amargo não. Cozido tá bom. Tamakori veio. Como tá? Amargo, ele acha graça. Já apareceu índio, e Tamakori diz para eles quando vem dá pra eles. Caboclo já apareceu duas vezes no Adão. Tamakori disse como era, esse é pra fazer farinha, esse é pra massa, bota na prensa, massa brava, manda dar tawa pra caboclo. Não do bravo não, amargo, morre. Só pra cariú mesmo. Mandioca braba é muito forte. Noé vai buscar açaí maduro. Ele foi, fez picunha, pra trepar no pau. Ele desce, faz e bebe o açaí. Aí com pouco vai cagar. Caga, vira gente, *nimkote* [fezes], homem e mulher bem preto, como maranhão [pessoa negra]. Parece aquele. Noé é gente mesmo, foi Tamakori que botar. Chega compadre, sobe. De onde vem? Daqui mesmo. Aquele *djan*, açaí, é bem preto. Primeiro mundo é Tamakori que botou e virou gente. Tamakori vem de novo. Nós não tem nada, para rio, para bicho. Não tem canoa, não tem motor. Vem e deixa *kanaron* para Adão, deixa mercadoria pra fazer “motor” (9). Ele deu todinho pra Noé. Peça de motor, batelão. Noé, tá aqui o *kanaron*, gasolina. Quando precisa fazer fábrica, viajou. Caboclo vem, nós todo, um rapaz. Tamakori deixou nada. Deu letra para Noé, Noé conhecer motor, ler, para trabalhar. Parece filho de Tamakori, cariú, mas fala bem como caboclo. Primeiro mundo, é como cariú também. Parece filho de Deus mesmo. Faz nota, planta algodão. Faz muito. Primeiro mundo não tem fábrica, nem maranhão, nem peruano, tudo índio. Adão perguntou ao caboclo: você não quer não, você não quer? Não sei não. Então você trabalha pra branco’. Ah, nós trabalha, fazer borracha e aí nós comprar. Tu não quer nota [da fábrica], então fazer borracha. Adão e Noé faz casa grande. Traz borracha, Noé diz, não tem nada ainda não, não tem fábrica ainda. Volta outra vez. Depois índio vem de novo, receber. Escuta, fábrica já tá trabalhando. Vai perto não, vento grande. Noé trabalhando, amarrado na cintura. Bota algodão na fábrica, sai fazenda. Cadê produto? Mas este produto Noé, este primeira borracha grita muito, ai, ai, só sangue, corta bem lento também. Sobe de novo para

ver Tamakori. Tá bom, tá, sai muita coisa, terçado, machado, já sair bo-
cado de mercadoria. Vim aqui porque sai muito sangue, quando colher
só sangue, quando fumar só branco. Tamakori diz que agora mais não.
Muita gente comprando mercadoria. Muito cariú também. Mais barato.
Fazer motor, batelão. Tamakori ajuda Noé a fazer fábrica. Que tal? Já fiz.
Já sabe ler e escrever. E a fábrica? É pra fazer material, canoa. Tamakori diz
que vai embora para Noé. Eu vou também. Caboclo não quer estudar, só
comprar, fazer borracha. Então só comprar, mesmo de estudar, não quer
ler, não quer estudar, então só comprar (10). Tamakori subiu. Comprar só,
rede, tigela, panela, terçado. Quem bota nome é Tamakori. *Tsuí, tsera-tsera,*
mokawa [machado, terçado, espingarda]. Primeiro mundo. Só Deus mes-
mo que bota nome, *djan*, todo, *ihkira* [buriti], *tooda* [patawa]. Tudo Deus
mesmo. Nós também não sabe nada. Noé planta tso, já tá maduro. Manda
tirar. Come e perguntam o nome para Tamakori, tem espinho, folha e não
dá para subir. Tira a força, batendo. Come verde? Gente come? Não, diz
Tamakori, cozinha. Come cru é banana, *tawa* e *tso* não, cozinha. Bota dois
água, cozinha bem, bota sal. Aí come. Como é nome? *Tso*. Leva semente,
dá semente para ele plantar também. O branco estuda com Noé. Sabido,
sabe aprender ler. Noé sobe depois [para o céu]. Tem americano, só ho-
mem, um rapazinho que estuda, sabe muito, toma conta. Você é muito
sabido, motor, avião, fábrica. Ele diz para Adão que vai embora, aqui a
terra muito pesado, frio, lá no céu é melhor. Eu vou também. Quem toma
conta é só americano. Sabe demais, tira coisa de dentro da terra, gasolina.
Sabe máquina para fazer fazenda, terçado. Americano toma conta. Agora
nós estudando também. Primeiro mundo nós não sabe nada, nem nome
de mercadoria, não quer estudar. Adão quer a luz da lua, pra nós trabalhar.
Não, este é para iluminar o céu. Americano diz que foi lá, pra lá muito
quente, pra cá muito frio. Quente mesmo, motor trabalhando. Americano
não vai mais não, já ficou doente, quase morre. A lua faz duas voltas. Tem
dois caminho. Tudo lá mesmo, todo dia volta (11). Casa de Deus também
lá, de *wadja* também. Bacerta é o irmão de Tamakori, casou filha dele e
de Nossa Senhora. Tamakori, eu quero casar e não tem mulher. Tamakori
disse, eu vou casar primeiro e faço cunhatã pra você. Quando grande, dá
pra ele. Aí casou, nasceu Manuel, ficou trabalhando no sol, *tsam*, filho
de Tamakori fica trabalhando na lua. Anjo trabalha no motor de noite,
Manuel chega de manhã, dorme de noite, bebe cafezinho de manhãzinha,

bem como aqui também [na terra], trabalha de dia (12). *Wadja* ilumina tudo, mais perto, mais frio. *Tsam* é muito quente.“)

(1) Esta conversa teve que ser anotado na manhã seguinte, o que a faz ser bem resumida e aproximativa. Como a lua estava surgindo e subindo por trás das árvores, ele se inspirou nisso e contou sobre a aventura do “americano” que foi à lua.

(2) Como foi difícil recordar e anotar o depoimento, esta referência fica incerta, mas é muito possível que esteja correta, tendo em vista o medo existente de se acabar o mundo de novo.

(3) Isto é, a missão da New Tribes em Três Unidos, aonde fora passear em visita aos Kanamari lá moram, e onde conhecera os americanos e ouvira falar da visita à lua.

(4) Certo tipo de vento forte, associado à anunciação de alguma morte.

(5) Lembro, mais uma vez, que seja uma pedra xamânica.

(6) Pede em Kanamari ao Tamakori.

(7) Tudo isto em diálogo; tento aprofundar esta “natureza”, mas ele passa adiante.

(8) Às vezes se refere a um, às vezes a outro, nem sempre está claro se trata de um ou outro personagem. De certa forma parecem se confundir.

(9) Pintura, por exemplo corporal, e que passou a incluir a escrita.

(10) Parece que Adão queria passar os conhecimentos.

(11) Apontou para o leste.

(12) A partir daí lembra animais que se vem esquentar no sol ou dormem quando o sol está quente.

Mito 26 D.: (“)Tamakori foi caçar, de tudo, mutum, jacu, e deixa um pacote em casa, com ordens de não o abrir. Depois de aberto pelo Bacerta, a escu-

ridão toma conta. Quando Tamakori chega no dia seguinte, ele reclama, mas o outro diz: Porque não? Ninguém vai dormir, de dia trabalha, de noite dorme, assim é melhor. Depois disse que Tamakori que mandou os brancos fazerem campo. Ele saiu e quando voltou parece que não cuidou direito e já vendeu. Aí transformou os em animais, em porco, boi, ovelha, cabra, pato, galinha, o que foi lembrando aos poucos. Os bois pretos viraram de gente preta, os encarnados, de gente branca. Não ficou nenhum. Depois encontrou outra gente e mandou tomar conta da casa e destes animais.“)

(1) Dois dias depois, a cena se repetiu. Mais uma vez somente tive oportunidade de registrar a conversa no dia seguinte. Ele contou de forma abreviada o mito da origem da escuridão.

Mito 26 D.: (“)Tamakori andava só, estava só e encontrou uma fruta bonita no mato. Warapikom. Quando voltou por lá, Bacerta estava lá. Quem é você? Não sei. Aí levou e deu nome, batizou.“)

(1) Bacerta é normalmente chamado de Kirak; Ao lembrar Bacerta, referiu-se à feitura dos Wadjo Paranim do caroço poro, e que os Kulina são de *karahtsi*, “do Bacerta”; mito 3.

Mito 2 D.: (“) Também, Tamakori fez a primeira mulher, de um pau duro, miudinha, e a escondeu na palha da casa. Bacerta fazia as tarefas domésticas e queimou a mão com banana. Ela achou graça. Acabou saindo do esconde-

rijo e quando Tamakori voltou ela tinha saído da gaita de Tamakori. Parece que Bacerta sacudiu o objeto e Nossa Senhora saiu.“)

Comentários

Deon acrescentou que no primeiro mundo não tem panela, nem fábrica. Tamakori não tem pai nem mãe. Tem Bacerta como companheiro, e uma vez afirmou que Kirak é “irmão, irmão não, companheiro”. De passagem, referiu-se ao padre “Cortasino” (Tastevin). Este é neto de Tamakori. Kurau entrou com a informação adicional de que este padre foi até aonde o céu encontra a terra e subiu por lá, falou com Deus, voltou e subiu o Juruá de novo. Ameron (de uma geração mais velha e que já morreu) contou para eles; contou ainda o mito da roça do Urubu, e que este tinha filha moça bonita como fulana (moradora da aldeia). Nesta altura, eu tinha tentado gravar sua inspirada fala, porém a tentativa falhou. No que tange ao mito de origem da escuridão, esclareceu que o que Kirak abriu foi um embrulho como aquele do peixe feito “em folha”. Ele é que foi brincar de onça subindo à árvore aonde Tamakori passou a noite, e que foi o último que comeu o jacaré e seus ovos. Explicou, ainda, que a mulher de pau estava escondida numa taboca. Quando Kirak a abriu, achou uma mulher de cabelo de patawa, olhos de bacaba e era mulher mesmo (indicou seios e vagina). (“Aí, Kirak quer foder a moça, já tá duro. Ela diz para ele esperar, primeiro Tamakori, depois ele. Mas ele insiste e quando quase está para “sair o leite dele”, o buraco se fecha e ele perde o pombo dele, o que doeu bastante. Este virou um bicho, *kiraknapua*. Tamakori fez outro para ele depois, de barro. Tamakori casa com Rosa e a cunhatã dele ele dá pra Kirak (“) (passa então a falar de novo da lua e do sol). Tamakori fez as plantas de pauzinhos. Plantou, baixou no rio e rapidamente já estavam quase maduras. Ele falou à Rosa em esperar sua volta, mas ela comeu o ananás e esta ficou azedo. Só depois é que ficou doce (Mito 26).

Agora tso não, aí foi Kirak que disse para cozinhar. (“)Se não cozinha ficou doendo na boca, não é bom não. Tamakori achou bom assim, mas Kirak disse que era para cozinhar sim. Desde então a gente cozinha

bem. Naquele tempo era Kirak que tomava conta das tarefas domésticas. Ele é que fazia *kuya*, depois os homens nunca mais fizeram, somente as mulheres.“)

Mito

Mito 1 (1) D.: (“)Pessoal estava brincando que não alcançava o céu, e não conseguiam atingir até que alguém amarrou a barriga e pfuuu, acertou (2). Não tinha terra alta nesta época. O céu que foi atingido começou a cair na terra, com barulho como de trovão. Todos ficaram com medo e correram para um *korahsi* [palmeira]. No mato um *piɔda* passeava e assobiava e o pessoal foi avisado de não assobiar para não cair de vez. Entretanto, um menino assobiou assim mesmo e caiu todo. Desde então estamos sobre o céu caído.“)

(1) Poucos dias depois, mais uma vez à noite, Deon contou esta rápida versão do mito do céu caído.

(2) Parece ser de zarabatana.

Intervalo

Depois deste tempo, em que recolhi os textos acima, as condições de campo me obrigaram a viajar para a base da Lasa, numa viagem de dois dias, parte a remo e parte a motor de popa, na companhia da agente da Opan que estava a caminho de Eirunepé e precisava de combustível. Depois da decepção anterior com o gravador, neste interim minha colega ficou na aldeia e, uma noite, conseguiu gravar com o tuxaua Aro da antiga aldeia Caraná, nosso primeiro anfitrião. Para ter uma idéia melhor do estilo e pela referência a novos mitos, seguem, a seguir, alguns trechos selecionados. Observe-se que as referências aos novos mitos serão, nestas reproduções, afixados depois de serem contados.

Mito

Rosário: “Diga agora.

Aro: Primeiro mundo não tem gente. Não tem branco, não tem *tɜkɜna* [gente, nós].

Terceiro: Não tem caboclo.

A.: Nem índio não tem.

T.: Nem Brasil, nem nada. Só Deus.

A.: Só Deus mesmo. Primeiro mundo. Agora nós apareceu tudo. O Deus bota tudo nós, tudo amigo.

T.: Carçoço de jaci.

A.: Carçoço de jaci.

T.: Kulina também saiu do [falam Kanamari].

R.: Carçoço de jaci, quem é, Kanamari?

A.: Kanamari, carçoço de jaci. Kanamari.

R.: De jaci, *poro*. [falam em Kanamari].

A.: Primeiro mundo, quem é primeiro cariú, nós. Nós não saber falar com o português. Aí nós tudo falar ...

T.: Brasil.

A.: Não, nós falar ruim. Nós falar muito turco primeiro. Nós falar foi turco. Aí Tamakori tirar nós. Ele bota foi caboclo.

T.: Aí virou cariú.

R.: Ele botou caboclo como?

A.: Primeiro nós era cariú. Agora, que nós agora, cariú nós primeiro. Aí Tamakori tirou nós.

R.: Tirou de onde?

A.: Tirar do ... Agora cariú, ele bota foi caboclo mesmo. Caboclo fala bem português, mas nós não fala não. Aí tira nós. Aí tira nós tudo caboclo de novo, índio.

R.: E Wadjo Paranim? Ele tirou de onde?

T.: Tirou mesmo, assim mesmo, sabe? Porque não sabe falar. Não sabe conversar, sabe? Ser turco. Tudo falando turco. Aí Tamakori não quer. Aí Tamakori botar caboclo, branco. Branco, caboclo. Agora nós, cariú.

A.: Primeiro mundo, cariú, índio. Depois Tamakori vai tirar esse aqui.

T.: Nós, nosso ...

R.: Vai tirar o que?

T.: esse aqui.

R.: Gogó?

T.: Hum, gogó.

A.: Aí tirar do cariú ele bota aqui nosso. Ele tira nosso, ele botou pro cariú.

R.: É. Ele tirou isso aqui, gogó?

T.: Sim, gogó. Ele não sabe falar.

R.: Pro cariú?

T.: Sim, pro cariú.

R.: E do cariú, botou?

T.: Nosso.

R.: Trocou?

T.: Trocou.

R.: Hum.

T.: Aí cariú tudo cariú já. Cariú chama nós tudo caboclo.

R.: Agora, Kanamari nasceu de *porohkom*? [caroço de *poro*].

A.: É. Nasceu *porohkom* primeiro e botar cariú. O Deus bota nós cariú, tudinho. Aí, nós assim mesmo não sabe falar, nós falar só turco. Aí Tamakori tirar esse aqui ...

R.: Gogó?

A.: Sim. Aí Tamakori vai passar pro outro ... trocar.

R.: E Kulina nasceu de onde, do *karatsi*?

A.: É *Karatsi*, Kulina.

R.: *Karatsi* é fruta?

A.: É fruta.

R.: Come?

A.: Come [vários falam]

R.: Come não.

T.: Come não [vários de novo]

R.: Certo. Agora, *porohkom* do Kanamari, o fruto, come?

T.: Come.

R.: É doce ou azedo?

T.: É doce, não é azedo não.

R.: Come, hum.

T.: É. A gente come.

R.: Agora, você falou aí uma hora que boi, cavalo, pato, porco ...

A.: Era assim oh, cariú não tinha nada.

T.: Não tem rancho [comida].

A.: Não tem rancho pra comer. Aí cariú, tudo cariú, aí eu vim de novo [outro fala] cariú trabalha muito, não ..[entram vários] ... grande. Aí Tamakori, eu vim. Aí cariú viu, olha Deus. Aí virou galinha [som de galinha], galinha ... É. Aí outro vem, Que foi? Boi [som de boi], virou boi. Aí tudo teve, todo dia. Aí virou tudo em boi, aí pronto *pama* [papai] Tamakori botar boi já. É gente mesmo, o boi gente, galinha gente, o porco gente, cavalo gente, era tudo assim. Primeiro mundo que Tamakori fazer assim. Água também. Não corre.

R.: Água não corre né?

A.: Não corre, tudo parado.

T.: Água parado ...

A.: Aí *pama* Tamakori dia, Kirak, você não olha para cima não. Vamo embora olhar só pra baixo. Aí, o que foi que Tamakori tá ajeitando [ininteligível] cima ali .. Aí foi olhar pra cima, aí água correr muito ...

T.: Água correr muito, não pode levar pra cima ...

A.: Não pode levar mais pra cima. Primeiro mundo Tamakori faz assim.

R.: Primeiro mundo é assim?

A.: Hum, hum.

R.: Agora você falou aí uma hora que Kirak é irmão dele.

A.: Irmão dele.

R.: Como é, *warapikom*?

A.: *Warapikom banim*.

R.: É o nome dele?

A.: É o nome dele. Mas ele tirou o fruta, aí ele tirou fruta, ele provar, ah, agora isso aqui eu vou virar o meu irmão. Aí ele rezar, rezar ... virou gente, irmão dele.

R.: Ah, Kirak ele fez do *warapikom banim*?

A.: É. Do *warapikom banim*, irmão dele.

R.: Irmão dele. Fez desse fruto, do caroço?

A.: É, do caroço. Depois ele não tinha mulher ... tirar aquele pau, aquele pau, que tem assim ... tem aquele forquilha dele ... Bem, dele mesmo ele fazer mulher.

T.: Bem pequeninim ...

A.: Aí ele fazer mulher assim [falam juntos] ... bem pequeninim, deste tamanho ... Aí ele botou lá em cima ... Quando aprontar tudinho, cabelo, os peito, tudinho, olho tudo ... [ininteligível, em Kanamari], olho dele é [ininteligível]. Caroço de bacaba. Ele aprontou tudinho, ele fazer tudim. Tamakori danado!

R.: E a boca, fez de que?

A.: A boca, fazer assim mesmo. com *tsuma*, dente de cotia.

R.: Dente de cotia?

A.: É, ele fazer a boca assim.

- [em seguida se explica que o nariz é de pau mesmo. Kirak faz comida e se queima na mão, a mulher escondida faz barulho. Ele somente a acha quando acontece de novo. Era Nossa Senhora o nome dela, o seu cabelo foi feito de patawa].

- [não corria água, em nenhum rio, nem no Jutaí, nem no Juruá, que receberam seus nomes de Tamakori no primeiro mundo].

A.: Primeiro mundo acabaram o pessoal, tudo com água, com água! Lagoa tão grande ... Não é brincadeira. Acaba aqui, bem pra cima, não fica nada, só mesmo o céu. Agora aqui em baixo só água, não tem nem pau. É Tamakori

botar assim, matou tudo pessoal. Primeiro que ele botar matou tudo com água, aí virou jacaré, virou cobra, virou tudo ... Foi gente mesmo ... Virou tudo. Tamakori botou assim [outro fala atrás]. Aí Tamakori disse assim, oh, anjo ...

R.: Que anjo?

A.: Anjo lá ... Deus. Anjo dizer pra ele, Deus, eu vou plantar esse roça já tá vazando. Aí ele contar pro urubu, urubu, Noé, vai lá no mundo onde tem água [ininteligível] eu querer botar todo meu pessoal. Anjo tem batelão grande [ininteligível] que ele não quer mais gente no batelão dele. Aí pediu Deus. Deus, eu vou procurar terra pra plantação. Aí anjo disse pra ele que ele vai. Ele também foi, urubu. Aí urubu ficou lá perto, até que ele achou terra ... Tá vazando lá ... baixinho ... Tá vazando devagar, até que vazou. Aí Tamakori disse, [ininteligível] já tem terra, sabe? Aí ele foi pra lá. Aí Deus mandou preparar a terra, aí mandou ele fazer uma casinha, fazer um roçado, aí Tamakori disse pra ele, bom, você plantou isso aqui, essa terra aqui vai ficar comigo pra fazer plantação ... Aí Deus dizer pra ele, olha você plantar essa maniva aqui, ... Aí a maniva não era maniva não, era pau, era cana, é aquele coisa ... marajá. É, marajá.

R.: O que é marajá, é pau?

T.: É pau, aquele marajá, é espinho ... tem espinho. Aquele marajá grande, sabe?

R.: Sei.

T.: Aí Deus disse, corta isso aqui, aí você planta, vai virar cana. Aí anjo plantar tudo ... ele cortou terra com a enxada ... ele cortou ... tem sangue, só sangue ... Aí ele foi falar com Deus, Deus ninguém quer plantar terra não, tem muito sangue. Não isso não é nada não, pode plantar assim mesmo. Aí Deus mandar, aí anjo plantar assim mesmo. Quando ele corta só sai sangue, só sangue, mas plantar assim mesmo. Aí plantar, aí foi embora ... Aí anjo foi embora ... Aí outro dia, outro mês, outro mês, anjo vai pra lá na roça todo tempo, aí quando você nosso pai ... quando você chupar cana, provar tudinho ... Aí o anjo ele reparar, tem cana ... apareceu cana, apareceu tudo, ... mamão ... apareceu tudo. Aí anjo comeu, querer comer mas tudo amarga, amarga que não é brincadeira ... primeiro mundo. Foi aparecer muito mandioca né. Aí Tamakori dizer pra ele, agora isso aqui vai ficar pro branco.

Aí outro dia, ele plantou outro pé de novo, apareceu macaxeira. Esse aí do *tɔkɔna*. Era assim. Primeiro mundo ...

R.: *Tɔkɔna* é o que?

A.: Nós. *Tɔkɔna* nós. Cariú, ele chama cariú *kariwa* né. É, Tamakori, esse aqui é comida pro *kariwa*. Essa roça aqui pra *tɔkɔna*. Ele fala, aí anjo foi lá de novo reparar. Aí ele cortou cana, tá maduro já ... tá docinho. Tamakori botou já. Ele provou mandioca, muito amarga. Isso aqui é comida do *kariwa*. *Kariwa* gosta de fazer farinha né. Também ele deixou assim. Agora nosso *tawa*, ele provar, amargo? Não é amargo não. Esse aqui do *tɔkɔna*, do caboclo, porque nós gosta de comer macaxeira né. Ele botar *tawa* sim, *mahuná'am* [cana] tudo. Deixa *kiripam* [uma batatinha], deixa *makuna* [outra batata], Deus deixa tudo que nós planta. Nasce né. Porque Tamakori deixa tudo.

R.: Pra *tɔkɔna*?

A.: É, pra *tɔkɔna*, deixa tudo aquilo. Tudo.

R.: Certo. E qual foi o primeiro bicho que apareceu no primeiro mundo?

A.: Primeiro mundo apareceu mesmo, só mesmo ... Primeiro mundo, só Tamakori. Quando Tamakori muito cansado ele não quer mais aqui, ele botar tudo bicho pra cá, pra esse terra aqui. Aí Tamakori foi embora. Ele deixou todo pessoal, cariú, nós, tudinho. Aí nós virou de novo .. Aí Tamakori vive parado, e nós não tem nada, não tem porco, nem peixe não tem. Aí Tamakori manda fazer isso aí. Eu vou deixar isso aqui tudinho ... aí cariú .. tudo. Tem uma casa grande, tem campo grande, aí Tamakori desceu. Não tem rede, não tem lugar nenhum, não tem nada. Deixar assim mesmo. É Deus né. Aí cariú viu.

-[segue origem dos animais domésticos de novo, adiciona que “pra nós também”, virou porco, virou anta, virou tudo. Tudo era de Tamakori]

R.: E me diga uma coisa Aro, e *don*, como foi que apareceu *don* [peixe].

A.: *Don*?. Casca de pau primeiro, caroço de seringa. Aí Tamakori botou na beira do lago assim, tem lago grande ... Tem um pau de seringa. Aí quando caiu fruta, peixe né. Aí peixe só caindo, quando cai virou peixe, quando cai ... quando aquele casca dele, quando ele vai pra água, pirarucu. A casca do pau mesmo. Aí viu de novo, quando caiu de novo, o galho dele, aquele tambaqui, tambaqui. Aí o bicho comeu gente, *tɔkɔna* mesmo, cortaram cabeça assim ... deixaram cabeça todinha assim. Aí Tamakori chegar, ele fez o pau

assim ... cabeça de gente caiu tudinho, aí virou tambaqui [misturou com o **Mito 28**, o mito sobre origem mais geral de peixe, **Mito 27**].

R.: Virou tambaqui. Nukunana também?

A.: *Nukunana* não. *Nukunana* casca de pau assim, assim ... caroço de seringa. Porque peixe gosta mesmo de seringa, né. Quando entra lá assim, peixe come. É, virou folha dele mesmo mas não é outra coisa não. Só seringa mesmo.

R.: Só seringa.

A.: Só seringa Tamakori botou bem na beira do lago o pé. Quando caiu fruta, quando caiu, virou peixe. Aí quando vim de novo, caiu peixe ... a folha tudinho aquele piaba ... quando caiu toda folha de seringa, virou tudo piaba, piau, pacu, piranha ... tudo. Matrinchã, tem aquele *djaikom* ... virou tudo. Só casca de pau quando caiu. Primeiro Tamakori, é.

- [Rosário pergunta sobre a primeira caça. Esta era gente, agora gente é gente e a caça já virou caça, mas era gente também].

A.: (...) olha meu veado ... primeiro mundo que cariú matava veado. Era pampia né. Aí cariú comer, come logo pampia. Aí cariú amarra mesmo corda no veado mesmo assim. Já tá falando ainda veado. Já tudo falava. Aí, aí cariú tem medo. Quando ele atirar, ele primeiro, espera aí pampia, você não vai atirar agora não. É Tamakori, aquele é Tamakori, não é veado não. Aí, cariú atirou, morreu, aí cariú chegou lá, chegou lá atrás dele ... Não amarra ainda não pampia. Não tá morto ainda não, morto mas ainda tá falando ainda. É Tamakori.. Aí cariú amarrar a perna ... Carrega pampia? Cariú botar assim no ombro e carrega. Quando chega lá em casa, até a mulher vir ... A mulher reparando, ah, veado. Meu marido matou. Aí quando o homem arrear lá na cozinha pra tirar o couro, ele diz, não arreja ainda não pampia. Aí a mulher tem medo. Mulher correr lá, pra casa do pai dele. Aí ele jogou, aí ele jogou. Aí ele bebeu água, amola a faca, vai tirar couro ... Não tira couro não pampia, espera aí. Agora você tirar meu couro. Aí cariú tirou couro tudinho. Ele tirou quatro, ele virou de banda, ele demorou assim, o banda de veado tá chorando ainda. É Tamakori ... Aí botar na panela, ferver e comer. Num come ainda não pampia. Cozido mesmo e falando. Assim mesmo ele comer, tá com fome né. Ele comer, comer e pronto. Aí deitou na rede, se abalanchando, se balançando, aí, não sai pampia. Cariú disse, não sai agora

não. Aí pensava que ele já tava [ininteligível]. Aí cariú só balançando, balançando ... Não sai pampia? Não sai agora não. Aí cariú ficou com raiva, sai. Aí ele pegou [ininteligível]. Aí estirou a banda, tudinho, o couro, aí Tamakori foi embora. Aí virou tudo veado. Foi cariú que virou. Quando ele tava na barriga, caiu na barriga de cariú, o veado virou tudinho. Agora Tamakori foi embora. Era assim, primeiro mundo [Mito 29].

- [voltam a falar da primeira mulher e do primeiro homem. Tamakori fez um V para fazer a sua vagina; ele usou paxiúba para o novo pênis (de Kirak). A criança não era resultado de sexo, mas colocada diretamente por Tamakori. Este não gosta de sexo e quem começou a atividade sexual foi Kirak, aqui também com o nome de Djo'ó. No episódio o último perdeu o pombo que Tamakori jogou fora e virou o peixe *hidju*, um peixe pequeno, e, parece que falou de outro nome de peixe também].

A.: (...) Tirar esse aqui, costela nossa, acabar mulher pro irmão dele. Ele tira do Kirak mesmo ...

R.: Tira do Kirak?

A.: É. Kirak, agora eu vou tirar isso aqui, costela dele ele tirou. Ele tirou, virou mulher do irmão dele. Kirak agora não tem mais costela, nossa gente não tem mais costela, ficou aqui mesmo (...)

- [esclarece-se que Tamakori tem muitos filhos, como São Sebastião, anjo, José, mas que tem nome Kanamari também. Eles chamam assim agora porque cariú chama Tamakori de Deus. Tem nomes como Djo'ó, Numaiki, Mailin. Só tem menino. Kirak, por outro lado, só tem menina, como Kiama, Djahá. Os filhos chamam as filhas do outro de irmã (*mion*), e, vice-versa, irmão (*ya*). Tamakori botou o nome em tudo, inclusive banana. Esta ele fez da banana selvagem]

- [Tamakori fez os *Djapa*, as unidades principais antigas Kanamari, também. Kulina não é Djapa, mas Kaxinawá é].

A.: Aquele Kaxinawá Tamakori botar ele, que Deus ... pera aí, ele disse pro urubu. Mataram irmão dele, Kirak. Urubu matou foi Kirak. Aí urubu comeu tudinho irmão dele. Aí tiraram o osso, tiraram tudinho, esse unha, Tamakori danado, né. Tiraram cabelo, tiraram tudo esse osso tudinho, aí Tamakori fazer de novo o irmão dele. Aí ele chama tudinho e só osso, urubu

já comeu tudo. Aí pronto, Depois ele esperar ... esperar toda gente, tudinho osso do irmão dele. Tamakori juntou tudinho osso dele. Aí Tamakori esperar, esperar até virou irmão dele de novo gente. Aí ele chamar pro irmão dele. Kirak, urubu já comeu você, Kirak. Quem botar você de novo gente foi eu. Nada, Tamakori, eu tava dormindo, Tamakori. Ah, Kirak danado disse pra Tamakori. Aí, Tamakori disse, não. Você não é homem, você já morreu. Quem tava dormindo foi eu [alguma fala em Kanamari]. Aí Tamakori virou anta, virou foi anta, caiu dois morto na água. Aí urubu viu ... tem preguiça, *mawin* morto, urubu não quer comer. Tudo bicho comer tudo. Isso aí Tamakori que botou tudo isso aí, mas urubu não quer comer nada. Aí dois anta que morreu lá no meio do caminho do urubu. Aí urubu foi pra lá ele, aí urubu começou assim. Vamos comer esse anta? Aí urubu comeu esse olho, esse olho, aí outro também comeu o outro olho de anta. Aí disse, Tamakori, Kirak já tá morto já. Virou anta. Aí Tamakori morreu aqui, Kirak morreu mesmo assim ... Bem antes [ininteligível]. Aí ele comeu o outro. Aí quando chegar na casa do urubu, aí o outro urubu saber. Quem mandou vocês comerem carne boa ... tá fedendo, tá fedendo? Foi lá no meio do caminho que tem dois anta morto. Vambora pra lá, vamos. Depois de amanhã não morreu ninguém ... [ininteligível] anta, vambora. Aí urubu vai tudinho comer anta. Quando chegar lá comeram anta. Terminar essa aqui, terminar aquela. Urubu, tá terminando. Depois de terminar de comer anta, aí Tamakori já vim [faz sons]. Aí urubu tudo como falei. Aí morreram tudo urubu. Aí só ficou urubu-rei. Aí Tamakori vai dizer, Djaha [ininteligível] vai soprar a vida desse urubu-rei. Aí Tamakori vai soprar tudinho aí ficou bom. Aí ficou bom. Quando ficou bom, quando urubu fedesse tudinho, aí ele botou Djapa, Kaxinawá. Aquele Djapa, aquele itapuru. Que fedesse tudo urubu, aí virou itapuru tudinho. Ele botar com ele Kaxinawá.

R.: Sim. E depois.

A.: Aí virou tudo.

R.: Aí virou tudo.

A.: Aí virou tudo, aí apareceu Kaxinawá. Esse aí itapuru, aí virou tudo pessoal ... Kaxinawá. Aí Tamakori fazer esse urubu quando fedesse tudinho, até de manhã, pronto. Aí virou Kaxinawá, Djapa.

R.: Djapa.

A.: É. Era assim, primeiro mundo que Tamakori fazer, aí virou muito Kaxi-

nawá. Aquele lagarta, lagarta Kaxinawá. Quando urubu fedesse tudinho, não tem aquele, quando tem carne podre, não tem aquele lagarto que tem assim, em volta do podre, né.

R.: Hum, hum.

A.: Tudo, aí Tamakori fazer, agora esse aqui, esses tapuru vai virar Kaxinawá. Aí Tamakori rezar tudinho, quando mais dia Tamakori vim, aí muito Kaxinawá [faz som, **Mito 30**]. (...).

- [segue sobre Djapa. Todos os Kanamari são do mesmo caroço de jaci. Os outros de outro caroço; “Kaxinawá de outro bicho”, aquele lagarta do urubu, quando urubu apodreceu tudo. Porisso que não sabe falar com eles]

- [o peito de mulher, parece que foi feito de mamão, uma variante rosada]

- [Tamakori baixou o rio, depois de botar todo mundo. Botou Manaus também, baixou com irmão e toda família num navio grande. Não sabe se ficou aí, ou se ficou em São Paulo, mas quem fazia tudo era ele. Ele ainda fez uma rede grande, pegou um navio e o afundou com ferro, mas não morreu ninguém. Tamakori levou a gente dele ao céu]

- [repete que Tamakori fez o rio, abrindo caminho, botando água depois. Os nomes dos rios são dele: Jutai é *tsakia*, Juruá é *wiunim*, agora Solimonha é Solimonha mesmo. Não tinha água e senão fosse isso morrer-se-ia de sede. Tamakori disse que não vai vazar mais, vai virando, vai virando, quando acabar virando de novo tem água de novo. No inverno vem água grande de novo]

- [depois contou uma versão do mito da escuridão. Tamakori, lá em cima da árvore tirou a fruta *adjoro*, que virou cujubim. Tirou casca de novo, virou jacu, e mais uma vez, virou macaco. Aí clarea. Depois de comer Kirak em forma de jacaré e ovo, Tamakori manda Kirak matar e comer veado, o que faz. Temperou e comeu, mas parece que não gostou, e de qualquer modo, não come tudo. Diz que não vai mais comer Tamakori, que logo vem aí e diz que (...)”tá vendo já, você não comer pra mim não. Eu já comi tudinho você. Tamakori ninguém come não, tem muita carne.”]

R.: E quando gente morria naquele primeiro mundo, como é que enterrava?

A.: Tamakori dizer pro irmão dele ... a gente de Tamakori morreu, ele enterrar, vai embora, não tem terra não, foi embora. Aí no outro dia, o filho de Tamakori chegou, rapaz novinho. Porque Tamakori não chorava. É. Aí

morreu de novo, Tamakori enterrar, curumim desse tamanho. Aí chegou de novo, não tem terra não, foi embora [isto é, saiu da terra]. Quando o pai dele reza pra ele, ele já tá chegando de novo, é. O filho de Kirak morreu, cunhatã. Kirak chorou muito. Ah, Kirak, agora ele agora não vem mais não, nem nunca vem mais. Olha, o nosso pessoa é assim mesmo, agora não vem ninguém mais. Pra que você chorou Kirak? Kirak chorou muito quando morreu filho dele aí pronto. Não vem mais não. Vai pra lá mesmo. Caboco é assim, quando nós morrer, não volta mais, porque Kirak chorou muito. Aqui também nós também chora quando nós morre, nós também chora, é gente do Kirak que tá ...

R.: Mas Tamakori não chorava?

A.: Não chorava não.

R.: Aí ele voltava?

A.: Aí voltava. Aí dizia pro irmão dele, você também não chora não. Quando seu filho morrer, você não chorar não. Só enterrar, aí esperar, aí chegar de novo” [Mito 31].

Comentários

Reproduzir grande parte desta entrevista pretende dar uma oportunidade mais ampla ao leitor para conhecer mais de perto o modo de transmissão, o tipo de evento e o tipo de informação que surgem no relatar do mito. Além disto, novas informações e novos mitos se apresentam aqui. Toda vez que um novo mito, ou fragmento deste, aparece pela primeira vez no relato de algum narrador, este é reproduzido numa forma completa do registro. Como se pode verificar, até agora o registro cronológico desta série foi do primeiro mito até o de número 31. A primeira ocorrência registrada, obviamente, nem sempre é a mais interessante ou a mais bem elaborado, embora, como já observamos, que se deva observar parte importante do acervo somente é representado por uma versão do mito. Adotei o procedimento de ou dar a nova versão da forma mais completa possível, quando assim a sua relevância o requer, ou de fornecer somente detalhes adicionais novos ou arranjos diferentes dos registros anteriores. Um exemplo do segundo caso é o do mito sobre a origem da escuridão reproduzido da fita,

e que se limita a poucas linhas mas fornece detalhes interessantes sobre os animais criados, para, como fica claro, anunciar as horas logo antes do amanhecer. O mesmo se deu com as informações sobre a criação da gente humana.

No caso de um informante, Podak, sua única contribuição se restringiu a uma rápida referência deste mito, aliás, a primeira depois de retornar novamente à aldeia, depois de descer o rio. Segundo ele, seu pai contava as histórias, mas este morreu cedo, e depois ouvia Ameron contando de noite. De novidade, ele acrescentou só que o caroço de poro tem o tamanho de uns 20 cm., é marrom e comprido, e a palmeira cresce mais no Juruá do que no Jutai, tanto na beira do rio como no mato, dando fruta no inverno (outubro). Para os Kulina, a sua fruta de origem é de uns 10 cm., e dá esta fruta no verão, sendo de cor clara. A segunda doi, não se come, mas a primeira é comestível. Apesar de ser um dos homens mais velhos, Podak nunca foi incluído pelos informantes como um dos melhores conhecedores da mitologia, nem mostrou o possível conhecimento que tivesse.

Algumas características das gravações

Para melhor entendimento das gravações, todas transcritas, o seguinte quadro (no. 6, v. pg. seguinte) elenca as fitas com mitos, omitindo quase todas as outras gravações (como cantos de rituais). Observa-se que a primeira gravação inclui o maior número de referências, mesmo passageiras, a mitos. Nota-se, também, que as melhores gravações só aconteceram na parte final do segundo período de campo, particularmente em outubro, já próximo ao fim desse tempo. As últimas três resultaram, como mencionado, da visita posterior e foram gravadas em Kanamari. Pouco antes de conseguir a segunda gravação, o clima da aldeia permanecia ligado à festa de tomar rami. Já me referi ao fato que alguns índios gostavam especialmente destas visões, como Djo'ó, que não deixava passar uma oportunidade de tomá-lo. Kurau tomava somente de vez em quando e não fazia muita questão. Apesar de ter sido um dos animadores da festa, Djo'ó nunca me respondeu com um mito de origem dela quando perguntado.

No.	Data	Narrador	Mitos
6	04/07/84	Aro	Mito 3-7-3-23-9-24-2-18-23-27-28-29-2-24-11-8-14-8-30-2-22-9-15-18-31.
3	24/07/84	Deon (c. Tsabaro)	Mito 33-35-33-36-37-29-36-38-36-8-39.
3	27/07/84	Kurau	Mito 22-40-14-3-13-3-5-15.
4	27/07/84	Kurau (cont. 3)	Mito 15-2-41.
4	29/07/84	Djo'o (c. outros)	Mito 8-3-18-42-3-10-40-14-4-3.
4	02/08/84	Waro	Mito 2-8-13-14-26.
5	04/08/84	Daura	Informações sobre xamanismo e canto ritual Kohana.
7	17/09/84	Djo'o (c. Awín)	Mito 47-48.
7	24/09/84	Djo'o	Mito 41-0.
8	10/10/84	Kurau	Mito poucas referências, fita funcionou mal.
13	10/10/84	Kurau	Mito 15-4-40-12-11-24-26-13-11.
7	15/10/84	Djo'o (c. Tewin)	Mito 1-9-23-5-26.
8	15/10/84	Djo'o (cont. 7)	Mito 26-34-14-13-58-33-7-23-7.
9	25/10/84	Kurau	Mito 43-5-17-18-17-59.
10	25/10/84	Kurau (cont. 9)	Mito 59-28-60-21.
10	26/10/84	Kurau	Mito 55.
11	26/10/84	Kurau (cont. 10)	Mito 61-46-2-0-57-62-42-63.
12	27/10/84	Pairo	Mito 64-47-65-63.
14	21/03/88	Muyawan	Mito 11-25-13.
14	09/04/88	Muyawan	Mito 0-21-68.
17	10/10/88	Kurau	Mito 0-67-49-41-2-40-3-8-1-8.

Quadro 5. Elenco de fitas gravadas e seu conteúdo.

O informante

O único que me contou uma única versão foi um outro aficionado, Kaioma. Este era filho do tuxaua de Nauá, um homem de muito conhecimento, mas, conquanto reconhecido como trabalhador, parece que não tinha aprendido muito com o pai e tinha alguns problemas na sua vida (como vontade de casar, mas sendo instável no casamento). Procurei-o para conversar sobre o rami, quando falou que sabia o que outro marinawa – aquele que sabe fazer e faz o rami – não sabia.

Mito

Mito 32 (1) K.: (“) Um Kaxinawá está no mato, no primeiro mundo, quando escuta assobiar. É o *waribo* chamando (2). Ele diz para o índio como tirar,

fazer, cozinhar, ferver, e tomar de noite [o rami]. O índio tira três pedaços, bate e junta *tsakorona* [a folha] na panela. Canta muito de noite. Outro dia, vai de novo, mas *waribo* “já se mudou pra outra terra, outro canto, terra alta”. É um Kaxinawá, que “tem pena de arara e nós chama de Djapa”. O *waribo* diz que “aqui eu não saio mais”. Só há um pé lá, e muito *tsakorona* em volta, o pé de rami no meio. Outra banda rami, só rami. Kaxinawá bebe todo dia. *Waribo* manda rami com ele, “pau qualidade, conhecer todo”. *Waribo* mandou dois caroços para plantar, “eu já mandei dois caroço pra plantar. Planta no terreiro não, [mas] aonde tem samaúma, *tsakorona* gosta de lá”. “Não sei plantar. É só plantar mesmo, nascer logo”. *Waribo* perguntou: “tá bom? Tá. Quando grande, bebe”. Duas luas passaram e tá com vontade de beber *tsakorona*. Já está grande. O *waribo* tinha dito de, primeiro, deixar cair o semente no chão. O rami ele levou em pedaçinhos pequenos e fez três carreiras com estes (3). Nascer logo porque *waribo* reza, é rezador. De noite pro dia já nasce e mais um dia já tá grande (4). O índio vai de novo. Que tal *waribo*? Rami já tá grande, já caiu caroço maduro? Aí ele foi lá, tirou folha de *tsakorona*, é a folha, não quebra o pau. Não tira mais do lugar do *waribo*, mandou para plantar, o dele é difícil de tirar. *Waribo* pede depois dois aquidá [alguidar], parece com coco, feito de barro, e pede encher de urucu, *padja horok*. O Kaxinawá leva e *waribo* diz que pode deixar aí. O índio se esconde para ver, pra espiar, reparando. *Waribo* abre a casa dele, [de tamanho maior de 1 metro] e sai. Ele experimenta com dedo, pensa que é veneno, bota na boca e prova. Passa listas no braço, e volta a entrar no buraco dele de novo. O Kaxinawá volta para casa e conversa com os outros. “*waribo* gente, abriu a porta dele, pau grande. Primeiro mundo, Tamakori deixar né”. *Waribo* é rami, *tsakorona* são duas mulheres, morando no pau. Passam anos e o índio mora na terra dele, não vê mais o *waribo*. Aí o *waribo* aparecer, o marinawa o vê. “Que tal? Tá bom. Eu vou embora, agora eu em todo canto. Quando mulher doente, você pede pra mim” (5). Rami, *tsakorona*, *waribo* espalhou tudo, todo canto tem rami. Naquele lugar aonde estava, já saiu todinho. Aquele que foi plantado tava mais não também, é dele né. Só depois de procurar muito acha um tipo de *tsakorona* de novo. “Deixa só qualidade *tsakarona*, nós chama *kawam*”(6). A árvore também sumiu, só deixa pau, menor, e *waribo* não aparece mais não. Agora tudo espalhado já.

- (1) A anotação ficou prejudicada pelo seu modo de falar pouco claro e porque não domina bem o português; houve uma vaga alusão a que na procura teria passado e achado rami em outra aldeia, prova da passagem de *waribo*.
- (2) Este mora numa grande árvore e é o dono de rami.
- (3) Indica uns 2 cm. para cada pedaço.
- (4) Diâmetro de 1 cm. até 3 cm.
- (5) Para tirar doença do corpo.
- (6) Os Kanamari distinguem variantes de rami e de *tsakorona*, mas as informações obtidas demonstram que não há unanimidade sobre esta classificação, mesmo entre os feitores da bebida.

Os informantes

Antes de se chegar à segunda gravação, somente há uma observação de Daura, xamã, que proclama que no primeiro mundo não havia o problema de ataques xamanísticos e que se dividia o peixe entre todos. Daura é um homem de respeito, pela sua atuação como xamã, casado, e com filhos com a irmã do tuxaua de Caraná (dois dos filhos já em idade de casar), e se preocupava mais com sua atividade de xamã do que com outras atividades sociais – dizia não conhecer outros rituais a não ser aquele de importância xamânica –, além de ser muito trabalhador. Por parte do pai era descendente de Tukano e diferente dos imigrantes que vieram do Juruá. Por seu interesse diferente e suas constantes ocupações figura pouco na lista das contribuições, exceto pelo relato que vai ser reproduzido depois. Logo antes da gravação, ainda perguntamos algo a Dahiwa, homem jovem, filho de Pairo, de quem disse ter ouvido as histórias. Aqui sua participação provocou comentários rápidos de Djo’o, seguindo o padrão de ceder a palavra aos homens reputados conhecedores (ele comentou que uma Ritinha fez uma série de animais, o que o será narrado no **Mito 33**). Com isto deu-se seqüência à aproximação com esta informação, mas a gravação logo em seguida foi feita com Deon. Como outras pessoas estavam presentes, algumas fizeram

observações casuais, e Tsabaro (irmão mais novo de Aro, homem muito ativo) não se conseguia conter.

Mito

A conversa, mais uma vez, deu-se de noite, enquanto outros cantavam no terreiro e ainda tocava, excepcionalmente, um toca-discos na casa do vizinho. Ao lado desta animação, ficamos em casa para a gravação.

Deon e Tsabaro : “Primeiro mundo.

Edwin : Primeira vez que vai brocar?

D. : Foi. Primeiro mundo ele brocar roçado. Roçado não, lago. Lago grande [T. repete]

Rosário : Lago grande.

T.: Grande mesmo, como ... grande mesmo. *Paiko* Tamakana.

D.: O nome dele.

E.: Como é o nome dele?

D.+T.: *Paiko*. Tamakana, nome dele.

R.: Como é que ele brocava primeiro, antes do *tsamahin* [algodão]?

D.: Brocar com terçado, botar aqui, botar no canela pau com terçado, cortou com terçado, depois o ... neta dele ele vem, neta dele. *Paiko*, tu não vai cortar *tihpi* [ininteligível] não? Não acostumado [T.: acostumado, cortou pau aqui]. Vê aqui, força pau, bota aqui, cortou.

R.: Botar na canela?

D.: Botar no canela.

R.: Cortou canela?

D.+T.: Cortou não. T.: Só cortou só pau. D.: Só cortar pau mesmo. Forçar de novo, cortar de novo.

T.: Depois ele foi lá com, *tsamahin*. Todinho.

R.: Como é o nome?

D.+T.: *Paiko* Tamakana [rep.].

D.: Quando roçar assim mesmo, tocar fogo *bauhnim* [roça]. Ba ... lago foi lago Tamakana. Aí primeiro tudo assim. Tava bem no meio. Ele ...[alguém fala]. Ele trazer taroba, fazer *homom* [rede], neta dele. Tama deixa waro [ininteligível ref.][T. tem muito mesmo. Mulher de Tsabaro, Wahpain: tem muito menino]. Tem muito menino. Eh, *paiko*, tu não vai, tu não vai tocar fogo esse roçado não? [T. quando bem no meio da roçada dele ele tocar fogo] [vários falam].

W.: *Potso*, Rosa.

T.: Nós chama *potso*.

D.: Aquele ...[conferem]

D.: *Potso*, vira *potso*. Aquele sapo [erra, fala Kanamari], japu. Vira japu [todos].

R.: Quem virar?

D.: Neta dele, curumim.

T.: *Upatsim* [criança]. Virar mesmo com ... japu. Nós chamar *potso*.

D.: Aí neta dele, todo vira japu [T.rep.].

D.: *Paiko*, nós tem medo pra [T. tocar fogo no roçado] queimar, nós tem medo agora, deixa nós vai embora. Não, tu vai aí mesmo, não vai queimar não. Eu vou rezar. Rezar, depois você vai virar *potso*. Virar *potso*, virar *tozhnim* [garça; T. virar *tozhnim*, virar *kihpi*, um quelônio]. Primeiro *kihpi* vai, avoar *kihpi* ... *kihpi* cantar como ululuk [T. canta]. Teu canto muito bem *kihpi*. Vai outro de novo, vai. Pode vai, jukaí [T. jukaí], aí *kihpi*, outro vai [T. jukaí quebra todinho, vira *kihpi*]. Quebrar todo.

R.: Quebrar o que?

D.: *Kihpi*. Primeiro avoar, aí outro vai ubuhtsum, tá muito bom deixa ele mesmo. Aí outro vai [T. assim aquele *panim am paiko am* (algo como rápido *paiko*)]. Aí, outro vai, carnado, primeiro preto [T. *potso pzhnim*, japu avermelhado], depois encarnado. Aí *kihpi* dizer pra vovô dele. Vovô, eu, onde eu morar? Ah, tu vai morar na beira do lago, *kihpi*. Tu vai, rezar, rezar aí vira *kihpi*, pode ir na beira do lago [T. aí ele foi embora, *kihpi*, vira *kihpi*]. *Kihpi*, matá-matá. Matá-matá depois, ele muito feia, ele quebrar muito primeiro mundo. Machucar tudo, *kihpi* [T. casca dele, mas, tudo feio demais][D. ri, *baktz*, *kihpi* (ruim, feio)]. Depois, agora, *kihpi*, *baktz*, a gente olha, muito feia. Assim, tem muito machucado.

E.: A casca dele?

D.: Casca dele [T.: tudo casca]. Tudo cascada [T. machucada]. Machucada. Tamakana dizer pra ele, tu vai virar *kihpi*, não vai morrer não. Na beira do lago, *paiko* que, eu comer também, tu vai espiar peixe. Aí, bem peixe, ... almoçar, pra ele não morrer [T. ele pegar peixe também]. Ah, *paiko*, eu vou [T. ele pega *numunya* (peixe) também]. Pega tudo, peixe [E. ah é?; T. é pega]. Pega [rep. filho (peixe pequeno)]. *Numunya* ele pega [T. ele pega tudo]. Aí, Tamakori, ... Tamakana foi em casa. Eh, papai cadê minha filha, já, não chega, passa hora. Ah minha filha, ah ... que gente já tá, vira *potso*. Aí, mulher, cunhatã dele chora muito. Tamakana porque você fazer lago grande? *Wapɔditso* [para comer, mas pouco inteligível], foi só pra plantar roça. Não, deixa assim mesmo. Não tem peixe, primeiro mundo não tem peixe não. Só *kihpi*.

R.: Só *kihpi*.

D.: Só *kihpi*. Lago não tem *kadjo* [jacaré], não tem *tokpɔ* [enguia], não tem nada. Só lago. Só *kihpi* [T. não tem *kadjohnonim* (jacaré-açu)]. Não tem piranha, não tem jacaré, não tem nada. Tá, tudo liso [Mito 34]

- [segue alguma confusão, T. aí começar *piɔda*].

D.: *Piɔda*.

T.: Muito cantar muito, cantar muito [rep.]. Aí *piɔda* comer tudo *tɔkɔna*. Matar todinho [D. *tɔkɔna*]. *tɔkɔna*.. Primeiro mundo. Ah, aí matar tudo, aí *konohmam* dizer *haitɔ tɔkɔna anim* [aonde está gente]? [D. diz algo]. *Konohmam*. Cairara.

D.: Cairara.

T.: Irara.

D.: Irara [rep., riem]. Irara dizer para caboclo, ah, caboclo quase terminar. Não tem ... Já terminar, tá acabando.

T.: Aí correr todinho pra cá.

R.: Para onde?

T.: Para casa.

R.: Pra casa.

D.: *Piɔda* comer muito gente, primeiro mundo [T. *tɔkɔna*]. Aí correr todinho [T. vamos embora]. Depois *konohmam* dizer pra gente, ah tem muito

onça, não tem gente mais não, konohmam dizer pra ele [T. comer tudinho]. Correr todinho [T. foi embora]. Foi embora.

T.: Aí *piɜda* ficar [Mito 35].

- [pedem-se esclarecimentos ao mito anterior. Fica claro que a derruba do mato deixou um lago. O algodão era desenrolado e servia para ser puxado, o que derrubava o pau. Na beira do novo grande lago botou capim e pau. Na verdade Tamakana seria Tamakori].

D.: Parece que Tamakori mesmo. Quando não tem peixe, sem nada, ele botar peixe. Pescado, o ..., surubim ... primeiro mundo não tem peixe [atrás Tewin fala]. Aquele *piɜdahdom* [surubim].

T.: Aí fazer Wainha [Ritinha].

D.: Depois cunhatã dele fazer. Fazer *kanaron* [rep.].

R.: Neta dele tem nome?

D.: Tem nome. Ele fazer com ... genipapo.

T.: Aquele *piɜdahdom*.

D.: *Piɜdahdom* [fala Kanamari]. Kaparari.

R.: Quer dizer que primeiro mundo não tem peixe.

D.: Não tem peixe, todo mundo não tem peixe.

R.: Só tinha o que?

D.: Só tem, só tem água mesmo. Só água [Mito 36].

- [caça só tinha *kihpi*, depois tinha mas era tudo gente].

D.: Quando gente, cariú mata primeiro mundo *bahtsi* [veado], *kaina* [guariba] também. Quando *kaina* tá cantando por cima do pau, mas bem baixinho, canta muito, *kaina*. Fazer festa [fala palavra Kanamari][T. tá dançando]. Tá dançando. Aí cara vai, com pingarda, atira bem perto, *pɜɜɜ*, quebrar braço bem aqui. Aiaiaiai, compadre Margarida, quebrar meu braço. Aí, aí Manual Inaço, Manuel Inato. Já vem descer, trazer espingarda também, pra matar gente atrás [T. atrás dele, Margarida baleado]. Baleado quebrar braço. Quebrar braço aqui. Aí, Manuel Inato vem descer também, o quero matar ladrão também, cadê? [T. ele atrás, homem já foi, até no patrão também]. Ele

já foi. Tem patrão dele [T. patrão]. Deu [ininteligível]. Papai Tamakori, eu já matar *kaina*, eu não tem nada. Eu quero almoçar, comer, pra matar *kaina*. Danadinho pra matar guariba. Depois guariba vem também, já vem, vem, já vem aqui, já vem perto. Eu vou correr pro mato. Ah, aí Manuel Inato vai [T. chegar lá]. Chegar em casa. Ah, isso, ladrão não passa por aqui não? [T. não]. Eu não sei, eu não passa aqui não, parece pro lá mesmo, eu quero matar também. Nós fazer brincadeira, fazer festa, dançar [T. dançar]. Animado, depois ó, o cara vai matar minha mulher, quebrar o braço dele [T. aí passar um remédio para ele].

R.: Quem era o patrão?

D.: Parece que Deus mesmo. Deus, Deus mesmo. *Pama* Tamakori, patrão. Tamakori dá remédio pra ele, pra ... Manuel Inato, aviação, ... levar na, levar toda aviação [T. levar toda aviação pra Margarida]. Dá pra, toda aviação pra Margarida.

R.: E quem baleia Margarida?

D.: Eu não sei o nome dele não [T. não sei]. Cariú, primeiro mundo [T. matar o Margarida, quebrar o braço dele]. Matar o Margarida.

R.: E Margarida também era cariú?

D+T.: *Kaina*.

R.: *Kaina* [T. não é cariú não].

D.: Guariba [T. primeiro guariba]. Primeiro [T. mas gente]. Mas fala bem como gente [T. ele tocar]. Tocar com pandeiro. Iiuh iih [os dois]. Assim cantar. Com sanfona dele [T. sanfona; falam, D. ri]. Aí todo mundo cantar assim, ii, e aí brincar com brincadeira, aí ... homem vai [T. Margarida dançar]. Mata bem, quase que [T. no galho do pau], tee [tiro]. Quebrar bem aqui. Ah, aí quebrar meu braço, aí Manuel Inato, quem atirar eu, homem dele, homem tá descer, descendo trazer gente também [T. tá descendo já]. Descer logo, botar bala, aí atrás homem [T. quase matar ele, ri, primeiro Margarida dançar]. [vários falam em Kanamari]. [Mito 37]

- [continuou logo com a história do veado. O cariú encontra o veado na estrada de cortar seringa e conversam: pra onde vai pampia? Eu vou cortar pampia. Pode cortar pampia. Outro dia é a mesma coisa e mais um dia ele atira e mata. É um veado mas fala como gente. O veado continua falando:

leva eu pampia; não tira couro, coma fígado primeiro. O que fez e assustada a mulher já vai fugir quando come mais e dentro da barriga o veado quer sair e o homem diz para não sair. Não pampia, eu também tá com fome, *wapam* [fome], eu quero sair pra comer também. Peraí eu vou cagar primeiro, tu vai sair. Não, eu vou quebrar teu bucho pampia. Não pampia. Saiu do homem e o matou, virou veado vermelho, veado preto. Decidem pelo variante que em Kanamari se chama 'preto'. A mulher vai para a casa de Tamakori e conta o acontecido. O pessoal está tudo com medo e não mata nenhuma caça. Tudo era gente. Até que, depois, Tamakori já rezou e diz que não vai fazer assim mais não, pode matar todo bicho].

- [Aí lembra que peixe também era assim. Conta que um homem tentava pegar piranha, mas que soltava e o peixe foi embora. Desistiu. Foi se queixar com patrão, Tamakori, na casa destel].

D.: Aí Tamakori achar graça, pode pegar de novo, agora ... não vai gritar mais não. Outro dia vai pegar de novo. Só assim, não vai gritar mais não. Não vai gritar mais não. Só assim, ... ele grita mesmo assim, tudo ... gente até aqui.

T.: [fala Kanamari], nós cozinhar, só assado mesmo.

D.: Só assado [ri].

T.: Quando a gente cozinhando com, com água, só vira pedra [outro ri].

R.: Só assar.

D.: Só assar, assado mais bom. Primeiro mundo. Ele buscar água, ele ferver, quando ferver carne, peixe, já tá tudo virado. Pedra.

R.: Já tá tudo o que?

D.: Vira pedra [T. pedra na panela]. Quando a gente cozinha peixe, vira só pedra. Aí, Tamakori, vai, ... Tamakori dizer pra ele. Tamakori, quando eu pegar peixe, mulher tratar bem, botar na panela, ele vira pedra. Ah, Tamakori achou graça, ah [T. todo dia assim]. Vira pedra [Outro. não deixou mais não; T. Tamakori não deixou mais não]. Tamakori não deixou mais não [T. rep.]. *Pama* Tamakori, tudo, primeiro mundo só assim mesmo ... *Hai, hai pawʒrʒ* [carne de *pawʒrʒ*] também, *pawʒrʒ. Pawʒrʒ. Pawʒrʒ. Pawʒrʒ*, só, só afundando, fundo mesmo, aí pescado tava fora [T. tudo boiado]. Tudo boiado pescado, tudo boiado. Não tem pedra, aí [pediu arawana]. Pedir arawana. Companheiro [T. deixe eu lá em baixo também. Não]. Não. Não eu não [T. não depois eu descer também]. Eu dou logo, eu dou logo. Eu só tá em baixo,

eu já [T. lá em baixo também, tudo fora. Tomar pedra do, do arawana. Aí pescado tomar]. Arawana deu pra pescada, pescada afundou.

R.: Afundou.

D.: Afundou, aruana esperar muito, sopili [ininteligível; aruana deve ser aruaná] [T. agora aruana tudo lá em baixo d'água já] Aruana querer buscar também lá dentro, ele, boia logo. Aruana querer tomar a pedra dele [T. mas boia logo]. Mas boia logo [T. não vai mais não]. Por cima d'água [T. não vai mais fundo não].

-[a conversa continua sobre a falta de peixe. Não tem para comer e vão falar com Tamakori que somente se come farinha].

D.: (...) Nem carne, não tem peixe [T. só aquele mesmo]. Nós pescar muito, não tem nem um peixe [T. nem não pesca nada]. Aí Tamakori leva um caroço, um caroço de farinha, pra botar peixe, botar na beira do rio assim. Tem muito piaba, piranha, madim, madim mole. Tudo, mamori [T. aí tem peixe, tudo ele botar]. Aí tem peixe [T. outro dia pescar, aquele priki (?) dele pegar muito peixe].

R.: Aí aparecer peixe.

D.: É, parecer peixe. Fazer tarrafa. Tem peixe. Ele arruou, ele arruou [T. fala em Kanamari], gente bota pra cima, joga pra cima tarrafa, aquele, querer pegar peixe com tarrafa, aí peixe arruar. Priu, huu correu. Ah depois disse pra Tamakori. Tamakori, nós botar tarrafa, peixe arruar tudo. Arruar tudo, até cai, cair longe. Aí nós botar de novo, arruar de novo, não fica nada [T. quase morre de fome]. Peixe tudo, todo gente. Tudo tem medo pra tarrafa.

R.: E tudo lago.

D.: Tudo lago. Gente, gente querer, querer pegar com tarrafa, ele arruou.

R.: Botava no lago?

D.: É. Tamakori vai chegar, peixe. Saber muito como gente. Gente botar ... querer pegar com tarrafa, ele arruar. Cai mais na frente. Gente bota de novo, cai mais na frente [T. mas não pega nenhum]. Não pega nenhum. ... Aí Tamakori vem de novo. Gen-, agora ... vai tarrafa de novo. Aí vai, ... pode pegar pouco de dia, a gente pega de noite. Mas a gente pega. Aí esse cara vai de dia, pega pouco. Só, pra almoçar [interrupção por outra pessoa]. Aí o cara foi de novo de noite, Tamakori disse pra ele pode tarrafeiar de noite, a gente pega muito peixe, só um lance só. Tem muito peixe.

R.: Só uma lança só.

D.: A gente joga só uma tarrafa, pega muito juruna [T. moçinha], moçinha, bodó, monó [segue discussão de como todo nome de peixe foi colocado por Tamakori].

D.: (...) Brasil branco chama juruna, o, piratapiora, juruna, bodó, traíra ... Nós chama também *djaikom*, papai Tamakori quem bota nome dele, *djaikom*.

R.: Ele bota nome pra branco, bota nome pra caboclo?

D.: É, bota nome pra branco, bota nome pra caboclo [vários lembram nomes]. Ele botar tudo. Ai a gente não falta mais não, tem muito peixe. Mas primeiro mundo com gente cortar, ai, ai, ai, não vai matar pra mim não [Mito 36].

- [seguem várias intervenções sobre como não havia certos animais].

D.: Não, não tem cobra, não tem *mapiri* [a maior cobra]. Ele ... pariu dois menino, mulh... do nosso Senhora. Do Nosso Senhora pariu dois curumim. Pariu primeiro um ... de repente pariu de novo. Dois. Ah, eu não quero dois *upatsim* [crianças] não. Eu vou botar n'água. Ai Tamakori jogar, *wéwé*, jogou, jogou outro *itsaro* [mulher]. Ai mais com pouco, mais com pouco, vira bicho. Vira bicho não, vira gente [T. dentro d'água]. Um vai pra cá ... pra cá gente [outros, sereia]. Manuel [vários falam]. Silia. [fala Kanamari ... *apompia*], irmão dele. *Tɔkɔna* [T. a cabeça gente né]. Seria do mar.

R.: Pra baixo era?

D.: Pra baixo cobra. Pra cá, cabeça gente. Braço gente.

Tewin: Sereia comadre.

R.: Sereia.

D.: Sereia.

Tewin : Aquele que tá furando motor grande, navio. É essa.

R. E um era *pia* [homem], outro *itsaro*?

D.: *Pia*, *itsaro*. *Ubawa* [dois].

T.: Outro *pia*, outro *itsaro*, ele jogar.

R.: Jogou n'água?

T.: Jogou n'água. Tamakori jogou [D. pergunta em Kanamari como se chama o irmão].

Kurau: Nonato.

D.: Honorato.

R.: Honorato.

D.: Anolato.

R.: Hanorato.

D.: *Apia* [filho dele]. Nome dele.

R.: E *itsaro*?

D.: *Itsaro* [pergunta em Kanamari pelo nome]. Mulher dele, irmão dele. Silia.

R.: Uhm.

D.: Irmão deles, ... Analato. Foi Tamakori baixar só, quando chegar em terra, baixar só [T. ele foi embora]. Anolato. Não vai ficar gente não ... só [ininteligível] cobra carne, outra cobra pra forçar *tɔkɔna* [T. *tɔkɔna* quando força mais *tɔkɔna*]. *Tɔkɔna* primeiro mundo só cobra puça. Mulher bater roupa ... na beira do rio. *Kodji* [toma banho]. Aí cobra [T. puxou] puxou. [T. ele foi, Honorato apreender ele, na cadeia]. Honorato aplicado. Advogado Nonato, tem relegio, tem dinheiro ... Mas, ele, morar dentro d'água. Quando chegar em casa, fazer festa, animado, brincadeira, tocar, quando de dia, dois dia ele fazer festa, comprar dois porco.

R.: Honorato.

D.: Honorato, pra engolir [Kurau: pra irmão, pra ele].

R.: Dois, pra irmão e pra ele.

D.: É. Aí tem casa grande, pra ele morar [T. fala Kanamari, tu não vê lá em Manaus]. Primeiro mundo.

R.: Hm, lá em Manaus [alguns falam].

R.: Como é que é Kurau?

K.: Ele não comer carne não.

R.: Quem?

K.: De partida não comer não, aquele inteiro.

R.: Quem não come?

D.: Engoliu só inteiro. Honorato. Não querer banda, ele engoliu com bucho tudo, com bofe, tudo [T. com coisa tudo]. Ele engoliu boi.

R.: Todos dois inteiro?

D.: Todos dois inteiro. Do irmão dele ... Ele engolir boi, capado ... Aí, não quer tirar couro não? Não tirar couro não. Assim não gosta. Eu quero engolir tudo ...[T. como deste tamanho, desta casa]. Aí, aí, pensa, pensar casa dele, casa grande, vira cobra. Cabeça deste tamanho. Apligado foi também, ele aplidado. Bem devagarzinho Brasil, a delegado foi abrir [T. Honorato tá dormindo]. Honorato já dormindo, não abre olho mais não, tá com sono, brincadeira. Ruma grande.

T.: Ruma grande mesmo, não dá não, esta casa não dá não, pra ele.

K.: Reparar ele tá dormindo.

D.: Tamanho do samaúma. Aí delegado, tu pensa de novo, bem devagarzinho abrir. Bem pensa bem, aí foi embora ... Mais dia, mais dia, dois mês. Dois mês, vira gente no porto ... Aí, eu vou sair daqui, eu vou chegar até outra cidade. Tu vai me embora amigo? Eu já me embora. Tu não vai a borda não? Não, eu vou só [T. viajar]. Viajar. Eu vou chegar outro, outro cidade ... Aí demora muito cariú, ele muito bom mesmo. Não vai, não vai aparecer com cobra não, só com gente, tem dinheiro, tem revolve [ininteligível] [T. *baktiham* (bonito)]. Já apligado, já deixe Honorato, Honorato já vem, cariú disse pra ele. Já delegado [K. dança, tocador à vontade; T. dançar, toca]. Beber café [T. beber café, beber café, cachaça, até de manhã]. Não vai virar cobra não, só gente, tem dinheiro, tem revolve, não vai ...

K.: Bonnen, bonnete? [outro, bonnete].

D.: Tem calau [?; T. rep.]. Nós vai fazer festa hoje. Brincadeira, dois dia ... Nós fazer festa, até de manhã, de novo, dois dia. Brincadeira. Até dois dia de manhã, ah eu vou dormir, eu quero comprar bois, capado, eu não quero magro, eu quero só *amitsonim* [gordura]. Aí, dono do boi, dá dois, ele dá pra irmão dele dois. Botar lá no ... casa grande. Depois vai se embora. Eu não quero gente daqui mais não. Pode ir embora tudo. Vai lá pra outra cidade, não anda aqui mais não. Quando tu não vai, brincadeira, mangar nós. Eu vai tirar teu cabeça da gente. Ele guarda, a delegado. Não vai mexer mais não. Homem dorme lá ... Dorme, depois outro delegado vai abrir, o, casa grande. Abrir, vai olhar, não é gente mais não, vira cobra grande. Também cabeça dele. Ah, seu Honorato, ii cobra mesmo. Foi Tamakori, que manda ... ele jogou. Quando de manhã, dois dia, dois mês, dois lua, ele terminou. Não

tem bucho mais não. Bucha bem pequeno. Tomar banho bem de manhãzinha, *tihamtam kodji* [ib.]. *Kodji. Kodjina* [para banho]. Escova bota na boca dele. Escova, aí, aí, ... passear. Rapaz, eu vai viajar hoje. Eu vou lá pra cima. Eu vê cobra grande, aquele danado pra pegar gente, engoleu. Preço [preso].

R.: Engoliu o que?

D.: Engoliu outra cobra. Aquele mais danado pra pegar gente. Outro *mapiri* [cobra grande]. Outro, vai, *mapiri*, eu vou, preso, agora você preso, você mata muita gente. Primeiro você vai engolir pra mim tá. Sim, Honorato, depois outra cobra, engoliu, engoliu, engoliu, Honorato tu chama mais grande. Ah, seu Honorato, não pode não. Depois engolir tudo. Depois engolir tudo não, Honorato, eu não, morre. Aí seu Honorato dizer, saiu da boca, seu Honorato [T. Aí experimentar ele também]. Depois, cobra de novo, ah vai, eu vou experimentar também. Seu Honorato vai ... Seu Honorato, seu Honorato também engoliu. Engoliu tudo [T. tudo mesmo]. Tudo mesmo, não fica nem um ..[falamos dois] ... Aí, outra cobra disse pra seu Honorato, seu Honorato, eu vou querer sair logo, eu não vou pegar gente mais não. De jeito nenhum, assim não ... Quando tu pegar gente de novo [T. tu vai morrer], tu vai morrer na minha barriga. E preso ... Ah, seu Honorato eu não quero, morrer na barriga do senhor não, eu quero sair logo. Agora eu vou, puxar, eu vou comer muito gente mais não, eu tem medo pra você. Quando tu pegar de novo eu vou matar sua cabeça. Aí, seu Honorato vai descer de novo. Saiu [ininteligível]. Aí subir. Fica pra gente, descer. Aiaiai [outro: aprender (ensinar para Kanamari) assim]. Aí outro cidade, ele chegar, na beira do rio. Ele saiu só assim mesmo, não vai molhar roupa dele, não vai molhar não, molhando cabelo, molhar não. Aí seu Honorato. Rapaz, quan-, eu ia muito bom, aí viu cobra engolir cobra, grande, eu quero preso ela. Seu Honorato aqui, muito, aqui tem demais grande. Quando nós tomar banho na beira do rio, ele puxa, ... puxa muito nós. Aí eu vou lá com ele. De manhãzinha eu vou lá. Eu vou aprender ele [T. ele vai aprender ele]. Ele não aprendeu, eu vou atirar com rívolva. Lá mesmo. Não rapaz, eu vou só ... aí o delegado dizer pra ele, eu vou lá, dentro no rio. Aí o delegado já desceu, hi. Foi embora. Fica até uma hora da tarde, ele chegou. Aprender [T. aprender] outro cobra, arraiá. *Kadjohnonim* [jacaré-açu] danadinho pra pegar gente ... *Kadjo kadjohnonim*, jacaré, jacaré preto, muito brabo pra gente. Puxar menino, puxar homem quando toma banho na beira do rio, ele gosta gente ... Tem outro, outro mesmo, cortar

batelão. Navio. Gente anda de noite, ii, corta mesmo. dente, duro mesmo parece que é papai Tamakori que botar também aquele cobra ... Dente dele como serrote. Sim. Boca dele assim, dente. Ele corta tudo, ele corta barca. Ele danadinho pra cortar barca assim, baça [?]tá assim, corta bem, com força mesmo, como furadeira [ininteligível].

R.: Com o que?

D.: Com boca dele. Hijii. Ah, foi cobra cortou, afundar todinho gente ... Tem baleia, tem mais cobra grande, sereia. Ah, gente, tu vai passar por aqui, aqui passar boa mesmo, pode passar na beira, sai gente todinho na terra. Aí, gente tem medo, quem é aquele tá boiando, cortar o, barça grande. Aquele cobra. Pode sair gente também, gente passar por cima dele. Ele boia assim [T. como pau], como pau [T. aí gente sai todinho]. Sai todinho correr em terra [T. sileia, baleia *anim* (é)]. Baleia é muito valente. Foi baleia cortou ... o baza.

K.: Barco grande.

D.: O barco grande.

T.: Aí, sileia, cabeça, também não deixa comer gente não.

D.: Não vai, comer muito, comer gente não. Foi. Eh gente, tu vai pra lá, tu vai passar em terra. Pode passar todinho aqui. Assim passar no outro, aquele muito valente, passa tudo. Aí cara todinho saiu em terra. Passagem dele, passa, aí passa bem rapaz, passa em terra [T. terminar]. O rico, o rico vai terminar. Barca grande já afundou ... Fundou [T. afundou barco grande]. Afundar barco grande [T. não fica nem uma gente mais, ele já fez andar]. Aí, chega, seu Honorato tá chegando no porto, da cidade. Outro delegado do Brasil dizer pra ele ...

R.: Delegado Brasil.

D.: É, delegado Brasil. Oh seu Honoato, gente já afundou um bocado, já morre, oh, cobra come todo [T. fundo, já morreu]. Pois assim barça, ele corta, eu não sei quem foi, hiii, com dente. Ah, eu vou com ele. Amanhã, eu vou deixa, deixar, eu, deixa comigo. Deixa comigo, deixa comigo amanhã. Aí, de manhã, aí, dois delegado com Brasil. Outro delegado vai olhar, viu rivô [revolver?], faca, ... ele afundou ... Só outro delegado Brasil dizer pra ele. Seu Honorato, nós querer amarrar o senhor na corda aqui. Não eu só assim mesmo. Aí afundou. Matar cobra. Trazer só dente. Dente de cobra. Aí mais com pouco, mais com pouco, mais com pouco, cortou com terçado assim,

tira aço, aço de cobra. É muito duro, não faz mole não ... Cortar de paxiúbinha, hii, barco grande afundou. Mais meio dia, onze hora já chegou, com dente de cobra. Saiu no porto. Ah, ah seu delegado, outro delegado, Bra, Brasil delegado, esperar, onze horas chegou, com dente de cobra. Tá aqui, eu já matar aquele ...[T. cobra valente]. Cobra valente ladrão ... Não com pena gente, só gente mesmo, dizer pra delegado. esse gente não, esse cobra. Comer gente. Dizer pra seu Honorato. Seu Honorato ... pode dizer, seu Honorato vai dizer pra ele, depois dizer também. Agora seu Honorato, ele dizer pra Honorato, seu Honorato, eu quero ... com vontade [ininteligível] morrer fome, passa mal, depois de cortar barca grande, pra ... engoliu muita gente. Assim não eu morre ... Tu vai morrer aqui mesmo. Não vai melhor mais não. Tu já morreu. Cortar aqui, no guelo do cobra assim.

R. Na guela.

D.: Cortar na goela. Cortar dente, trazer muito dente. Dente como serra. Aquele pra serrar tauba, serrar madeira ... Aí não trap- outro delegado, disse, dente dele vai preso na delegacia. Aí, fazer festa, agora cobra já morreu, agora só animado, fazer festa, beber ca-, min-. gente eu não querer beber cachaça muito aqui não. Só enjoada grande, briga com outro. Valente pra outro. Puxa terçado. Assim não, eu mata tudo. O delegado. Só animado mesmo, só café. Café, bolo, pão, arroz, feijão. Feijão, feijão [troca de lado da fita]. Aí seu Honorato disse pro pessoal, eh você delegado, você homem mesmo? Rapaz ... não diga isso não seu Honorato, o senhor vai, atirar meu olho bem aqui perto. Não seu Honorato, nós, nós vai, não gosta assim não seu Honorato, nós com pena do senhor ... Aí seu, outro delegado vai ...[T. aí seu delegado vi, outro delegado]. Outro passear outro cidade [T. aí ele atirou]. Outro cidade, ele já atirou na olho dele. Cobra. Ah seu Honorato. Senhor delegado tu vai atirar a meu olho com rívolve. Não, eu vou, eu não vou poder não rapaz, nós amigo, não tem um problema com você não.

T.: Não ficar valente não. Eu quero assim mesmo, só um olho. Aí, ele atirou.

D.: Aí, outro delegado atirou. Perto mesmo, tah. Tá bom, eu não vou morrer não, eu só assim mesmo. Você muito, homem mesmo, eu paga, dá dinheiro pra outro delegado [T. dá muito dinheiro pra ele].

R.: Pro outro delegado?

D.+T.: Pra outro delegado.

T.: Aquele que atirou no olho dele.

D.: Dá muito dinheiro [T. ele pagou ele foi embora]. Outro delegado muito mole, tem medo. Quando ele atirar, atira pra mim também, seu Honorato, eu não quero assim não. Não ... vai ... matar gente não, seu Honorato. Nós tudo gente. Não eu quero, quando o senhor tá lá o senhor briga também, mata nós [T. ele não mata não]. Eu não mata não, eu ... só assim mesmo. Aí outro delegado vai atirar.

T.: Ele atirar, bem pertinho no olho, atira. Agora só pega um olho agora [Kurau fala em Kanamari]. *Mamtso* ["fez"], terminou [Mito 39].

Comentários

Como se nota, Kurau estava presente em parte deste entrevista, ele mesmo demonstrou vontade em gravar por conta dele. Diga-se, de passagem, que gravar se tornou uma atividade apreciada, em si mesma para registrar e ouvir a voz, e, pelo que parece como um reconhecimento de prestígio. Creio que em função disto Kurau, ao assistir Deon e Tsabaro, sentiu e expressou esta vontade. Três dias depois ele mesmo chamou de novo, sugerindo que fosse na sua casa, uma casa já mais adiantada em sua construção. Como ele me chamou no fim da tarde, esperei para ficar escuro e os movimentos de comer e tomar banho diminuíram, no intuito de garantir um pouco mais de tranqüilidade do que na gravação anterior. Fomos então para a casa logo de frente da casa onde nós estávamos. Após uma certa hesitação dos dois lados, a colega Rosário pediu-lhe falar de uma história que tinha começado a contar, sobre a origem da escuridão. A conversa começa na fita 3 e continua na 4.

Mito

- [começa a perguntar pelos pássaros, *cujubim* (*kotso'i*), *mutum* (*bim*), e *jacumim* (na verdade um jacuzinho, *tabihkom*). Lembra que Tamakori e Kirak estão vivendo sós, ele com Kirak na cozinha, passa ao mito da mulher de

pau, já que não tem mulher. Tamakori que fez de âmago de pau, tudo bem feitinho. Guardou dentro de uma taboca grande e bota aí. Kirak fazendo caçuma queima a mão, fazendo ela rir e ele a descobre. Ela é bonita e alva. Tamakori tinha dito para não mexer na taboca e a mulher diz para Kirak esperar para ter relações com ela. Kirak insiste e quando quase sai]

K.: “O leite dele, aí apertou o pomba dele. Bem apertadinho, bem apertadinho. Aí Kirak morreu mesmo em cima da mulher” [desmaiou. Tamakori tirou o pênis e o jogou na água, o que virou o peixe hijo preto, também conhecido em Kanamari como *kiraknapua*, pênis de Kirak [sorriu]. Daí passou logo com outra aventura de Tamakori].

K.: (...) Tamakori quando vai passear em outra maloca, por aí assim. Não tem nem gente. Depois Tamakori vai baixar, no Juruá. No Juruá assim. Baixando, baixando, baixando pedaço. Duas volta [curva do rio], já encontrou oh ... mutum. Mutum grande, as-, maior do que peru ... Oh, tá avoando assim, hum, hum, hum,. Kirak escutar ele. Kirak escutar ele [baixa a voz]. Oh Tamakori, quem foi aquele mesmo? Aquele *bimpiori* rapaz. *Bimpiori* ... Deixa eu flechar ele. Aí levar arco dele ... Kirak vai na praia assim, quando *bimpio*-, mutum vem lá de dentro, grande mutum. Quando acabar avoando de lá, aí ela vem, corre comida dele até, pra pegar de viagem mesmo. Matar, tirar o olho todinho.

R.: Tirar o olho.

K.: Tirar o olho dele, mutum grande, tira tudo olho dele. Morreu Kirak, dentro da praia. Tamakori botar outro olho de novo, aí virar gente de novo. Novo ainda ... Depois vai baixando com ele de novo. Dia todinho, não tem noite já não. Não tem noite como agora não. Todo tempo sol, todo tempo sol, primeiro ano. Primeiro tempo que, Tamakori fazer. Só sol mesmo, nunca acabar sol, não tem noite ainda. Tamakori só baixando, baixando, baixando até encontrar aquele sapo.

R.: Sapo?

K.: Sapo, fazer ho, ho, ho, ho, ho, grande. Sapo grande ... Aí, Kirak, oh Tama, [baixa voz] quem foi aquele mesmo? Aquele, oh, *Ho. Kanamara, kanamaraho. Kanamaraho. Kanamaraho*. Deixe eu vai buscar ele. Eu vou pegar ele. Não Kirak, vai engolir você. Não engolir nada, eu vou matar ele. Aí subiu, quando chegar, tá fora assim a boca dele, ho, ho, ho. Aí, oh, Kirak meter o baço dele, pra pegar ele. Só, meta mesmo na boca dele. Até aqui, ele puxou

dentro do buraco, puxando, puxando, até quebrar, arrancar pedaço de braço dele. Arrancou pedaço, ficou na boca dele. O Kirak vai morrer. Quando chega lá, Tamakori tirar, braça, botou braço dele de novo, aí fica boa de novo ... Aí, quando gente de novo, então vamos embora. Baixar de novo, vai baixar de novo, dia todinho. Só assim Tamakori. Kirak danado pra fazer, como nós assim, então nós tava doente corta perna, cortar dedo, por isso que, foi isso que Kirak fazer. Morrendo né.

E.: É?

K.: É, sim, Kirak mesmo assim, nós agora mesmo assim também como Kirak, fazer primeira vez, pra nós sabe. Quando baixando a vontade mesmo, baixando, baixando, baixando, não encontra mais bicho não. Depois encontrar, a menina, tamanho desse aqui [filha dele de uns dois anos] ... Até flechar a vontade ... flecha, três volta, do rio, flecha a vontade, mas praia grande também. Mas tem tá menina assim. Qua-, com, com flecha na mão. Jogando flecha, pegando flecha, só furando, tamanho desse, mas cabelo deste tamanho assim ... no sol quente mesmo, na praia, só brincando, só ... Ah, o Kirak viu lá na praia. Que foi aquele, menino, rapaz. Eu vou pegar pra mim. Não, não mexer com aquele menina não, matar você. Mata nada, tamanho menina, não mata nada não. Mata rapaz, mata você, mata nada, subiu, quando andando andando, andou, só jogando a flecha. Jogando, pegando, jogando, pegando, só por, correndo por aí. Chegar pertinho dele, aí parou. Em pé, em pé, maginando assim, querer vai com vontade pegar ele, quando pegar [interrompe para menina ficar quieta]. Ela pegar ovo de Kirak, aqui. Pega ovo, aí Kirak acab-, Kirak caiu, no chão. Aí pega em pé bem aí, fazer, Kirak morreu.

E.: Morreu.

K.: Morreu Kirak. Ah, oh, menina não morrer não. Aí Tamakori subir também, quando Tamakori chegar lá, cadê pfu, pfu, pegar no braço e joga ele no meio do rio. huuu ... Tuu. Dentro do meio do rio, Tamakori jogar ele. Nunca mais nem boia mais. Nem boia mais nunca ...

E.: Sumiu.

K.: Jakwari mesmo, Jakwari. Jakwari.

E.: Jakwari?

K.: Uhm. Mora dentro do rio ele. Agora nós chama Jakwari, outro gente

primeiro. Outro, Tamakori, do Tamakori mesmo.

R.: Chama Jakwari.

K.: Jakwari [mulher pergunta algo e responde em Kanamari]. Jakwari, Jakwari primeiro assim. Kirak aí, irmão dele rezar de novo, rezou, rezou, ficou novinho. Vamos embora baixar. Aí, baixar ... baixando, baixando, baixando, baixando, baixando quando acabar o rio ... oh ... parece já [ininteligível] atravessando, no meio do rio, pulando pra cá, pulando, pulando pra cá, pulando pra cá, pulando pra cá, pulando, só açazeiro. Só furando pra cá, deixa pra cá, bota pra cá, todo tempo. Eh Tama, Tama quem foi aquele, aquele *djammam parianim* [ininteligível, fazer açai], *djammam parianim* [E. rep.]. Uhm, furando outro lado. *Djammam parianim*, quando Tamakori pertinho dele, parou. Tamakori passar. Tamakori passar, baixando todo tempo, baixando todo tempo, duas volta, encontrou cachorro. Cachorro. Tava lá, tudo, filhotão danado. Cachorro novo, tudo, tudo na boca do buraco dele. Mamãe dele não tava não, mamãe dele procurando comida pra ele. Caçando no mato, buscar carne pra ele comer. Mas tudo tamanho cachorro, tudo bonita. Aí, Kirak eu vai buscar dois cachorro, pra nós, viu. Então qu- ... Tamakori foi. Buscar dois cachorro. Cachorra pra Tamakori, cachorro mesmo do Kirak. Kirak tá aqui, *apaiko inowa* [o macho é seu]. *Ahwa atsa* [a fêmea é minha]. Não rapaz esse aqui é tua mesmo. Você buscar, eu vou buscar pra mim também, tudo, tem um bocado lá, como cachorro não tem, tem muito cachorro filho né. Era tudo tempo [pouco claro]. Eu buscar pra mim. Não Kirak, eu já conta você, mamãe dele já vem, já tá chegando. Aí, quando, não, não querer do Tamakori, não querer do Tamakori, aí buscar pra ele também. Aí subir, subir, quando já tá quase pegar o cachorro, do mãe dele já chegou. Fazer au, au, auh até pegar Kirak, matar Kirak.

E.: De novo.

K.: Uhm. Matar Kirak. Cachorro comer ele, todinho com fígado e tudo. Tá com cachorrão danado. Comer Kirak. Aí demorar pouco Kirak, oh, Tamakori juntar osso todinho, [amarra?] tudo osso, aí vira gente de novo. Aí baixando de novo. Todo tempo baixando. Baixando, baixando, baixando, baixando, baixando até encontrar a onça. Aquele que chama leão né. Leão. Mas outra qualidade de onça.

E.: Como chama na gíria? [conversam em Kanamari].

K.: Maço. Onça macho. Tá, uh, palavra dele macho .. Maço, maço [can-

ta, som se aproxima de *matso* também]. Cada cão dente assim. Aqui também [dente da frente].

R.: Muito grande.

K.: Todo, uh, dente assim. Tamakori vem baixando e chama macho. Palavra dele, *matsooo, matsooo*. *Matsooo, matsooo* todo tempo. Cantando. Ai, Tamakori, Kirak, eu vou buscar o dente daquele macho. Vai, Tamakori subir tirar dente aqui. Tira dente, tira aquele, esse aqui não tira não. Não, esse aqui que é tirado.

E.: De baixo.

K.: De baixo. tira, tira dois.

E.: Grande.

K.: Uhm. *Ubawa* [dois]. Mas fica um, no buraco. Agora, com, como [ininteligível] buraco dele. Casa de maço, onça maço. Onça grande. Ai, Tamakori levar dente, baixando.

R.: Baixando.

K.: Baixando. Baixando, baixando, baixando, baixando, baixando, baixando mais pouco, controu casa de bracaba, caba, caba.

E.: Caba.

K.: Caba, vai, vai, que tem tamanho assim, a casa dele não. Nós tanto que gente [ininteligível, fala bem baixo]. Casa de *wai* [caba] assim. Ela chamar, Tamakori chamar *tori*. *Tori* [E. rep.]. Kirak, eu vai, tem dois *tori* acolá. Ai, pra você, pra mim. Tem dois casa assim, do ... do caba. Então buscar, tá aqui a tua também. Não buscar pra mim também. Ai, anda anda encontra outra casa assim. Tamakori eu vou buscar o meu também. Não rapaz, ele mata você. Mata nada. Ai, subiu, trepar no pau, quando perto, quase já chegando perto da casa da caba, caba ferrar todinho, ele caiu lá. Não agüenta não. Ele caiu, tuu. Morreu. Ai, Tamakori rezou de novo, ele boa de novo. Ai, baixar de novo com ele. Baixando, baixando, baixando pouco, com três ... o casa ... casa de ... paieira [Mito 40].

R.: Paieira, como chama?

K.: Chama *poro*. Paieira, cacho assim, cacho pequeno assim. Oh, Kirak, vamos comer aquele *poro*, pra nós deixar caroço junto como, nós fazer. Então

embora. Aí encostei, aí, ... Oh Kirak eu vai por baixo, você cortar o cacho do bicho aí. Sim, aí Kirak subiu. Subiu, subiu. Tamakori você vai meter por baixo viu. Sim. Meter mesmo lombo assim. Não irmão também [ininteligível], é Tamakori né. Tamakori sabe muito mesmo, terreiro, *poro*, cacho de *poro* cai em cima bem Tamakori .. Sai de lá, já vai Tamakori, cuidado. Não pode cortar. Aí, não incomoda não, pode vir, meia costa [ininteligível] bater. *Poro* bater espalhar tudinho. Procurar ... Nem sentiu ... *Poro*, aí juntou todinho. Como no, tudo [ininteligível] pra comer. Tira casca comer caroço. Vamos fazer terreiro primeiro. Fazer terreira. Pra juntar, pra contar com nós. Certo, um pedaço. Aí contra carreira de novo. Outro carreira, quatro carreira nós. Nós Kanamari.

E.: Uhm, quatro carreira.

K.: Pouco né. Pouca gente.

E.: Pouca gente?

K.: É. Tamakori deixar. Deixa aí. Vai baixa de novo. Vai deixar até dente de macho aí.

E.: Deixou.

K.: Enterrou. Deixa até dente de macho aí, pra virar banana. Aquele banana, banana ... naja, naja.

R.: Naja.

K.: Naja comprida. Aquele virou, vira banana, dente de maço. Quando fazer outro caboclo lá pra baixo de novo, deixa outro dente de novo. Pra outra banana. Pra, pra gente planta muito pra ele ... Aquele naja é dente de onça. Tamakori fazer ... Depois vai baixar de novo. Contrar ... Kulina. Aquele tala cumprido, lá tem o pé dele, não. Você já viu aquele talão, na mão, aquele, coqueirinha?

R.: Uhm, você me mostrou lá.

K.: Foi aquela, tem um cacho assim. Mas tem muito Kulina, tudo miúda. Caroço dele.

R.: Mas o cacho dele é pequeno.

K.: É todo cachinho pequeno assim. Cachinho pequena mesmo.

R.: Mas tem muito coco.

K.: Porque tem muito coquinho juntinho, não é.

R.: Miudinho.

K.: Miudinho porque Kulina muito. Não tem outro não, Kulina tem demais.

R.: E como é o nome deste?

K.: *Karahtsi*, *karahtsi* [R. rep.]. *Karahtsi* aquele, tirar cacho de *karahtsi*, aí juntou todinho, vira Kulina. Palavra outra qualidade. Né?

R.: Palavra?

K.: Palavra dele outra qualidade. Nós não escuta nada a ele, nós também não entende nada.

E.: Ah sim. Ele fez carreira de novo.

K.: De novo, todinho. Fazer terreiro. Fazer carreira, deixar ali. Aí baixando de novo, até encontrar Kaxinawá. Kaxinawá, aquele ... cocão. Aquele ... como chama ... [pergunta a mulher]. Encontrou aquele coco, na beira do rio tem, você não viu, aquele coco maior?

E.: Coco grande?

K.: Coco cumprido assim. Como chama nome? ... Como que chama ... aquele cocão ... Nós chamar *kotsi*, *kotsi*.

R.: Depois você lembra.

K.: *Kotsi* nome dele, nós chamar *kotsi*, mas caritú chama outro nome.

R.: Uhm....

E.: Depois lembra né.

K.: Nós chamar *kotsi*. Aí juntar aquele *kotsi* de novo, virar, vira gente de ... Kaxinawá. Tudo grande né. Tu não viu, Kaxinawá tamanha? Rumão, tudo homem grande. Kaxinawá.

R.: *Kotsi*, o pé é grande?

K.: *Kotsi*. O caroço cumprido dele.

E.: O caroço grande.

K.: De que *poro*, de *poro* tudo pequeno.

R.: Pequena.

E.: Aí foi Kirak também que tirou?

K.: Ah, tirar tudo junto, aí deixar no terreiro. Adiante de novo, baixando, baixando ... Aí, perdeu o coisa dele aqui ... Do Tamakori, bico dele. Do pau

mesmo, pedaço de pau mesmo aqui no bico. Tá furado aqui, esse aqui, esse aqui furada.

R.: Era no beíço ou em baixo de beíço?

K.: Ah, tem, furar ...

R.: Onde é, aponta aí.

K.: Aqui, aqui.

E.: Ah, no beíço.

K.: Furar aqui pedaço de pau assim, pra botar aqui. Nós chamar *Tamakori nanomi*.

R.: *Tamakori*?

K.: *Nanomi* [R. e E. rep.]. Aí, comendo aí, depois caiu. Kirak, meu, minha coisa já caiu meu irmão. Vamos procurar, vamo procurar. Aí, procurar, fazer terreiro procurando, fazendo terreiro mesmo. Nunca nem encontrei.

E.: Não encontrou.

K.: Não encontra mais não. Rapaz deixa eu vou fazer na volta. Já enterrou ... aquele mesmo mandar pra fazer isso. Aí quando baixar ela fica no terreiro ali. A terreiro de pupunha mesmo, aquele chama pupunha. Quando baixar, eh, depois virar pupunha, nascer pupunha. Quando pé, tamanho como, como jirau de pau [ininteligível], tamanho do cacho, bem tudo carregado. Cacho dele, tudinho, tudo no chão. Cada qual pupunha tal o tamanho.

E.: Grande.

K.: Grande. Só carne, não tem nenhum caroço. Só carne mesmo ... Quando *Tamakori* voltar, vai pra lá pra onde tá, no fim de rio. Baixando né, água baixando todo tempo. Depois a volta, água baixa de novo.

E.: Com ele?

K.: Com ele, baixa, oh, água baixando de novo, aí *Tamakori* vem baixando, boiando pra cá. Quando baixando todo tempo, dia todinho de novo, ele encontrar *Kaxinawá*. Fazer, *hori* [buzina que chama para festa], *hori, hori*. Olha Kirak, eu primeiro vai entrar, você fica atrás. Mas Kirak, Kirak mesmo, só ... oh coisa dele. Como, coisa tudo ... Como rama, como rama correndo. Kirak mesmo, o pinta. Pinta, pinta, pinta pinta, pinta, não tem nem couro bom.

R.: Só pintado.

K.: Só pintado. Mas Tamakori botar, aquela ... mutuca grande. Na costa dele. Bem na costa.

E.: Bem na costa?

K.: Do Tamakori. Botar *pohna*.

E.: *Pohna*.

K.: *Pohnanhanim* [mutuca grande].

R.: Kirak botar.

K.: É Kirak, não, Tamakori botar pra ele.

R.: Nas costas.

K.: Pra entrar no, no caboclo. Não rapaz eu também querer. Aí Kirak querer também, *pohna*, quando acabar, depois você, quando corsar aqui na costa você desmanchar, nós fazer isso não Kirak. Aí gente vai morrer todinha aqui. Ah difícil, eu mesmo querer fazer, não sentir nada. Vai embora com ele. Kirak vem atrás, o *pohna*, já, já, já começou de do-, fazer assim né. Kirak machar aquele aí ... bateu *pohna* saiu, da costa. Do, do Tamakori chegar, quando acabou [ininteligível]. Quando entrar no terreiro bonito, como aqui agora assim. Gente muito mesmo. Tem banana, tem ananá, tem tudo pranta, Kirak manda fazer. Kirak beber caiçuma, beber ... o *bari* [banana], comer *kapayo* [mamão], chupar cana. Tudo tem pranta pro, pra Tamakori comer. Todinho. Cantar, Tamakori beber *kuya*, todo assim. Já tem gente qualidade, já vem atrás, você não, não tem palavra com ele. Só, tudo calado. Quando você falar, você tudo Kirak também. Demorou pouco já vem gente, aí, aí. Já vem, tudo lá, só rama mesmo. Como rama, Kirak ele. Não tem gente não ... Tudo fechar bem olho dele assim, com Kirak, todo Kirak. Aí não tem, todo calado, não tem nem dizer nada. Kirak sim, Kirak chegar outro vai botar caiçuma para ele. Deu caiçuma, deu banana, deu tudo, passar bem ele todinho. Kirak passar, a direito, nem disse, nem chamou nome dele. A por isso, Kaxinawá nunca não tem laurado [dourado?] não. Não tem nem pinta não. Nós também. Todinho [R. diz algo]. Tudo, tudo [enrola fala], quando Kirak entrar no-, nosso, nosso casa nós não falava também. Só Kulina! Só Kulina.

R.: Só Kulina falou.

K.: Falava com ele. Quando entrar no Kulina, ah já vem Kirak, Kirak não presta não. Kirak vem, vem, tudo Kulina dizer pra ele, por isso Kulina tudo tem pinta ... Com pau todo, pau tudo pinta. Você não viu pinta todo assim,

pau, esse pau, todo, oh tem pinta.

E.: É?

K.: É o primeiro mundo. Tamakori fazer isso.

E.: Ai passou Kaxinawá né.

K.: Kaxinawá, Kaxinawá não disse nada, tudo calado, mulher, filho tudo. Não chama, nem chama o nome do Kirak não. Quando chamar, tudo lavrado todinho. Fazer tudo pinta, pinta todinho ...

E.: Tamakori baixou mais?

K.: Baixou, baixa mais, baixam. Comendo, passa hora conversando com pessoal dele tal. Ai, você baixou, eu vou baixar pra Kanamari. Ainda tem outra gente, mais pra lá tem outra gente, outra maloca. Maloca, já, já tem maloca, grande assim. Não é como casa dessa, como nossa não, maloca mesmo. Ai, baixar de novo. Vem noite não ... Todo tempo dia, até chegar no Kanamari de novo. Kanamari também, entrar, oh, Tamakori entrar também. Com mutuca grande na costa. Tá chupando ali, nem sente nada, comendo beber caíçuma com ele, nem bulir com ele ... Ai bom, depois dizer pra Kanamari. Ai Kanamari, ai nós Kanamari. Sim. Dizer tudo. Ainda vem, ... Tamakori [fala em Kanamari sobre fazer palavra para *tɔkɔna*]. Tamakori dizer pra ele, todo pessoal, nem não falava com ele, chamam Kirak não. Ai, você vai todo pinta aqui também. Deixa, deixa passar. Quando chegar você dá caíçuma pra ele, *bari* [banana], *kapayo* [mamão], tudo, *wa'akak* [ananás], tudo você dá pra ele. Tudo comer aqui, nem disse nem o nome dele. Ai passa dia. Todo tempo assim, só Kulina que falava, assim doido com ele, coloca tudo tem pinta aí. Primeiro mundo Tamakori fazer isso. Acabou-se Tamakori passando direito [direto], até a casa dele de novo ... Quando vem pra cá rio, não vai nem um passar, vão pra brabo não.

R.: Brabo?

K.: Tá, tudo brabo ainda, primeiro Tamakori manda fazer caboclo. Tamakori já morar sozinho, lá, lá dentro [ininteligível]. Com irmã dele. Ai ela e ela. Quando chega lá, tá [ininteligível], ai fazer, fazer mulher. Lá também. Quando, lá, juntar com cotia. Mulher vira cotia também. Chama cotia *tsotso* [tia cruzada].

- [segue o início do mito da roça do Urubu. A Cotia vai roubar a roça do Urubu e, de noite, Tamakori amarra um fio de algodão na perna dela para

descobrir aonde ela vai. Quando ela sai, Tamakori e Kirak seguem o fio que Kirak fez e é vermelho. Ela faz muitas voltas e já rouba logo a macaxeira da roça, faz pera e esconde tudo num buraco, coberto de folhas. Quando eles chegam ela está fazendo pera e alega estar fazendo para juntar caroço de *baratsapokom*. Fruta comestível, “é bom, como macaxeira”. Para ajudar, os dois sobem na árvore, com instruções de não olhar para um lado, para o lado da roça e maloca do *Kodak padja* [Urubu]. Tamakori fura os caroços e os joga em cima da maloca. Saem valentes, com flecha e tudo, da casa. Joga mais uma vez e acontece o mesmo. Ai ele desce e chama o cotia para ir para casa, pretendendo voltar amanhã. No dia seguinte Tamakori vai caçar].

- [a saída para caçar, fez Kurau mudar para o mito de escuridão.]

K.: “Juntar desse, noite todinho, dentro folha, guardar. Como nós fazer, nós fazer coisa de, coisa de peixe também.

E.: *Don’opak* [peixe em folha].

K.: *Don’opak*, fazer assim, bem assim.

- [Tamakori bota o pacote dentro da palha do teto e avisa Kirak para não mexer. Ele sai para caçar e mata caça. Kirak não se detém e abre o pacote de folha de peixe. Já chega a noite. Surpreendido Tamakori dorme em cima da árvore. [passa para fita 4]. Kirak vai lá, em forma de onça para fazer medo a Tamakori. Este já sabe disto logo, mas brinca com a onça e esta chega a pegar na sua perna com o dente e com a unha. Depois de descer, Kirak vira jacaré e faz uma ruma de folhas. Tamakori pega a casca do pau e sopra tudo, vira mutum, cujubinha e jacu. A manhã já chega e Tamakori desce. Ele encontra a ruma do jacaré, tira o ovo e quando chega o jacaré mata este com ponta de pau. Leva tudo para casa. “Mas Kirak tá lá dentro de casa ... Aquele lá é Kirak mesmo!” Kirak diz que viu ele matar o jacaré e tem de comer tudo, de uma vez. Comeu tudo. Agora Kirak vai caçar e mata tamanduá, trazendo inteiro para casa. Lá ele “abre” e prepara para comer sozinho. Comeu todinho, também é “danado pra comer” [risos]].

K.: É assim, primeiro mundo que fazer assim. Foi quando fazer mulher, encostar até a pomba do Kirak ... Demorou pouco ... Nós tem seis dedos, só uma mão não é. É por isso nós é assim, nós.

E.: Ah, aquele do meio.

R.: Tira esse, esse aí.

K.: Tirar esse aqui. Aí depois, fica só esse. Fica quatro, não? Com esse, com cinco tem seis com uma mão, tem seis cada um, doze né. Tem doze. Tamakori aprontou a mulher, depois quando ... Peixe-boi. Peixe-boi foi da mulher dele, Peixe-boi. Peixe-boi mora no rio né. Mas virar gente ele. Quando a mulher do Tamakori tava fazendo caiçuma, tudo né. Aí vai tomar banho ... Aí levar cuia, a cuia grande, assim. Aí levar cuia, quando chegar lá bater a cuia dentro do rio. Emborcou a cuia, fazer bater, fazer tum, tum, tum, tum, tum. Peixe-boi vem fuder ele. Aí pegar, abrir perna e fuder. Depois, no outro dia, de novo, fuder de novo. Todo dia fuder, todo dia fuder, todo dia fuder. Aí começar de primeiro, quando acabar, Tamakori imaginando ele, toda vez que trabalhar, mulher fica tomando conta da cozinha né. Já tem mulher, Tamakori trabalhar mais irmão dele, Kirak ... trabalhando. Mas mulher ficou. Quando aprontou caiçuma, ela tomar banho. Ah, o Peixe-boi fuder ele chamar *tsupuna*. *Tsupuna* fuder muito, Tamakori ... fuder, fuder, até Tamakori saber. Tamakori imaginando ele. Ah, mulher tá fudendo assim. Agora acabar, Tamakori tirar esse dedo aqui, virar passarinho. Passarinho fazer [som]. Assim no olho do pau. Aquele pinicapauzinho né.

E.: Hem?

K.: Pinicapau. Pinicapau, cabeça bem encarnadinha, né.

R.: Como é que diz na gíria?

K.: *Orokoko*. Aquele outro cabeçona, que tem uma ponta dele assim, aquele chamar *tohkomnhanim*. *Tohkomnhanim* aquele. Pinicapau grande aquele. Aquele outro mais pequeno assim, *orokoko* [pica-pau]. Aí deixar desse dedo pra virar esse negócio. Deixaram esse negócio, quando mulher tava tomando banho, *orokoko* tava no outro lado. Quando viu, *Tsupuna* fudendo ele. Ele tá lá chamando, *oro-ko-ko*, *oro-ko-ko*, *oro-ko-ko*, *oro-ko-ko*. Vai conversar com meu pai. Aí quando pronto, *Tsupuna* fuder ele, aí ele vai onde tá Kirak .. oh, Tamakori. Quando chegar lá dizer pra Tamakori, [ininteligível] Peixe-boi fuder tua mulher todo dia. Eu já vi ele. Tamakori já saber. Contou isso. Não disse nada pra Kirak, só ele que sabe. Aí quando chegar, ela perguntou a ele, [ininteligível] chama tua mãe ... Ele não disse nada. Só Tamakori mandar ele. Ele fazer trabalhar amanhã. Amanhã você vai trabalhar também, capinando roçado, viu? Sim, eu vou trabalhar amanhã. Nós ficar dentro da casa, nós dois. Ela vai fazer comida e eu ficar aqui imaginando por aqui um negócio. Aí, mulher saiu. Levar boia pra lá, pra comer. Você chegar aqui de noite, viu?

Sim. Aí Tamakori buscar aquela ihta comprida [ininteligível]. Aquela estazinha comprida assim ... estazinha, estazinha ...[ininteligível]. Nós chamamos *mokomkom*.

R.: Chamar como?

K.: *Mokomkom*. Estazinha, está, Brasil chama está ... aquela ... nós chamar *mokomkom*, comprida assim. Aí Tamakori aquele. E tem outro, tiquete.

E.: Mais pequena.

K.: Hum. Aquele pequenazinha assim. Aquele outro Tamakori fazer arpão. Tamakori fazer arpão aquele está mais comprida. Fazer arpão. Virar arpão, todas duas, outro mais pequena, outro mais comprida.

R.: Virar arpão?

K.: Virar arpão, Tamakori mandar fazer. Você trabalhar bem três dias. Mulher vai pra lá e Tamakori cuidar logo tarubá. Você conhece torubá, tucum? Tucum. Aí buscar olho de tucum. Dois, três olho de tucum e fazer duas cordas comprida. Tamakori de repente, logo mesmo fazer. Fazer outro de novo, de repente vai mudar [ininteligível] todo arpão. Tirar pau. Aí, vai trabalhar de novo amanhã. Já aprontou tudinho. A boia também, vai botar, Kirak ficar ... Kirak agora você vai pintar a cara, virar como mulher também, assim, vai pintar a cara. Kirak virar pomba dele pra o cu dele. Tudo fazer isso ... de manhã cedo mesmo. Aí Tamakori escondido bem assim. Kirak bem ali assim. *Tsupuna* já vem subindo. Ele leva a cuia da mulher mesmo. Quando chega lá faz tum, tum, tum, *Tsupuna* já vem. Danadinho pra fuder mulher. Quando chegar Kirak logo abrir perna assim, abrir, o Peixe-boi já vem em cima dele, todo tempo. Mas Kirak passar mais pra cá, de novo. Pra trazer mais alto, sabe? Mais pra cá de novo. Aí Tamakori arpoar ele.

E.: Em cima?

K.: Aí em cima dele.

E.: Tamakori tava em cima do pau é?

K.: Não, do que tava perto de Kirak.

E.: Não Tamakori?

K.: Tamakori tá ali. Bem escondido, por trás do irmão dele. Bem escondido mesmo. Kirak abrir perna e Peixe-boi já vem em cima dele. Quando ele querer fazer mesmo, aí Kirak foi, Kirak fazer assim [faz som de quem mexe na água].

R.: Pra trás.

K.: Subir mais. Quando subir mais, aí Tamakori agüentar o arpão ... é ... Aí segurou o arpão mesmo. *Tsupuna* tava segurando [ininteligível], e pô! Aí foi embora [som] até lá em baixo, embaixo grande mesmo. [ininteligível] descansou lá. A linha ficou boiando ali. Agora, aquele lá, agora nós não pode matar mais não. Já tá tudo descansando. Já faz tempo que namorou com a do pai dele ... Tamakori deu uma rezada tudinho, pro pessoal dele. Pessoal dele, aquela Patinho, aquele Patinho, nós chamar *kohko*, aquele Patinho pequeno.

R.: Patinho?

K.: Patinho. Aquele Patinho nós chamar *kohko*.

R.: *Kohko*?

K.: Aí, *Kohko* vem baixando assim, aí Tamakori, quem foi [fala Kanamari]? Aí, agora você vai pra lá. Aí *Kohko* pra cá [risos] Não faz nem fundo não! A, você não pode não, amanhã vai começar outro. Aí depois, demorou pouco, lá vem Pato passando, quatro pato passando. Que foi Tamakori? Ah, tem coisa no mato ali. Aí você vai pra lá. Aí o Patinho, danadinho, boiou lá pra baixo. Aí Pato passou [som] *Kohko* já passa lá primeiro, depois Pato passar de novo. Deu uma rezada de novo, deu uma rezada, deu uma rezada, já vem Lontrinha. Lontrinha que tirar. Lontrinha não brinca não rapaz. Lontrinha não boia nunca mais.

R.: Como é que diz lontrinha na gíria?

K.: É *Ihtakirakom*.

R.: *Ihtakirakom*.

K.: Bem, demorou pouco [som] coisa já vem, é Lontrinha. Tava lá como casa assim, afundou, afundou, boia. Veio pra onde tá Tamakori. Aí boiou. Que foi Tamakori? Oh, *Tsupuna* tá lá dentro. Agora eu chamar você, pra você vai pra lá. Ele foi pra lá ... Mas cuidado, tem mãe dele, pai dele lá. Aí vai cuidar ele. Aí Lontrinha foi mesmo. Lontrinha demorou um pouco assim, dentro da corda mesmo, se afundando. Ele volta do meio do fundo, não pode, não agüenta até a maloca do pai dele. Um bocado rapaz, não brinca não.

E.: É longe?

K.: Longe. boiou lá, quase morreu. Vem subindo mais, Tamakori vai um bocado, rapaz. Agora eu vai lá com ele, agora eu vai mesmo [som]. Aí, não volta mais, aí chegaram na maloca dele.

R.: Chega aonde?

E.: Maloca de quem?

K.: De *Tsupuna*. Lá dentro mesmo.

E.: Lá no fundo?

K.: Quando chega lá, tem maloca como aqui. O *Tsupuna* já tá morto ali. O arpão já tá dentro aí. Já morreu!. Tá morto. Fica só morto, bem quase na beira assim, botar coisa assim, como esse aqui tudo. Botar folha assim. Mas tem corda assim.

E.: Pra cima tem a corda, não é?

K.: Pra cima, onde está Tamakori. Aí, Tamakori, o arpão não pode sair mais. *Tsupuna* morreu. Aí demorou pouco, aí quando chegaram tudo com cacetão, cacete, cacete, cacete, cacete, cacete, mas Lontrinha fica no meio. Tudo assim, bem armado pra matar Lontrinha. Quando chegar Lontrinha lá, tudo tá chorando, chorar mesmo rapaz.

R.: Chorando?

E.: Quem?

K.: O irmão dele.

E.: O irmão de quem?

K.: Irmão do mulher do *Tsupuna* mesmo, a mulher do *Tsupuna*, *tsupuna* velha, disse, eu vai querer matar a Lontrinha, esse aqui. Tamakori [fala Kanamari] eu que vai matar você. Nós tudinho matar você. Não. *Tɜkɜna* [ininteligível] matar. Eu vou saber tudinho, aquele negócio. Como você manda fazer mãe do outro, depois Tamakori furar ele com arpão. Agora vamos tirar essa coisa todinho. Ela tirar toda pra fora, aí cobriu já. Por isso é que não se pode sair. Tamakori foi e já não pode sair não, tá todo cobrido. Ela manda tirar todo esse negócio [ininteligível], ela vai voltando, chorando, chorando, chorando, chorando, passando em cima da corda. Ela mexeu na corda pra Tamakori saber. Ela já disse pra Tamakori, quando eu mexer corda, você puxa eu. Quando passar, ela passa chorando pra cá, rodando tudo tempo pra cá, de novo, tudo tempo, que tudo armado pra matar Lontrinha. Só chorando ela, só chorando, até quando acabar. Demorou pouco, Tamakori puxou a corda, aí [som] a coisa já caiu também. Só puxando lá, Tamakori já tirar, já saindo morto. Demorou pouco, boiando

lá, o Peixe-boi não vai nem pra lá mais. Pronto, acabou-se. Tirar o bucho, tirar só banha. Tirar banha, tirar pedaço de carne pra dar assim pra mulher, com a banha todinho. Fazer como *don'opak* pra mulher comer. Só fudendo mulher né. Mulher querer comer ele, marido dele, namorada dele. Tá trabalhando mulher até noite, até quase cinco horas. Tamakori sabe, tirar banha, derreter toda, botar dentro da coisa. Quando chegar, mulher, tá comendo ele. Quando acabar, antes de comer, Tamakori conversar com ele. Cunhado [ininteligível], agora você comer tua velha. *Tsupuna* tá fudendo você. Eu matar, agora você comer ele [fala Kanamari], sabe, agora vai acabar [Mito 41].

Intervalo

Deste modo terminou a primeira participação mais efetiva de Kurau depois de voltar, ao Jutaí, e as perspectivas de conseguir um material maior e melhor se ampliaram. Nessa época a voluntária da Opan tinha voltado e começou a fazer gravações também, gravando mais canções, pelo que parece. Como entre os Kanamari certas coisas entram em destaque social com uma onda de atenção, gravar entrou nesse rol de itens na pauta da vida social por algum tempo. Como nossos recursos de fitas e pilhas não eram inesgotáveis, mas limitados e sem garantias de que tudo estaria em ordem quando necessário, tivemos até de frear um pouco o entusiasmo para não fazer do ato de gravar um mero divertimento. Creio que esta onda ajudou o Djo'ó a querer gravar também e superar uma certa timidez a respeito. Dois dias depois da sessão com Kurau, passei um tempo na casa de Djo'ó e na saída perguntei se não queria gravar também. Ele consentiu e fui buscar o aparelho. Outros estavam presentes e tive a impressão que tinha anunciado a alguns o que ia fazer. Um deles, Djanon, acabou ficando e assumindo uma parte da fala, porque Djo'ó ainda não se sentia à vontade e falava um pouco truncado, misturando observações em Kanamari. Djanon às vezes traduziu estas observações e ajudou a contar.

Mito

E.: O que é o primeiro mundo?

D.: Tamakori.

E.: Tamakori?

D.: Tamakori, *itsowa pama* [nosso pai].

E.: Ah, *itsowa pama*.

D.: *Itsowa pama*.

E.: Djo'ó, o primeiro mundo como é, como foi?

D.: O primeiro mundo [fala Kanamari].

E.: O que quer dizer isso?

D.: Mato.

E.: Mato, era só mato?

D.: Mato, depois começar gente.

-[segue diálogo com fragmentos sobre como Tamakori fez gente e fez baixando pelo rio grande. Fez todo caboclo].

D.: Tamakori foi embora. Ai Tamakori [fala Kanamari]. Chuva grande.

E.: Chuva grande?

D.: Chuva grande matar tudinho pessoal.

E.: Como foi isso, porque foi isso?

D.: Primeiro mundo, chuva grande encheu o rio.

E.: Porque que foi, porque houve chuva grande?

D.: Porque ... mata pessoal, caboco.

E.: Caboco ... quem fez chuva?

D.: Tamakori.

E.: Tamakori fez chover?

D.: Chover grande, depois ... Tamakori tem canoa grande, barco dele, pra pessoal dele ... Noé. Noé tem barco grande, pra caboco não tem barco não [Tamakori fala em Kanamari com Noé].

E.: E o que quer dizer isso, como cariú faz? Diga de novo, tava no barco.

D.: Noé tava no barco, caboco fora [fala Kanamari]. Ele pega barco, ele vai entrar ... Noé não querer caboco não. Barco não dá pro pessoal. Tem muito pessoal. Noé que diz assim pro caboco, primeiro mundo.

E.: Ai caboco ficou fora?

D.: Ficou fora, pro bicho comer, jacaré comer, cobra vai comer ele.

E.: Então vai comer ... hum ... e dentro do barco, só cariú?

D.: Só pessoal dele, cariú.

E.: Só cariú?

D.: Só cariú. Tamakori fecha a porta, porta de barco ... não pode abrir mais não ... trancada. Mas barco grande o dele também, porque encheu todo com pessoal. Pra caboco não tem nada mais [fala Kanamari]... Depois dez, vinte, trinta ... trinta semana, trinta semana, quarenta semana, cinqüenta semana [ininteligível] acabou o mundo ...

E.: Os caboclos todos morreram?

D.: Morreu tudo, não ficou nenhum mais. Bicho comeu tudo ...[fala Kanamari] ... cinqüenta semana vazou mais um bocadinho ... vazou só devagarzinho [fala Kanamari]

E.: E o que foi que você disse agora, aí na gíria?

D.: Aí, eu disse, Tamakori ... o filho dele deixou a mãe dele lá no terra alto ... terra [ininteligível].

E.: Quem deixou, filho de Tamakori?

D.: Caboco. Ele deixou ... ficar com papai dele, com a mãe, com o irmão, com a irmã também ...[fala Kanamari] ... tirar semente [ininteligível].

E.: Semente de que?

D.: Caboco. Tirar semente de novo.

E.: Tirar semente de novo, tirar semente de que?

D.: Uma menina e um rapaz ... quando grande, casar. Irmão dele mesmo. Casar aí ...

E.: Mesmo assim casa?

D.: Hum, hum. Ai juntar de novo, até aumentar mais o pessoal ficar novo...

E.: Aí começou caboclo de novo?

D.: Começou caboclo de novo. Aí quando grande de novo, casar de novo [ininteligível]. Aí nasceu outro, cresceu, cresceu, quando grande, casou de novo ... Até aumentar de novo.

E.: Até aumentar de novo, até ter caboclo de novo?

D.: Ter caboco de novo.

E.: Só um pai, uma mãe só?

D.: Só.

E.: E só dois irmãos ... como sobreviveu à água?

D.: Água ...

E.: Aí na terra alta, só um irmão?

D.: Só.

E.: E um irmão mulher?

D.: Hum, hum, um rapaz, um mulher.

E.: Um rapaz e uma mulher só?

D.: Só.

E.: Filhos dos dois, dos velhos? [Mito 18; 22]

D.: É. Aí quando ... não tem roça não, só procurando mesmo mato de batata ... ele comia ... quando não tem batata ... Primeiro mundo. Casca de pau ... tirando pra comer ...

E.: Ah é?

D.: É, como *tawa* [macaxeira] também. Casca de pau ...

E.: Casca de pau é como *tawa*?

D.: Como *tawa* ... primeiro mundo.

E.: Podia pegar e comer?

D.: Bater com pau, tirar, cozinhar e comer.

E.: Ah, batia com pau?

D.: Hum, hum.

E.: Aí podia comer?

D.: Aí comer [Mito 43].

D.: Aí custa demais pra arranjar o rio ... Aí o pessoal ... come também o pessoal, de novo ... outro tanto pescando [fala Kanamari]

E.: O que é isso?

D.: [ininteligível] chamar o pessoal ... tá pescando pra gente comer, pegar peixe. Quando vaza mais o rio ... o rio já tá vazando né. Urubu não morre mais também ... Urubu, *tʰkʰna kotʰ* [gente também] ... Primeiro mundo.

E.: Era gente também?

D.: Gente, Urubu.

E.: E aí?

D.: Aí *kodak padja* [Urubu] dá *makiari* ao caboco [veneno de pesca].

E.: Foi, como é que foi que ele deu isso?

D.: Urubu que deu cipó, *makiari* ... bater com caboco, ele pegar peixe pra gente comer ...

E.: Ele só deu assim?

D.: Hum. Aí a menina flechou ele, flechou bem aqui no olho dele.

E.: Foi?

D.: Foi.

E.: Quer dizer, como é que foi, ele tava na pesca?

Vários: Tava, tava na pesca.

E.: Batendo *makiari*?

D.: Como assim ... esse menino ..

Djanon [A.]: Tem muito peixe. Assim no lago. Tudo boiando aí ... Eu tirar pra ele comer. Aí ele [ininteligível] ele disse também, primeiro mundo ele disse também, primeiro mundo eu gente, Urubu. Aí a menina foi lá no lago, aí que tava olhando ... Que é isso? Eu vou matar Urubu. Aí flechou ele, bem aqui no olho. Aí gritando, ai! mesmo que *tʰkʰna* ...

D.: Como nós ...

A.: Dá peixe pra mim. Aí ele chamar genro dele ...

E.: Chamar o que?

A.: Genro dele, *tʰkʰna*.

E.: Genro dele?

A.: É, genro dele. Aí chamar [fala Kanamari]. Teu filho já flechou pra mim no olho ... eu já morri aí. Aí tirou flecha aqui no olho dele, aí soprando boca dele [som] ... Assim. Aí já passou, já ficou bom ...

E.: Já ficou bom, ele mesmo?

A.: Ele mesmo.

E.: Ele mesmo que soprou?

A.: Ele mesmo que soprou.

E.: [ininteligível, talvez “nos olhos dele?”]

A.: Hum. Aí quando tava gente mesmo aí ... tirar veneno do *makiari*. primeiro *makiari* muito forte, agora, fraco um pouquinho.

E.: Ah, ele tirou?

A.: Ele tirou.

D.: Tirou um bocado.

A.: Aí tirou, aí deixar pimenta [ininteligível] de molho no igarapé ... Aí não morre muito peixe não, morre bem pouquinho ...

D.: Só pouquinho.

E.: Ah, sim. Eh, e *kupiná*? [outro veneno de peixe].

A.: *Kupiná* também é dele.

E.: Também é dele?

A.: É, Urubu.

E.: Como é que foi?

A.: Mas não diz nada não, conta só *makiari*. Mais dia, o pessoal queria de novo. Ele foi no roçado ... tem uma roça lá no mato ... Vambora. Ele vai, ele chama pra roçar, aí pessoal vai com ele. Tá aqui, pode experimentar. Pode cheirar bem pouquinho. Esse é mais forte, mais que *makiari*. Aí o pessoal pegando, pegando, pegando ... fazer bolo, aí botar no igarapé. Aí, de repente, virar peixe.

E.: Hum. Como é que foi, de repente virou peixe o que?

A.: Morre de repente. Chegou, aí... pum, virou.

D.: Ele vai batendo.

E.: Ah, vira, virou né? [quando peixe está com falta oxigênio e/ou morre].

A.: Aí pessoal matar um bocado ... Aí deixar um bocado pra semente, pra poder ele sempre comer.

E.: Ah, pra poder sempre comer ... hum ... tá certo. Tudo isso no primeiro mundo, né? [Mito 42; como a referência ao Mito 43 foi muita passageira, acabou-se trocando a seqüência; neste ponto a fita emperrou ou foi desligada].

- [segue a criação de gente de novo. Kaxinawá de *ihkira* (buriti), *karatsi* para Kulina, botando os caroços em carreira para rezar. Primeiro Tamakori fez o pique, quebrando pau, com terçado, e rezou para virar água. Depois é que Noé faz barco em baixo no rio. Lembra o irmão de Tamakori, que se chama Djo'ó, ou São José].

D.: (...) Aí Tamakori faz ... ele mandar menino brincar com [ininteligível] ... menino bem novinho, aí tomando conta da flecha. Tem flecha muito, flecha né.

E.: Flecha de que?

D.: Flecha pra pegar peixe. Tem muito mesmo. Aí Tamakori já tirou quatro flecha ... tá aqui meu, tá aqui teu. O teu dois, a minha também dois. Tu não vai tirar mais não, senão tu vai morrer lá. O dono não deixa não. O dono não deixa mesmo não. Quando chegar lá com o dono, vazio, ele vai matar você. Vai matar mesmo. Pega ovo de você aí ... puxando, aí vai matar. Nós só vamos tirar com quatro, eu vou tirar também com dois.

E.: Aonde foi que ele tirou?

D.: Na beira assim, em terra.

E.: Na beira assim, em terra?

D.: É. Sem pegar peixe, ... planta.

E.: Ah.

D.: Plantada. Planta dele.

E.: Planta de Tamakori?

D.: É, de Tamakori.

E.: Quer dizer flecha também?

D.: É, flecha. Aí Kirak também já foi. São José aí foi ... mas é Kirak também ... aí ... Pode ir, eu tirar só pra mim mesmo também assim. Aí São José vai lá também e ...

E.: Djo'ó?

D.: É, Djo'ó. Aí Djo'ó cortar flecha pra tirar aí ... primeiro ele ia. Aí de repente, pegou ele. Pegou aqui no ovo ... Aí puxando aí, quebrar todo ovo dele ... Aí morreu.

E.: Quem foi o dono?

D.: Dono de flecha, *dʒrʒkʒ'ambitsi*.

E.: O que é isso em cariú?

D.: É lagarto. *Dʒrʒkʒ'ambitsi* é lagarto [muito provavelmente uma lagarta]. Primeiro mundo era [ininteligível]. Aí Djo'ó morreu. Menino matou ele na flecha. Aí Tamakori rezou ele, rezou, rezou, rezou ... Aí levantar de novo. Aí vem baixando de novo no canoa ... baixando, baixando ... canoa grande a dele.

E.: É de Tamakori né?

D.: É, Tamakori pintou, canoa pintada com tinta.

E.: Tinta?

D.: Com tinta. Pintar canoa dele ...

E.: De que cor?

D.: Verde encarnado.

- [segue a baixada do Tamakori e Kirak com o encontro de *Matso*, uma qualidade de onça. Tamakori tira um dente para cada um, mas Kirak quer tirar ele mesmo. O bicho pegou um pau, matou Kirak e comeu o miolo. Tamakori reza para revivê-lo].

D.: ... Aí rezar, rezar, rezar ... levantar de novo ... baixando de novo ...

A.: Não rema não, Tamakori não tem remo. Só andando mesmo canoa ...

E.: Ah, só anda ... assim?

A.: Só andando mesmo.

- [continua a baixada, encontram o sapo *Kanaraho*, que engole o braço de Djo'ó e o mata. Tamakori reza e ele revive. Perguntado, os presentes respondem que Tamakori queria tirar filho do Sapo para levar, já tinha ido pegou um para cada um dos dois; (a fita começou a dar problema e interrompeu a gravação. No outro lado, a baixada continua com o encontro do cachorro); aí afirmam que nesse tempo o *Matso* era cachorro, grande, que virou onça depois].

D.: É. Agora, quando Tamakori foi embora nesse terra, aí vira onça. Quando primeiro mundo, era cachorro. Quando Tamakori saiu nesse terra aqui, nesse mundo, aí Tamakori vai pelo outro mundo, aí onça que tem já virou *piɜda*.

- [Tamakori chega no porto do Cachorro, vai em terra e diz para Cachorro que vai levar um. O Cachorro diz que pode levar. Falava como gente. Queria levar três, mas só deixou levar dois. Dividiu de novo, Djo'ó quis pegar por conta própria e foi lá. Parece que morreu de mordida na área genital mas isto não fica bem claro. Só sobrou osso para Tamakori refazer Kirak. Faz a tripa de cipó *amikom*, a carne de barro, o olho de caroço de bacaba, o cabelo de patawa. Segundo Djo'ó ele dormiu e não morreu. Baixam e encontram a caba, cuja casa é o *tori*. Este era um paneiro, para carregar peixe ou mandioca. Tamakori rezou para a caba deixar de ter "leite", e, depois de subir, pede dois paneiro e este deu (era gente também). Djo'ó tenta tirar também e a caba pega ele, ele cai e morre. Tamakori o revive e diz que dormiu. Encontram uma paieira com cacho e Djo'ó sobe para cortá-lo].

A.: (...) Aí já caiu, viu? Aí pegou Tamakori. Tamakori tava deitado assim, aí quando perto de Tamakori, aí saiu espalhando ... Não pegou nem Djo'ó ... Não pegou nem nele não, Tamakori.(...)

D.: Aí Djo'ó desceu e quando chegou aqui no chão, Tamakori disse pra ele, isso aí é gente [falamos Kanamari], é caroço, *tɜkɜna*, é *tɜkɜna*, é Kanamari.

- [comem os caroços e arrumam em carreiras. Chegam num "aricuri"].

D.: (...) Aí Tamakori trepar, Djo'ó no chão. Aí Tamakori cortou pé de aricuri, aí já vem ... Aí Djo'ó foi pro lado. Aí perdeu, não pegou ele não. Aí Djo'ó foi pro lado que tava com medo pra ele, pro caso do ouricouri pra ele não matar. Aí, Djo'ó, pulando, aí espalhou no mesmo canto ... Foi, perdeu ... Aí parou errado [vários falamos]. Aí virar caboclo índio, aquele brabo, é caboclo do mato ... É misturado, o Tukano, Kaxinawá [ininteligível], Marubo ... Todos os outros são um só, porque já perdeu, não pegou Djo'ó ... Aí mesmo espalhou ... Aí misturado. Agora, outra coisa [vários falamos][passa a falar do *karatsi* dos Kulina, depois chega num lago].

D.: É. Já tem lago. Mas tem tracajá, tem tartaruga ... muito tracajá no lago [vários falamos]. Aí Tamakori chega no lago. Aí faz fogo, na beira do lago ... Aí ele diz pro Djo'ó, Djo'ó, vam'bora matar tracajá? Vam'bora. Tem arco pra vender ... já comprou flecha? Vendeu flecha, tem arco também, *epikam*.

E.: O que é isso?

D.: Bico pra flecha, *epikam*. Primeiro Tamakori flechou um tracajá ...

E.: Já tinha bico?

D.: Já tinha bico. Aí Tamakori flechou um. Aí pegar dois, aí Tamakori vai também ... aí Tamakori avisa pra ele, aqui eu não pego mais não. Porque o Djo'ó pegou, mas feriu tudinho o bico dele. Virou ponta do bico. Não podia, mas ele queria flechar ... Tem quatro dedos de casco de *kawɜ* [todo tipo de bicho de casca], muito duro. Tamakori avisar pra ele. Aí não pegou no casco, aí Tamakori mandar Djo'ó fazer comida, tracajá. Faz comida. Aí tem fruta, *maran*, primeiro mundo. Aí *kawɜ* foi todo pra terra pra comer fruta, *maran*. Aí *kawɜ* vai trepar todinho, vai comendo *maran* lá no colo dele. Aí deixa o casco dele no toco de pau ... muito mesmo, bem cinqüenta tracajá. Aí Tamakori diz, vambora fazer casco de *kawɜ*.

E.: Depois de comer?

D.: Quando terminar de comer. Aí tirar cipó e faz casco do mesmo caco [ininteligível].

E.: Fazer o que?

D.: Caco. *Kawɜhdak* [-*dak* serve para todo tipo de superfície]. Caco de *kawɜhdak*. Fazer todinho, quando terminar ...

E.: Cipó?

A.: É. Cipó. Aí quando termina, ele vem de novo ... descer. Ele levou casco de novo, casco dele ...

E.: Como é?

D.: Tamakori tirar todo casco de *kawɜ*, mas o *kawɜ* tá tudo no pé de *maran*. Tá tudo pegando fruta lá em cima. Deixou casco dele aqui no chão. Aí Tamakori fazer outro casco, pegou o molezinho, pegou o casco dele. Aí jogar, esconder ... pegou outro, aquele que o Tamakori que fez.

E.: De cipó, que cipó era?

D.: Cipó, aquele assim ... tipo grosso ... mas tem outro qualidade, mais molezinho.

E.: Como é que chama?

D.: *Koama'om oronanim* [não todo claro], é qualidade de cipó ... Aí, quando *kawɜ* chegou no chão, pegou e experimentar, não perdeu não. Colocar bem

tudo certo. Colocar tudinho. Aí levou, levou embora ... Aí quando terminou já foi tudo pro rio ... *kawɜ*. Aí Tamakori experimentar logo. Eu experimentar. Aí flechou ... e ... já foi. Aí Djo'ó também foi flechar um também ... Aí já ficou bom ... no outro casco. Quando primeiro mundo, o casco de *kawɜ* muito duro, aí Tamakori faz outro casco dele aí ...

E.: Era *kawɜ* mesmo?

D.: Era *kawɜ* mesmo.

E.: *Kawɜtinim* ou *kawɜ* [espécie de tartaruga].

D.: *Kawɜhtinim*, *kawɜnha* [ininteligível] também ... *kawɜhpaiko* [*kawɜ* macho] [vários falam].

E.: Aí acabou?

D.: Acabou, terminou [por problemas da fita e da transcrição, equivocadamente este mito ficou com o número **Mito 58**, em vez de seguir a ordem geralmente cronológica].

Comentário

Ao ouvir a fita depois de gravá-la, Djo'ó esclareceu que ouviu a história da enchente do seu pai, que a ouviu do seu pai antes. Quando o Urubu chama o homem de *itsakwa* (genro no texto, também sobrinho cruzado), isto não quer dizer que são parente [o uso desses termos é discutido no Volume 1]. O nome de aricuri (ouricouri) é *kotsi*. *Maran* é uma fruta comestível, como pimenta encarnada, que o *kawɜ* não come mais, hoje sua dieta consiste de coisas como peixe, capim na beira do lago, e até barro.

O informante

No dia seguinte, o dia amanheceu com uma “friagem”, como acontece de vez em quando no verão, no Alto Jutai. O frio e uma chuva fina intermitente impeliram quase todos os índios a ficarem em casa, quando normalmente haveria gente, particularmente homens, saindo desde que o sol se levantou. Uma das pessoas, que sempre saía para os mais diversos

afazeres, era o outro tuxaua, Djahuma, que liderava um grupo originário de Nauá. Nesse tempo, ele era muito ativo (mais do que o colega de Caraná), e geralmente só era encontrado na sua casa, em construção, nos momentos das refeições de manhã cedo e do fim da tarde, ou, ainda, na hora de dormir. Em face disto, dificilmente estava disponível para contar histórias, o que é lamentável porque possui uma memória muito boa. Por outro lado, sendo irmão mais novo de Kurau, seus conhecimentos parecem ser muito semelhantes por terem fontes, na geração mais velha, iguais ou quase iguais. Djahuma era casado antes com uma outra mulher e tinha filhos já adultos desta união, e Kaioma era um destes. Ele a deixou por uma mulher mais bonita, pelos padrões Kanamari, com personalidade própria, e que era uma viúva com quatro meninos. Assumindo os meninos desta, que até o chamam pai, o casamento implicou ainda em dar uma filha a um dos enteados mais velhos, numa espécie de compensação. Junto com a primeira mulher, novamente casada, esta parentela constituía o núcleo de habitantes de Nauá (com os filhos já todos casados). Para atender tantas famílias, era preciso grande empenho, e somente neste dia o mau tempo o reteve por algumas horas em casa. Aproveitei para visitá-lo, e perguntar-lhe alguma coisa enquanto trabalhava na confecção de um bico de ferro (uma ponta de flecha). Não havia ferro antes do cariú chegar, fazia-se “preaca” de paxiúba ou taboca. A caça era com arco e flecha.

Mito

E.: (“)Tinha roça?(1)

Mito 43 D.: Tinha, Tamakori mandou *tawa*, maniva (de macaxeira). Já vem do céu, um feixe grande assim. Ai desceu e índio derruba pau, com pedaço de pau, derrubando as árvores grandes botando fogo no toco. Arrancava as plantas menores, não tinha machado, né. Tamakori quem manda *tawa*, maneva. Primeiro índio come casca de pau, chama cedro de águia, *tsimaha*. Casca dele grosso para comer, comer todinho. Aquele palmito mesmo, primeiro palmito. Depois tinha outro palmito, de moro-moro. Índio vai devagar, vai tirar, quando outro índio vai chegar, mostra aquele palmito. *Ko'ona noko*,

é aquele que fazer chapéu na cabeça (2). Come cozido, quando com fome mesmo, come cru mesmo. Cozinha na panela *morokom*, aquídá [cerâmica]. Depois, quando Urubu voando por aqui. Eh, tem cunhatãzinha, do tamanho de filha de Djahuma (3). Aí o pai pega e mostra pra ele [ela]. Eh, sua família aqui, o Urubu baixa, passa por cima e volta. Fala pra ele pra casar com ele. Quando cunhatã grande, já tá de bode [menstruação], Urubu já vem. Reparando, passou quatro, cinco, seis, sete anos. Aí desce, desceu quando grande já, seis anos já tá grande. Já tá cortando cabelo. Casa grande, maloca de Kanamari, como aqui. Urubu já vem chegando, trazer tapioca, banana, *tawa* em pera grande, milho, tapioca de milho. Tudo no mato, os outros, tudo no mato procurando palmito. Urubu velho já vem, nem ninguém, só na casa. Nem sai pra ganhar o mato. Quando a mãe chegar, ele vai sair. Urubu já reparou todinho, tem ninguém. Urubu senta mais pra dentro [pousa], deixa pera de *tawa*, banana madura, naja madura, milho, tapioca, ananás. Vai aparecendo roça. Deixou aonde tá a família dele. Meu sogro marcou você. Não sei, parece eu mesmo. Eu quero vir aqui pra casar você. Quando come, só casca de pau. Verdade? Verdade mesmo. Nunca comer *tawa*, nem batata, cana, *naatsi* [milho], banana, nada. Agora eu vou mostrar pra você, eu trazer pra você. Traz cinco tapioca grande. Pra você, pra sua gente, mãe, pai, irmão, panela grande de *tawa*, outro de banana madura, aqui no fundo vai naja, meio banana grande, maçã tá no meio também, cumprido em cima (4). Pronto, só pra mostrar pra eles. Quando chegar, mostra não. Quando pai chegar, quando chegar mais, primeiro mostrar tapioca, mostrar milho, abacaxi, outro não. A mulher vai cobrir o *tawa*, tudo cobrindo, ananá também, grande mesmo. Aí eu vai embora. Quando amanhã eu vem aqui, cinco hora. Meu sogro pode me esperar, ainda vou trazer mais. Agora vou trazer massa de *tawa*, de pupunha. Já foi, foi até o céu, tá morando lá. Trouxe coisa de lá. Aí, quando chegou lá, mãe, eu vou casar aquele mulher mesmo. E o pai? Só encontrei a menina. Volta amanhã que eu quero ver ele, ainda trazer mais cana, mamão, abacaxi, massa. De tarde deixar cana, abacaxi, banana e aí vai deixar mais. Dorme, até de manhã. A mulher já disse pro pai, já trazer *kadjo* [jacaré], *hihna* [arraia], outro trazer *maran* [tatu], *hihna*, *tokpɔ* [poraquê]. Chegou mais cinco com carne. De tarde chegou mais cinco, com carne de novo. Mais, mais dez com carne também. Aí a mãe dele já chegando, tá com fome? Tou bem mãe, eu não

tou com fome não. Mãe, não mostra esse *tawa* todo pro caboclo não. Filha, os outros também querer, cunhatã não deixa porque Urubu falou. Me arruma minha filha, casca de pau é ruim demais. Agora já aparecendo *tawa*, já mistura com *kadjo*. Aí, tá bom, pode dar, cada um uma batata grande. Mãe dele dá cada um uma, dá pra outro, outro, outro. Vai fazer, cozinhar pra seu marido, beiju de novo. Não gosta mais de casca de pau não. Aí de manhã o pai ficar, em casa, os outros todo no mato. Um rapaz fica, vontade de conhecer. Dois tuxaua, pai dele tuxaua. Aí chega cinco da manhã. Aí já vem, soprando, batendo terra [tum, tum], pra gente aparecer. Já vem pessoal. Ele todo bonito, pintado com cordão, novo. Quem é meu sogro? Aquele Tamakori, o Urubu. Que você come? Palmito. Que? Palmito mesmo. Mesmo como terra aquele palma, aquele casca de pau [ininteligível]. Como? Eu quero provar, todo pera grande, trazer, como nossa também. Mostrar, assim tá errado rapaz, diz Tamakori. Agora vai deixar palmito, eu vim aqui, sogro, quero casar com sua filha. Só você vai olhar bem pra mim, você já tem roça feita, plantando pau de veado, toda qualidade de pau, já brocado, queimado, veado planta também, é mesmo como maniva. Todo índio planta, mas só sai raiz de pau, nem *tawa* não apareceu. Aperreando pra roça, mas nasce nada, terra limpo. Embora espiando roça grande, como aqui. Casou com filha. Baldeiou semente, que trouxe caroço em folha, aí espalha, tudo segundo falou o Urubu (5). Falta só capinar, perdeu nada, nenhuma cova [K.: desde aquele tempo nunca mais perdeu neste mundo]. Quando roça tá grande, a mulher já tá pronto pra ter filho do urubu. Quando nasce, o Urubu fala, não lava com água fria do rio não, sogro, tira folha de *tawa* de roça pra ele não morrer. Quando nasce, o sogro dele lava o menino com água fria, e o menino morre. Aí Urubu já deixou, foi embora e a roça fica todo morto também, morreu tudo, tudo preto já. O sogro lembra que deixou cinco maniva no mato, ele vai lá olhar pra achar. Já tá nascendo, vai limpar a terra. Já tá nascendo, bem dez cova ainda. Aí comendo palmito, quando grande tem batata, aí planta mais, outro ano mais, outro também. Aí ficou. Banana parece que também tem ainda, tudo do Urubu (6) [Os dois irmãos disseram que:] (“o pai falava tudo para os seus filhos. Desde aquele tempo da chegada do *tawa*, o pai conta para seu filho, o pai dele aprendeu do seu pai, e eles ensinam seu filho. Quando morre o pai, o filho já sabe, e vai contar para o filho dele.”)

- (1) Como estávamos numa casa em construção, o anotar do texto não acompanhou sempre a narração de modo literal, somente uma parte da anotação o é, pois, literal.
- (2) Um feixe que circunda a cabeça, como enfeite numa festa. Às vezes, usado também no cotidiano.
- (3) Trata-se de uma menina de uns quatro anos.
- (4) Ele mostra que é grande.
- (5) Ele estava limpando uma roça nova. Neste momento, Kurau tinha chegado e interferiu, comentando que o Urubu trouxe tudo, até o capim da roça, atrapalhando a narrativa do irmão.
- (6) Quando terminou, Djahuma pegou macaxeira cozida no fogo da casa logo ali no chão no meio da construção, sorriu e me deu, dizendo que era aquele que o Urubu trouxe.

O informante

No dia seguinte houve a sorte de aparecer uma boa comida, bem mais cedo do que normalmente se comia, pouco depois da uma hora em vez de no fim de tarde; bem satisfeito, Muyawan veio descansar um pouco, deitando-se no chão da casa. Este era o homem mais velho de toda a aldeia e pai do tuxaua de Caraná, Aro, seu filho mais velho. Quando ainda em Caraná, ele estava bem de saúde e, em relação à sua idade, bastante ativo e uma influência importante sobre seus filhos. Os irmãos constituíam o núcleo da parentela da então aldeia, e todos eram casados, sendo os dois irmãos mais novos bastante ativos. A irmã era casada com Daura, um genro e cunhado agregado influente, por ser o prestigiado xamã do lugar. Aro exercia a função de tuxaua mais por ser o mais velho filho do seu pai do que por ter grande empenho nisso (mas agiu diferente durante a visita da gente do Juruá, quando se empenhou bastante em seu papel, em 1988). Muyawan vivia principalmente com Aro e sua mulher, uma Tukana, e com sua filha e genro, por-

que era viúvo. O primeiro casal, ao contrário dos irmãos, não tinha filhos, coisa que os Kanamari não apreciam. Aro culpava a mulher, mas esta tinha tido um filho num casamento anterior, e suspeitava-se que a falha era dele. Dos dois, Aro era o mais prolixo, embora geralmente não muito paciente: Muyawan sabia provavelmente mais mas, embora sempre solícito, poucas vezes se sentia inspirado para contar algo. Desta vez, bem de saúde, satisfeito pela comida e descansado, ele, ao atender ao nosso pedido de falar sobre o primeiro mundo, resolveu contar sua história favorita, “padre Conceição”, que deve ser o mesmo que o “padre Contesino” de Kurau.

Mito

Mito 25 M.: (“) O padre vem passear, fazendo hihhi na sua chegada e estavam com medo, na maloca, que vinha para matar. Não, vem não, *noktɜ* (1). Você saber eu? Tamakori é o avó dele, o pai dele é Francisco, a mãe Maria. Não sabiam falar cariú e perguntam como sabe nossa fala. Eu sou de Tamakori, Tamakori eu, mais dia eu também vai, você também vai, Muyawan [um parente mais velho do mesmo nome]. Quando eu morrer eu vou para meu pai Francisco, e minha mãe Maria. Todos estes parentes estão no céu. O padre fala muito e canta, *atsa paiko Tamakori, kodo naki atsa niama* [palavra não clara] *atsa pama* (2). Ele mora em Eirunepé, com cozinheiro chamado Paulo. Bora espiar, procura, no remanso, com rede, anzol, tarrafa grande, mas não acham nada. Parece que caiu no rio, e procuram o padre, mas não acha nada, já foi pro céu. Os cariú procuram mais no raso, com rede grande, até tem rezador, mas não acham nada. Faz muito tempo, eu era rapazinho pequeno. Outro padre não fazer mais não. Aquele primeiro, neto de Tamakori, era Tamakori. Agora não fala com índio. Meu avó quem ensinou pra mim, quem foi *tawari*, ensinar não eu acompanha meu avó (3). Quando fazer *ad-joro* [ter relação sexual], pegou, jogou, acabou tem muito peixe (4). Tu sabe Aro? Padre contou, Aro agora você saber. Aro tu sabe esse peixe? Bom é *djam*, agora pode comer, já faz muito tempo, não é pombo mais não. Aro, eu não beber *kuya* não. Só guarapa de naja, banana grande, ananá. Manda Aro tirar dois paneyro de ananá para ele beber. Vão buscar na roça. Faz garapa, aí quer beber logo não, lá o caneco. Não bebe *kuya*. *Paiko* não quer, só *kuya* de milho,

mais maneira. *Kuya* de *tawa* é muito pesado. Você acostumado, eu não. Uma semana na maloca, vai voltar pra Eirunepé. Tu sabe, ele anda assim de bengala, devagarinho, olhando o mato o tempo todo (5). Vai andando, até meio dia, o Pima, eu não passar em cima de pau velho não. Tamakori quando tá nesse mundo não passa em cima de pau velho não [está no varadouro]. Bate, dói na canela da gente. Pima escuta queixada. Eu vai matar, não, não mata não. Mira minha carga, deixa lá. Pima deixar queixada, marcha deste mundo velho [ininteligível]. Bora, Tamakori sabe tudo, todinho. Tamakori, primeiro mundo fazer mulher de pau [agora lembra a parte em que Djo'ó queima a mão, e a mulher dá risada na taboca]. Padre contar assim, primeiro mundo. Djo'ó não tem mulher, Tamakori já tem, ele com vontade também. Eu também quero mulher, tira costela de Djo'ó, padre conta assim, não sente nada, é Tamakori né. Bota água morna, lava bem lavadinha, branco, como cariú. Djo'ó não olha, se olhar perde. Já vem mulher aí, mulher bonita, da costela dele. Assim, padre contar assim. Saber ele, Padre Conceição. Só ele mesmo contar. Contar pra Aro. Essa planta, Aro, tem sangue. Adão plantar *tawa*, cana. Amargoso, **pan**. Quer chupar, amargoso. Não pode plantar. Tem muito como chama, mahunʒ'am, cana. Maniva cortada tem sangue. Planta assim mesmo, planta cana. Quando maduro, não tem não, tudo bom. Já tem mesmo, só num mês, Tamakori né. Djo'ó tira cana, bom mesmo. Acaba cortar, ele, Aro, eu contar outra história. *Paiko* mora aqui, na beira do rio. *Paiko*, mulher e curumim. Bicho come todinho, só água. Adão faz embarcação, tem dois filhos, *itsaro* curumim [menina] e *pia* [menino]. Outros bicho come. Adão embarca também, primeiro mundo. Agora não, agora é outro, este mundo. Aquele mundo outra velho, não presta não. Tem letra aqui, quando tu saber eu mostrar pra você. Só conversar com Aro mesmo. Lá no Juruá, no César (6). Eu chegar aqui pra contar pra você, eu mostrar pra você, Já grande. Aro caboclo, mas branco como cariú [E.: Como?] Como cariú mesmo. Tá aqui neta de Aro, Wahpain e Uwi. Pai de Ariatá. Aro grande como eu. Aro, eu comer *tokpɜ*, *kadjo* [poraquê, jacaré]. Quando pegar trazer, pra mulher tratar bem, tira lombo dele, aquele branco [barriga]. Eu como Aro, eu escutando. *Paiko nawɜtɜ* [não quer]. *Atsa pama* [nosso pai] tinha dois mulher, quando morrer não vai pro céu não. Eu não querer, Tamakori olhar e vai pra trás. Eu vem contando tudo pra você. Não vai casar dois mulher mais não. Tamakori Deus. Tamakori já vem andar com índio. Eu vem aqui passar na sua casa pra tu saber também. Quando tu não ver eu, tu não sabe nada, eu

Tamakori. Tamakori mesmo? Eu Tamakori. Zé Francisco *atsa pama, atsa hwa* [avó] Wainha. Assim ele contar. Tu só saber notícia velha. Tu nunca viu. Ele tem cabeça pelada. Você já viu Aro, Tamakori cabeça pelada. Não rouba kariwa não, mais não. Você é Wadjo Paranim, não bota mais caruara não. Eu não botar não, quem dá pra nós é branco. Branco arruma terçado, machado. Nós não matar ninguém. Cariú matar você, se matar ele. Agora eu vou contar, mostrar até governo, até lá na terra dele, lá pro céu. Vai pro céu, levar pro céu pra Tamakori ver. Contar todinho mesmo. Leva letra pra *paiko* ver. *Paiko* ver, Wainha, *pama* também ver. Oh, Mawin vem cá. Para escutar bem você. *Pama* Mawin. Eu tenho *tsuipi* (7). Cadê? Eu vou entregar. Papai chamou ele, padre Conceição bom. Deste tamanho, aqui tem, entregar tesoura, tesoura. Muyawan ganha também. Eu dou presente, tudo. Tá bom? Tá. Tá com fome Mawin? *Wapam tihtan* (8). Eh, Paulo, vai buscar comida, só pão, duas panela de café. Conversar muito. Comer lá mesmo. Ainda quer olhão? Olhão, pescado. Todo homem comer, só mulher não comer. Agora vem tambaqui. Bora comer devagarzinho. Quando acabar aquele, pode entrar. Beber guaraná. Come muito. Vai contar mais não, bora dessa já. Vai levar, Aro, Mawin, Podak, Marawin, leva farinha *tawamim*. Meia lata para cada um, uma pra Mawin, tinha muito filho né. Assim. Já plantar, lá, aquele bacaba. Já viu lá em Eirunepé? Aquele índio planta pra padre Conceição. Planta muito, naja, aquele coco miudinho, *tawa, karahtsi*. Tudo, tudo. Tucum, taroba. De onde vem padre Conceição? Lembra não? [R.: Vou procurar, você me contou outra vez]. Canta então “*paiko* não come peixe não, só poro do mato”. É o canto dele (9). *Paiko* já comer, já saber. Eu contar pra ele outra vez. Eu contar pra ele ver. Contar todinho, não perde nada. Aro mais Muyawan. Tamakori, primeiro mundo. Com rede grande lá no meio do rio. Quando navio grande passar, em baixo, padre morrer mesmo. Deixa letra, lá na terra, lá na *t3k3na* velha, lá na terra de Tamakori mas não morre não, foi lá em baixo. [parte pouco inteligível]. Debaixo da terra, Tamakori sabe aonde tá em baixo da terra. Tira mina. Quando cariú saber, ele tira. Muito trabalho, tem muita pedra, tem muito lá, querosene. Quando mata gente dele, chegar na casa dele. Dormiu lá no quarto, com família dele, cariú fica fora. Dormiu muito até o dia. Cariú bate na porta, nada. Casa tudo pesado, cariú mexer pra sair. Nada, já foi embora. Tamakori já foi pro céu. Olha letra, tem mina em baixo da terra, letra pra fazer avião, navio, roupa. Tem fábrica também na letra. Trabalhar muito pra saber. Cariú saber. Tem tudo aí, tem letra pra fazer

espingarda. Embora tirar mina, fazer fábrica, fazer espingarda, fazer tudo. É assim, Aro. Eu vim aqui pra contar pra você, Aro. Aro, você sabe notícia de Tamakori, sentar no terreiro, ah, ah, é carneiro. Virar carneiro, todinho. Que foi? Virou boi, Deus tava aqui. Cachorro também, também gente. Galo também. Que é isso rapaz? Virou todinho, tse tse [som animal], pato. Não tem nada pra comer. Tamakori vem lá. Vira todinho. Eu tou contando, não é conversa à toa não, verdade mesmo. Quando eu saber, eu mandar professora. Quando eu morrer, não manda não. Cariú engana muito pra você. Eu mandar pra você. Você não sabe bem gíria. Bora, nunca veio mais. Só agora. Pra Aro, Muyawan, Djana. Pra aprender gíria do branco, você muito brabo. Pra estudar. Não sabe nada. Estudar. Não sabe nada. Estudar, mandar aqui pessoa pra você, pra ensinar gíria do branco. Professora. Cadê professora? Pra ensinar você. Quando eu morrer não manda não. Eu mandar pra você [acha graça, ri], na escola. Mais dia, logo não, ensinar pro seus filhos. Já tá aqui, você tá aqui (10). Eu muito brabo já. Depois aprendeu (11).“)

- (1) Não valente, bravo. Chega com intenções pacíficas.
- (2) Trad.: nosso avó Tamakori, no céu (está) minha mãe, meu pai.
- (3) Amigo. Parece ser utilizado para outros Djapa e povos.
- (4) Ai se referiu de passagem ao mito da primeira mulher, com o pombo de Djo’o virando peixe.
- (5) Ele também faz gestos nestes momentos.
- (6) Local no Juruá.
- (7) Todo tipo de contas.
- (8) Muita fome.
- (9) Começa gesto de fazer a cruz na testa; Rosário ajuda.
- (10) Rosário tinha dada aula às mulheres, ainda fazia-se “conta” com quem se interessava. Muyawan continuou lembrando sua própria aprendizagem do português, quando só sabia dizer compadre.
- (11) Terminou, concordando que eu precisava registrar, e disse que outro dia contava mais um bocadinho.

O informante

No dia seguinte, primeiro de agosto, continuávamos em pleno verão, e uns poucos homens tinham ido buscar ovos de tracajá e peixe de igarapé do riozinho Dávi (um dos quais era Waro, tuxaua de lá, porque o Jutai é a terra original do seu Djapa). Ainda logo depois de sua chegada, na noite anterior, haviam dividido o que tinham trazido em porções e oferecido tudo às mulheres, que os receberam cantando. Nesse dia, alguns, da moradia onde estava Pairo, entre os quais Dahiwa, seu filho e dono da casa, foram buscar mel, e passei nessa casa para conversar com ele. Pairo é um homem de meia idade, que era viúvo. Do seu primeiro casamento com uma Kulina (coisa rara), ele tinha dois filhos, casados e também com filhos, sendo Dahiwa um deles, com o qual ele se agregava mais em termos de casa e trabalho. De um outro casamento com uma mulher Kanamari, tinha ainda mais dois outros filhos, não casados. Pairo, depois destes casamentos e filhos contentava-se em arranjar uma namorada e em viver com maior tranqüilidade, convivendo mais com o filho e deixando boa carga de responsabilidades para este – embora não deixasse de se empenhar nas atividades do mesmo. Geralmente, dizia que não sabia muito sobre histórias, não, e remetia a Kurau e Djo’o. Esta foi a primeira vez em que se deixou convencer de que também poderia contar alguma coisa. Perguntei se não havia uma história sobre mel. Era de tarde, tinha acabado de comer e, tranqüilo, em casa, falou rapidamente com outro filho e entrou a falar com um mito diferente.

Mito

Mito 44 (1) P.: (“)Agora Anta vira por dentro mulher, vai foder mulher. Na casa dela, bem de noite, ele brinca de noite. Mãe diz, que foi? Nada mãe. De dia, a filha diz, mamãe, eu vou dormir de dia. Porque? Porque acostumado. Mentira. Dorme até meio dia, toma banho, e vai dormir de novo até cinco hora. Aí, de noite já vem de novo, debaixo da maqueira [rede], pra mexer de novo, té té, brinca. Quando foi zoada, aí ela ouviu o pombo batendo, té, té. Mãe dele já ouviu. Ela acha bom, pombo grande, pombão (2). Outro dia, minha filha, vamos pra roça. Não vou não, vai sim que eu não vou sozinha.

Vai quebrar milho, dois paneiro. Filha, eu vou na frente. Chegar em casa, a Anta tá escondido, lá no mato, no terreiro mesmo, com folha. Ela vai buscar água. Aí, pa, pa, ele tava escondido por lá, aí ele bate ela, forte, bem na altura do peito [mostra]. Bate muito e ela grita. Outra batendo milho. Anta deita no canto de novo. Ela vai cozinhar água, leva água pra jogar nele. Outra vez, vai para o porto e Anta sai, aí ele joga água quente. Ai, ai, dói muito e a Anta morre. Chuva um bocadinho e lá na roça ela já sabe, mamãe matou meu Anta já. Aí, mãe porque você matou meu Anta? Porque minha filha, porque a Anta me bateu muito. Ele já fodeu muito, tava escondido no terreiro, agora eu vou embora. Mãe dá urucu, passa na perna debaixo, passa nos olhos e ela vira passarinho. *Wahpaka*, já virou passarinho, mãe dele chorando, com pena dele, já avoando. Já matou a Anta dele, foder noite toda. Vira *Wahpaka*, olho bem pintado, bico, perna e ela grita *we, we.* (“

- (1) Como se expressa muito rápido quando se entusiasma, gesticulando concomitantemente, o texto que segue não faz jus a este ritmo.
- (2) Ele indica o tamanho.
- (3) O velho Tewin passa e Pairo o convida para subir e diz que ele também sabe. “Pai nosso também, conhecer todinho”.

O informante

Em 1984, antes da chegada da Funai, como já foi mencionado, havia três núcleos de povoamento. O terceiro era liderado pelo Waro, tuxaua do Dávi (ou Davia), afluente do Jutaízinho mais a jusante, e, portanto, mais próximo de Queimado. Este era o grupo menor, consistindo basicamente de Waro e seus dois filhos casados, às vezes acompanhados pelos pais de uma de suas noras e do seu genro (que tinha casa em Caraná também). Waro descendia de um Djapa chamado Kotsa Djapa (Lontra Djapa, ou melhor, Ariranha Djapa), originário do rio, e derivava deste fato sua qualidade de líder, tendo, na verdade, poucas outras qualificações para exercer liderança mais efetiva. Ele casou e enviuvou de uma filha de Kurau, e vivia agregado a seus filhos

deste casamento. Depois de uma sua expedição em busca de ovos, deve ter ouvido falar das nossas gravações e veio dizer que sabia muita história do primeiro mundo. Então o convidamos e fomos, num momento tranqüilo, logo depois da meio dia, para um lugar um pouco afastado e fora da aldeia, perto do porto. De fato, Waro queria mesmo registrar e lembrar seus antepassados mortos, assim como expressar a sua saudade de ser o último Kotsa Djapa. Ele lembrou o pai, Marin, o avô Waro, o outro avô Tewin, o padrinho e um “cunhado” de nome Piraham, a mãe Tsaiwa, e a avô Butsi (nesta ordem).

O mito

E.: Quem contava histórias para você?

W.: Foi papai. O irmão do meu papai, Djo’o.

R.: Papai contou história de Tamakori?

W.: Ele contou pouco, eu saber só pouco.

- [Ao ser instigado a contar o que sabe, ele respondeu lembrando mais parentes mortos. Desta lista, aliás, se depreende que uma avó não era propriamente Kotsa, sendo mais considerada como Wadjo Paranim, ou seja, a mistura dos Djapa é também aqui mais antiga, e ele não descende apenas dos Kotsa. Ignorando novamente uma pergunta, ele continuou, passando dos indivíduos para os grupos].

W.: Tem, tem Tsuma, tem Bim Djapa ... misturado né. Tem Warikama Djapa ... Afora, esse daí do rio Juruá. Os daqui mesmo já morreu tudo ... Tudo quanto é Djapa ... Tudinho ... Warikama Djapa também ... Tem Kiri Djapa - - [no diálogo aparecem outros grupos, como Norɜm e Tsaha Djapa (um macaco e cigarra), todos os Djapa falam a mesma língua].

- [depois de lembrar mais um parente que foi passear no Juruá e que mataram lá, ele mostra que conhece a história da primeira mulher, feita de âmago de pau. Tamakori fez bem feitinho e reza para ela virar gente].

W.: (...) Não, fui eu quem fez tu. Você âmago de pau que eu fez. É assim que Tamakori que diz pra ele. Foi nada. Foi. Foi eu que fez, que tu pra virar gente, tɜkɜna. É mesmo? Foi. Aqui não tem gente nada .. Só tem eu. Agora eu fa-

zer âmago de pau e agora tu virar gente. Foi mesmo? Foi, quem fez foi eu, pra tu virar gente. Ah! Assim não demorava com vinte [ininteligível], com tudo não ... Eu disse a você, tal dia [ininteligível], você ainda não está boa ainda não. Por todo mundo meu .. Você âmago de pau, deixa virar mais gente. Tá. Anda. Ele veio andando, andando, veio andando ... Tá andando, andando ... Agora tu pode virar gente. Tá. Ele fazer peito ... R.: De que ele fez o peito? W.: De pau mesmo, âmago. Mesmo como bonita, ele é fio [feio?] assim até virar gente mesmo, cabelo, tudo ... Ele fez cabelo do macaco preto, até virar cabelo como gente. Aí quando, a gente virou mais gente, já faz tempo, aí pediu a Tamakori, Tamakori, tou com vontade de casar, aqui não tem mais homem não? Peraí, eu vou arrumar homem pra você casar. Ele fazer tudo de novo, do âmago de pau, ele fazer, fazer perna, tudo ... cabeça, ele botar cabelo. Aí botar aí no chão. Aí vai rezando, rezando ... devagar, ali mesmo ... balançando. Agora vai virar gente de novo. Ele esperando rezando, levantando ele assim, rezando, rezando, balançando, balançando, balançando ... dois dias ... Levantar. Aí de cócoras, ele esperando ... Aí está. Aí indo, indo, indo, ele falar, tá bom mesmo? Tá. Levanta, vai dormir. Ele levantar ... levantar devagar. Dá pra andar? Não, eu tá dormindo ainda. Então senta. Ele sentar de novo. Ele vai rezar, rezar, rezar, rezar, rezar ... Já tá bom de andar? Acho que já tá bom de andar. Levanta! Ele levantar ... Em pé! Ele levantar, em pé ... Espalha tudo mato! Espalha mato todo. Espia flor! Ele espiou. Que tal, já tá dormindo [ininteligível] ... já esfregaram tudo? Já. Então anda pra eu ver. Ia andando devagar ... voltar, voltar, voltar, voltar ... Pronto, agora senta de novo. Sentar de novo. Já tá bom de andar mesmo? Ele disse, já. D'está ... Aí, vai indo, vai indo, vai indo ... até virar gente mesmo, homem. D'está. d'está, d'está ... aí, tem coisa de matar aí pra nós? Tu sabe matar? Aí, pegar peixe, tainha, tudo ... nambu, com flecha? Eu pesco. Então vai! Tamakori mandou, ele foi. Ele levar flecha ... Ele flechar mutum, jacu, nambu ... assim, já. E Tamakori, ah, você tá bom mesmo. Agora você virar gente mesmo. Tá bom. Outro já danado, né. Tamakori, quando vou me casar? Pronto já tá aí esse homem. Já tá feito. Já sabe tudo, já flecha tudo. Já pode casar. Aí casar ... vai indo, vai indo, vai indo ... barriga [ininteligível]. Aí tudo nascido. Vem outro de novo, vem outro de novo ... Aí vem tudo gente. Ele que começar gente, nós!

E.: Todo mundo vem daqueles dois?

W.: É.

R.: Que todo mundo, quem é nós?

W.: Mais né. Os mais vai ... botando gente né.

E.: Como era o nome da mulher. Tinha nome? Do homem, ...

W.: Eu não sei. Já faz dias, quem contou pra mim papai, faz tempo. Eu, nós, num sei. Foi papai diz, quem fazer nós, âmago de pau, foi Tamakori que faz. Pra nós virar tudinho gente. Antes não tem gente, nenhum gente não tem. Tamakori botando mesmo, logo vai nascer tudo ... uma mais ...

E.: Todos Djapa, Kotsa?

W.: Kotsa Djapa ... tudinho.

R.: E Kulina?

W.: Ah, Kulina eu não sei não. Kulina é lá do Juruá.

- [pouco depois ficou claro que quem deixou tudo, para plantar, comer, beber foi Tamakori; ele fez também machado e terçado. Tamakori buscava semente e plantava, “ele fez com (como) a gente né”. Ainda contou uma versão de que Tamakori trouxe também pupunha e a plantava, deixando-a aos cuidados dos índios, mas dando instruções. Depois da fita parar, ainda acrescentou que Tamakori fez bichos de barro. O *piɜda* era um destes. Andava pouco ainda, rezava mais, até andar bem; e vai caçar pra ver se está bom mesmo. Está, e aí Tamakori o manda para o mato, não pode ficar aqui, lá no mato pode caçar e comer. A partir daí discutimos outros assuntos, como certas localizações de Djapa no Jutai, e a história de um coronel que morava na boca do Nauá na época da borracha].

No mesmo dia, depois de tomar parte em festas do rami, durante duas noites, Djo’o estava descansando na sua casa de tarde, balançando-se lentamente na rede. Conversamos sobre o rami.

E.: (“)Não tinha rami no primeiro mundo?

Mito 44 D.: Tem não. Tamakori deixou mesmo no mato. Você sabe do anjo?

E.: Não sei.

D.: Foder irmã dele, *wadja* [lua]. Anjo que fazer assim. Ele morar com irmã (1). Quando de noite ele comendo de noite. Comer, foder. Parece que outro rapaz querer namorar. Não tem, só irmão, porque irmã não saber. Anjo é *wadja*. Aí, fazer urucu, ele rapar, tá tirando jenipapo, fazer a massa de jenipapo, fazendo no tamborau grande aonde tá a rede dele. Perto da rede dele. Quando de noite de novo, irmão dele vai lá de novo. Meter mão, tá fodendo ainda. Mete mão, passa mão na cara pra saber (2). Fazer marca, no anjo. Quando de manhã, irmão dele saber. Ah, irmão namorar comigo, foder comigo. Aí, anjo querer foder com ela, não ter outra mulher mais. Só irmã dele. Anjo deixou ele. Anjo já embora, já foi pra outro lugar. Onde tá o pai dele, mamãe também. É Tamakori mesmo.

E.: É a lua?

D.: É. Não acaba mais não, marca no *wadja*. Quando lua cheia, tem marca agora (3).

D.: (...) Agora o pessoal mesma coisa também, como *wadja*. Ele comer irmão, irmã, também sogro. E.: Quando? D.: Agora mesmo, naquele mundo agora. E.: Como é? D.: Eu achar ruim, ele comer irmão dele, comer sogro dele, comer até vovô dele. E.: Pode não? Com quem pode? D.: Outra mulher mesmo. Só com os outros, não com irmão. Quando tem sogro dele, ele come, come e casa. Pedir ele casa, assim bom. Quando casar sogro não é bom. Quando morre, chega lá no céu, é pecado [diz picado]. Tamakori quer saber. É pecado. Quando nós morre nesse mundo, aí quando chega lá no nosso pai quer saber. Aí, nossa coisa, Tamakori botar magro. Como menina, lá no céu [pênis]. E.: Mas ainda pode foder? D.: Pode. Anjo tem avião também.

- [Aí ele entrou para explicar que a lua trabalha com uma máquina, lá no céu, usando meninos que morreram aqui. Quando crescem e ficam grandes, manda para a aldeia da mãe dele. Naquele momento toma outro menino para trabalhar na máquina (de um barco). *Wadja* tem gente, o sol, *tsam*, não tem. No *wadja* é quente. Quando morre um criminoso, alguém que mata os outros, este vai lá “na casa do cão”. Quando chegar no céu, Tamakori saber, eh, você não, não pode passar. Vai lá pra Satanas. Agora vai pro inferno, queima, vira carvão, pesar, assoprando, vira cão preto. Gente boa passa direto. Tamakori que deixa].

D.: Tamakori rezar nós. Quando chegar lá, rezar, rezar, passa uma noite.

Você tá com vontade de ir pra sua aldeia? Eu tá. Pode ir pra aldeia dele, Tamakori manda ele.

(1) Ele troca irmão e irmã freqüentemente; corriji aqui para ficar mais inteligível.

(2) Gesticula de cima para baixo.

(3) Foi o pai que lhe contou, um Wadjo Paranim com mistura de Hitsam Djapa. Ao lembrar que ele era tuxaua, enumerou algumas coisas sobre o que era sua tarefa. Isto é, a de exortar todos a se comportarem bem.

Mito 46 D.: Passear lá em cima. Caboclo, Djanim. Kadjikiri Djapa.

E.: Como é?

D.: Rapaz eu não sei, foi papai que contar. Quando filho morre aqui. Tá com pena, pajé. Outro pajé fica. Eu vou falar com Deus. Kiripam, nome do caboclo. Djanim vai falar com Deus. Fala, fala, até chegar no céu. Como aqui também na terra. Tá com saudade? Ah, eu tou com saudade da terra. Já botou na rede. Djanim pega braço, bora, pegar braço, bora, já tá morto neste mundo já. Quando perto de casa, filho já levanta de novo. Djanim buscar ele no céu, Djanim como Tamakori. Tira muito caruara. Aí, quando animação, Djanim vai de novo no céu, fazer *Warapikom* [festa] na aldeia dele. Caboclo dizer que é mentira. Fazer roda, roda grande, com Djanim no meio. Agora rezar, rezar, virou *pawar3*, gavião, tem asa. Asa é esse aqui, braço de Djanim. Já vai voando, foi embora. Caboclo tá olhando, como andorinha até acabar, só chegando lá no céu. Quando chegar, ele buzinar, pra caboclo escutar aqui nesse mundo. Agora eu também vai passear, só Djanim que foi. Quando chega lá na aldeia dele, ele bate sacopimba, pra caboclo saber (1). Ah, já vem nosso parente agora. Djanim já vem. Agora nós fazer festa, fazer *Kohana* [ritual]. Djanim passa três dias lá, lá em cima aonde tá aldeia dele. Tem muito caboclo. Aí, Djanim manda tirar *wakoama*, de *ihkiraba* (2). Fazer camisa. Beber *kuya*, beber *kuya* de banana, *kuya* de milho, tudo. Aí passa três dias. Ah, eu vou embora, meu cunhado, ele tem lá, Borihnim. O pessoal dele deixou ele na porta. Deixou recado, saber dia. Ele trouxe do céu, cubéu,

areia, só. Cobéu grande assim, *koimaronnhanim* [cúbiu]. Borihnim deu cinto pra ele também, cinto grande, pra amarrar na cintura. Uma tanga, *kaih-dakbək*, é feito de *tsmamahim* (3). Eu vou embora. Ele vem de novo. Buzinar, pra saber, fazer roda grande de novo. *Hori, hori*. Agora Djanim vai chegar, fazer roda grande. Bora fazer. Tira caruara, tira todinho caruara dele, pra guardar de novo. Toma rapé na venta, pra *djohko* sair. Tira da barriga (4). Ele mesmo botou, pra ficar [ininteligível]. E.: Pra que? D.: Pra sair, pra passear no céu. Quando chega lá, tira. Quando vem de lá, do céu, até chegar nesse mundo. Toma rapé pra tirar. Tá no meio do pessoal, tão com vontade de passear, querer saber aquele mundo também. Pode não. Mas leva Makuana. Bota dois caruara. Aí, de repente avoar, já tá saindo já. Fecha olho pra dormir. Pra voar dormindo. Quando abrir olho a gente cai. Mais longe, abrir olho, Makuana caiu. Agora Djanim não quer fazer mais com os outros. Só com a mulher dele. Nome dela Bimtiwi. E.: É bim? D.: Não, nome de bim qualidade [tipo de mutum], caboclo mesmo. Bimtiwi tá com vontade de fazer festa lá, querer trazer banho de tartaruga, matrinchão. Fazer festa grande lá também. Djanim dá braço pra Bimtiwi, bota caruara nos dois, não pode abrir olho (5). Só dormir. Marcou cinco dias pra voltar, Bimtiwi fazer festa, festa grande. *piɜda* buscar tartaruga, *kawɜhbɜtinim* pra Bimtiwi, pra mostrar pessoal aqui, mais banana grande (6). Só animação pessoal de lá, buzinar pessoal, animado. Aí vontade de sair, bota caruara pra descer, pra Bimtiwi também. Pessoal dele deixa ele na porta, portão [do céu]. Buzinar pra sair, pra saber aqui, bora, pessoal diz, fazer roda grande, fazer festa. Descendo, descendo, descendo, até chegar. Tira pedra, da mulher também. Pessoal dá *kuya* pra eles quando chegar. Comendo peixe também. Festa, nesse mundo, manda tirar olho de buriti, fazer camisa. Assim, bora buscar ovo de tracajá. Pessoal vai na frente vocês. Djanim senta na praia, foi atrás. Pessoal chega na beira. Ah, Djanim já tava aqui, já tirando ovo, nós não. Djanim já foi pro céu, chegar lá na praia, deixa os outros pra trás. Djanim só fazer só assim, Djanim mesmo Tamakori, mesmo. Pessoal diz que Djanim mentiroso. Djanim diz que não é não, Tamakori mesmo. Quando terminar, bora, vai na frente de novo. Djanim não vem não, caboclo já foi na frente já. Aí, Djanim botar dois *djohko*, aí vira avião, como avião, aí voar, voar, voar, até chegar. Já tá na frente, esperando. Djanim só fazer assim. Já tava na praia tirando ovo, pegou canoa pra buscar pessoal quando chegaram (7). Mulher, tá animação. Casa dele, pintar todo pessoal. e noite tem festa grande de novo. Outro dia,

bora pegar *mamor3* [matrinchã]. pegar de linha. Ah, eu vou também. Djanim também vai. Macura d'água, Djanim mandou. Ele mandar pra pegar, o *ihதாகirakom* (8). Djanim mandou macura pegar matrícula pra ele, pra *pi3da*. No igarapé, Djanim não pesca não, só manda *ihதாகirakom*. Pessoal pegar pouco. Quando terminar peixe, Djanim buscar ele. Passa tabaco, passa tabaco, passa tabaco, vira pedra. Chama pessoal pra pegar peixe. Ele botar dentro da panela de cada um. Ai fazer *podak* pra buzinar, hom, hom (9). Chega na aldeia com peixe. De noite tem festa, Warapikom. Até de dia, canta muito. (...). Quando a gente morre, chuva grande, brinca com trovão [lá em cima]. E.: No primeiro mundo? D.: Mundo [de agora], *itsunim*. Que mundo não acaba não. [fala em Kanamari sobre itsunim e acabar]. Mundo acaba nós. Quando a gente morre, deixa tudo, carne, osso, tudo, vira barro, *hom*, isto é *hompa* [vira barro].(“)(11)

- (1) Raiz de suporte colateral de árvore. No dicionário “sapopema” e “sapopemba”.
- (2) A primeira palavra é a “camisa”, veste do ritual. A segunda o material, folha de buriti.
- (3) Algodão; antigamente os homens usavam um cinto no qual amarravam o pênis.
- (4) Faz gesto, pega, dobra na barriga e passa com força como que tivesse tirando de modo como faz o xamã quando tira uma pedra.
- (5) Aqui faz o gesto de segurar pelo braço, como fazia o xamã com as pessoas que transportava.
- (6) *pi3da* aqui é a denominação de “homem em ritual”.
- (7) Tentei fazer algumas perguntas mas não ficou muito claro o que seria a mentira, porém, torna-se nítido que ele sempre chegava na frente, recebendo os outros com buzina, hooo, hoo.
- (8) Ao ser perguntado, lembrou que este é lontrinha, o grande é *kotsa*.
- (9) Casca de árvore. Ao ser perguntado, chamou de “hokokom niama”, para qual não tenho tradução segura; mas pode ser “buzinar então”.
- (10) Mata, conota mundo também.

(11) Ai resolveu contar a história do cariú e o veado que ele comeu, não reproduzido aqui.

Comentários

Apesar de serem dias mais turbulentos ainda, no dia seguinte pude conversar com Kurau, e tentei aproveitar para perguntar alguma coisa. No mito de origem da escuridão, o pacote deixado por Tamakori era *don'opak*, como o embrulho de peixe pronto para colocar no fogo. Tinha *kodotianim omim* (o que parece indicar céu-noite fumaça/nuvem). A árvore em que subiu era uma fruteira de fruta comestível (*wadjohomim*) e que “mascou galho” para criar os bichos. Tinha caçado muitos bichos, que deixou no toco do pau antes de subir. Tamakori manda Kirak fazer tudo, inclusive bater *makiari* e *kupiná*, “como nós”. Tamakori é que fez a canoa e as outras coisas mas o cariú pegou tudo. “Agora só vendendo pra nós, machado, terçado”. Tamakori é que fez e rezou para fazer o rio, a mulher de pau, os animais. “Limpa terreiro como nós aqui também, pra cantar”. Ele é primeiro, “homem cantar, mulher respondeu”. (“)Fez a mandioca também. Agora, Kirak, o irmão dele, é Rondon, e este toma de conta para plantar tudo, milho, melancia. Tamakori foi embora mas vai chegar que já tá tudo quase amadurecendo. A Rosa está com vontade de comer já. Tamakori disse para não tirar, deixar ele comer primeiro. Senão, fica azedo (*pahti*). Rosa é a mulher de Rondon. Ele come escondido, mas Tamakori está espiando a gente, ele não foi longe. Todas as plantas já estão aí, jerimum, feijão, até fazer farinha já, manda fazer um forno como cariú faz agora. Fazer tudo para entregar para o pessoal. Quando acabou cariú fazer tudo isto. Kirak fez como Tamakori fez primeiro e “cariú pegou tudo, nós aprender dele” [fazer farinha]. Cariú vai aprender de nós agora (ele está fazendo uma canoa que um cariú encomendou). “Tamakori fazer tudo pra cariú saber”. (“) Aí explicou que na viagem de Tamakori pelo rio, em sua baixada, ele não usou uma canoa, mas fez tudo num casco de pau. Explicou também que o fez por um processo mais rápido, esquentando um tronco por baixo sem o queimar, o que dá só um casco, que corre até mais do que uma canoa. Chama-se *podak*, “couro de pau”, feito de copaíba que tem uma casca dura. Pelo que entendo, se utiliza somente a casca e, de

fato, fizeram, uma vez, coisa semelhante para poder trazer mais provisões das roças para a aldeia a jusante.

Não vale a pena entrar aqui na gravação feita nestes dias por Rosário com Daura, ocasião que aproveitou para gravar alguns cantos Kohana, tendo em vista o começo da indiciação de noviços de xamanismo que se pretendia fazer naquela noite, o que ocorreu quase no meio do terreiro, na ocasião de mais uma festa de rami. Nesta oportunidade Daura reconheceu que este era o único ritual que sabia cantar (Reesink 1991a). Uns dias depois, Djahuma, mais uma vez excepcionalmente, ficou um bom tempo em casa, de tarde, e conversamos: sobre como era antes dos cariú chegarem, sobre xamanismo (ele é xamã respeitado), sobre “donos dos animais”, e a partir daí, ele contou-nos sobre Jakwari (dono dos *kawɜ*). A história é igual à já descrita, variando somente em que Kirak (o pintado), também chamado de Djo’o, alega que está com frio e quer pegar a menina para dormir com ele. Ele a chamou de índio que mora dentro d’água e que tem casa lá: *tɜkɜna aheyotam*. Somente uns dias depois apareceram condições de conversar mais tranqüilamente com alguém e, numa oportunidade em que estava na casa de Djo’o, de manhã, fazendo “conta”, conversamos de novo sobre Djanim. Pedi esclarecimentos sobre alguns pontos menos claros. Deste modo, ficou certo que Djanim tinha ido buscar o filho dele, Kiripam, que tinha morrido. Lá ele encontrou o seu WB, de nome Borihnim, já morto. As pedras que botou em si mesmo para subir eram *pawɜrɜ* e *tohnim*, uma garça branca grande. A lontrinha também é pedra, ou seja um *djohko* transformado no animal com a ajuda de tabaco e de reza. Estas pedras parecem ser grandes, e indicam ser um xamã de muita capacidade. Quando ele mesmo morreu, ele foi enterrado mas não ficou no buraco, não apodreceu, foi direto ao céu. Depois dele, “aparece outro pajé, mas não vai mais para o céu não, só anda aqui nesse mundo”. Djanim era o primeiro pajé, morreu na cabeceira do rio Pedra, no igarapé Mamori, aqui no Jutai. Até aparecer um outro pajé, as pessoas morriam dos ataques xamanísticas dos outros. Assim não morrem mais, tira-se *djohko*. Como aqui também, como Djahuma, e Kurau. Quando o pai dele morreu, outro homem, Capitão, tomou conta. É a mesma coisa.

Acrescentou: Djanim é Kadjikiri Djapa. Ele foi lá no céu e fez Kohana com seu cunhado. Ficou um tempo lá para conhecer o mundo de lá. Lá a gente planta banana, cana, milho, *tawa* e fez um tamborau grande também. Djanim que contou e ele trouxe alguma coisa de lá, para mostrar. Foi ele que

trouxe o *kui*, uma buzina de barro, faz hum ao soprar e que pode ser feita hoje de uma garrafa sem fundo. No *kui* trouxe banha de tartaruga, e trouxe, ainda, adornos pessoais como uma pulseira e um cinto e o cúbiu. Ao pedir macaxeira com peixe à sobrinha, ele lembrou do primeiro *tawa* e contou a história de como o Urubu trouxe as plantas da roça, somente acrescentando o *kupiná*. O Urubu era bonito e tinha um adorno no nariz, feito de algum tipo de molusco do rio, de tal modo que passava por um buraco no nariz e parecia uma meia lua para baixo. Segundo ele, as gerações antes dele ainda usavam este enfeite, atualmente em desuso.

Mito

Mito 33: Perguntado sobre a anta, respondeu que foi Nossa Senhora que fez, de barro. Ela correu para o rio e boiou. Ai “Itinha” já sabia, botou ela para a terra, fez outro na beira do rio e este afundou, vira peixe-boi. Depois fez jacaré grande, sempre com barro. Depois *piɔda* kanaronim (*piɔda* grande pintado, jaguar). Em seguida mandou os dois brigar e o jaguar rasgou a boca do jacaré, para abrir mais e só aí vira jacaré mesmo. Ela fez a cobra maior batendo em casca de pau (chamada *tawari*), fez um *makorɜ* (tipiti) para botar massa, vira cobra. Ele fez outras cobras, tirando envira, batendo, rezando o resultado para virar. Assim fez o *kadjohihpam*, surucucu, uma cobra forte, e *piɔdahihpam* (parece jararaca). Ainda fez o gato maracajá de barro.

Mito 20 D.: (“)somente o *hudja*, o macaco preto, tem o fogo. O barrigudo briga com ele porque ele não tem fogo, o outro não dá para ninguém. De noite o *torohkom* [um pássaro noturno], rouba, escondido, um pouco de fogo. Mas, o *hudja* manda o sapo *Ho*, e este apaga de novo o fogo com água. Ai, *kamudja* aperrear o *hudja*. *Hudja* não dá fogo não. *Hudja* pega pedaço de pau, o fogo do *hudja* tá proibido. Roda grande de *hudja*, *kamudja* quer roubar fogo, não pode mais. De noite todinho, quando dia acaba fogo dele. Ai vira bicho, vira *hudja*. Quando acabar fogo vai embora, ganha mato tudo. Espalhar.(“)

Mito 47 D.: (“) Tem outra história, primeiro mundo. Não tem água, nem igarapé, lago só do torneira do *piɜda*. Como? Torneiro, como na cidade. Que *piɜda*? *Piɜda kanaronim*, primeiro caboclo. Ele cuidar só água, no curral, como na minha casa, no meio tem torneiro, pra a gente beber. Quando outro camarada, pedir água. Onça também. Onça era homem ou mulher? Mulher. Eh, camarada onça, eu pedir água. Eh, camarada onça, eu pedir água pra você. Pode levar, encher pote. Aí, enche pote para levar pra casa dele. Quando chegar outro, Pajereu, Macaco prego. Que Macaco? *Wadjo tiknim* [macaco prego preto]. Como? Nome dele no primeiro mundo. Quando chega na casa, camarada onça, eu tou pedindo água. Pode levar. Tira, enche pote, leva todinho. Quando outro pessoal vem de novo. Camarada macaco, que você quer? Camarada *piɜda*, eu tou pedindo água. Pode levar. *Wadjo tiknim*, prego (1). Levar água. Quando outro de novo. Ah, eu vou passear lá na casa do camarada *piɜda*. Pede comida, tira arroz todo, tira comida pro pessoal. Ah [lembra-se]. Camarada gato, quando camarada gato, foi lá com onça, eu tou pedindo água. Pode tirar, encher pote. Cada um tá com pote. [E.: Que gato é?]. *Piɜdahkom* (2). Aí, vai voltar de novo. Outra semana, terminar, eu volto. Tem companheiro dele, Urubu. [E.: De quem?] Do *piɜda*. Mora com ele. Agora, com Urubu, que nós fazer agora? Nada agora, não tem comida. O Urubu diz, eu vou caçar. Vai pro mato, procurar rancho. *Piɜda* não sabe, não sabe matar bicho. Agora camarada urubu, quando chegar você fazer café. Tá, eu vou fazer café. Eh, camarada onça, bora tomar café. Aí, quando Gato chega de novo. Eh, camarada onça, eu tou pedindo água. Eu atrás água. Pode levar. Enche pote, leva, outro dia de novo. Gato conversa com *Piɜda*. Agora eu trazer quarto de paca. Pode trazer. Gato que aprende [ensina] aquele Onça. Outra viagem, você não sabe nada, morre de fome, eu aprender você. Gato vem pra casa de *Piɜda* de novo. Aprender *Piɜda*. Camarada onça embora caçar bicho pra matar, pra comer. Bora, então embora. Aí pro mato, procurando até achar buraco de paca. Tu olha pra mim, camarada onça. Gente fazer assim. Pega pau, meter no buraco, pra espantar paca. Quando paca vai embora, Gato em cima dele, pega na goela. Agora, eu fazer assim. Aí, camarada onça, tu vai levar *kiwa* [paca], camarada onça. Quando chegar em casa, cozinhar água quente para pelar, cozinha, cozinha paca. Outro dia ele aprender de novo. Gato que aprender Onça. Não sabe nada. Burro. Primeiro mundo. Gato não, Gato pega cotia, camarada onça, vamos caçar. Vamos. Então embora. Espanta no buraco, pega *tsuma* [cotia].

Mata, manda camarada onça pra trazer. Outro dia, caçar de novo. Aí, achar tatu. Ele mata tatu de novo. [E: Que tatu?] *Maran*. Aí trazer, salgar carne dele. Acabou carne, ele volta de novo. Camarada onça, vamos caçar. Vamos. Acha paca também. Agora você que pega pra eu ver também. Como fazer? Aprender camarada onça. Aí Onça não pega não, paca pula por cima. Ah, agora perdeu.[E.: Como fez?]Onça meter pau, pula por cima do pau. Aí, amanhã eu vou voltar, eu cuidar do meu trabalho. Pode caçar também. Quando caçar com companheiro urubu, você fazer olhar. Urubu meter pau no buraco. Camarada onça fazer coisa, pra pegar. Gato dizer pra camarada onça. Vai caçar com Urubu, Urubu mete pau e onça pega paca. *Kiwa*. [E.: Mata com pau?] Não, morde, mata com dente mesmo [o gato também]. Outro dia. Gato chega lá com camarada onça, ele caça de novo. Caçar cinco dias. Já aprendeu pouco? Já. Eu querer saber. Bora, então bora. Dá volta. Caçar na beira do rio, do igarapé, até achar. Eu vou meter, cuidado. Pega com dente, Onça. Ah, você saber, agora não perder mais não. Gato aprender só, camarada onça. Aí, camarada pajerau, chega na casa da onça. Camarada onça, eu vou aprender você também. Camarada onça, bora. Então embora, fazer volta. Dá volta. Quando Macaco, ele cagar no buraco, tapa com folha de pau, tapa assim. Camarada onça, tu vai cuidar aqui. Camarada macaco meter pau no buraco da paca. Só sai pau, Onça morder *nimkote*, com boca tudo, tudo melado com merda. Aí camarada onça fica com raiva com camarada pajerau. Quase mata ele. [E.: Como foi que fez? Explica que jogou folha com merda no lugar da paca, sorri]. O Macaco entra no buraco, manda Onça cuidar do buraco, manda Urubu pra buscar terçado, pra cavar barro. Aí, quando chegar, tá aqui camarada onça. Bora matar esse cara. Cavar, cavar, cavar, quase pegar Macaco. Camarada urubu, vem aqui, agora você vai cuidar do buraco. Onça vai buscar espingarda. Deixou Urubu cuidar do buraco. Eh, camarada urubu, vem aqui, pra cuidar aqui, aí pega cabeça do Urubu, com lama. [E.: Como é?] Macaco mija lá, mesmo lá, passa na cara do Urubu. Aí Urubu volta, Macaco também. Aí, Urubu cuidar fora, camarada onça chegar de novo. Camarada urubu, Macaco não sai não? Não camarada onça. Cavar. Cava, não acha nada, já tá saindo de lá. Ah, você não cuidar não. Aí, ele matar Urubu, com terçado, corta cabeça no pescoço. Ele deixa Urubu lá no mato. Outro dia, *Wadjo tiknim*, Pajerau de novo. Camarada *piɔda*, este mundo vai acabar, quem falou foi Macaco cairera pra mim, eu conversar pra você. Como vai acabar o mundo? Vai ter um vento grande, car-

rega todinho. Já tá todinho amarrado pessoal. Ah, amarra a mim também. Amarra perna, braço todo. Ah, é mentira pra *Piɜda*. Bora foder ele. Primeiro cairara. [E.: Quem?] *Wadjo paranim*, foder ele. Depois *Wadjo tiknim*, prego (3). Agora você mentir pra mim, eu não dá mais água pra você, você morrer de sede. Tá com raiva. *Wadjo paranim* já terminou de foder. Vai soltar pra mim. Tá eu soltar você, *Wadjo tiknim*. Ai, corta tudo, corta miúdo, corta com faca, todinho. Quando acabar, *Wadjo tiknim* correu, quase mata ele. Quando você vem de novo, vai morrer todinho aqui. *Wadjo* não aparecer mais não. Cinco, dez, vinte dias. *Wadjo* aparece de novo. Botar nome pra Onça não saber. Camarada onça, nós vem aqui pra você, Onça escutar ele. Que nação você? Nosso dia [ininteligível], *Wadjo tiknim* dizer, joooo, eu sou outro Pajerau, eu vim de longe, nós quase morre de sede. Ele tá com folha de baúba na cabeça amarrada na cabeça, pra Onça não saber. [E.: Como é?] Assim, amarrada aqui, folha pra cima. Pra *Piɜda* não saber mais não. Ai, camarada onça, nós vai levar água. Pode levar. Toma banho, enche pote. Outro Pajerau eu não quero andar mais não, camarada onça dizer pra camarada pajerau. Aquele sem vergonha. Já volta pra casa. Trazer rancho, quarto de porquinho, *hitsam* [queixada], deixou pra Onça. Camarada onça tem fósforo? Tem, dá pra ele, uma caixa. Até casa dele. fazer comida pra ele, do porco, fazer café. Não tem companheiro mais não, já morreu Urubu.“)

- (1) Pode-se ter confundido o que era *wadjo paranim*, a variedade branca na concepção Kanamari.
- (2) Lit. onça pequena, talvez maracajá.
- (3) Pajerau e cairara são sinônimos para o macaco prego.

Mito 48 D.: (“)Outro, primeiro mundo. Cariú. Ele tem companheiro dele, também Tamarikom. Bora matar onça, não caça nem de dia, só de noite. Leva porunga, tá procurando onça, quando escuta onça. Leva faca comprida, do companheiro também. Ele atrás, escuta onça, torrando, hi, hi [som dela]. Ai, quando onça perto de Tamarikom, quase onça pega ele, tapa cabeça com chapéu. [E.: Como é?] Chapéu mesmo, boné. Corta goela. Ai ele fura onça, morreu *piɜda*. Bora, deu volta, procurando outro de novo. *Piɜda*

kanaronim, hi, hi, aí a mesma coisa, companheiro matou. Bora, dentro do saco, tira couro, fazer comida. Comer, toma café. Aí, oh agora, oh Tamarikom, o que fazer agora? Oh Tamarikom, eu não sei. Agora, outra noite, bora caçar, mata três. Um, um, um. Cariú, primeiro cariú. Casado, outro casado, outro casado. Tem filho. [E.: Tem nome?] Tamarikom para os dois. Quando vem lá da rua, ele compra porco capado. Deixou nem dinheiro para ele, pra outro. [E.: O que?] Porco da casa de Tamarikom. Ah, vendeu. Foi, fiado. Já comeram. Quando Tamarikom vai pra fora, pedindo dinheiro. Com que. Nada. Quando vai de novo, Tamarikom mata pessoal. Pode buscar outro capado, tá chamando, ele matou, gente, corta cabeça e cava barro, enterrar. Amanhã vai de novo, amanhã morre. Mata. Eu vou conversar com a polícia, conversar com delegado. Quando Tamarikom sai de casa, a mulher dele mata cabra, corta e enterra a cabeça e jogou a cabeça de gente. Tamarikom não sabe não, vai conversar com delegado. Delegado vem. Cadê? Tu matar cariú aqui, pode reparar. O delegado procurar, cava e ele acha a cabeça da cabra. Ah, você mentira, não eu matar mesmo. A mulher dele leva ele, eh Tamarikom, não fala mais nada não, você não tem medo de ser preso? Aí, não diz mais nada não. Delegado saiu. *Hawak* [acabou].

(1) Perguntado depois, ele disse que Tamarikom tem muito porco, cria galinha, pato, etc. Ele não come a onça não. Só caça onça de noite. Tamarikom é caboclo também. De dia dorme, quando de noite caça. Aí acabou a entrevista com Djo'ó.

Mito 7 E.:(“ Mas Tamarikom é o que? Tamarikom é português, turco, primeiro mundo. Como é? D.:Nós fala só fala de turco. Primeiro fala de turco, não sabe falar fala de Brasil. Tamakori diz, então só sabe fala de turco, não sabe fala de Brasil, aí ele troca, trocado fala do fala nosso. Fala de caboclo mesmo. Então Tamakori botar caboclo mesmo.

Comentários

No mesmo dia, Rosário manteve uma conversa com Muyawan, que girou em torno de um tema de que já tinha falado antes, que “no mato não tem fábrica”. Segundo ele, um americano tinha a intenção de fazer uma fábrica em Eirunepé, mas os patrões [seringalistas] não deixaram. Em consequência, parece mandado por ele, um grande vento castigou a cidade, chegando a tirar a palha das casas. Também o filho de Rondon convidou os Kanamari para viajar de avião com ele, e receber muita mercadoria. Mas eles tiveram medo e não foram. Agora, seu filho, Aro, o tuxaua de Caraná, esse vai sim.

O informante

Um dia antes daquela entrevista com Djo’o, Rosário encontrou Konin, que lhe tinha sugerido ter uma conversa. Konin estava casado com a irmã de Kurau e Djahuma, era um homem dessa geração, mas se mantinha muito discreto na aldeia. Ele havia sido casado antes com uma mulher mais nova, e tinha tido várias filhas mas, numa epidemia, todas morreram. No atual casamento, com uma mulher que já tinha passado da idade de ter filhos, não tiveram filhos, mas haviam praticamente adotado um menino, parente dela, cujos pais viviam separados e casados com outros parceiros. Parte da razão de se manter um pouco alheio, talvez possa ser a de que Konin se definia, não como Wadjo Paranim, mas sim como Bim Djapa, um Djapa que se localizava, aparentemente, perto de Cruzeiro do Sul. A maioria, apesar de todo o tipo de misturas com outros Djapa, geralmente se apresentavam em primeira instância como Wadjo Paranim, somente num segundo momento admitindo as misturas variadas. No Juruá existe, pelo menos, um grupo que se define como Bim Djapa. Em 1988, Konin não morava mais no Jutáí, e tinha se mudado para o Juruá. Ele já tinha dado algumas informações a Rosário, mas, por uma razão desconhecida, só estava disposto a falar com ela. Nesse dia, eles sentaram-se numa casa cujo dono tinha viajado e, quando cheguei, fiquei discretamente sentado de lado, sem interferir (em função disto, a numeração dos mitos ficou após a dos mitos novos de Djo’o, embora cronologicamente logo anterior).

Mito

Mito 25 K.: (“)Tem muito caboclo e tem alma de bicho. Aí chega com uma panela grande. Um rapaz está escondido. Aí tem carne assada, muito, macaco assado. Nome de queixada é *kitso*, ele botar nome de *hudja* como *amam*. O macaco barrigudo é *tsuma*. Caboclo no mato chamar assim. Chama macaco hororo de *itsama* (1). Rapaz está lá reparando, bem pertinho. Panela deste tamanho (2). Quando levar carne assada, para comer no mato também. Caboclo chama *wiri* [queixada], é *baramarakom*. Bota na panela e come carne. O rapaz está com medo. Karion só chega mais tarde. Quando chega, conversa. Rapaz, outro caboclo vem aqui buscar carne, carne assada de macaco. Mentira, passou não. Não, é mesmo. Olha, ainda tem macaco não aberto. Tá bom, vamos dormir aqui. Mais tarde tem luz no varadouro, o rapaz já tá trepado no pé de buriti. Quando chega pertinho, a luz apaga, é outro caboclo. Ele mata o pessoal, tira a cabeça, redondo assim. De noite, tira cabeça todinho do caboclo. Até de manhã, aí o rapaz descer e vai-se embora. Hora desse chega na maloca. Cadê os outros? Rapaz não vem, já morreu bocado já. Bicho tomar cabeça, mata tudo. Mas tem carne assada no tapiri. Bora lá. Mata tudo, eu reparar de dia, carregar panela nas costas. Bora, levar pimenta com panela pequena. [R.: Porque?]. Pra botar no buraco do pau, grande como samaúma, nome dele **Adjaba**, tudo pintado, *kirak*, outra gente. Andando, andando. Eu deixa mesmo aqui, de dia. Caboclo pra matar ele, Adjaba. Aqui tem carne assada, vamos matar este caboclo brabo. Tá aqui a barraca dele. Aí anda pra lá. Chega lá, menina assim, como Kurau (4). Já comer gente já. Rapaz, encontra gente, morre não. Foi sim. Bota no pau, no lado do igarapé, como Queimado. Não é alma. Balança, aí cair no igarapé. Fazer fogo, coivara, tapar buraco do bicho. Aí toca fogo, aí morre bocado de bicho lá no buraco dele. Quando terminar. Para que é a pimenta? A pimenta pra dentro do fogo. Bora levar carne do tapiri. Volta, quando passa na ponte do igarapé, tem peixe, tamaqui, nós chamar *matsʒrʒ*. Aquele cabeça de gente. Já vira peixe já. Aquele é cabeça de gente que já vira peixe. Já terminar.“)

- (1) Toda caça se refere com um outro nome também em cantos de ritual.
- (2) Indica com a mão uma distância de até um metro do chão.

(3) O menino que ajuda a criar, de uns quatro anos.

(4) Não é primeira referência deste mito, mas aqui tem os aspectos essenciais de uma versão mais extensa.

Mito 47 (1)D.: (“O pessoal tem roça, mas não tem nada para comer porque somente pega peixinho, nada de peixe grande. Só mata jacaré para comer. Um índio descobre o igarapé com peixe, vai lá e mata matrinhã, que tem muito. É longe, na cabeceira, num remanso. O nome dele é Honor3n. O dono já vem chegando e pede para matar peixe para ele, depois pode levar. É onça mesmo, ele come o peixe cru. Quando volta para casa, mente para esconder o lugar. Depois de alguns dias de trabalhar na roça, e de matar só paca e arraia, ele leva arco e flecha de novo e vai lá. Acontece o mesmo. O dono avisa para só ele vir. Chega de noite em casa, aonde tem cunhado, sobrinho, irmão, irmã, sogro. Um outro já sabe que está enganando quando diz que pegou todo este peixe no igarapé mesmo. Chama ele de *ikidak*, é seu sobrinho cruzado (2). Depois de quatro dias, dizendo que não conta para outro, o tio leva o sobrinho. Lá diz para ele ficar só espiando. Esse aqui meu genro, filho do meu irmão [irmã], meu serapim (3). Botam uma pera de peixe nas costas e deixam para trás a onça lá no seu buraco. Em casa dividem, tratam, cozinham e comem. Dormir, trabalhar. Dormir, trabalhar. Só mata paca, arraia, peixe menor. “Não sabe de igarapé bom, só ele”. Outro dia serapim dele vai. *Ikidak*, eu vou buscar *don*. *Ito* fala pra ele: “cuidado, onça matar você. Eu vou mais você, você só carregar, eu só matar”. Eu também sei flechar bem. Bem mesmo? Senão você estraga peixe, deixa pra outro dia que eu vou lá. Eu vou, vai andando, subiu, desceu. Aí, tem igarapé com peixe batendo. Aí tem muito peixe na beira, no banzeiro. Flechar, *tsako*, matrição, depois outro de novo. Quando flecha três, dono já vem. Flecha pra mim. Mata *tsako* de novo, de novo. Ah, não presta. Eu vou matar, onça já vai comer ele. Ah, o rapaz já morreu, já falou pro irmão, não sabe flechar. Não chegou, de manhã nós vamos reparar. Andando, subiu, desceu outra cabeceira de novo. Cadê, peixe já saiu pra outro lugar. Só tem onça lá, comer rapaz já, ele matou. Só no Juruá agora (4). Rapaz morreu, pronto.”)

- (1) Esta reprodução já é menos literal do que a anterior
- (2) Pessoa mais velha do mesmo nome. O correspondente é *idoko*, pessoa do mesmo nome mais nova, enquanto que usam em português a expressão que vem adiante: serapim.
- (3) Convém lembrar que traduzem sobrinho cruzado normalmente por genro. O recíproco se menciona mais adiante: *ito*, tio cruzado, sogro.
- (4) Parece que quer dizer que lá tem bastante peixe no igarapé, o que dizem de Três Unidos.

Mito 49 K.:(“)Outro, mulher já foi. Só mulher mesmo, buscar *tawa*. Outra maloca, como aqui, em tamanho. Como nós, saiu de lá, outra colocação. Colocação nova, lá tem roça. Bora buscar *tawa*. Vai muita cabocla menina solteira, bocado casada. Não leva rapaz não, não quer levar. Chega lá, lá tem muito *kapayo* maduro, batata. Come mamão, tira batata, pra fazer *kuya*, aí comendo. Dormir, onça já vem, pra matar cabocla mesmo. Já vem de noite. Tudo dormindo já. Tem uma mulher com filhos, como de Araka, outras não, só mulher mesmo, deixa todo menino em casa (1). Comer, ficar só uma casa redondo, as mulheres correr pra casa, já matar muito. Outro já subiu no pau, serapim dele, mulher tem menino novo não pode subir, onça matar. A mulher desceu no igarapé, assim na água, de noite mesmo. Aí anda de noite, no rio, na beira mesmo. De manhã, de madrugada, andou o tempo todo com medo da onça, chega no porto, roupa toda molhada. Tira roupa pra enxugar. Aí, de manhã eu vou embora, chegar cedo. Andando, andando, andando, barraca já. Que foi? Onça mata nós. Outras mulher toda, ele já matou, fica só eu. Bora matar onça. Quando chegar lá, bocado de pessoal, tudo homem já, mulher não vem. Onça tá lá em baixo do barraco, comer gente. Muita gente. Aí, caboclo matar onça já, de cassete, de arco mesmo. Quando terminar, bora pra cá de novo.

- (1) Mulher da aldeia, com filho pequeno.
- (2) Neste momento discutem se ele vai tomar banho ou contar outro primeiro. Ele resolve ficar.

Mito 50 K.: (“)Vovô saber, ensinar pra mim, pra eu saber também. Pessoal todo plantar. Rapazinho fica em casa, pai e cunhado estão na roça. Aí tem outro caboclo, onça também, do mato. Rapaz vamos pescar, tem bico, ele chama *ibu*. Pessoal, bora matar peixe. Querer matar rapaz. Peraí, acho que não tem bico, não vou. Vamos embora, ito falar pra mandar você pescar, ele tá ocupado com a roça. Querer matar. Então embora, ajeita arco, bico. Aí, andando, andando, andando. Rapaz diz, eu vou cagar, ele saber logo. Rodiando assim, andando, chega na barraca até o pai dele. Ah pai, cadê *ibu*, tá lá na roça dele. Quando foi outro caboclo me levar, ah, foi onça, não tem gente não, vira bicho. Não mandei você não. Eu saber, eu voltar, outro aí não vem mais não, caboclo saber. [R.: De outro rio?] É. De outro rio. Lá levar pra matar e comer. Ah, você vai na frente, *ibu*. Aí voltou. Primeiro mundo. Onça mata bocado de gente.“)

(1) Cunhado, primo cruzado.

Mito 51 K.: (“)Outro. Aí, aparecer pra arrumar mulher. É Onça também, pedir pai dela. Vira bicho primeiro, caboclo de novo, pedir mulher pra comer. Comer não, vomitar pela boca. Leva mulher. Vai pescar, tem buraco de peixe, assim, *orohkirak*, hijo (1). Mais lá longe, aqui não. Tem matilha. Pega e faz fogo, manda mulher fazer fogo. Manda a mulher buscar peixe, que matou muito no igarapé. Aí assa peixe, tem muito, cozinha tawa. Quando terminar, chama Awau, nome dele, nome do bicho. Wantsak também. [R.: Como?]. É como mulher chama ele. Mulher bem novinha, não tem menino. Aí chama pra comer. Comer peixe, peixe assado. Aí, engana pra mulher, que tem espinha na goela. Mentindo, pra matar. Pega cabeça pra matar com dente. Só de noite, ele vem conversando, como daqui pra lá (2). Ele chama pra ela, no varadouro, cuidado aqui tem espinha. Ele carrega morto, nas costas dele. Quase apodrecendo. Anda muito longe, só chega de noite. Conversa de novo. Auwau, grito dele, aqui tem espinha. Só morto mesmo. Mãe dele saber. Rapaz, irmão dele, irmão da menina, tamanho de Tewin, vai reparar, parece carregar morto, eu vou matar ele (3). Mas a Onça repara rapaz, deixa

morto no varadouro, foi embora já. Rapaz trazer irmão dele, pra enterrar. Outro mês, outro mês, já tem dois, como Korɜnkokɜk (4). Vovô já tem. Pai manda chamar, pai dela. Vamos dar esse menino pra ele, pra enganar ele. Pra matar ele. Tá no buraco, casa grande. Bora lá chamar ele, leva mulher, tem moça já. Bora andando, andando, andando. Tem bola, do mato mesmo, joga no terreiro dele. Tem dois rapaz, um joga pra outro, um joga pra outro. Pai vai lá. Tem dois rapaz com ele, pra ir pra maloca. Vai, já entra no buraco dele, tem pai dele também. Casa dele pedra, não é barro não, não é como aqui não. Cunhado, engana pai, já tem outra mulher aqui. Outra morre, casar de novo. Eu quero só pra derrubar pau, tá trabalhando na roça, brocar, derrubar, teu menino, fala pra pai. Quando acabar, eu mando. Rapaz você vai, abre a porta, tá aqui. Pai dele matar também, leva pra cá. Fazer *kuya*, dá veneno pra ele. *Kahui*, do mato mesmo. Derrubando pau. Oh, mulher leva *kuya*, banana, derrubando pau, tá frouxo já. Acaba de derrubar, cansado com fome. Tá aqui seu *kuya* de banana, eu vou tomar banho também. Beber *kuya* de banana. Morrer já. Pra pagar o irmão dele. Já pagou.“)(5)

- (1) Peixe de casca dura de igarapé.
- (2) Indica casa no outro lado, distante uns trinta metros.
- (3) Rapaz de uns 17 anos.
- (4) Menina prépubere.
- (5) Depois desta série de mitos o narrador resolveu tomar banho.

Intervalo

Nesses dias de agosto, a vida na aldeia era agitada por alguma visita de regatão, pelas relações tensas com alguns dos vizinhos seringueiros, e pela ida e vinda de famílias, sozinhas e em grupo, que subiam e desciam para as roças de rio acima. Durante algum tempo já, manifestaram o desejo de que o subisse toda a gente, ao contrário do que ocorrera até então, quando sem-

pre ficavam pessoas em Queimado. As casas na sua maioria já estavam de pé, embora geralmente inacabadas, e os lugares das roças estavam abertos. Podia-se, portanto, subir o rio por algum tempo e desfrutar diretamente das roças em produção, e preparar a volta, trazendo mais comida e sementes. Um dia, de manhã, o tuxaua de Caraná disse que pensava em ficar mais tempo, mas vendo seu irmão, cuja família partilhava nossa casa, se preparando para partir, meia hora depois mudou de idéia. Viajamos todos, de repente todas as pessoas ainda presentes aderiram; e assim, deixamos quase tudo guardado no jirau da casa, cada um levando somente um saco com coisas essenciais (na região, índios e cariús, viajam com sacos, do tipo usado para feijão ou farinha, servindo de mala). Deslocamo-nos juntos com Muyawan e a família inteira de um dos seus filhos, Tsabaro. Paramos, depois de uma hora de viagem, para pescar; mais tarde de novo, com todo mundo, e pernoitamos enchendo uma casa que, abandonada por um seringueiro, começava a deteriorar-se. No dia seguinte, quase toda aldeia estava nas poucas casas de Caraná.

Ainda íamos todos na intenção de seguir para Nauá, mas na subida encontramos notícias, nas poucas casas dos seringueiros, de que mais acima uma doença tinha matado duas crianças e de que outra estava doente. Esta perspectiva espantou imediatamente os índios, apavorados com epidemias devido a suas experiências anteriores. Retornamos a Caraná, salvo Rosário, a quem os seringueiros pediram para ir ver a criança doente. Neste ambiente, não tinha muito a fazer a não ser acompanhar os acontecimentos, que na volta criaram um clima de muita atividade xamanística, com ataques externos e sessões de cura, até que resolveram fazer o ritual do Kohana. Neste ritual o xamã coloca *djohko*, a “pedra”, nos cantadores para que cantem sob sua influência. Kohana é um *djohko* que pode virar gente (de tamanho menor), sendo também o nome para a alma de gente que foi para o céu. Não muito surpreendentemente, Muyawan, ao falar sobre isto, na engenhoca para moer cana da roça de Caraná, lembrou-se de Djanim. Ao contar que o xamã coloca a pedra do Kohana no morto para que este suba ao céu, com a pedra voltando mas o morto não, passou a dizer que um homem subiu sem morrer, indo, somente com a ajuda do *djohko*, passear no céu. “Agora não vai mais não, só Djanim”. Basicamente, a história confere com a narrada por Djo’o.

Mito

M.: (“)Lá é como aqui, com maloca grande, plantações de cana, milho, tudo. Trouxe cubiu, cana e urucum para mostrar. Nem demora muito para chegar, botando pedra, ficando reto em pé e fechando os olhos. “Não tem conversa pra brincadeira não. Verdade, não é brincadeira”. “Levou a mulher, Bimtiwi também. Mas Tamakori não quis mais”. “Quando você morrer lá, você vem aqui morar mais nós. Assim não, não querer não. Djanim voltar, não foi mais. Tamakori não quer vivo não, só alma mesmo”. Djanim tinha ido para buscar o filho, mas, já que não podia mais, quando depois a mulher morreu, ele deixou morto mesmo. Quando ele morreu, enterraram na maloca, como fazia naquele tempo, aí na boca da noite ele saiu, com grande barulho, da cova e passou direto, pelo teto e tudo, para cima, para o céu. Só ficou o buraco vazio e um buraco na palha da casa (1). Djanim era primeiro pajé (2). “Quando Djanim chegar, logo foder, experimentar. Djanim tá com pombo duro, abrir, passou, iih, não é alma não. Tamakori não quer assim. É *tɜkɜna*, *tɜkɜna*, tá aqui mesmo. Não pode não. Mulher com vontade, só uma vez.” Tamakori mente para ele, dizendo que se fica, cairá doente e morrerá. Mas morre não, ele só fica pouco tempo.[para finalizar:] (...) Meu pai também vê ele, lá em cima, tá em cima no Juruá. Ele era pajé. Ele pediu Djanim botar pedra pra ele. Pai fazer, pegar pedra. Djanim ensina pra ele. É o mesmo Djanim. Tá lá vivo, ele saiu do enterro dele inteiro, não só alma não.”(“)

- (1) Outros presentes, entre os quais Djo’o, manifestam sua concordância.
- (2) Perguntado, ele lembrou também que uma lontra pega peixe para ele e acrescentou que quando Djanim chegou, havia muita mulher lá.

Comentários e um informante

Dois dias depois, no seu retorno à aldeia, um índio contou o mesmo para Rosário. Ele enfatizou que, quando Djanim chegou ao céu, uma mulher

logo deu uma rede para ele descansar, dizendo logo: “eu dou pra você”. “Mulher danado para dar pra Djanim”. Mas quando o pombo entra um bocadinho, aí sente a diferença, é duro demais, não é morto mas vivo. “Djanim conversar assim, lá é nosso, lá é bom”. A onda xamanística continuou ainda, mas a situação começou a ficar mais tranqüila. Parte disto pode ser creditado ao esforço do xamã, um dos responsáveis pelo Kohana, que tinha mandado pedras para investigar se o pessoal do Itacoaí era a fonte dos ataques. Ele tranqüilizou um pouco os índios porque os djohko encontraram tudo em calma. Alguns, como Djo’o e Pairo, começaram a fazer bonecas de ‘malva’, uma madeira leve e fácil de cortar, e alguns meninos, helicópteros do mesmo material. Vendo isto, o velho Tewin comentou que o mesmo aconteceu no primeiro mundo. O primeiro caboclo, Karion, fez assim. (“)Cariú branco é de madeira branca, gente preta resultou de Karion cagar depois de comer açai.(“) Diga-se de passagem, que o velho Tewin, mais ou menos da mesma idade de Kurau, não tinha muito prestígio ou influência, nem com seus vários genros. O pai dele era Tukano, a mãe de origem, enfatizada por uma filha quando perguntada, Wadjo Paranim. Ele tinha trabalhado para um regatão quando bem jovem, e por isso falava facilmente português. Entretanto, embora sempre disposto a falar, divagava bastante e nem sempre se expressava com clareza. Em função disto, a sua participação ficou limitada.

Mito

Mito 52 P.:(“)Quando o pessoal fazer festa, ele vem também. Tem camisa, tem barba grande, botar retrato na barba dele pra ficar bonito (1). Bota o rabo dentro da camisa, vira gente. Guariba vira gente. Boa noite compadre. Chegando na casa do cariú. Ele vem dois. Dois rapaz grande. Tudo bom, tomar café, bora forró, conversar. Ele tem camisa boa mas o rabo escondido pra pessoal não saber. Comida pra dançar, daqui a pouco já vai tirar pessoal pra dançar. Macaco Korakotanga nome dele, Guariba. Depois vai dançar já. Meia noite, quase madrugada. Ele tira moça, ela não quer não, leva pelo braço ele quer casar. Não, papai não deixa. Ele levar, força braço, já foi. Mãe dele, cadê minha cunhatã [menina], cadê, já foi com homem. Outra vez, pessoal já saber que não, aquele é Macaco, pra roubar mulher. Cariú pega

espingarda e matou no braço, ai meu braço. Guariba não vem mais não. Guariba, primeiro mundo, primeiro cariú (2).(")

(1) Ele quer dizer uma loção, alguma espécie de perfume.

(2) Com a atenção social voltada para assuntos mais amenos, foi possível me sentar numa manhã junto ao Pairo, ocupado em seu trabalho de cortar a madeira, ao lado de uma trilha na saída da aldeia. Ele e Djo'ó afirmaram ainda que ouviram as histórias dos seus pais e Pairo disse que contou para seus filhos.

(1)P.: (")Tem cariú e guariba que é gente. O cariú acerta na Margarida dançando na festa na sua casa, com chumbo. O marido vai atrás, com espingarda, do cariú, que corre. Vai até sua casa. Conversar, rapaz quem atirar na minha mulher? Rapaz, eu pensar que era caça, era eu. Nós não, nós é gente, tava dançando. Eu dou remédio pra ele. Levar remédio, tratar, ficou bom a mulher. Já dá remédio para ele. Depois vai de novo. Vai cantar de novo. Dançar de novo. Quando melhor, tocando, dançando, dançar até acabar. Já acabou a festa, vai pra outra casa, a Guariba já deixou, já terminar a festa dele.(")

(1) Esta repetição, Pairo contou mais tarde no mesmo dia, como esclarece alguns pontos da versão anterior, reproduzo-a aqui.

P.: (")Mapinkwari [ou Mapikwari], conhece?(1). Quando pessoa vai cortar lá na estrada. Depois ele vai gritar, hi, hi. Parece que é gente. Ele diz, parece que é gente. Cariú esperar ele na estrada. Quando chegar ele vê, que isso, é bicho? [Como é?] Como nós mesmo, cabelo grande, alto, tem ferro no peito quando atira não morre não. Aí, cariú trepar. Mapinkwari chegar, cariú gritando, olha bicho. Chega aqui, chega mais não. Aí Mapinkwari mijou, fez como onça, com perna na areia, pra pessoal cair dentro. Mijou pra rezar cariú cair. Mijar, cavar barro, cariú cair logo. Não come não. Ele só

come miolo, miolo nossa aqui (2). Deixou resto pra apodrecer. Outro cariú, companheiro vem atrás. Enterra. [Como ele chama bicho?] Cariú chama Mapikwari. Na giria tem outro nome não. Pai que contou. Só faz assim, não carne, carne não, só miolo mesmo. Depois cariú vai de novo. Já matou cinco. Pessoal já sabendo. Gritar, hi, hi, cariú só uma vez. Mapinkwari gritando, cariú tava escondido, só espiando, ah, esse é bicho. Couro dele como bota o ferro dele. Cariú já experimentar bala. Mapikwari já trancar todo couro dele, não entra bala. Mesmo como couro com botão, duro, mesmo como bota, bala não entra não. Cariú quando chegar, rapaz, eu já atirar dez vez, a bala não entra não. Rapaz vamos furar assim. Bora chamar ele, quando ele chegar nós mata. Vai escondido pra matar. Ele calor muito, ele abre, ele faz vento com couro. Correndo atrás pessoal, longe de novo. Vamos. Tá fazendo bala já, duas espingarda. Vai no mato, bora, gritar. Hi, hi. Não tem Mapinkwari. Mais adiante, ele vai de novo. Gritar de novo. Já tá aí. Ele correndo, correndo, hi, hi, bora esconder, cariú não grita mais não. Chega correndo, gritar. Cala boca, cala boca, cala boca. Esperando. Calor mesmo, muito calor. Já vem, ele já calor muito. Quando perto, atira bem no peito, coração [mostra]. Teh, companheiro, teh. Mapinkwari já morreu, já matou ele. Trazer, tira couro pra mostrar pro outro pessoal conhecer também couro dele. Ele fechar couro pra mostrar pro outro pessoal. Rapaz tá aqui o couro dele, já matou, já matou muito pessoal. Já vendeu pro pessoal. Tem mais não. Tem outro já. Pessoal de Cruzeiro do Sul fala que tem outro já. Na cabeceira do Juruá. Acima do Juruá. Pai contou, meu padrasto contou [dois irmãos do pai contavam. Cariú que contou mas já conhecer antes?]. Já, antes de cariú contar já conhecer.“)

- (1) É o chamado mapinguari dos regionais.
- (2) Indica a cabeça.
- (3) Repeti a pergunta, mas ele insiste que já era do conhecimento dos Kamamari.

P.:“) Agora Tracajá de novo. Tá no lago, Tartaruga muito. Quando pessoal vê dentro do lago, vê dois mulher em cima do pau, no sol assim, moça bo-

nita, pegando piolho no cabelo. Quando chega perto aí, cai dentro d'água. Depois pessoal vai, volta outro dia. Vê de novo, em cima do pau. Ah tá lá de novo, tava lá. Todo tempo assim. Vai cair de novo, quatro vez, cinco vez, ele não vem mais não. Não vai mais embora. Você não tá com raiva não? Não, eu não com raiva não, eu também não. Perguntando. Tem muito, papai lá, em baixo [aponta]. Bora lá. Não eu tá com medo de morrer d'água. Lá não tem não. *Tɔkɔna* que falou, era moça de *kawɔ*. Não, lá é assim, só desse tamanho. Quando ele cai já tá tudo assim, casa de *Kawɔ*. [como é?]. Igual como aqui. Jacaré cachorro dele, tem muito. Chega lá, falar papai dele, conversando com outra, irmão. Ah, porque não trazer, pode vir aqui. Pai falar pra espiar aqui, se é bonito. Chega lá, conversa. Você tem muito banana? Ah você fazer varadouro pra mim, mesmo com assim, como terreiro, como lago grande. Até casa de caboclo. Ah, eu vou já, volto mais não. Fazer banana, terreiro perto do lago. Pessoal vamos embora, comer tracajá, tartaruga, capitari. Fazer terreiro, na beira do lago. Tracajá qualidade. Tinha tudo (2). Tem tudo lá, morando. Mesmo esse casa, casa grande, casa dele de pedra como essa lona, tudo coberto. Várias casas.[E.: Que pedra?]. Pedra de tijolo, é *djohko* não. Aí tirar banana, fazer terreiro, grande mesmo assim. Tira banana, cana madura não. Só banana maduro. Todo pessoal trabalhando, tira todo toco de pau. Ele já tirou pra buzinar *hori*, pra chamar pessoal, pra *Kawɔ* vir. Todinho muito mesmo. Agora já todo, beira do lago, tudo limpo. Quando chega lá, ele reparar, quando eu tou pronto eu vou buzinar pra você saber. *Kawɔ* muito mesmo. Chegando, *hori*, *hori*, tá escutando, tá chamando, vai subir. Vai na beira do lago, já vai andando, subindo, subindo, subindo, anda muito no terreiro. No lago tem muito ainda, não acaba não. Todo mundo aí, já vai buzinar de novo, chegando em casa, vai entrar até casa grande. Vai comer banana. Vem chegando. Depois assobia, passarinho, *tɔkɔna* quer comer. Já pegou muito, correndo de volta, muito cai na água. *Tɔkɔna* grita hii, pega bocado, bocado embora dentro do lago dele. *Tɔkɔna* animado comer *kawɔ* dele. Agora *kawɔ* não quer comer banana mais não. [E.: como é o nome do pássaro?]. *Tsuipa* (3). Pessoal, *tɔkɔna* com raiva, curral grande pra pegar, pegar muito *kawɔ*. Pássaro conhecer Tartaruga [avisar].[E.: Como cariú chama?]. Sabe nome não. Já deixou toda banana dentro de casa. Agora *kawɔ* todo com medo de *tɔkɔna*, ele já pegar bocado pra *tɔkɔna* comer.“)

- (1) Mostra uma medida de uns 20 cm.
- (2) Tsabaro dá o palpite de que a tartaruga é *adjaba* porque seu filho é gente aleijado, e também por causa do seu corpo.
- (3) Pássaro não identificado.

(1)P.: (“)Conhece. Pessoal caçar longe, no mato. Dez homens matar macaco, com taboca (2). Deixa todo mulher, agora nós vai caçar quatro dia, cinco dia, nós tá aqui. Deixou em casa, levou taboca, maquiara. Andando, andando, bora fazer tapiri, pra depois comer. Tapiri grande, para dormir todo junto. Bora matar macaco amanhã, pra salgar, pra levar pra nosso mulher. Dormir até de manhã. Nós caça pra lá, por aqui quatro, pra lá outro dois. Mata mesmo com taboca, cumprido. Pega braço, perna até cair. Hora desse chegar. Fazer comida. Pegar macaco, mais pequeno assar. Macaco grande ele salgar, pra trazer pra mulher dele. Toma banho, bora deitar, cansado no maquiara dele. Já tá de noite. Bora dormir. Todo mundo. Rapaz bora olhar bicho, tem onça. Não tem onça, onça tem medo. Dormir até de manhã. Bora, vai caçar. Matar macaco, de novo, salgar. Bora amanhã, tem muito pra nosso *paiko* (3). Não vamos de novo, mais um dia. Tá. Outro pessoal vai todo, rapaz não vai nada. Não ele vai lá pro mato, espiar tapiri. Até que chega outro caboclo índio, bicho. Ah, eu vou comer essa carne, cozido, moqueado. Espiando rapaz. Ah ele vai embora e leva mais carne. Quando companheiro chegar, ele não dizer, deixa descansar. Chega com carne de macaco. Bora caçar de novo. Bora não, bora, hoje já vi bicho comer carne. Mentira, não, você comer banho de macaco. Não eu tou lá no mato, medo do bicho, é mesmo. Não, agüentar aqui, salgar, moquear comer, amanhã nós vai. Vi mesmo, medo de mulher, não, é verdade, quase levou tudo. Já de noite, vai dormir. Não, trepar em cima de pau, não fico aqui, amarra com envira. Outro todo junto no tapiri. De noite. [E.: Em que trepou?]. Pau pequeno, em cima do tapiri, dorme não, esperando bicho. Madrugada ele vem, quando todinho dormindo. Traz luz. Eh rapaz, já vem. Não escuta não, todo dormindo, chegando, chegando. Quando perto deixa luz. Escuro todo. Ele tira todo cabeça do pessoal. Ele só levar carne, deixa cabeça. Um, um, outro escutando, tirando cabeça. Lá em cima, ele manda formiga, brabo. Procurando outro, tudo espalhado no mato. Procurando. Formiga subindo, ele na perna, ele assoprar,

formiga voltar de novo. Fala pra dono não tem mais. [E.: Que formiga é?]. *Mitsi*, mesmo com caba, dói muito pessoa grita ah, ai, ai. Com medo, morto tudo, não tem mais companheiro, Adjaba levar, acender luz de novo. Outro chorar, pena, de outro. Até de manhã, espiar, muito sangue, só tem cabeça, nem leva carne. Correndo, correndo, correndo, até chegar na maloca. Falar, conversar. Rapaz, cadê pessoal? Já matou, bicho matou todo. Naquele dia eu vai caçar não, eu vou pro mato, vê bicho comer carne. Outro chega. Mentira. Não verdade mesmo. Ele contando mulher dele. Mulher já tá chorando. Tem sim, é verdade mesmo, eu dormir lá em cima do pau. Agora só tem cabeça lá. Tem carne assado. [E.: Salgado?]. Não, não tem sal não. Só moqueado. Bora enterrar cabeça do pessoal. Homem muito, chega lá, atravessa igarapé assim. Tem pau assim. Cabeça já tá dentro da ponte já. Escutando eles, alma dele já, pessoal diz não morrer não. Morreu sim. Chegando, tem igarapé ele vê cabeça já, tá vendo aí, cabeça andando em cima do pau, todo, atravessando. Quando pessoal chega na ponte, fica em cima (4). Cai todinho no igarapé. Vira tamaqui. Quando cair dentro d'água, vira assim oh, olha dente dele, mesmo assim como nosso aqui. Eu já vi [E.: Que peixe é?]. *Amasɜrɜ*. Passa na ponte, balançar, oh tamaqui muito. Vira tamaqui. Pessoal voltando, chorando, deixar tudo, com pena, vai deixar carne todo. Voltando. Não quer caçar mais não. [E o bicho?]. Não deixar, ele não vem mais não. [Como é ele?]. Parece como gente. [Como?]. Pintado, todo braço, perna e cara [mostra]. Como nós assim. Encarnado. Mesmo assim, cabelo dele, cabelo dele qualidade. [E.: Como?]. Cabelo preto, caboclo encarnado (5). Bicho, quando com fome cantar, pra comer pessoal.(“)

(1) Fizemos uma outra pausa, e no fim de tarde, indaguei-o sobre mais histórias. Negou que soubesse muito, mas reconheceu que conhecia uma história sobre Adjaba. Como esta é uma primeira versão mais clara (esclarece bem a anterior), segue aqui, lembrando-se que ele fala rápido, o que prejudicou o registro.

(2) Isto é, uma zarabatana.

(3) Neste caso se trata de um nome para homem em ritual. Mais amplamente, usado para os ‘antigos’, entre os quais os antepassados que figuram nos mitos.

(4) Faz gesto de movimento de cima pra baixo, mexendo na ponte.

(5) Tentativa de saber melhor do “bicho”, pouco se esclarece. É Adjaba.

Intervalo

No dia seguinte Aro me ditou vários cantos de Kohana, tinha participado nos cantos do ritual daqueles dias. No meio lembrou que os cantos falam de coisas que um caboclo viu quando foi ao céu. Ele viu muita mulher, muita flor e certos adornos. Lá ele cantou Kohana, e lá aprendeu o ritual. Depois de alguns dias ocupado com coisas práticas para a sobrevivência, numa dessas noite, juntei-me no terreiro a Daura e a seus aprendizes, que estavam treinando para colocar uma pedrinha nos seus corpos; inicialmente, com pouco sucesso, aliás. Brincaram sobre se eu não queria aprender e ofereceram-me aspirar rapé de tabaco pelo nariz. Era brincadeira mas, realmente contaram casos de cariú que aprenderam, dizendo-me que podia mesmo tentar também. Naquela noite declinei da oferta, mas pensei no caso e aceitei depois. Procurei Daura e ele me disse para visitá-lo de noite, na casa vizinha, a maior da aldeia, que foi construída por ele. Sentamo-nos na beira da casa, elevado bem em cima do solo, olhando para o rio e com o espaço atrás na casa totalmente tomado por mosquiteiros com as pessoas já deitadas. Conversamos sobre bancos e dinheiro até que mandasse buscar seu saco de djohko, e colocou uns dez na minha barriga, tirando-as da sua própria. Antes, é claro, tinha me dado um pouco de rapé para colocar na boca, no lábio inferior, já que sem rapé nenhum *djohko* irá ficar com um xamã. Então resolveu contar alguma coisa sobre as qualidades de certas pedras, e acabou embarcando no resumo da história do mundo. Como foi esta a única vez que alguém entrou neste tipo de narrativa, mantive a sua fala separada, como se fosse um mito diferente.

Mito

Mito 54 D.:(“Foi papai Tamakori que fez. Tamakori. Para ficou bom. Tamakori estava subindo o rio, de canoa, encontrando *tɔkɔna*. Chega na aldeia, bebe *kuya*, e diz que ele não pode beber *kuya* azeda porque aí afunda (1). Sobe mais e bebe *kuya* de pupunha. Come ananás também. Aí tem mui-

ta capoeira velha, foi até lá em cima aonde ele fez um barco. Aí desce o rio de barco e chega, como aqui, faz carreira, bota motor de luz pra tirar retrato. O pessoal pergunta pra ele sobre o barco. Lá em cima tem muito, ele diz, o que é mentira, foi ele mesmo que fez. Quando você volta? Volta mais não. Vai pro céu, subir pro céu, andar no *wadja*. Mais tempo, patrão já vem subindo o rio. Tamakori foi deixar *kanaron* lá embaixo, pode esperar que depois vem subindo. Espera, espera, nada. Chega peruano. Chega aqui, tira caucho, sorva, só, deixa mercadoria aqui. Até que este vai embora, deixa todo mercadoria no mato. Deixa só fósforo. Quando peruano chegou, perguntou, você come sem sal? Nós come sem sal. Aqui um saco, deixou no canto. Fica acostumado a roupa e sal. Pode esperar padre também, vem subindo. Fica sem nada. Espera, espera, nada. Rapaz, vamos embora, tem rio grande lá, fazer um varadouro até lá. Chega lá no Benfica. Mora lá, só *təkəna*. Aí chega um branco, tem muito índio lá, mas fica com medo, mata, mata nada. Depois chega outro branco. Dizem que vai chegar muita mercadoria. Dois meses e nada chega. Eles baixam de novo. Caboclo mora lá no Felipe, São Felipe (2). O branco volta, com muita mercadoria, faz um barracão. Mais tempo, tem dois branco, mais tempo tem cinco. Já chega mais, branco vai até lá no Cruzeiro do Sul, até lá em cima. Aí vai tomando conta. Bora, vai pra Juruazinho. Mas tem muito branco lá. Vai pra aqui de novo [Jutaízinho]. Branco mata muito índio, muito mesmo. Aí um diz para outro, vamos matar índio. Não rapaz mata mais não. Vamos, eles não mata mais não, não tem arma. Mas tem arco. Vai chega lá, no porto, como aqui. O branco pergunta aos índios, vocês querem chumbo? Queremos. Cadê o chefe? Tá lá, chama ele. Mentira. Chama, ele chega. Quanto você quer, cem grama, duzentos grama? Tem muita gente no porto. Aí, tam. Mata muita gente. Mata outro no terreiro. Tem muita gente morta no porto, no terreiro. Mata muito. Outro correndo no mato, hi, hi, avisar irmão. Avisa, chega lá, fala com ele. Arco tudo amarrado em cima né. Ah, só tem um cartucho, matar macaco com os outros. Vamos nós também, macho, nós mata também. Cariú está arrumando suas coisas, bota muita mercadoria na canoa. Vamos, caboclo vem aí, mata também. Mata nada. Caboclo tá lá olhando. Tam, cai na água, mata um. Mata mais não, só tem um cartucho. Bora matar com pau. O outro branco e a mulher vão embora. Entrou no igarapé, no rio, parece que Daviá (3). Não encontra mais não. Aí chega

Coronel. Não mata mais não. Fez um barracão grande, traz mercadoria. Chega de madrugada, ele foi cortar de noite. Bora defumar. Coronel diz para ele você é preguiçoso. Não. Vamos defumar. Coronel [ou coroné] matou uma mulher e caboclo matar ele para pagar ela. Queimou a barraca dele.”(4)

- (1) Não está claro o que significa a afirmação.
- (2) Este mudou de nome para Eirunepé nos anos vinte deste século.
- (3) Consulta a outro mas não surge outro nome.
- (4) Nesse momento, o narrador achou que já estava tarde, não havia mais ninguém acordado além de nós, e encerrou neste ponto. Em algum momento, impreciso ainda falou de Tamakori, mas não posso lembrar bem em que ponto da narrativa, porque tive que registrá-la na manhã seguinte; disse que Tamakori também tem um avião, lá em Eirunepé. Quando o branco chegou, foram fazer um “campo de avião”, para poder trazer muita mercadoria. Mas, espera, espera, nada. Quando passou o primeiro avião no céu, os Kanamari todos estavam com medo de que o mundo ia acabar.

Intervalo

Desde a segunda semana de agosto até o primeiro dia de setembro estivemos em Caraná, e então voltamos, entre os primeiros, para Queimado, cheio agora de produtos da roça, mas ainda com poucas famílias presentes. Somente uns dias depois é que a maioria chegou e não demoraram para ir às roças plantar as sementes trazidas. A vida continuou assim bastante movimentada, inclusive com a visita de um índio Tikuna que veio ver as condições de negociar com os Kanamari. Daí que, afora umas observações muito rápidas, somente uns dez dias depois tenha conversado calmamente com Djo’o, ocupado em consertar o seu colar de continhas. Lembrou-se de que os índios tinham colocado *makiari*, mas acharam pouco peixe.

Mito

D.: (“)O Urubu não deixou, já comeu todo. O Urubu que sabia e mostrou a raiz para primeiro caboclo. Deu para “o sogro dele”, que botou no lago e pegou peixe de diversos tipos, até *wɜ* [pirarucu]. Quando apodrece, o Urubu está lá procurando *dombɜrɜ* (1). Um menino de uns oito anos foi também e o flechou no olho. Era filho do sogro, cunhado. “*Makiari* forte, agora *makiari* fraco. Ele tirou todo veneno do *makiari* já. Urubu tira todinho veneno”. [E.: Morreu?]. Morreu mesmo, fica outro. Rezando, assim assoprando. Chupa, assoprando (2). Aí, *makiari* fraco, sogro leva raiz sozinho de novo pro lago. Ah, *makiari* fraco agora. Fica danado com filho dele, quase bate nele, ele flecha *Kodak padja*. Outro dia ele mostra *kupiná*. Sogro, bora botar *kupiná*. Ele tirando, faz bolo (3). Bota no igarapé, peixe tá virando já. Agora do *kupiná* não tira veneno mais não. Urubu deixa veneno do *kupiná*. Aí, o menino não brinca mais com Urubu não, pai dele danado, pra não tirar mais o veneno do *kupiná* não.(“)

- (1) Peixe podre. o peixe que sobra de uma pescaria com veneno de pesca.
- (2) Demonstra com flauta como faz, chupando ao longo dela.
- (3) Estas folhas de um arbusto se amassam num buraco no chão até fazer um bolo mais ou menos compacto, que será desmanchado na água.

(1) D.: (“)Era dia e até dormia de dia. “Pescar, caçar, quando chegar tomar banho, dormir”. Tamakori está com vontade de comer a fruta *maran*. Foi, deixou o pacote e o irmão abriu. Dormiu lá e de madrugada fez *cujubim* de casca, (...) “aquele como galinha, canta até o dia”. Tamakori tá danado pro irmão, mas acaba dizendo que tá bom assim (...) “quando de noite nós dormir”. Tamakori rezou *Djo’o*, e este virou tatu. Quando encontra o tatu, leva para comer. Cozinha, come, mas não acaba. A carne fica inteira de novo. Depois de comer e jogar carne, Tamakori guarda os ossos, os dentes e as unhas, reza e faz *Djo’o* de novo. “Só Tamakori que faz assim. Tamakori que

faz assim pra Djo’o”. Depois Djo’o mata anta, morre Tamakori, para experimentar também. Djo’o busca uma banda, depois outra. Cozinha, quando a carne está mole, come. A carne aumenta e ele acaba jogando carne fora, junta osso, unha, de tudo. “Quando apodrecer, junta osso. Tamakori rezou ele mesmo de novo. Ah, irmão eu dormir. Não, eu matar você, eu comer você. Você comer tudo? Não, eu só comer pouco, deixou pra apodrecer”.(“)

(1) Aqui passamos novamente à contribuição de Djo’o, numa outra oportunidade. Esta versão acrescenta alguns detalhes ao mito da origem da escuridão da noite.

(2) Uma frutinha encarnadinha, miudinha, parecida com pimenta.

Mito 31 D.: (“)Aí, Djo’o que Tamakori morrer, morrer mesmo, vai pro céu. Aí irmão enterrar Tamakori, Djo’o enterrar Tamakori. Ele rezou mesmo no buraco, rezou, Tamakori vai sair do buraco, pinta cara, bota *kita* (1). Vai pra casa. Bate tsakopimba [sapopemba]. Ah, Tamakori já chegou. Djo’o perguntar aonde você tava? Eu dormir. Não, eu enterrar você. Não, eu dormir, mentira dele. Você já tá morto, agora eu já levantar. Quando Djo’o morre vai pro céu. Tamakori falar, agora eu experimentar você. Mata Djo’o, enterrar. Djo’o morto, fazer cruz, fazer buraco, fazer caixão. Tamakori vai enterrar. Agora Tamakori fica sozinho. Agora. [E.: Como é?]. Ele não levanta mais não, morrer mesmo. Aí, Tamakori não querer mais rezar Djo’o, não querer mais nesse mundo, mandou na frente. Quando não tem irmão, Tamakori já foi embora também, rezar, rezar, já foi embora. [E.: Pra onde?] Pro céu. Cadê nós? Mesma coisa. Quando morre, outro enterra, já foi embora. Quando Djo’o morreu, já foi pro céu. Quando Tamakori morreu, ele rezar e levantar. Nós querer fazer assim também, Tamakori não deixar. Quando gente ladrão mata outro, quando morre mesmo, vai pro céu, pra inferno né (2). Quando gente boa mesmo, ele aparecer com Tamakori. Tamakori, tu vai agora não. Rezar, rezar, rezar, rezar, quando terminar, rezar, vira gente, caboclo. Agora você vai lá onde tá sua aldeia. Lá no céu.”(“)

(1) O enfeite circular da cabeça.

(2) Repete que Tamakori sabe quem foi ruim e manda para o cão, para queimar.

Comentário

Djo' o ainda comentou algo sobre a morte e os mortos, respondendo, muitas vezes, a perguntas diretas. (“)Quando aparecer lá, Kohana vai abrir trovão, chuva grande, vento grande, animação dele. Brincadeira, como nós aqui também. Tamakori manda abrir trovão, pra brincar, pra tomar banho. Quando chuva grande, toma banho no trovão. Quando ele encontrar irmão, sogro, mesma coisa aqui também. Quando morre picado, morre aqui, Tamakori que sabe. Quando picado Tamakori fala com ele, ah, eu não quero você aqui, morar aqui nesse mundo não. Primeiro vai lá céu, volta de novo. Vira cupim, vira porco do mato, *hitsan*, *wiri*. Quando foder irmão, sogro, nora, picado. Quando morre vai lá no céu. Tamakori manda de volta, vira porquinho, cupim. Quando a gente não fazer assim não, fica lá mesmo. Ainda explica que a pessoa morta tem o mesmo tamanho que tinha na terra e que o trovão parece com tambor.(“)

Mito

Mito 55 (1) P.: (“)Adjaba naquele dia roubar dois curumim, pessoal tá cantando de noite, mãe dele cantar. Venta dele, pinta na venta (2). Escondido, acender luz, olha de lado, assim, pra não ver bicho, pra mãe dele não ver. Como nós aqui, cantar noite toda. Mamãe, vai pegar meu curumim, leva pra cantar. [Como?]. Adjaba não canta não, bicho não canta não, não fala como nós assim. Tava sentado, Adjaba. Veio do mato, acender a luz. Ai, olha de lado pra não ver a venta dele, pra não ver que é bicho. Quando cantar, ah, eu vou lá cantar, meu braço cansado, lá tá, mamãe anda com ele. Ah, mamãe, eu vou deixar curumim, eu vou cantar. Tá, pode deixar. Irmã dele, mamãe tá aí. Tá, eu vou deixar meu curumim. Eu vou deixar lá, ah

mamãe, eu vou deixar meu curumim. Cantar, cantar, cantar, até de manhã. Eu vou buscar meu filho. Mamãe, cadê meu filho? Não tá aqui não, não foi você que eu dei meu filho, não foi eu não. Eu fica lá no maqueirizinho dormindo. Outro também, não eu deixar pra você mamãe, não, foi comigo não. Adjaba já apagou luz, leva curumim pra mato. Ele vai nascer no mato mesmo. Até crescer no mato. Dois, dois macho. Até rapaz, como Awin, já conhecer Adjaba (3). Rapaz, este é bicho, não é gente não, bicho criar nós, bora matar ele. Ele já mandou, pode espiar aí, meu filho, pode pegar aí lenha pra fazer fogo. Adjaba quer comer eles. Adjaba derruba pau. Aquele pau caiu. Rapazes tão aí. Niama, chama mamãe, nós tá aqui? [E.: Como?]. É mulher, mulher, o marido dele tá no mato caçando, chega às cinco hora, carregado muito, muita carne. Vai tirar lenha, fazer fogo. *Niama*, nós vai caçar (4). Vai andando, andando, andando, andando, até achar o caminho, vai pegar caminho. Chega lá, tá aqui, casas, casa da nossa mãe, bora trepar lá no porto. pau mesmo assim. Quando chega lá, trepar. Vê outro pessoal pegar água, não disse não, vê outro, vê outro. Ele em cima do igarapé, balançando perna, assim (5). Pessoal vê n'água, dentro do igarapé. O que é isso aí, parece que é bicho. Depois ele assim, cai dentro d'água (6). Olha que é isso? Não conhecer, procurar, não achar. Tá lá em cima, com vontade de ver a mãe dele, beber *kuya*. Aí, assobia, ooh olha aí, meu filho, meu filho é você. Descer, ah mamãe, bicho pegar nós, bicho criar nós, nós correndo já. Conta pra os outros, beber *kuya*.(“)

(1) No dia seguinte Pairo estava entre cortar as árvores, que tinha feito de manhã, e colher a borracha. Tentei saber alguma coisa sobre o ritual chamado Adjaba, quando, de repente, ele introduziu um mito.

(2) Ele, como já mencionado, fala rápido, e sem explicar, muitas vezes, de quem se trata; aqui já é do Adjaba.

(3) O filho dele, um rapaz de uns quinze anos.

(4) Mencionou muito rapidamente ‘o rapaz procurar/achar casa.

(5) Mostra como estão sentados lá em cima e a perna fica livre para se movimentar.

(6) Cospem, deixando o cuspe cair em baixo.

D.: (“)Trabalharam juntos na construção de um grande barco, lá no rio mar. Embarcaram muitos americanos e Tamakori pegou ferro de arpão e amarrou uma rede grande no meio do mar. Ficou balançando lá, até que o navio passou, e ele o afundou com ferro. Morreu todo mundo, comidos por bichos como baleia, sereia, tubarão. Só sobraram três americanos para crescer de novo. Ai Tamakori ensinou fazer ao americano fazer motor, máquina, fábrica, recreio, batelão grande (2). Uma máquina para fazer dinheiro também. Deixou marca, para indicar mina. Quando saiu deixou uma cidade, como Tefé, para atrás. Primeiro foi anjo que foi embora, deixando casca dele, santo. Tamakori rezou para mandar ele na frente. Deixou sua casa lá, fechada. O americano bateu na porta, mas não tinha mais ninguém. Na casa de Tamakori também, só fica santo e um pote. Tamakori já foi para outro mundo. Tamakori que fez tudo e deixou tudo para americano, que continuou fazendo, motor, fábrica, fazenda. Deixou todinho, pra americano, pra Petrobrás, pra todo que fazer assim. Branco que fazer tudo na loja de Tamakori. Americano que aprende Brasil, né [ensina]. Fazer fábrica também. Peruano também fazer motor, avião. Tamakori deixa ordem pra branco mesmo. Pra nós nada, não deixa ordem (3). (“

(1) Mais tarde, Djo’o explicou que a subida de Tamakori foi rezando mesmo, sem djohko. Para se mudar para outro mundo, aonde estava Djo’o. Repetiu que era o incesto que era pecado e que quem o pratica vira cupim ou porquinho. Logo depois entrou com uma versão sobre como Tamakori deixou tudo para o americano, no primeiro mundo.

(2) Um recreio é um tipo de embarcação a motor que transporta passageiros.

(3) Perguntado, ele esclarece que o santo é uma imagem, *hombak*, lit. feito de barro, i.e. cerâmica).

D.: (“)A mulher de Tamakori, Peixe-boi foder muito. Primeiro Tamakori não sabia, depois sabia e fez um arpão grande, com bico. A mulher chamava o Peixe-boi batendo numa cuia, *pada*, um “coité”, fazendo “tum, tum”. Dizendo que vai matar tartaruga, Tamakori vai para o lago, deixando a mulher em casa fazendo *kuya*. Lá ele bate n’água até o Peixe-boi chegar e o mata. Mas o

“pessoal dele”, o jacaré-açu, boto, cobra, não quer deixar ele com o Peixe-boi. “Tamakori tá lá fora, ele quer puxar a corda pra vir Peixe-boi pra ele. Pessoal dele abrir janela lá no meio do rio pra Peixe-boi vim. Aí, quando Peixe-boi sair, Tamakori puxar até na beira, já tá morto já Peixe-boi. Tira couro, leva carne para casa pra comer. Tamakori salgar carne dele.[E.: Como foi?]. Pessoal de Peixe-boi tava puxando também, pra não deixar. Leva pra casa, comer batido, carne batida.[E.: Como?]. Na folha. Quando mulher vai de novo, batendo de novo. Bate três vez, quatro vez, cinco vez. Ah, Tamakori que matou meu marido. Tomar, bater com boca. Não tem mais Peixe-boi, já tá morto já. Não tem outro mais, só ele mesmo fodendo mulher de Tamakori.[E.: Não disse nada?]. Não, não disse nada, deixou assim mesmo.”

E.: E a história da anta fodendo moça?

D.: (“)Foi Anta que fazer, fodendo Wahpaka, fazer curumim, levar muito fruta. Levar buriti, tudo, anta leva pra Wahpaka. [E.: Como foi?]. Começa assim. Aí, a mãe de Wahpaka dizer pro marido dele, anta vontade levar Wahpaka, pra mato. Dormir um dia. [E.: Como?]. Wahpaka, com a mãe dele. [E.: Mora onde?]. Mora na casa da mãe, solteira. Outro dia, anta carregar Wahpaka, carregar pro mato. Rapaz atrás, irmão dele atrás, leva flecha pra matar ele. [E.: Quem?]. Filho da mãe, irmão de Wahpaka. Papai dele também. Atrás. Vê Wahpaka, Wahpaka acorda a Anta, leva Wahpaka de novo. Papai dele dizer [fala Kanamari], pra Wahpaka, minha filha quando tu vem de novo, tu não vai abrir orelha mais não. Pra não escutar flecha mais não. Wahpaka foi embora. Pai voltar, não atrás mais não, de noite já. Outro dia de manhã atrás, até pegar (...) [interrompe com a chegada de outro]. Matou. Wahpaka vem com pai, ele carregar pombo, da Anta, com ovo tudo. Papai tira pombo, com ovo, com couro tudo. Pai tira, fazer pera pra levar. Irmão dele uma banda, cada um leva uma banda. Quando chegar em casa, fazer comida. A mãe dele fazer comida. Guarda bem pombo de Anta. Bota baucillo em cima do pombo de Anta (2). Pombo vira anta novo, de novo. Pombo dele. [E.: Como foi?]. Wahpaka guardar pra ele mesmo, mulher da anta. Papai dele, mamãe dele não vê não. Wahpaka, já comeu pombo de Anta? Eu já comer todo já. Mentira, ele esconder. Wahpaka dormir sozinho. Aí, Wahpaka dormindo sozinho, Wahpaka mentindo, já acha graça, de noite,

de manhã bota no baucilo de novo. [E.: Como?]. De noite brinca. Quando pai vê, mata ele. Anta grande já. Mãe de Wahpaka varrer terreiro, tirando baucilo aonde tá Anta, anta mora. A mãe bater uma quarta, com cabeça. [E.: Como?]. Anta que bate com cabeça quarta de mulher. Mãe dele danado, ele esquentar água, quente pra onde tá ele. Esquenta, Wahpaka não vê não, só mãe dele. Wahpaka tá procurando outro.[E.: O que?]. Anta. [E.: Aonde?]. No mato. A mãe dele esquenta água quente pra matar ele. A mãe dele jogar. Quando morrer, chuva grande, trovão, Wahpaka saber. Ah, mamãe matar meu *Mok*. Quando chega em casa, mãe dele fala com Wahpaka. Wahpaka, você mentiroso pra mim, ele já comer pombo nada. Wahpaka quer tinta. Mamãe, onde tá meu *padja* [urucu]? Ele pintar perna, cara também. Aí Wahpaka foi embora, vira gavião. Aquele gavião, ah, ah, uuuh [grito] ... Wahpaka nome de gavião. Quando tem muito wahpaka nós saber, ah Anta dormir lá. Wahpaka gosta de *mok*, tá tirando carrapato do *mok*. Bonito, né? Papai que contar.(“)

(1) O mito anterior saiu espontaneamente, este, como se vê, resultou de um estímulo meu.

(2) Baucilo, ou baucheiro, se refere a um amontoado de material vegetal, uma área particularmente densa de mata caída.

(1)P.: (“O Adjaba escuta a festa de longe e vai para lá, usando uma luz no caminho até chegar perto. Para roubar o curumim, o Adjaba se aproxima do terreiro, mas fica de rosto virado para não ser reconhecido. O seu rosto é muito feio. A mulher chega para deixar seu filho com a mãe e o Adjaba diz que pode deixar. Está sentado num banco ao lado do terreiro, como nem aquele em que estamos sentados agora mas mais cumprido. De manhã, a mulher descobre que a criança não está com a mãe, mulher como Madjawi [bem velha]. Levou este e outro curumim, bem novinhos. Quem buscou foi a mulher Adjaba, não foi o homem não. Criam as crianças no mato mesmo, até a idade de jovens rapazes. Aí quer matá-los. “Adjaba derruba pau, pode ficar sentado aí, fica aí no varadouro. Ele quer matar o curumim com pau. Rapaz corre, já vem pau. Ah, parece que matar meu filho, pau matou meu

filho. Sabido, não mata não. Bora tomar banho. Bora fazer ponta de pau, brincar. Você vai virar paca, eu vou fazer ponta de pau pra brincar. Ele quer matar rapaz. Ele já tirar banda (2). Ah, você mata pra mim mamãe. Pedaco. Agora eu vou varrer terreiro, fazer coivara, você vai ficar aqui. Ele quer varrer (3). Rapaz sabido, espiando pra olhar. Ele quer empurrar rapaz. Bum (4). [E.: Como é?]. Ah, já entrou no fogo, Adjaba já morreu, queimou tudo, braço, tudo, cabelo até, já morrer já. Marido tá lá no mato, as cinco horas chega, caça muito. Um, um, quando chega rapaz tá lá em cima do pau. Espiando, chama *paiko*, *paiko*. Adjaba olha, mas não vê ele não, parece vento. Chama de novo, nós já matar sua mulher já. Ele trepar já. Rapaz tá lá no alto, agora Adjaba também vai trepar, leva taquara ele quer matar. Rapaz puxar, pega, em cima pega, solta e fura Adjaba na bunda. Adjaba cair, ele morrer. Morreu Adjaba, a mulher dele, rapaz matar já. [E.: Como fez?]. Todos dois lá em cima. Descer, vamos embora, procurar nossa mãe, nós não saber. Ele vai, vai andando, andando, andando, até achar varadouro. Ah, varadouro tá aqui, mesmo assim como aqui. Até vê casa, mesmo assim. Cantar, buzinar, ah nossa mãe aqui. Bora, quando vê porto lá, trepar dentro do pau. Ele balançar perna assim. Que isso? Parece bicho, pessoal vê, ele tá lá em cima.[E.: Não acha não?] Não acha não. Depois ele fazer assim (5). Ah, vem aqui, você parece meu filho, vem aqui. Ah, nós tava lá com Adjaba, nós matar ele já. Adjaba, homem, mulher, já morrer. Ah, Adjaba levar meu filho, mãe dele dizer, quando curumim. Adjaba levar, naquele tempo não vão atrás não.“)

(1) No dia seguinte do mito anterior, pedi explicações ao Pairo sobre o mito do Adjaba que rouba crianças. Deste modo, ele disse que a festa daquela noite era Adjaba e continuou com esta versão.

(2) Mostra na barriga, um raspão ao lado.

(3) Mostra como está olhando de lado, espiando pra trás.

(4) A mulher Adjaba quer empurrá-los, ele mostra como se fosse rugby.

(5) Cospem para baixo.

Mito 0 (1)K.: "Aí tem pé de sorva ... *hiwimam* ... tem caroço, maduro, muito caindo assim ... pessoal vai caçar com arco. Primeiro arco ... Aí tem pé de sorva, bem pertinho, bem baixinho. Aí eu vou comer esse sorva, comer só do chão ... tem muito, lá pra cima. Matar dois macaco. Matar jacu, *tabi*, mutum. Vai s'embora. Amanhã coisa melhor, ajudar comer sorva maduro. Quando chegar lá no tapiri, tapiri não, barraca assim. Comer macaco assado, cozinhar bocado, comer, dormir ... Conversar mulher dele. Rapaz, tem sorva maduro ... *hiwi paranim* (2). Maduro. Tem muito no chão, caído. Vamos embora! Vamos embora. Ele levar duas mulher ... levar pra tirar sorva, outro carregar outro, outro carregar outro no pera. Dois *itsaro*, mulher ... Aí andando. No mato, não tem varadouro, só pique quebrado, assim ... Não tem terçado. Quando chega lá, reparar ... tem maduro, caindo no chão. Aí comer bocado, no chão caindo ... Vai trepar em cima, tirar maduro. Como aqui, baixinho, bem pertinho. Tirar maduro, no chão caindo ... Mulher juntando, muito ... muito maduro, não tem pouco não, não ... Fazer pera, mulher fazer pera. Aí comer bocado, demorar ainda ... Mulher no chão, homem tá lá em cima. *Mawin* também já vem, ajudar, comendo ... querer comer mais caboclo. Índio matar coração dele, bateu ... ele pedir sorva de índio. Pera aí, vou tirar maduro ... mentindo pra ele. Tirar caroço grande ... duro, querer bater coração aqui, querer jogar em cima dele ... querer bateu, errar ele, tira outro caroço de novo, bater. *Mawin* morrer! ... Preguiça morrer! Demorar já melhorar. Custa muito pra melhorar. Índio tá lá em cima, comendo sorva maduro. Mulher tá no chão ainda. Aí Preguiça, *Mawin*, já acordar, levantando ... Índio tá lá em cima. Sorva crescer, pau grosso, tamanho como samaúma, pé de ... Não tem pau não, todo limpo ... terreiro grande assim, pé de sorva grosso, alto ... Só pé de sorva. Índio tá lá em cima. Mulher fica em baixo. De repente, não tem demora não, cair folha de sorva, cair todinho folha, só ficar caboclo lá em cima! Todinho folha dele caiu. Só tem seco, pau seco, não tem folha mais não. Aí no verão, sabe? Não tem ... Tá lá em cima, não pode descer, não tem nem cipó pra ele descer pra baixo. Demorando, demorar muito ... Não bebe água, com sede de morrer. Mas ele güentar assim mesmo. Aí até Pinicapau, *Tohko* ... ele vem avoando, avoando até chegar pé de sorva. Comer, tira casca do sorva ... ele batendo assim ... comer casca *hiwi*, comer lagarta [*hiwimamhiw*] dentro. Tirar carne assim, comendo ... Índio tá lá em cima, demorar muito, não é brincadeira. Não comer não. Beber mija dele. Aí Pinicapau falar. Índio fala ele, você também gente? Eu

também gente. Caboclo mesmo? caboclo ... Mas avoa. Que você tem assim? ... *Mawin* botar para mim assim. Deus botar pra mim ... Aí ele não agüenta não, o pinicapau com medo de cair no chão, não agüenta eu. Eu vou mandar pessoal, tem muito pessoal lá. Tu manda mesmo, eu quase morrer ... Ele manda Urubu, *Kodak padja* ... demorar muito até ... quando de noite pra sair com *Kodak padja*. Pinicapau dizer ele tem gente pé de sorva. Deus botar pra ele. Rapaz, eu vou reparar também. Tu querer desceu ele mas não agüenta pra descer ele, Pinicapau conversa Urubu. Eu já vai lá, eu vou descer ele ... eu vou ajudar meu companheiro. Urubu vem avoando, procurando ... Onde tá ele? Avoar de novo, procurando, tem gente lá no pau ... Aí reparar ... cadê gente? Tá aqui ... Aí Urubu já vem avoando, uuh ... passa como helicóptero, sabe? Quando voltar, senta lá onde tá gente, no pé de sorva. Você também gente? Gente. Caboclo. Caboclo mesmo? Caboclo. Pinicapau conversar pra mim assim ... Querer descer índio? Querer desceu ... eu quase morrer *tʰɛkɛ* (3) ... beber só meu mija mesmo, assim ... pra Urubu. Urubu falou índio ... que você fazer assim? *Mawin* botar pra mim ... Tem sorva maduro, eu fui buscar mulher meu, dois mulher, eu não saber onde tá mais, eu tá lá em cima. Eu vou descer você. Beber água, lavar, tomar banho, dormir ... vou botar você assim. *Tanhuan* [vamos] ... Você vai beber *kuya* ... eu tenho muito *kuya*. Eu também caboclo. Eu também *tʰɛkɛna*, eu também caboclo ... Eu tenho casa grande ... *Tanhuan*. Índio já vexado pra desceu ... vamos embora. Aí índio segurar Urubu já. Você não abrir olho, só fechar olho índio. Fechar olho ... Quando você desceu no igarapé, sentar bem sentado, você abrir olho. Assim ... Urubu desceu. Vam'embora. Aí tá voando ... Urubu levar longe como daqui no campo do Petrobrás. Como igarapé, igarapezinho mesmo. Urubu morar no igarapé, tem barraca, casa do Urubu, casa grande ... Tem *kuya*, tem banana. Desceu lá no igarapé, na beira do igarapé. Urubu desceu com índio. Aí, índio fica lá na beira do igarapé. Beber água um bocadinho, devagar assim ... Tomar banho. Urubu levar ... vam'embora na barraca tomar banho. Marrar maquiara pra dormir. De dia mesmo, hora dessa assim ... não podia andar não, o índio ... muito doente! Aí comer pouco, bem pouquinho ... beber *kuya* mesmo, banana, até melhorar ... Quando melhorar mais bocado, andar, bocadinho ... tomar banho ... Aí outro dia dormir ... de manhã sair ... Três dia. Três dia levantar ele. Ele falou Urubu, *Kodak Padja*, cadê arco, tem? Tem ... aqui não falta. Tem flecha *dʰɛkɛʰam* (4) ... eu vou dar volta por ali assim, matar um bicho pra nós comer. Bem perto

mesmo, não tem demora não, só andar devagar assim ... Matar sapo ... Aquele *ho* ... Hinljan cariú chamar. Nós chamar “*ho*”. Ele flecha *ho* no mato ... Trazer só sapo, *ho* ... Comer sapo, aí dormir. Aí tomar banho, comer banana, tapioca, *kuya*. Dormir. Amanhã eu vou matar anta, pra Urubu comer. Tem muito gente. Só uma casa grande. Tem mulher solteira, duas mulher solteira, casado bocado ... Tem curumim. Tem Urubu, mas gente também. Uma casa só ... Grande. Tem banana, mamão, cará ... De manhã, sair, beber caçuma. Vou matar anta hoje. Eu já melhorar agora. Vou matar anta pra Urubu comer. Encontrar rastro de anta na varadouro assim ... Varadouro, caminho de anta. Leva arco na costa. Encontra rastro ... Rastrear, rastrear, de manhã, hora desse. Rastrear bocado encontrou anta deitado ... quando chegar lá vai matar, matar cedo. Ele flechar com arco ... Anta correr bocado, morrer. Aí índio reparar, tava morto. Tá bom! Amanhã, depois, buscar anta. Depois, depois, três dias, mais três dias, muito dia, anta tava podre, no mato mesmo. Urubu já foi, comer cru, não tem comer cozinhado não, nem assado ... Urubu só comer cru de anta, no mato. Índio fica em casa ... beber *kuya*, comer banana ... Urubu já foi, todinho, fica só casa ... Índio. Menino também. Já foi. Índio fica em casa, ele só mesmo Urubu já foi tudinho, comer anta cru ... Não tem trazer não, só comer lá mesmo. Acabar de comer, de tarde vem chegando bocado. Índio fica em casa. Urubu chegar só de tarde. Bocado! Conversando ... Não trazer anta não? Não, índio, comer lá mesmo ... Aí dormir, beber *kuya*, comer banana ... de manhã, índio foi mariscar. Urubu todo fica em casa. Urubu comer anta uma vez, só uma vez, mesmo na hora, não tem dois dia. Índio matar outro de novo, tudo anta, só anta ... Urubu comer outra, só cru mesmo, no mato, não tem trazer em casa. Depois, índio matou de novo. Matou três. Depois, matar outro de novo. Matar quatro. Matar cinco, seis. Só pra Urubu comer, só pra Urubu mesmo. Urubu comer de novo. Depois derradeira. Ele mata anta, procurar caboclo, o índio ... procurar índio também. Quando derradeira, procura caboclo, índio ... Encontrou caboclo. Rapaz, eu já matar anta ... vamo buscar pra eu comer. Vam'borá. Abrir, tirar tripa, coração, só carne mesmo levar ... fazer batida. Urubu só comer, não levar pedaço pra ele matar derradeira anta. Ele encontrar índio, parente dele ... levar só carne, pra comer, couro ficar. Comer bem. Índio vai sair da casa do Urubu, de tarde, chega lá na casa do Urubu. Matou? Matou derradeira, amanhã pode vai comer tua anta. Índio fica em casa. Urubu comer anta ... comer não, só couro mesmo. Índio fica em casa. Eu

vou m'embora daqui. Ele falar só, Urubu já foi tudo. Ele arrumar arco, flecha, maquira, muito flecha ... anda, anda, andando ... Urubu chegar de tarde. Cadê índio, cadê companheiro? Ah! Foi embora ... Agora nós não comer anta mais não. Urubu querer ... Urubu dizer pra pai dele tu não deixa pra nós matar ele, pra nós comer! ... Não ele pagar bem pra mim, eu descer ele, ele deu anta ... não matar não, deixa embora, tem parente ... Quando não tem parente, eu deixar você matar. Eu descer ele, *Mawin* botar ... Nós já comer anta muita. Urubu tá falando pro pessoal dele. Ele falou índio ... cadê minha mulher? Tá lá outra casa ... Tem irmã do índio na casa dele ... Urubu não presta, comer só anta cru no mato, não levar pra mim, eu vim m'embora. Aí tem pé de sorva de novo, bem baixinho, maduro de novo. Deus botar de novo. Eu vou reparar pé de sorva. Mulher tá lá, *Mawin* tomar conta. Aí encontrar irmão dele, eu não saber mulher de você não rapaz, mulher tá lá ainda no mato ... Que fazer assim? *Mawin* fazer mal pra mim ... Eu vou reparar pé de sorva ... andar. Reparar ... ainda tem. Mesma coisa. Tudo maduro, cair no chão. Mas ele não comer mais não, deixa aí ... Aí tem outro caboclo, caboclo macaco, conversa com ele. A tua mulher casar preguiça, preguiça tomar conta ... Tem duas mulher. Tem um curumim, tamanho como Kurau, sabe?(5) ... Tem comida dele aqui ... de *Mawin*. De pé de sorva ... companheiro dizer pra ele. Pé de sorva baixinho, maduro, mas não mexe mais não, tem medo pra *Mawin*. Voltar pra trás ... Rapaz, vou dizer uma coisa, pode matar *Mawin* pra tomar tua mulher. Fazer veneno, eu saber veneno ... Tem buraco na vara, vara de tucum, tucunzeiro. Tira toda de tucunzeira, limpar buraco dele, bem limpinho ... aí o companheiro dele ensinar ele. Pode matar *Mawin* pra tirar mulher teu. Pode matar muito macaco *Mawin* também morrer. Matar macaco pra comer ... Bem escondido, bem tapado ... sabido macaco ... *Wadjo Paraním*, cairara, *ihpidi* [macaco], aquele boca branca ... primeiro macaco comer friuta de *hiwi*. Macaco prego, macaco de silo [cheiro], barbigudo, *kamudja*, bocado macaco. Escondido. Ele, índio, tapando bauchero. Bem cedinho sair de casa de irmão dele. O camarada dele, só gente mesmo, tá aí escondido também. Hora desse, já vem macaco, muito ... Não tem gente não, só nós mesmo, nós mesmo comer sorva, é nossa, macaco conversando ... Não tem nem caboclo nem índio ... Já tá pra cima, comendo sorva... Mulher já vem, mulher do índio, todos dois. Aí ele matar ... índio matar macaco, bocado, não tem brincadeira não ... Matar pra comer em casa. *Mawin* já vem também, com mulher do índio. Aí índio matar *Mawin*, com

tala de tucum ... ele matar ... tem veneno na tala de tucum. *Mawin* já matar. Não mata pra mim não meu marido, mulher dele falou. Bem pertinho assim ... Vam'bona. Fazer pera. Levar macaco pra nós comer. A mulher desceu. Vambora, *Mawin* já morreu. Não tem melhorar mais. Aí vai s'embora ... Botar pera macaco, carregar na costa, vem s'embora. Mulher, dois mulher, curumim também. Chegar em casa tirar macaco comer assado, dá pra outro, irmão do índio, tem muito ... Aí outro dia, demorar muito ... Dormir, limpar roça ... eu vou reparar pé de sorva de novo. Andando, andando ... Não tem mais não, acabar tudo. Só tem barreiro, barreiro grande, não tem pé de sorva, morrer gente dele ... Morrer macaco, morrer *Mawin*. Índio foi voltar atrás, aí depois ... depois não tem mais não, só barreiro, fica só terreiro.

(1) No dia seguinte, Konin, que já procurara por Rosário antes, dizendo que queria contar uma história, foi com ela sentar-se num lugar separado e praticamente ditou o que queria narrar. Como ele falava pausadamente, e ela escreve rapidamente, o registro que Rosário passou é literal, bem melhor do que quase todo o material anotado que precedeu este evento.

(2) Sorva “branco”, muito provavelmente maduro.

(3) Morto, também toda perda de consciência.

(4) Taboca, matéria prima para confecção de flechas.

(5) Menino de uns três anos, o menino, já mencionado, que cria.

Comentários

Uns dias depois, Djo'ou deu algumas explicações a respeito do mito do Peixe-boi. (“)A mulher de Tamakori é Itinha, e ela batia mesmo no fundo de um coité, para chamar o amante. Tamakori fez um *tsama'am*, um arpão, e pegou o Peixe-boi. Mas, lá em baixo não tem água, e o Peixe-boi fugiu, e o pessoal dele o segura lá. O jacaré-açu está na porta d'água para isto. Tamakori manda a Lontrinha para liberar a corda para puxar o Peixe-boi para fora d'água. Lá embaixo tem casa, com cobra grande, boto, e jacaré que é como nem cachorro, amarrado pelo dono (o boto, o tuxaua de lá). A Lontrinha

tem de mentir, finge que chora pelo Peixe-boi, até mexer com a corda e a livra para Tamakori puxar. Quando puxa e tira, a Lontrinha corre para não ser morta pelo pessoal de lá. Tamakori salgou a carne, levou para casa, comeram e acabou com isso mesmo. Não tinha mais Peixe-boi.“)

Mito

(1)D.: (“)A Anta está no outro lado do igarapezinho. A Anta chama Wahpaka e ela vai, levando uma grande pera com ela. Este é para *warapikom* (2), e a Anta dá muito buriti para ela. Depois de foder, a Anta faz marca para voltar em cinco dias. Wahpaka vai para casa, e todo mundo come do buriti. Wahpaka pede urucu à mãe, pinta a cara, e canta Warapikom. Mãe dele tá varrendo terreiro, capinar capim. Mamãe, bora tomar banho. Bora. Pai dele pescando. Cinco dia, Anta vem de novo. Trazer muito bacuri, Wahpaka já tá prenhe. [E.: Como?]. Já tá na barriga, do Mok, do Anta. Como Vilma também, Vilma já tem já (3). [E.: Como é a fruta?]. Azedo. *Parairo*, ele chama. Fala de bicho, de Anta mesmo. Wahpaka ganha *warapikom* de novo. Na próxima vez, a Anta traz patawa. Outra vez, *mapitsu*, uma fruta também, é doce. Sempre a Anta dá uma pera grande. Somente aí que a Anta diz que quer levar ela para o mato e vão embora. Ele a carrega nas costas, anda muito. Wahpaka não beber nem no barreiro não, comer só fruta. Anta só bebendo barreiro. A mãe avisa ao pai, que pega muita flecha e, junto com seu filho, vai atrás. Demora até dois mês, quando encontram lugar aonde ela fez uma pera. Bora matar. Pai com vontade de matar Wahpaka também. Quando chegam perto, a Anta corre de novo com Wahpaka. O pai grita para sua filha e ela promete que na próxima vez ela tapará os ouvidos da Anta. Escapam e só num outro dia que o pai encontra rastro de novo. Vai atrás e encontra a Anta dormindo no bauceiro. Wahpaka está fazendo pera, e quase que o pai mata ela também. Pode tapar orelha [faz gesto]. Aí acerta no suaco [sovaco]. A Anta ainda corre mas morre mais adiante. Wahpaka chora muito e pede o pombo, leva para casa para criar. Lá ela costura ele com linha de tucum, e bota dentro de uma pera seca, cobrindo com folha. Wahpaka, vamos dormir. Não, eu vai brincar com meu *kadjo* [jacaré]. Mentira dele, foi Anta de novo, mexer ele. Madrugada Wahpaka vai dormir. Anta também

já foi embora, pra casa dele. Outro dia, todo dia, Anta mexer Wahpaka ... acha graça, acha graça. Mamãe que não sabe não. Wahpaka você comeu *moknapua?* [pênis de anta]. Eu já, mentira pra mãe dele. Eu quero também, já acabou mamãe. Anta já tá grande. A pera era semelhante a um galinheiro, (...) pra Anta crescer mesmo. Um dia Wahpaka vai com outros buscar fruta, a mãe fica varrendo o terreiro e a Anta bate nela. Ela esquenta água num *morokom*, um panela de cerâmica, que precisa de muita lenha, porque no primeiro mundo não tinha panela (4). Ela o mata, troveja e tem chuva grande. Wahpaka já sabe, e volta sem nada. A mãe reclama que mentiu mas depois passa a raiva. Ela pede urucu, se pinta e sai como gavião, a mãe ainda tentou pegar mas não conseguiu. A mãe e o pai choram muito com pena dela.“)

(1) Perguntei, depois dos comentários, por Wahpaka. Desta vez ele acrescentou alguns detalhes interessantes. Não sendo necessário repetir tudo, resumirei em parte.

(2) Neste caso, trata-se de uma categoria que inclui todo tipo de fruta.

(3) O nome da agente da Opan que casou com Kanamari da aldeia.

(4) A comparação parte das panelas de alumínio da atualidade.

Comentários

Por esses dias, uma família de um homem Kanamari casado com uma mulher Kulina estava em visita na aldeia. Eles moravam junto com outros Kulina que há alguns anos se tinham fixado mais abaixo, no rio Jutai. Esse homem, Awin, era muito amigo de Djo'ó e este insistia que também ele devia ter oportunidade de gravar sua voz. Uns dias depois da última conversa citada, ele concordou em gravar, e chamou Awin para que este participasse. Djo'ó primeiro contou a história da Onça que é dona de toda a água e dos Macacos que a vêm pedindo na única fonte que tem. O gato vai ensinar a ela como caçar (rindo quando falha na primeira tentativa), e o Wadjo Paranim a engana e se aproveita para ter relações sexuais com a onça. O companheiro da onça, o Urubu, é o macho da casa, faz a comida para ela. O Urubu ficou

de cuidar do buraco, mas o Macaco acuado lá dentro fez uma massa com o mijo dele e o atrai para dentro, para passar por sua cabeça e escapar. A história é igual à já contada. Ai Djo’o iniciou o mito da mancha da lua, fornecendo as deixas para Awin também falar. Falou uma parte em Kanamari, outra em português, e a história é a mesma, fazendo ainda a ligação com os dias de hoje, “(...) caboclo também casar irmão dele. Primeiro mundo, primeiro gente. Ai Tamakori botar no céu, pra gente ver, pra, nesse mundo, pra gente ver”.

Mito

(1) D.: (“Era lá no Cruzeiro. Tinha maloca grande lá, quando vieram Kaxinawá, chamados de Djapa, e que gostam de brigar. Vem num *podak*, uma canoa “como um bote”, para trazer muita flecha. Andam com arco, brabo para Kanamari, querem entrar na maloca. Ao chegar, buzinam, hoo, hoo, para brigar, para entrar. Ai as mulheres da maloca gritam, as flechas voam, quando um índio sai, levando seu *mokdak*, e enfia no chão, tomando todas as flechas atiradas (2). A ponta da flecha até quebra. Fica só um homem, Kanamari, sozinho, eu vou pegar flecha dele. Pega, quebra todinho. Acaba flecha dele todo, arco e flecha no chão. Djapa gastar todo dele, fica só arco. Chama a nós, *wili*, queixada. Nome dele Djuruha, flecha muito, morre muito. Só ele mesmo, as mulheres escondidos no mato. Só rezar, homem rezador, nem flecha, nem cassete, nem coisa nenhuma pegar. Nós tudo não sabe quase mais não [rezar]. Ele toma flecha todo, cassete. Nesta guerra os Kanamari entraram todos, ou, pelo menos, vários. Wadjo, Potso, Na’atok Djapa. Eles começam a falar entre si, e os Kaxinawá entram na aldeia, recebidos por três chefes Kanamari. Fizeram uma reunião, para deixar de fazer guerra. Os Kanamari reclamam que eles começaram, que demorou e já mataram um tuxaua (à flechada), mas a paz se estabelece, agora chama companheiro, irmão(...). Índio naquele tempo quase não sabe nada, “muito bruto”, não sabe fala do Brasil. Dois anos depois, tendo feita roça grande, os Kaxinawá vem passear de novo. Desta vez trazem as mulheres. Desta vez conheceram as mulheres dos Djapa também. O padre já passou nos Kanamari e deixou miçanga, ele trazer outro, enfeites de dente de cobra d’água, de cachorro, de

macaco (4). Conversam bem entre si, bebe-se *kuya*, cantam, fica animado. Quando está tudo bem, os Kanamari bebem só caíçuma. Quando chega na aldeia dele, Djapa quer comer gente, gosta de comer gente gordo. Quando enterrar alguém, de tarde outro tira, leva, tira bucho e bota no camburão. Faz rami, bebe rami e quando bem mole, vai comer. Cantam três noites. Eles até comem o curumim deles mesmo, quando gordo, aí mata para comer. Toma rami, e só comendo. “Kanamari não comer gente, nós caça, né”. Cariú diz que ainda anda comendo gente. Os Djapa fazem um curral para botar osso de gente. Quando tem uma moça, grande, passa veneno no cabelo, vai tomar banho e morre aí mesmo (5). Tiram dente de gente para fazer colar. [E.: Kanamari foi lá nos Kaxinawá?] Kanamari não foi para a aldeia do Kaxinawá não, só os recebeu e visitava as malocas de outros Kanamari. Isto é, quando se conhece, se visita, para não ficar com raiva dele. Aquele malvado, nunca vai pra maloca dele, nunca entrar. Quando conhecer, vai lá cantar, beber *kuya*. Assim gosta muito de fazer, mas aquele outro índio, este está muito brabo para nós. Faz-se todo tipo de festa com os conhecidos, o pessoal que bota djohko fica mais longe, este não conhece. Agora se conhecer, o tuxaua vai lá entrar, conversa direito e depois convidam para fazer festa em conjunto.“)

(1) Uns dias depois, Djahuma passou uma de suas raras vezes em sua casa, de manhã, num outro raro dia de friagem (resultado de frentes frias que às vezes atingem a Amazônia, no verão). Falamos de rami, até que ele mesmo entrou numa história de uma guerra com os Kaxinawá. Apesar de ser mais ‘histórica’, ela mostra conter elementos míticos e preparou a associação com o mito sobre a origem do tabaco que segue.

(2) Lit. “couro de anta” que serve de escudo, é muito duro quando seco. Várias outras etnias na Amazônia confeccionavam estes escudos.

(3) Ele mostra o movimento de se proteger e de pegar as flechas.

(4) Não está de todo claro se deixou mesmo para Kanamari ou Kaxinawá. Pela história do Padre, suponho que sejam os primeiros.

(5) “Grande” se conforma ao ideal Kanamari.

Mito 56 Djahuma: (“)Outro dia, não faz tempo. Primeira casa. Tudo brabo pra outro. Anta tá brabo pra Paca mais Veado. Paca tá morando mais Veado. Anta tá morando mais Jabuti, primeiro gente também. Nós chama Jabuti *Djo’o* também. Agora não é gente mais não, agora tá tudo caça. Tem fruta no mato, Veado plantar muito *oba* [tabaco], pra botar na venta do Anta. Pra vomitar, pra vomitar carne de gente. Matar filho de Kiwa [paca], rapazinho. Matar, botar mesmo no camborau grande, pra cozinhar. Quando chegou pai do Kiwa, ele chamar, Anta chama Kiwa. Conhecendo. Cadê meu filho? Seu filho tá caçando. Tem filho inteirinho, tá fervendo no camborau. Tá com fome? Aí tira quarto pra pai dele. Pode comer e depois beber *kuya*. Não eu vou comer na outra maloca, mais minha mulher. Kiwa dizer, conhecer, mamãe dele já tá pintado com jenipapo. Pai dele já tá sabendo [E.: Como?]. Sabe que Anta matar ele. Aí, vai enterrar mesmo, enterrando ... [E.: Como foi?]. Pai dele dizer, meu filho não vai deixar não nessa maloca. Depois Kiwa dizer esta Anta vai morrer, depois Kiwa comer à vontade. Kiwa mesmo botar cobra, pajé ele, no corpo dele, coração dele. O Veado tem tabaco forte. Bota *oba* na venta, vomitar, tira cobra. Tira dois cobra. [repete]. Bota no igarapé, bota um baixo, bem na beirinha, outro mais em cima. Depois, Anta já vem, sozinho, porque começar. Cair, atravessar, aí morder, Anta correu, morreu. Pessoal dele todo vem, caba, outro caba roxo, *paranim* [branco], tirando. Ele soprar, não deixa nem sangue, nem bosta. Leva todinho. Quando chegar, homem, mulher ... [E.: Quem soprou?]. Kiwa sopra, danado pra matar *Mok*. Mata bem dez, vinte. [E.: Como foi?]. Outra Anta, cobra morder também, morreu muito. Outro fazer outro caminho, chegou todinho, na maloca grande. Tem Anta gordo, gordo mesmo, banho muito mesmo. Aí acabou-se cobra. Passa três dia, nada, Anta não chegou. Kiwa bota, guardar dois. Agora só fica arraia, bota mesmo no igarapé, no remanso assim. Anta procurando arraia, não acha não, não tem nada. [E.: Como é?]. Paca quer matar Anta de novo. Anta tá lá na maloca dele, pra lavar ele, irmão dele buscar água. Já tá com preguiça. Medo de arraia, baldear. [E.: Que Anta é?]. Anta gordo, como porco capado. Irmão dele dizer pra ele, vamos tomar banho, não tem arraia não. Descendo, descendo, cair mesmo, tá boiando, lá vai pra cima. Afunda de novo, vai lá em baixo, depois lá em cima, boiar. Três viagens de boiar. Quando vem subindo, arraia pega, bem, em cima do coração, três vezes (1). Anta vai correr, todinho, sai todo do igarapé. Morre na praia, dentro barreiro. Chamar pessoal, hoo, hooo, vai soprando, *Waihkom djapa*. [E.: Como chama?]. Com mão mesmo, pessoal vem todinho. Leva tudo, sangue,

banho. Depois Anta tá brabo, muito brabo com Kiwa. Anta que fala, pessoal dele. [E.: Não morreu?]. Anta morrer. Outro dia, Mok já vai, leva garrafas com tabaco, *oba*, *obadim* [rapé], bem cheio. Para botar *oba* na venta do Paca. Quando chega na aldeia, bota na venta, agora Paca só frutinho, macaxeira [E.: O que?]. Comida dele. [E.: Comida dele?]. É. Eu nunca comer você não, eu não matar. Como você matar nós. Nunca comer nem carne, só frutazinha. Veado também vomitar, não tem coisa. Mulher, curumim, tudo, tudo vomitar. Depois Anta botar, Anta vomitar Paca. Kiwa procurar. Acha pedaço de Kiwa, tá vendo, rapaz você matou, comer meu filho. Nós não, nunca não matou, não comer parente seu. Nunca eu matar você, comer você. Aí Anta volta todinho, para maloca dele. Quando chegar cinco hora, fazer reunião grande, até madrugada. Pra ganhar todo canto. Pra espalhar. Eu vai no Juruazinho, eu vai no Juruá, eu vai no Japurá, eu vai no Jutai. Anta tudo já espalhado. Kiwa não saiu. Passa três dias, depois Kiwa fala também pra Veado, cunhado, bora todo mundo espalhar também. Todo mundo paca tem, igarapezinho, Juruá, Juruazinho, Tarauacá, Jutai, Solimões. [E.: Morava todo junto?]. Já mora todo junto primeiro. Agora espalhar todinho. Veado, bora vamos também, no Juruazinho, Juruá, Jutai. Agora veado não é só um canto não, tudo mundo. Kiwa não fica mais em casa não. Veado, Anta não fica mais em casa não. Fica só maloca. Acabou-se pessoal daquele. [E.: Veado era cunhado da Paca?]. Veado casar irmão da Kiwa. Tudo misturado, como aqui. Kodo já casar, mesma coisa assim. Kiwa no primeiro começo casar outro pessoal. Kiwa chama a mulher de Anta *ipoanya*, irmão dele (3).⁽⁴⁾

- (1) Ele mostra o movimento.
- (2) Ele se refere ao marido da agente da Opan.
- (3) Lit. minha irmã, termo alternativo para *mion*.

Mito

Mito 56 (1)Djo'ó: (")Foi o Veado capoeira, o *bahtsi porawa*. Ele planta tabaco junto com a Paca. Então, o filho da Paca casa com filha da Anta e vai morar

na maloca desta. A Anta vai fazer festa, e tira buriti para fazer as vestes para o ritual. A Anta mata o filho da Paca. O Veado e a Paca querem experimentar a Anta e levam rapé misturado com leite de sapo, do *wakorɔ*, para ficar mais forte. O Veado é companheiro da Paca, cunhado dele, casado com irmã. Aí na animação do Mok botam muito rapé na sua venta e ele vomita muito. Aí descobre que comeu o filho de Kiwa. O *Bahtsi* vai botar *korɔmam'am*, uma cobra, mas que é uma cobra fraca, quando morde a gente não sente nada, não tem veneno. Ele bota no caminho da Anta, mas este não sente nada. O Kiwa bota arraia, este é forte e tem veneno. Todos dois são djohko. Quando o Mok vai brincar dentro d'água, a arraia vai ferir ele. Ele morre e o pessoal dele deixa assim mesmo, não vai enterrá-lo. Depois o *Bahtsi* e o Kiwa repartem a Anta em duas bandas e levam para casa. Para pagar o filho dele. De noite tira lenha e vão assando a Anta. No dia seguinte vão passear na maloca da Anta de novo. Tem muita gente, tem buzina e tiram camisa para fazer o ritual do Piɔda. Tira casca de pau e faz *kui* [buzina]. Lá também está o Jabuti, companheiro da Anta. Quando brinca de noite, a Anta corta o pé do Jabuti. Cortou o pé dele porque não sabia cantar e brincar direito. A animação é para fazer Piɔda e virar caça. O Jabuti já vai virar jabuti e a Anta já vai virar anta. Todo mundo ganha o mato e não fica ninguém. Quando o Veado e a Paca chegam na maloca, não tem mais ninguém. Só encontram uma velha Anta, *mokkidak*, quando vêem o seu fogo mas o resto foi embora. Eles perguntam à sogra o que houve e ela conta. O Veado quer matá-la para comer (3). Mais alguns dias e também o Veado e a Paca vão virar caça. Só fica a casa, não vira mais gente mais não (4).(")

(1) No dia seguinte, apesar de problemas sérios causados pela passagem de um comerciante inescrupuloso pela aldeia, encontrei Djo'o, com certa calma, na sua casa e lhe perguntei quem foi que primeiro fez *oba*, tabaco, no mundo. Ele respondeu com o mesmo mito anterior.

(2) Aqui não deixou de sorrir.

(3) Não fica claro se o fez ou não.

(4) Terminamos discutindo sobre diversos *djohko*, já que o Veado e a Paca eram os primeiros pajés.

Mito 41 (1) Djo'ó: (“)Tamakori pediu primeiro para um Patinho, *Wambim*, para descer e livrar a corda para puxar o corpo do Peixe-boi. Este não consegue chegar na casa em baixo. Pelo tempo gasto o corpo do *Tsupuna* já está quase podre quando finalmente sobe. No meio mencionou algo sobre *bim* [mutum] e perguntou o que foi. Depois de alguma confusão, ficou claro que Tamakori estava matando mosca, o *manaron*, que é uma mosquinha pequena. Tamakori que matar, ele botar pra comer mesmo, vira mutum. Vira nambu e *tsipɜ* [cujubim] também. Rezar vira nambu. [E.: Como ele fez?]. Abriu pombo pra matar mosca. Fazer carreira. Conta até dez, já deu comida. [E.: Como é?]. Pegou mesmo, dentro do pombo. Chama mosca, aí mata todinho. [E.: No pombo dele?]. Abrir, mosca entrar, matar. [E.:Um depois do outro?]. É. Mesmo dez. Rezou, vira mutum, nambu, *tabi* também. [E.: Tudo *manaron*?]. Tudo *manaron*, comida de Tamakori. Caçando, fazendo assim, leva pra casa.“)

(1) Dois dias depois, Djo'ó e Awin queriam ouvir a fita que tinham gravado na oportunidade anterior. Aproveitamos para propôr algumas perguntas sobre a história do Peixe-boi, e ele voluntariou a contar em Kanamari.

Mito 0 (1)D. e Awin: (“)Um índio vai tirar fruta e trepa lá em cima no sorva, carregado e baixinho. O *Mawin* chega e pede sorva, chama o índio de *paiko*. Este joga um carço no coração, acerta, a Preguiça morre mas revive depois e reza bastante para o sorva subir. Sobe, fica grosso e não tem nenhum pau por perto, tudo limpo. O *paiko* fica apodrecendo. O *Mawin* leva as duas mulheres e curumim embora, casa um verão. A casca de sorva já fica podre, não tem nem folha, o sol quase mata *paiko* de sede. Só tem mija para beber, mijando na mão, mas este também acaba. Não tem nada para comer. O Pinicapau chega, o chama de sogro, mas a canoa dele não dá. Vai chamar Urubu para trazer um “batelão” para embarcar *paiko*. O Urubu chega e vai levar o índio, pode pegar aqui e fechar os olhos. É um *Kodak Padja Kidak* (2). Desce, chega na beira do igarapé e a filha do Urubu quase come os olhos do índio, que está apodrecendo. O Urubu não deixa, quando fica bom, o

homem vai matar anta, inteira, para nós comermos. O Urubu lava bem ele, e ele vai melhorar muito devagar, todo dia um pouco, até ficar bom. O índio vai matar anta para Urubu comer, mas este só come podre, não cozinha nada. Pra pagar passagem dele. O *paiko* mora dois anos com Urubu, ele toma *kuya* e banana lá, não come anta, só peixe.[falamos em Kanamari, *Kodak padja kibili*]. O Urubu novo fica careca, *kibili*, depois de comer peixe podre. [depois de discussão] (...)Depois de comer anta podre e peixe podre (3). Um dia o índio encontra outro índio, *Waikom Djapa*. *Waikom*, caba, é primeira gente também. Conversam e a Caba diz que eles comem anta. Levam toda carne mas deixam o couro, no pau, para enganar o Urubu. Ele volta para a casa do Urubu no diz que tem outra anta no mato. Pode deixar lá e ficar podre, depois nós vamos lá comer. Era mentira do *paiko*. Ele sai da casa e encontra outro índio, *Tamatorɔ*. [discutem que animal é]. *Kaparahdak*, mucura, sendo o primeiro uma mucurazinha. Este não come carne não. Tanto que não gosta que ganha o mato para não comer a anta. Primeiro falou que trepa no pau, porque, como disse depois, só come coisa como grilo, gafanhoto e barata. Depois encontra outro índio, “Jacamim”, *Makorɔ*. Encontra outro de novo. Coati, *Kawadjo*. Ele convida para comer anta, mas este responde ao *ibu* que eles não comem esse não. O Coati faz fogo e muita fumaça, para tirar minhoca da terra, mas chama a minhoca de nome de peixe, como madim, pião, hijo. O Coati chama de *kawihili tiknim* (4). O Coati convida para comer e *paiko* não come, ou come um pouquinho, pensando que era peixe e depois vomitou. Depois bebem caçuma. Dormiu um dia lá (5). Aí encontra Jacamim de novo. Este tem uma buzina, com tabaco, dele mesmo, para chamar os outros, hooo, hooo. Está tirando *tso*, pupunha. *Paiko* ao encontrá-lo chama ele de sogro. Buzina muito até terminar, e levar a pupunha em peras, o Jacamim saindo na frente. *Paiko* vem atrás e dorme sozinho no mato, de noite ele ouve as buzinas do Jacamim e pensa, ah, amanhã eu vou chegar lá. De manhãzinha, *paiko* chega na casa e fica bebendo caçuma de pupunha lá. De noite fazem Warapikom, dançando lá. Tem uma menina na casa, tem muita mulher, e *paiko* foder muito Jacamim. Tirar muito *birak* (6). De manhã, Jacamim chama o *itsakwa* [genro] dele, e este diz que quer embora. Está certo. O Jacamim vai com ele até a casa do *Matsira*, não [conversam], casa de *Tsuma*, Cotia. Conversa com Cotia, come tapioca. A Cotia vai roubar macaxeira na roça de outros para comer, na aldeia do *paiko*. Cotia é danado para roubar macaxeira, faz isso todo dia. Já tá perto da casa do *paiko* agora,

e ele já sabe então. Ah, eu vou parecer, aonde tá minha mulher. De manhã cedo já vai chegar na aldeia, beber caçuma, tem animação quando chega na casa dele. A mulher dele não está aí, está com *Mawin*, tem até uma menina com ele já. Outro *paiko* fala com ele que tu vai matar *Mawin*, para pagar. Fazem uma zarabatana de paxiúba, flecha de taboca e veneno do mato de um caroço de pau que se chama *pehekomdak* (7). Pega caroço, rapa, cozinha e mistura com outro veneno, para passar na ponta da flecha e atirar em macaco. O *idja*, irmão dele, ajudou *paiko* a fazer. Ai ele vai lá se esconder, no varadouro no mato, perto do sorva, esperando pelo *Mawin* passar. Quando chega, ele assopra na zarabatana e matou o *Mawin*. Ainda matou todo macaco também. Ele toma sua mulher de novo e leva para casa. A criança dela com *Mawin*, ele mata também, não era gente. A própria mulher já estava bem cabeluda, com cabelo no quarto dele, que foi reza do *Mawin*. O pé de sorva estava baixinho de novo quando foi lá para matar, e com fruta. Quando morre o *Mawin*, o pé de sorva também morre, mas depois um outro *Mawin* coloca outro *hiwi* no lugar.

(1) Este registro é o resumo de um diálogo, sempre buscando explicar melhor, já que há uma tendência de pular algum contexto, desnecessário para quem o conhece. Os dois falaram mas o principal responsável permanece Djo'ó.

(2) Lit. Urubu velho.

(3) Implica que ficou careca ao comer a anta do *paiko*.

(4) *Kawihili* preto, o nome de um peixe?

(5) Isto implica que foi na casa dele.

(6) Termo para sêmen.

(7) Casca de caroço de *pehe*; só Tukano que saberia fazer ainda.

Comentários

O fim de setembro e início do mês seguinte foram turbulentos, com muitas idas e vindas, com passagens de brancos e comerciantes, com sessões

de rami (inclusive para alguns cariú, uma vizinha seringueira, em particular, apreciava muito participar nas visões). Um dia Muyawan passou em casa e conversamos sobre outro assunto que volta e meia emergia na aldeia, o *djohko*. Ele lembrou-se de Djanim e sua visita ao céu, quando (“) botou pedra de garça e chegou vivo lá até que Tamakori não quis mais. Uma mulher quis logo experimentar ele, para descobrir com grito de dor que Djanim era duro demais para ela. Ele falou que os Kohana já tinham feito uma maloca grande, mas que faltava cobrir ainda. Depois de lembrar que Djanim saiu com barulho do buraco e subiu direto, de repente lembrou que outro era Warə’im, tuxaua dos Kadjikiri Djapa. Este trazia mulheres lá de cima para cantar no terreiro dele. Trouxe quatro, duas brancas e duas morenas, gordas todas, e cantaram Kohana. Ao terminar Warə’im se colocava no meio das quatro (duas a cada lado) e levava elas de volta ao céu. Uns dias depois, sentei-me, de noite, numa árvore colocada na beira do terreiro, quando chegaram Pairo e seu filho Dahiwa. Numa noite clara, ele disse alguma coisa das estrelas. Contou, então, que (“)*wadja* era primeira gente. Não tinha outra gente no mundo e que a irmã passou jenipapo na cara dele para saber quem era. [Perguntei se ela virava alguma coisa?] Ficou. Não vira nada não.(“) Depois de pensar um tempo, disse que virava anta. Vira anta e vai para o mato. Interrompemos para cuidar de algum remédio para alguém (atividade cotidiana, botar mertiolate vermelho era apreciado), quando voltamos ao assunto. Vira anta? Vira anta.

Mito

Mito 57 E.: Anta mulher?

P.: É, outro, porco. Porco tem cunhatã. Ah minha filha vai cagar lá. Aqui mamãe? Não, lá. Vai lá cagar, vira cará. Vira cará, grande, comer. Comer muito cará, aí a mamãe dele dizer: eu vou virar porco, uh, uh, vai pro mato. Filha dele, não vai não mamãe, pena dele. Vai pro mato, vira porco. Vira *hitsan*. É, *hitsan*.

E.: Mas como fazer, cagar vira cará?

P.: É, vira cará.

E.: Cará é *makunana*? Vira *makunana* (1).

(1) Nesta altura o terreiro estava sendo tomado de gente para beber rami, e paramos.

Mito 57 (1)E.: (“)Hitsan é gente?

P.: É. Uma mulher tem uma filha e manda ele cagar no terreiro. A filha está com vergonha, mas a mãe manda assim mesmo. De dia mesmo, ela é sabido. Mãe dele rezar, cunhatã vai buscar *makunana*. Deste tamanho (2). Tem não mamãe, tem sim, ah é mesmo. Arrancar do terreiro. Muito, grande mesmo. Comer, comer, mãe dele comer. Não vai cagar mais no mato. Manda todo pessoal cagar só no terreiro, pra virar *makunana*. Mãe dele só na maquira, quando com fome, manda cunhatã dele arrancar, cozinhar, ele comer.[E.: Tava só deitado?]. É. depois mais dia, já vai embora. Eu vou me embora, longe. Cunhatã dele dizer, não mamãe, não vai não. Eu vai mesmo, virar *hitsan*, virar caça mesmo, hu, hu, hu.[E.: Como?]. Vira caça, *hitsan*. [E.: E a cunhatã?]. Ficou, ficou um dia, vira anta. Vira caça também. Ah, vamos virar caça, no mato, agora não tem mais, vamos virar. [E.: Não tem mais o quê?]. Mamãe, não tem gente mais, eu virar bicho caça também. [E.: Não tinha outro parente não?]. Tem não, vira tudo. [E.: Os outros viram o quê?]. Agora outro companheiro vira jacu. Embora vamos buscar na roça, banana, cana, *kapayo*. Bora. Perto do roçado, perto de lá, tem muito *mitsi*, tem muito, ferra muito, vira jacu. [E.: Que formiga?]. *Mitsi*, aquele como caba. Buscar *bari* [banana], *kapayo*, banana, *naatsi* [milho], jerimum, ele vai mais cinco. Quando chega perto do roçado tem muito *mitsi*, ferra muito, grita, grita, *tuhum* [repete grito do jacu]. Vira todo bicho. A mãe dele vira *hitsan*, a filha anta e os companheiro jacu. [E.: Quantos são?]. É cinco, vira jacu todinho, *tabi*, vira *tabi*, nós chamar *tabi*. Nós chamar *makorз*, cariú chamar jacumim (3).

(1) Pairo, no entanto, participou desta festa e tomou muito rami. Na manhã seguinte, ele ficou repousando, em vez de sair para cortar seringa. Chegou

em casa e se deitou na paxiúba. Não havia mais ninguém. Pedi, então, explicações.

(2) Indica uns 25 centímetros.

(3) O final parece ter sido tomado do fim do mito do outro porco, a queixada, que contém exatamente este episódio.

Comentários

Kurau ainda queria conversar, num dia em que já havia prestado alguns esclarecimentos, e fomos gravar o que disse. No entanto, as fitas resultantes não deram o resultado esperado. Parte de uma fita, ele narrou em Kanamari, e quase não explicou o que acabara de narrar. Em outra, contou algumas coisas que já tinha contado antes e até gravado [fita 13] e, na verdade, sua fala foi curta; nela chama Kirak de Hodum. A fita mais interessante continha uma versão do mito de origem do macaxeira um pouquinho diferente do que nos dera seu irmão, e também uma da origem do tabaco do veado, em que as cabas dão sumiço aos corpos das antas, moqueando-as na beira da roça. Infelizmente, a fita se perdeu. Kurau viajou rio acima, para sua antiga casa e roça acima de Nauá e Djo'o era um dos poucos que ainda estava na aldeia, depois de ter feito também uma viagem. Cinco dias depois dessa última gravação, Djo'o se mostrou disposto a gravar de novo. Esclareceu, antes, que no mito do Mawin o Urubu não era careca até ficar assim.

Mito

(1) D.: ("O céu está baixo e o sapo usa uma zarabatana. O céu está baixo demais e ele quer furá-lo, para que fique mais alto (2). Ele e o seu pessoal ficam em baixo de uma paieira, todo mundo, pai, menino, tudo. O acerto dele é como um relâmpago, um trovão, e ele reza para cair a pedra e para que espalhe toda pedra. O pessoal dele fica na *karahtsi*, paieira e sobrevive, todas as outras nações morrem, não sabem e moram mais longe. Já tinha mato, rio e igarapé, que tudo isto Tamakori já tinha feito (3).. O Piyoyom fez isto porque

um menino o desafiou, dizendo que não alcançava até lá. Assopra algumas vezes até que cai. Ainda disse o mundo só mata os outros. Vira Deus. [E.: Quem?]. Nosso pai. [E.: Quem vira?]. Piyoyom vira Tamakori. [E.: Como assim?]. Pra assoprar ao céu, rezar. Quando assoprar Matso vira matso mesmo. Primeiro Matso, depois vira Tamakori. Pra rezar céu. [E.: Vira?]. Como gente mesmo, vira Piyoyom, vira onça, quando não virar bicho, vira gente”.(“)

(1) De início, contou, em Kanamari, a história da queda do velho céu, numa versão curta. Pelas perguntas e pela transcrição (na medida do possível), parece que Piyoyom atirou no céu, assoprando, mas também rezando para que caísse.

(2) Como é o “céu novo”, o atual.

(3) Diga-se de passagem que ambos, pois Tewin ajudava, afirmavam que Tamakori rezou para botar o mato, que não havia antes. Djo’o comentou ainda que o Matso morava com o Piyoyom e também sobreviveu, sendo que este virou *piɛda* e o Piyoyom virou sapo depois da queda.

(1) D.:(“)Tamakori desaconselha o irmão de fazer isto. Ele mesmo vai e pede ao Urubu. O Urubu começa a tentar flechar Tamakori, mas este reza, pega palha de paieira e faz asa com este material, para virar *ampi*. Não pegam ele, ele desce, vira gente, pede e ganha flecha. Não morreu, paga com flecha. Chegando em casa, Tamakori divide as flechas, mas Djo’o insiste apesar da advertência que vai morrer. Ele vai, chega, pede e o Urubu diz que tem de pagar primeiro. Está bem, aí ele vira *badjo*. O Urubu acerta, e Djo’o morre. O Urubu deixa Djo’o no sapopimba para apodrecer (3). Podre assim é a caçuma, o *kuya*, do Urubu. Come podre, e depois guarda os ossos, as unhas, cabelo. Tamakori já vem atrás dos restos, vira calango, *kadjohkirak*, um animal que anda por aí no terreiro. Pega tudo e vai fazer ele de novo. Reza muito depois de juntar tudo e Kirak acorda dizendo que dormia. Que nada, Urubu já fazer *kuya* de você, Tamakori que faz ele de novo.”(“)

(1) A essa altura os narradores entraram numa conversa um pouco confusa

sobre como Tamakori botou *ampi*, um beija-flor de uns cinco centímetros e que canta, e como “botou o *potikom*, o irapuru”, aquele que canta no mato com um canto que parece assobio de cariú. Não fica totalmente claro se foi um cariú que Tamakori “botou” para assobiar no mato, ou se ele “tirou” o pássaro para virar cariú. Num momento foi dito que Tamakori fala, “Compadre você vai virar cariú, fazer [assobia], como agora canta no mato, mesmo assim”. No comentário posterior, parece o contrário, “Irapuru vira cariú. Porque ele fica assobiando também. Primeiro cariú, aí Tamakori botar no mato, pra assobiar também”. A lembrança do *ampi* lançou então, Djo’o na história da aventura da busca de flecha na casa do Urubu. Numa forma abreviada, falou das flechas que Tamakori quis ir buscar lá, tendo em vista que já existia *wiri* [queixada] para caçar.

(2) Objeto tecido de palha para abanar o fogo.

(3) Risos.

D.: (“)Tamakori rezou também para nascer mato de novo depois de cair o céu (1). Quando nasceu ia virar cana de verdade vira doce para chupar (2). Falta ainda outra cana, e ele procurou, procurou até achar outra planta, corta, leva para casa e planta na roça. Quando está grande ele vai experimentar e descobre que era como água, não era doce. Porisso ele sopra para torná-la doce para chupar. Ele aproveita para fazer rapadura, para fazer mel de suco de cana e vai plantar de novo. Djo’o chega e o irmão o chama para juntos abrirem uma roça. Eles não têm machado, mas usam corda de algodão para derrubar o mato. Tamakori amarra uma ponta e vai puxando pela outra para o mato cair. Ele não demora nada, onze horas já derrubou tudo. Vamos embora comer, de tarde voltam para baixar pau, cortar tudinho. Noutro mês queima a roça, não tem nem coivara, a terra está limpa. Então vão plantar de tudo, banana, cana, mamão, taioba. A banana Tamakori tirou de uma planta do mato, *tɔnimmam*, plantou várias carreiras, rezou quando ia nascendo, rezou para virar banana. Plantou macaxeira, mandioca, faz farinha, melancia, jerimum. Pupunha também. Ele tira caroço de uma outra qualidade de marajá, *pi’ikom*, e vai plantar na roça dele, e quando nasce reza as plantas para virem pupunha. Agora nome de *tso*, pupunha, não foi ele que botou. Isto foi Djo’o, quando peidou depois de comer a fruta madura do cacho

que surgiu com a primeira planta. O barulho que faz, tsooo, faz Tamakori determinar que assim será chamada a planta. Tamakori comeu a pupunha crua, mas ele coloca um veneno, *k3na*, que faz arder a boca se comer cru agora. Quando come reclama que este não presta não, dói na boca. Como fazer então, pergunta Djo'ó. Quando a gente tira, a gente deve cozinhar *tso*, assim presta. Djo'ó vai buscar outro cacho e Tamakori junta lenha para um fogo. Ferve bem, troca a água e assim experimentam de novo. Ah, agora está bom, não corta mais a língua.(“)

(1) Como exemplo lembrou que uma cana de bambú de nome marajá não prestava para o que queria, e a cortou.

(2) Uma variedade chamada P.J. pelos índios.

D.: (“)Está duro demais no início. Também o espinhaço da anta tem uma grossura grande e é duro como osso. Isto foi a primeira casca de *kaw3* que Tamakori fez. Ele fez com aço, com mina. O espinhaço de aço também, e como resultado o bico como de arpão não pegava os animais (1). Itinha fazendo a onça de barro, a cobra grande de tapiti, *makor3*, e cobras venenosas de casca de pau e envira (...) (2). Primeiro cariú já existia. Como certos animais, foi feito de barro. A carne é de barro, os ossos de pau, o cabelo de patawa e o olho de caroço de patawa. Tamakori reza ele e este vira primeiro cariú. Tamakori manda ele assobiar e o cariú fica assobiando o tempo todo. Aí Tamakori pensa, eu vou botar essa gente em outro lugar. Agora tu vai botar, agora tu vai, morar, dentro do mato. Agora tu vai irapuru. Ah, eu vou virar irapuru. Quando Tamakori rezar ele, rezar, rezar, virar irapuru. Ele foi embora pro mato (...). Ele tá comendo barata, grilo, tudo irapuru, tem comida no mato. Tamakori dizer pra irapuru. Pode procurando rancho, quando pegar rancho engolir barata, grilo também. Ah, tá bom, eu vou morar no mato (3). O caboclo no primeiro mundo falava turco. Até que Tamakori, que não gosta da fala de turco, tira os caboclos desta fala e ficam mesmo com fala de caboclo (4). Naquele tempo caboclo era primeiro kariwa. Branco primeiro também caboclo, todo kariwa era caboclo. De kariwa não tira não, este vira Brasil (5).(“)

- (1) Ele não explicou o que foi feito destas cascas, mas entrou em outro assunto, passando da mina à feitura dos animais pela mulher de Tamakori, Itinha.
- (2) Voltamos ao irapurú, que antes parecia se transformar em cariú. Agora Djo'o se lembra melhor e explica de novo o caso.
- (3) Perguntado, ele afirma que caboclo também foi feito de barro. A mesma coisa como foi com cariú.
- (4) Não gosta porque não sabe falar.
- (5) Esta parte não é de todo clara, mas parece que quer dizer que, inicialmente, os caboclos eram kariwa, como nem os próprios cariús eram caboclos, era tudo igual, até que Tamakori intervém e muda a língua dos caboclos, virando caboclos mesmo, e os cariús mudam para Brasil sem "tirar turco".

(1)D.: ("A mulher e sua filha moram com um genro que é *hitsan*. Primeiro índio, foi Deus que botar. O genro mata porco para comer e no primeiro dia comem o corpo do porco. No outro dia, o genro e a sua mulher estão trabalhando na roça. A sogra dele vai cozinhar a cabeça do porco e come todinha, quando chegam da roça já não tem mais nada. Mata de fome o genro dela. Aí, o genro dela fica com raiva e bota caruara para ela virar *hitsan*. Já comeu tudo. A cunhatã dela vai atrás da mãe chorando. A mãe que sabia achar batata do mato, *wadja*, que parece com makunana. A mãe ensinava para a filha a achar, e ela cagava em todo canto, a bosta vira *wadja*, cará do mato. Agora o mundo todo tem porco, tem *hitsan* em todo lugar. Aí, o genro e a filha dela não sabem mais não como fazer. Procura no mato mas não acham mais batata, só batata *tsopiri*, que branco chama batata cobra. Só come essa, mas essa não é bom não. Aí aldeia de *hitsan* só come "escoteiro" (2).(")

- (1) Somente dez dias depois outra oportunidade se apresenta para conversar com Djo'o. Numa tarde, depois de comer, ele mostra que conhece a história da mulher que virou *hitsan*, caititu.
- (2) Carne sem uma batata, normalmente macaxeira.

(1) D.: (“)Vira queixada depois. O marido dela não sabe. Ela está brocando tawa, mesma coisa como aqui, mais longe um pouco. A mulher chama outra, *itsanhuan*, cunhada, bora brincar aqui na restinga. Ela buscar água. Bate com mão n’água, tum, tum, para chamar *Kotsa*. *Kotsa* traz muito mamori, deste tamanho (2). Ai, *Kotsa* tá fodendo *hwa* [avó], *itsaro* [mulher], dentro d’água. Quando terminar, ai. Tem outra mulher mais velha, esta ganha só bodó. Outro dia vai de novo, *Kotsa* traz peixe de novo. *Paiko* vê. *Paiko* manda *kora-mam’am*, não tem dente (2). *Paiko* manda ele. *Paiko* bota aqui no bucho, bota rapé no vento [venta], vomita, sai. Pode reparar mamãe. Quando cobra vai lá, *Kotsa* tá fazendo todo mundo. Ele cai dentro d’água, ele nadar, e ele sobe no outro barranco. Ai vai para pai. Quando chegar ... como pajé, pai dele. Ai ele dizer como negócio assim. Bora matar *Kotsa*. Ai quando *paiko* ... [E.: Como fazer?]. Fazer curralinho, meter cabeça, cabeça. [E.: Como?]. Quando *Kotsa* vem entrar. Outro vem entrar, cada um assim. [E.: Fingindo mulher?]. Fingindo mulher. [E.: Como faz?]. É, pinta cara todinho, bate, ai já vem *Kotsa*, ele bater água, ele chamar, ele trazer peixe muito. Depois de matar, ele tira pica, com ovo tudo. Ele trazer. Quando *hwa* trazer tawa, *paiko* bota no pau, na cozinha. Para *hwa* saber. Quando apodrecer, cai água podre em cima da *hwa*. Ai, [fala Kanamari]. Ela esfrega braço, ah, cheiro pu-, tá podre. Ai *hwa* saber. Ai *paiko* tirar palha de tucum. Cada um, com filho dele. [E.: Como?]. Todos homens. Mulher foi buscar tawa todinho. Quando voltar, açoitá-lo, de espinho. Morreu de espinho, todo encher corpo. Ai vira *wiri*. Todo, todo *itsaro*, com menina tudo vira *wiri*. Homem fica só. [E.: E ai?]. *wiri* vai pro mato. [E.: E os homens?]. Só, não vira *wiri* não, só mulher. Ai, quase *wiri* matar *paiko* também. *Paiko* trepar no pé de mamão, bananeiro, *wiri* derrubar pé de bananeiro, *paiko* morreu. Quando morrer *paiko*, foi embora, foi embora todinho *wiri*. Ganha mato, foi longe. Quando lembrar macho dele, ele voltar, bora comer nosso macho. [E.: Ficaram?]. Resto ficou. Bora puba de tawa, massa de tawa. [E.: O que?]. *Tawamim* (4). Desmancha tudo no igarapé. Ai, bora todo mundo. bora, hum, hum, todo mundo já foi embora [as mulheres; E.: Não ficou ninguém?]. Ficou, um menino e uma menina só ficar, no meio do mato. *Wiri’opé* [filhote de *wiri*], aquele cantador [canta], tototo ho’a, rapaz que canta. Tototo mo’a, mulher. Quando queixada aparecer ele canta de manhã, queixada vai passar. Para nós saber também. Ah, quando caboclo caçar, já passar, escuta o filho dele. [E.: Virou o que?]. Vira gavião também. [E.: Qual?]. Gavião de *wiri*. [E.: Como chama?]. *Paw3r3kom*. Só. [E.: E homem?]. Homem fica na

casa dele. Só ficar dois mulher só. [E.: Aonde?]. Morar mesmo, na casa dele. Homem não vira nada não, só mulher.[ao ser perguntado, ainda acrescentou que elas trabalhavam bem na roça, cuidando da *tawa*].(“)

- (1) Falando em porco, ele lembrou que queixada é a “mesma coisa”.
- (2) Mede um metro de tamanho.
- (3) Trata-se da cobra sem veneno já mencionada.
- (4) Feita de macaxeira ralada e que pode ser guardada na água de um igarapé.

Intervalo

Nestes dias, Kurau tinha voltado de uma viagem rio acima, embora dissesse antes de sair que pensava em ficar lá em cima. Já era final do mês de outubro e estávamos no final do verão amazônico. Os trabalhos na aldeia de Queimado estavam praticamente terminados, as casas, na sua maioria, mais ou menos prontas, e as roças plantadas. Neste momento, todos já estavam com alguma vontade de subir e passar o inverno nas aldeias mais no alto. Neste final de temporada, Rosário aproveitou uma oportunidade para visitar um morador e comerciante no Jutai e fiquei como “solteiro”, o que implica em ser facilmente convidado para comer com outras famílias e não ter que cuidar de tarefas mais caseiras. Kurau se prontificou a gravar de novo e, no início da noite, fui para a sua casa, já acabada e, ao contrário de certas outras casas, bem limpa. Sentamos na luz da “porunga” e ele começou, inicialmente com somente a audiência da mulher, a dizer que conhecia todas as histórias e até sugeriu alguma para contar.

Mito

- (1) Kurau: “Pode trabalhar. Quando não tem isso não tem trabalha, sabe? Pra limpar roça. Ai, sogro dele limpar, até roça, todo grande assim. Tem tudo

grande assim mesmo. Quase bom de comer. Aí, filho, o, mulher dele já descansou”. (“)Entretanto, não lavam o menino com água morna e com folha de mandioca, mas com água fria. O menino morre, o filho de *Kodak Padja*, e o pai acaba o casamento, apesar do apelo do sogro, e acaba com a roça. As folhas caem e a maniva fica preta. Perdeu trabalho, perdeu curumim, o Urubu foi embora e nunca mais voltou, até hoje.(“)

(1) Ele iniciou lembrando como o Urubu trouxe o tawa. A história segue a mesma linha da que já tinha contado, somente fica um pouco mais rica por reproduzir melhor alguns diálogos. O Urubu traz o capim da roça também, para espalhar e daqui a pouco já vem nascendo.

(1)K.: (“)Lá em cima, Tamakori manda Kirak ficar de um lado, enquanto ele fica no lado da casa do Urubu. Ele está lá em cima e fura os caroços da fruta, com um galho daí mesmo, para juntá-los e ficar mais pesado para jogar em cima da maloca. A fruta *baratsapakom*, tem um gosto como macaxeira, quando assada. Quando Tamakori vai, na outra manhã, para a casa do Urubu, encontra o Nambu. *Itsakwa*, agora você vai beber meu *kuya* (2). Pode botar. Tira um *pada*, uma cuia, assim. Tira água e botar no cu dele, lavar o cu dele. Lavar o cu dele, lavar o cu dele, Tamakori tomar. Aí, Tamakori tomar todinho. Não fica nem bocadin-, um pedaço, bocadinho d’água dentro da cuia. Pronto, agora meu, *atsa itsakwa* não morrer mais não. Vai, pode vai. Vai pra *Kodak Padja*, aí Tamakori foi. Quando chega lá ... tem duas moças. O, da irmão dele e da irmão dele também. Bonitinha, *Kodak Padja*. Novo. Moça todo feitinha [enrola um pouco] da *Kodak Padja*. Aí quando chegar lá, *Kodak Padja* aperrear com Tamakori. Hora desse. Só Tamakori mexer pomba dele. Mexer, pomba mesmo no periquito [ininteligível]. Olha periquito, só botando assim, olha aqui. Reparar, Tamakori reparar mas não levantar nem o pombinha dele não. Tamakori não deixar nem para foder não. De jeito nenhum. Pra não morrer sabe (3). Bate no sapopimba, hom, hom, hom. Aí sabiam que vinha gente. Cumprimentou o Urubu chamando-o de sogro. O Urubu pergunta se ele é Tamakori, mas este diz que não, que é gente mesmo. “Você quer casar? Casar. Você quer casar, tá aqui a mulher. Pra você. Aí botar maquieira. Maquieira de algodão. Algodão que planta, Urubu que

planta, algodão. Quando acabou de fazer, mulher tudo bem feitinho de rede mesmo. Bom né? [E.: É]. Amarrar o, maqueira dele de algodão. Aí dormir mais *Kodak Padja*. Aí com vontade de mexer, mexer mas não levanta nada (4). Tamakori não deixa pra levantar não. Até amanhecer o dia. Até bota grande também assim. Cuia grande, quando Tamakori foder ele. Botar, deramar o leite de Tamakori dentro da cuia, fica, fica, vira menina dentro da cuia. É assim. Pra virar menina dentro da cuia. Aí Tamakori não foder nada até de amanhecer o dia. Aí de, de manhãzinha, quebrar a cuia. *Kodak Padja*. Quebra, porque não teve menino aí. Se deixar, Urubu vai comer Tamakori. Aí vão brincar de flechar Tamakori dentro da maloca. Muita flecha e até cassete para matar Tamakori, mas este passa urucu todinho e vira *ampi* [beija-flor]. Brinca muita gente e demoram mais de duas horas, mas Tamakori acaba sai por um buraquinho no teto e sai da maloca. Pronto, aí o Urubu dá flecha para ele, quer dar cinco feixes grandes, mas Tamakori só leva um bocadinho, dez, cinco para ele, cinco para Kirak. Kirak insiste em buscar também, encontra o Nambu mas bebe só pouquinho do seu *kuya*. Tem de beber tudo, então não morre. Não morre não. Nem foder também. Nem pomba não levantar também, só encolhido. Só couro, não tem nem carne dentro não. Só couro, mole. Assim não levanta e não morre. Kirak, ao contrário, fica duro e já tem menino na cuia, depois de cair todinho o leite dele. Os Urubu da casa ficam animados, este vai morrer. Kirak vira *badjo ba*, e morre (5). Urubu bota ele e o curumim num camburão para apodrecer, e o *manaron* vem cantando [canta] para botar *bitsi* (6). De manhã bem cedinho o Urubu novo vai comer o olho dele, depois o velho vai comer. Tamakori já tá lá espiando, como *Kadjohkirak*, lagarto bem pequeninho. Com a ajuda de outros bichos como o grilo, *amtsik*, Tamakori vai juntar todo que sobrou, tirando do canto aonde o Urubu deixou, e leva para o terreiro. Lá pega algumas coisas como barro e cipó para refazer Kirak. Quando tudo está pronto, Tamakori reza e enfia um pau no cu de Kirak para acordá-lo. Este revive.“)

(1) Lembrei, para o narrador, a roça do Urubu e suas flechas. Essa história também segue como ele contou anteriormente, com a Cotia roubando macaxeira, escondendo sua pera de Tamakori, e mandando ele olhar para um lado e não o outro quando trepa na fruteira.

(2) Mais uma vez, genro/sobrinho cruzado.

- (3) Nesta altura já estava dentro da casa mas, perguntado, esclareceu que chegou lá de um modo determinado.
- (4) Os dois riem.
- (5) Folha de paieira para abanador.
- (6) O *manaron* é a mosquinha do mito anterior e *bitsi* é sua larva.

(1) K.: (“)Jakwari. Dono de kawɜ, é gente que vive dentro d’água. Ele é pequeno, um meio metro de altura, e tem um cabelo grande. Dono de água, dono de terreiro, dono de tudo. Ele vira caboclo e fica com uma irmã, até que cresce e casa com ela, uma mulher bem bonita. Aí, outro camarada fica com raiva pra ele. Depois de pescar no lago, peixe pequeno, “tairera”, *djaikom*, os outros dão uma ruma de peixe [vários juntados] para Jakwari também. A irmã dele está tecendo um adorno para botar no braço e na perna, lá na beira do lago, de vez em quando matando mutuca. Quando ela termina, vão tomar banho. Ele avisa que vai tomar banho até meia hora (2). Primeiro empurra para fora d’água uma tartaruga pequena. Deixa com a irmã, está bom este? Vai buscar mais. Pega tartaruga grande, encarnada, *kawɜhnhanim*. Tira envira para a mulher carregar a pequena, e faz curral para deixar a grande. Ela vai cantando Warapikom até a aldeia, para a mãe saber. Deixou os peixe lá apodrecendo. De noite, cantar Warapikom, Jakwari canta o nome da tartaruga que foi buscar. Sabido ele, não brinca não. Caboclo vem aí, querendo assoprar tabaco, rapé, na venta de Jakwari. Este diz que não, nunca tomou. Não quer não, morre disto. Eles insistem em botar um pouquinho, devagarzinho, e ele cede. Uma vez, outra vez, e Jakwari já morreu de repente. Enterra, um dos caboclo casa logo com a mulher, já está dormindo com ela enquanto os outros estão na festa no terreiro. Jakwari sai e vai lá para mandar os caboclos cantar a alma de Jakwari. Ele chegou na casa e descobre que a irmã já casou, fica com raiva e vai lá no terreiro e diz que vai ensinar cantiga de Jakwari. Pega um assoprador de um lado, o outro no outro lado dele e sai cantando. Canto bonito. Não solta mais não, os companheiro quando já vem água, muita água que vai cobrir tudo. Todos dois caboclos são pretos, e todos três viram boto. Aquele preto, sempre anda em três até hoje. *Mapikɜɜ* [boto]. Quando a água vai chegando cachorro novo chora mas já era tarde, um papagaio avisa que vem água mas ninguém dá atenção.

Jakwari só avisou a mãe para fugir, a irmã e o seu novo marido morreram e todo o resto também. Morre afogado, jacaré come um bocado. Só o Jakwari, quando a água chega aos pés deles, leva os dois para virar boto. Era cunhado dele. A mãe e o pai fugiram para terra alta escaparam (3). Aquele tempo só o primeiro, quando tem filho, caboclo cantar, quando pai dele morrer, fica, o, fica o filho dele, ficar de novo. Quando tem filho, mudar aquele de novo, todo tempo até nós conhecer também.(...) O caboclo não sabe cantar de jeito nenhum. Só Jakwari que cantar.“

- (1) Iniciativa do narrador.
- (2) Eles continuam se chamando de irmão.
- (3) Ao fugir, alguma coisa ainda cortou a perna dela, mas não fica claro como foi. Perguntado, esclareceu que até então o caboclo não sabia cantar, aprendeu Warapikom com Jakwari.

(1) K.: (“)Bota tudo dentro, porco criação dele, quando tem enchente. O patinho, *kohko*, faz a canoa dele também. Eles sempre boiam n’água. O barco vai até lá no céu, *kodo naki*, e em uns quinze, vinte dias até a água começar a baixar (2). Tamakori manda o juriti, tem um pouquinho de terra fora. Aos poucos vem aparecer mais terra. Agora tem água só no igarapé, no rio. Já tem praia, tem tudo já.“)

- (1) Passou logo para lembrar que o pato, *wahbim*, aprendeu naquele tempo a fazer barco para ele, batelão.
- (2) Lit. Dentro do céu.
- (3) Nesta altura estava presente um jovem índio de Três Unidos, um dos que dizem que são crentes agora, e ele é amigo de um americano filho do fundador da missão ali; sua presença e as suas perguntas desviaram a atenção de Kurau neste ponto quando, de vez em quando, explicava em Kanamari o que falava. Perguntei e ele esclareceu que se tratava não de Warapikom, propriamente dito, que o Jakwari cantava, mas de Pizda, um ritual para o qual

é preciso fazer vestes para cobrir os homens. Para ensinar o pessoal, quando ele era novo, não fizeram vestes não, mas para fazer o ritual mesmo precisa].

- [Depois de uma pausa, Kurau cantou um canto de *Pizda*, e começou a contar um caso sobre uma onça que matou um veado. Custou um pouco para estabelecer que se tratava do acontecido há poucos dias, quando ele mesmo topou com um veado morto por uma onça, quando estava saindo da aldeia para cortar seringa, o que fazia regularmente nestes dias. Perguntei se no primeiro mundo também não tinha história de *pizda*]

Mito 59 K.: “Demais, demais, já que tudo já começou de *pizda*. Até pegar *tɜkɜna*, já pegar gente muito *pizda*. Naquele tempo, José trabalhando. José, agora é outro. José caboclo sabe, primeiro caboclo. [E.: Como é o nome de caboclo dele?]. Yodi, José. Yodi, caboclo chama mesmo Yodi, Yodi. Cariú chamar José. Trabalha com cariú. Cortar seringa. Até a mulher dele foi embora. Com irmão. Mulher agora você vai embora, eu fico trabalhando aqui, depois, mais de um pouco eu vou pra lá também. Aonde vai contrar irmão. Lá, aonde tá nossa de roça. Aí, Yodi fica trabalhando. Fica trabalhando, corta seringa pra ele. Cortar seringa com ele, companheiro, companheiro, até ... quando cariú morar, molar terçado dele né. Molar terçado, molar bem terçado. Fazer trabalho sabe, pra fazer trabalho. Mas José tá com medo. Eu pensar que, que mata, que matar pra mim. Cariú querer matar pra mim”.
[fita acaba, coloca-se outra].

K.:”Tá na estrada, tá na estrada, foi, foi fugiu mesmo, não dá nem pra cortar não. Dá até comida pra cariú já. Cariú mola terçado, pensa que matar pra mim. Aí fazer o trabalho dele. Mais ele. Eu vou cortar. Quando tá pronto de amolar terçado, cariú ... caboclo já foi. Fugiu mesmo. Vai, não disse nem pro cariú nada, foi até o ..., cariú disse que, vai, José foi cortar. Trazer só masca de na costa. Na costamento. Não gosta não, vai embora, abriu, [ininteligível], no caminho. Andando, andando, andando, quando chegar até na maloca, tá caboclo primeiro tem cana plantada. Eu vou lá no roçado, foi lá no roçado. Vai lá no roçado cortar cinco cana ... Cinco cana, até cana já tá cumprido muito, hi, não é cana novo não. Trazer quatro, na costa. Chupar um pedaço

na mão. Fazer [ininteligível], descasca com machadinha, sabe. Aí passa na barraca velha, foi lá, aí tem um caminho, caminho mesmo para ... outra maloca dele. Aonde tá mulher dele. Longe mulher dele. Longe. Tamanho como ... como Dora, como Paixão [morador alto Jutai, perto de Nauá] mais um bocadinho ... foi andando pedaço, foi lá buscar canoa, quando andando um pedaço, já viu a onça levar o capim, na frente. Aí demorou pouco já vem *piɔda*. Onça vermelha, aquele lombo preto. Tudo pintado aqui no braço, tamanho como um burro aquele.

E.: É grande?.

K.: Grande. Acha que vai matar o veado. *Bahtsi*. Aquele grande mesmo onça aí, quando foi dois. Aí José danado, apanhando com cana. Com cana, apanhar outro, apanhar outro, aí fazer [barulho na gravação] apanhar outro ali, apanha aquele, levou daqui há pouco fazer fogo. Jogar até machadinha no chão, até tudo com cana, aí fica trepando. Aí trepando, não volta lá não, nunca que diz não vai, não tem mais onça aí não. Só deitada toda no chão, todas duas. Esperando pra descer pra cá. Passar hora todinho. Chega de manhã. Quando duas hora ... não, eu vou procurar outro canto bom. Aí levou outro pau, pegou pau, vai no cipó vai descer no outro pau, vai descer no outro pau, vai descer no outro pau, onça também foi, por baixo todo tempo.

E.: Acompanha.

K.: É, até onça cansada, não quero mais não. Eu que todo tempo acompanha não vou mais não. Aí deixar. Mais longe, José desceu, [ininteligível] abriu. Nunca onça fez mais a ele, já foi embora. Chega mesmo seis horas, cinco horas, seis hora. Trepas, dormir, no alto bem no pauzinho pequeno assim. Onça não foi mais lá não. Deixaram. Aí foi embora, aí de manhã. Chega de quatro até pra seis hora. [ininteligível]. Já tá quase de noite de novo né. Longe, morando longe. Eu, foi aquele cariú querer matar pra mim, eu fui embora pra cá. Tem comida dele, eu foi embora. Tá com saudade da mulher dele mesmo [ri]. José, quase onça mata ele ...

E.: E Adjaba?.

K.: (...) Caçando, vamo embora caçar, matar *kamudja* [macaco barrigudo], *hudja* [macaco preto], tudo pra nós fazer boquinha sabe. Pra dentro do mato, mulher deixa muito aí dentro de casa. Ela foi, foi seis homens mesmo. Seis. Seis caboclo, todinho, todo macho. Levar pera de mandioca, levar tudo. Levar um pedaço de massa, todo. Chegar lá pra tapiri, tapiri de longe, pouco

de longe mesmo. Chega lá pra caçar, caçando lá. Passar bem três dias, foi caçar pra matar *kamudja*, fazer boquinha [moqueado], tudo matar.[ininteligível e o índio de Três Unidos entra em conversa com Kurau]. Caçando, caçando todinho, com, de manhã, dormir, caçar todinho. Bocado, matar bocado [nova interferência]. Foi dar uma caçada grande quando chegar três horas, todinho. Abrir macaco todo, limpar, limpar todinho, vai esquentar botar fogo no baixo dele, cada um todinho. Não, não só uma não, seis homens, todo tempo trabalhando. Tomar banho, comer um pouco. Dormir hora desse. Hora desse, dormir, dormir, dormir, dormir, até amanhecer o dia. Vamo embora de novo homem. Vamo embora nós todinho. Rapaz, eu não tenho mais, coisa mais não ... Meu coisa acabou-se todinho.

E.: O que?.

K.: Coisa de gravatana [zarabatana]. Coisa, coisa toda pequena assim.

E.: De gravatana?.

K.: Uhm. Gravatana toda assim, pequena.[E.: A flecha é pequena]. Pequena, bota algodão dentro né. Pra soprar, pra matar *kamudja*. Gravatana, assim mesmo como esse aqui. A coisa dele, o bara [ininteligível] dele, aquele, pra empilhar a coisa dele, tem veneno na ponta dele.[E.: Veneno]. Tem veneno. Chama veneno dele *pehe*. Botar *pehe* na ponta né. Cortar pedaço de, com, dente de *im*. Piranha. Dente de piranha. Todinho, não tem mais isso não rapaz. Eu, meu já acabou-se ontem. Agora eu vou [ininteligível] pra mim. Sim você fica cuidado nosso de ... coisa, ma-, *kamudja kɜrɜhnim* [moqueado?] também viu. Sim, eu tar cuidar daqui, ela, ela fica sozinha. Bocado, cinco foi. Cinco caboclo já foi caçar. Ela fica sozinho. Ma- leva coisa dele. Pra botar dentro lá pra dentro mais, tapiri dele aqui sabe. Tapiri dele aqui mais, fo-, coisa dele tá lá fazendo foguinha, foguinha mesmo só pra esquentar coisa dele. Aí faz trabalhar pra ali assim. Demorou pouco, Adjaba chegar. Não viu nada não tava pra aí. Tá trabalhando aqui. Quando chegar tava começando. [fala em Kanamari]. Hu, é lá mesmo aquele, boquinha, boquinha de macaco mijando. Fazer xiiii. Assim. *Atsa tawari* [meu amigo], *atsa tawari*, *atsa tawari*.

E.: Adjaba?.

K.: Adjaba conversar assim. Depois fazer outro de novo, levar três bucho do, do *kamudja*. Gordura do bucho assim. Todinho, levar todo só de bucho, levar só gordura.

E.: Só gordura.

K.: Uhm, de bucho de macaco.

E.: O macaco tava lá dentro?.

K.: É sim. Esse não, só com couro todo, essa com coisa de barriga mesmo. Tudo boquinhado. Só gordo [o índio pergunta e se repete a história em Kanamari]. Adjaba buscar tripa de coisa. Levar pra casa dele. Quando chegar lá, convidar os outro companheiro dele, sabe.

E.: Outro Adjaba?.

K.: Outro Adjaba, todinho. Sete *Adjaba ta'am ti* [tem lá]. Tem, caboclo mesmo assim sete homem. Mata seis, outro fica trepando lá no alto. Que ele viu Adjaba. Que ela viu Adjaba, ela contou todo pro irmão, tem irmão dele também. Tem três irmão. Dois cunhado sabe. Não, dois irmão, três cunhado. Todo de irmão também, o cunhado dele. Aí quando chegar, quando chegar reparar não tem fogo dentro da coisa dele não. Rapaz, ... nunca sai mais de lá não. Tá com medo.

E.: Tava no mato?.

K.: Até os outros chegar. Quando os outros chegar ela vem pra cá. Pra, disse pra os outros todinho.

E.: Falou.

K.: É, falou. Pra quem comer nosso de bucho de macaco? Gordura. Não foi você não? Eu não come, meu também, eu nem não comer não. Todo não come não, todo já tirar todinho. Fica só boquinhado, da carne dele, braço todo, a perna, cabeça, todo fica aí no coisa. Não rapaz, foi caboclo comer. Eu vi caboclo aqui, conversando aqui. *Tawari, tawari atsa tawari, wapɜ tawari* [ininteligível, seria comer amigo]. Fazer tsiiii, [fala Kanamari] *kamudja*. Mijando. Boquinho de [outro interrompe, B. explica que Adjaba manda macaco mijar, e Kurau complementa que “à toa mesmo”, mas não adianta mais porque só é moqueado]. Só moqueado mesmo, mas ele manda mijar todinho, até levar só bucho de tripa assim, de boquinha também.

E.: Ah, mas quem tá mijando é *kamudja* mesmo.

K.: *kamudja* mesmo.

E.: *kamudja* mesmo.

K.: *Kɜrɜhnim*. Assado mesmo.

E.: Assado mesmo.

K.: Assado mesmo. Aí voltar, quando chegar lá convida os outro. Lá vem sete *Adjaba ta'am ti*.

E.: Agora os outros chegaram, os outros companheiros.

K.: Os outros chegaram com *kamudja* de novo.

E.: Os outros chegaram com *kamudja* de novo, aí ele contou.

K.: *Hudja*, depois que ela contou, rapaz vamo'embora. O caboclo já andar aqui. Roubando, levar todo o nossa de coisa, todinho. Meu também, eu não comer nem, nem um pedaço de macaco ainda. Eu tou com medo já. Não, porque você vontade de foder sua mulher. É só ... você só de lembrar tua mulher pra você vai embora hoje rapaz. Nós vamos caçar mais amanhã, de novo, pra inteirar nosso de boqueada de macaco pra levar bocado. Pra nós comer pra nós plantar nossa de roça lá. Não rapaz, eu querer, eu querer, *Adjaba* já vem aqui, parece que [ininteligível] eu vai aqui. É gente, eu vi ele. Ah, mentira dele, depois fazer ... botar fogo ... *kamudja*, abrir *kamudja*, de noite, toda botar na boquinha. Todinha, até hora desse já tá ... então botar no, no [ininteligível] todinha. Esquentar outro dentro do fogo, botar no fogo, botar no fogo, botar no fogo, até vontade dormir, dorme.

E.: Vai dormir.

K.: Uh, aquele que viu. *Adjaba* já foi trepar lá. Eu vai trepar. No açáizeiro. No açáizeira tem [B. interrompe, Kurau fala em Kanamari de *djam*, açai]. Trepou, outro que viu *Adjaba* tá trepando. Levar até maqueira, amarra maqueira dormir lá. No galho de mata-mata, o coisa com ... [interrompe]. Vai dormir lá.

E.: Os outros lá em baixo.

K.: Outro ficou lá.

E.: Ficou no tapiri.

K.: Não querer nem saber não ... Aí, quando, a cara de trepada que ela viu ... luz da, luz da *Adjaba*. Muito, como esse aqui, bocado sabe. Aquele **pakɔrɔ**. Tu viu *pakɔrɔ*, já sabe *pakɔrɔ*.

E.: *Pakɔrɔ?*

K.: Ah, amuesca.

E.: Sim.

K.: Aquele aumesca, fazer todo como, dentro da f, dentro da coisa. Tem as-

todo coisa dele, só tá com muesa na mão. Todo ele, assobiando, assobiando todinho. Agora quando acabar de dizer pro irmão dele. Dizer foi irmão, *idja*, *idja*, já vem Adjaba, *idja*. *idja* nem, nem escuta mais não. Não tem nem mais fogo nada mais não. É tudo bem dormindo.[B. pergunta algo, *apikomtɜnim*, ele não ouve nada? K. responde]. Não, não tão escutando mais não. Tá dormindo bem dormida mesmo. Dormindo à vontade mesmo. Chamar *idja*, *idja*, chamar *ibu*, *ibu* [cunhado] nada. Não ouve mais nada, tudo dormindo, não tem nem fogo mais não, do, no chão. Todo ca-, pagado fogo, apagar todinho. Dormir muito mesmo, bem madrugada que Adjaba chegar. Agora quando chegar aí, tira cabeça, mata todo cabeça [ininteligível]. Arrancar todo cabeça, arrancar todo cabeça, já fica, levar só esse aqui.

E.: Ah, deixou cabeça.

K.: Deixou cabeça todinho. Tirar a cabeça tudo. Bota aqui, aí fazer aho [?], quebrar cabeça aqui.

E.: Pescoço.

K.: Quebrar bota tudo junto aí, amarra aqui, todinha aí, carrega na costa.[B. de novo, fala em Kanamari; Adjaba não viu outro não?]. Viu, saber, [enrola] tá marcado. Falta esse aqui. Falta este ainda, fazer [ininteligível] percurar, percurar, manda até cachorro dele.

E.: O que?.

K.: *Mitsi*.

E.: *Mitsi*.

K.: Uhm.

E.: Formiga.

K.: Toaca, oh ... taioca. Taioca, taioca. Taioca.

E.: Formiga.

K.: É formiga. Formiga, dois formiga. Taioca.

E.: Manda?.

K.: Mandar trepar, vê lá aonde tá *paiko* também, mas *paiko* fazer ufu, fu, fu, fu, fu. Taioca voltou, não vai nem morder, nem um a mais já voltou. Aí quando chegar na Adjaba, não tem não, não tem mais não, parece que já foi embora. Adjaba não sabe mais, nem taioca não disse nada pra ele. É, vai embora. Vamo levar esse aqui mesmo. Demora pouco, fazer, acende, acender

lá de novo, como barraca de Manduca [uns cinqüenta metros]. *Paiko* descer também, vai acompanhando com ele também. Já tem coragem agora né. Quando irmão dele morrer. Acabar mesmo. Vai atrás, companhando com ele. Na luz, por, por de trás. Adjaba, tem sete Adjaba andando por colá.[B. pergunta, conversa]. Mitsi com vontade de morder ele. Morder ele pra fazer cair, mas *paiko* fazer fu, fu, fu, o tudo coisa, de repente voltou, não vem nem mexer.[interferência]. Quando morrer o irmão dele, Adjaba levar ele, Adjaba acender luz muito bocado lá, aí ele vai acompanhar. Aí vai acompanhando todo tempo, todo tempo, até chegar no igarapé, pegar outra terra, tudo tempo na terra, tudo tempo, até no buraco dele.

E.: Mora no buraco?.

K.: Não, dentro do pau, oco do pau, grande assim. Aquele *tsimaha*. [discussão qual árvore]. Cedro de agorno. Aquele cedro de agorno, grossa assim, tem um buraco grande, Adjaba morar dentro. Aí, quando foi lá, amanhecer dia lá. Quando chegar, tá casa Adjaba amanhecer o dia. Ah *paiko* voltar atrás, quebrar pau todo tempo, fazer caminho. Até chegar. Quando chegar lá, no tapiri mais pra cá. Cabeça de *paiko* todinho, cantando. Fazer hi-hi, hi-hi, hi-hi, hi, andando só assim. Andando todo junto no caminho. Até no, atravessar igarapé assim, atravessar a ponte assim, como desse pau maior ainda. Maiorzinha o pau. Atravessar no igarapé. Ao contrar atravessar, tá no meio sabe. Só, só assim. Só andando de, cabeça dele. Cantando, hi-hi, hi-hi, hi-hi, hi tempo todo. Quando *paiko* deixar Adjaba, *paiko* quando chegar, já, já viu gritando lá, na frente. Eu vou chegar com atravessou já, já tá, já tá, já tá no meio mesmo. Quase chegar no outro lado. Aí, quando *paiko* chegar, aí, *paiko* passa o pé, iiiii, caiu dentro do igarapé todinho [sorrisos]. Ele, ela disse tudo pra ele, mas não querer nem saber né. Cabra tá ruim, tudo, não presta mais, agora eu vai cair todo cabeça dele dentro d'água [B. ri]. Aí, deixar, balançar o pau aí, *paiko* vai embora. Conversar lá com irmão tudo.

E.: Cabeça caiu?.

K.: Caiu todinho.

E.: E aí?.

K.: Ficou, não tira mais nenhuma. Aí quando, *paiko* voltar de novo, ela viu ... Tamaqui.

E.: Tamaqui.

K.: Vira tamaqui. Vira todo tamaqui. Aquele cab-, tamaqui cabeça de *paiko*. Todinho. Tu não viu dente, como nossa de dente assim?[uhm]. *Amatsɔrɔ*. *Amatsɔrɔ* nome dele.

E.: *Amatsɔrɔ*.

K.: *Amatsɔrɔ*. Aquele é *amatsɔrɔ* é tudo assim né. Cabeça de *paiko* aquele. Quando acaba no igarapé já foi fazer *hiiii*, *amatsɔrɔ* muito, como matrinchão.

E.: Foi pra maloca?.

K.: Foi, foi, *paiko* foi pra maloca dizer para ele.

E.: Fala.

K.: Com pessoal lá, amanhã, matar Adjaba. Pra pagar irmão dele todinho até a mulher dele vem pra cá. Pra matar Adjaba até meio dia. Vem de manhã cedo, quando chega lá tocar fogo.

E.: Fogo.

K.: Tocar fogo, Adjaba todo bucho dormir todinho lá dentro. Não sair nenhuma. Quando chegar lá levar muito aquele coisa, de, do patawa, patawa seco.

E.: Patawa seco.

K.: O, a folha dele, a folha. Tudo, tara dele, tudo, querer levar tudo, pedaço de pau, o coisa, galho de pau, galho de pau seco.

E.: Fazer o que?

K.: Pra fazer o fogo. Quatro panela de pimenta.

E.: Pimenta?.

K.: Pimenta também, pra matar Adjaba.

E.: Como chama?.

K.: Pimenta *pahki* [de gosto cortante].

E.: *Pahki*.

K.: Uhm, levar *pahki*, *tori* também, *tori*. Conhece *tori*? Uma paneirinha. Paneirinha de *pahki*. tá quatro. Todo em cima, *tori* todo tamanho assim.

E.: Pra queimar?.

K.: Pra queimar dentro, do buraco do Adjaba. Pra embriagar dentro. Pra fazer assim, hu, hu, aspirando como menina [ininteligível]. *Pahki* danado, não brinca não. Assim Adjaba, lá dentro, quando *pahki* [alguém espirra,

risos]. Aí, quando chega, bota, botar no buraco todinha. Primeiro, folha chega acender, bota todo junto. Bota logo todo bem tapadinha. Dentro em cima, fogo à vontade mesmo, buscando, outro vai buscar, botar muito, botar muito. Demorou pouco, Adjaba bota água, em cima do fogo. Pra fum, agora não apagar não, tem bocado já. Tem bocado, três vez, bota água. Botar água, botar água, pronto acabou-se água dele. Dentro do buraco de pau não tem mais nem pra onde foi.

E.: Não tem.

K.: Aí, o fogo mesmo, fogo mesmo, botar até outra, outra, *opahki*, *opahki*, outro *opahki*, outro *opahki* [lit. outro *pahki*], botar [ininteligível] colá. Demorar pouco tá ferrando todinho Adjaba. Demorou pouco, Adjaba já vem. Corre em cima, em cima do fogo. Não agüenta mais lá não. E corre, bot-, amassa tudo [ininteligível] fogo, tava, na boca né. O *paiko* vai matar com casete. Correr, matar lá dentro. Demorou pouco, mulher também vai, mulher mata até, mulher também. Só assim.

E.: Mulher de Adjaba?.

K.: É, mulher de Adjaba. Mulher também matar, só mulher mata mesmo, não é homem não mata ele não. Homem mata homem, homem mesmo.

E.: Mulher mata mulher?.

K.: Mulher mata também. Pra pagar o, marido dele sabe ...[sim].

E.: Tinha muito lá dentro?. Tem bocado.

E.: Tinha mulher também?.

K.: Ah tem, ah, não brinca não, com nós também tem, todo casado, Adjaba todo casado. Tem menino também, menina pequena. Como de Wahkodji, como de Araka, como todinha. Tem filho também, mas tudo gordo sabe. Chorando lá dentro, fazendo hihihii, hii, hiihiihii. Assim, Adjaba chorando lá dentro. Já passa [ininteligível] fazer história.

E.: Mata tudo?.

K.: Mata todinho. Não fica nem com a mãe não. Malvado.[B. pergunta, falam Kanamari]. Adjaba danada, rapaz, mata nossa de gente primeiro ... terminou aquele. Agora outra.

[conversa com a mulher].

K.: Mulher, baixando na samaúma. Deixaram homem, muito homem, a velha dele. Trabalhando, cavando mesmo toco ... do samaúma.

E.: Mulher?.

K.: Assim, muito mulher, bocado com filho toda. Cavando mesmo o toco de samaúma. Raiz dele aqui, cavando, cavando, cavando. Cavando cavando, até muito, até samaúma cair na beira do rio. No Juruá mesmo. Samaúma vai cair. Nós vai chamar na bem qua-, bem na beirinha, caiu. Bota tudo curumim mesmo dentro do sapopimba. Em cima do sapopimba, no buraco dele. Curumim dele. Tudo mãe dele. Todo irmão. Ela só brincando lá no samaúma. Só anda baixando tempo todo. Mas marido dele fica com vontade de ficar com ...

E.: A mulher que tirou o samaúma?.

K.: Tirou samaúma, cavar, cavar até cair samaúma.

E.: Cair.

K.: Até quando cair, tudo mudar tudo pro dentro do sapopimba, aí baixando.

E.: Todo mundo?

K.: Todo mundo.

E.: Mulher e curumim?.

K.: Tudo, com curumim tudo.

E.: Curumim dentro do sapopimba?.

K.: Dentro do sapopimba, mãe dele.

E.: Primeiro?

K.: Tudo, tudo, a carga dele também lá. Tudo, *tawamim* também lá, pra comida. Lá só no meio do samaúma só mulher brincando, fazer tu, tum cantando cantando.

E.: Tudo?.

K.: *Pai*ko também atrás dele. Fazer ... [B. cambito]. Fazer cambito pra pegar o guio [ininteligível] do samaúma. Marido dele. Bocado. Fazer, co-, cambito pau maior assim pra agüentar mesmo, agüentar, samaúma levar todinho quebrar até o, lá o cambito.

E.: Cambito é pra prender né?.

K.: É pra prender. Sam-, samaúma não fica mais não. Nunca fica mais não. Até *paiko* deixar. Cantando, cantando, brincando, cantando brincando, mulher tudo bonito. Mulher de *paiko*.

E.: Mulher e curumim baixando o rio.

K.: Uhm. Parece que virar boto já não.[ah]. Aquele mulher vira boto.

E.: Virou boto?.

K.: Parece. Nunca mais aparecer mais nem notícia mais. É. Quando baixar não aparece nunca mais não. *Paiko* não pode nem pegar mais não. Marido dele.

E.: *Mapikarɜ*?.

K.: Parece que virar *mapikarɜ* já.

E.: Que qualidade?.

K.: *Mapikarɜ pɜhnim*.

E.: *Pɜhnim*?.

K.: Uh, encarnado, *pɜhnim*. Quando caboclo molina, molina [morena] também, *mapikarɜ*. Quando caboclo branco, *mapikarɜ* também branco né.

E.: Certo.

K.: ... Já vem naquele tempo, já baixou, não, teve, não aparecer mais mulher não de baixado. Cantar também, cantar. Cantando, mergulhando.

E.: Cantando o quê?.

K.: Cantiga dele mesmo. Eu não sei canta dele também [conversa Kanamari].[Mito 60; tento saber mais mas ele insiste em passar em frente].

(1) K.: (“)Vamos conversar *Kotsa*. O marido da mulher está trabalhando numa prancha, lá longe. Faz alguns de jabuti, outros de cedro (2). As mulheres estão na roça, virando mandioca e fazendo pera, botando a massa no igarapé. Elas vão tomar banho e aí fazem *tsukɜtsukɜ* n’água. Chama *Kotsa*, *kotsaaa*, *kotsaaa*. *Adɜ dom kotsa*. Peixe ele chamar peixe. O *Kotsa* vem, com um bocado de peixe, enfiado num cipó. Traz para uma velha também, traz monó para ela. Para outras dá todo tipo de peixe, mandim, surubim, pacu.

Tudo, Lontra pegar, pra mulher, pra trocar com boceta. As mulheres ficam medo primeiro. O *Kotsa* já está lá na beira da praia. “Vai lá, ele não mata não”. “Não, eu tenho medo que quer me comer”. As mulheres treparam todas, o *Kotsa* botou os peixes na praia. Uma vai experimentar, vai lá e logo *Kotsa* fazer. Descem todas para foder na beira do igarapé. *Kotsa* foder tudo igual. Na beira do praia assim. A velha também está lá, mas para ela tem a Lontrinha, o *Ihtakirakom*. Depois vão para a aldeia e aprontam tudo, fazendo *kuya*. O marido não sabe de nada. Um filho pergunta como sua mãe conseguiu este peixe. Diz que fizeram curral, *tsarɜ*, mas engana o filho, todo está seco por lá (3). Todo mundo come à vontade, não sabe de nada. Três viagens assim, na quarta, *paiko* sabe já. *Paiko* resolve fazer uma correria até o curral. Lá não tem nada, tudo seco. Vai lá roçado. Lá não está nada limpo, não trabalha mais lá, só arrancando à toa mesmo. *Paiko* manda, então, mulher capinar a roça, depois arrancar a roça. Trabalhar todo dia, viu. Ele não pode porque estão trabalhando em outro lugar. Todo dia elas só ficavam catando piolho na cabeça, até a hora de tomar banho e aí o *Kotsa* vinha para foder à vontade, depois trazia o peixe. *Paiko* é pajé também, pai dele é pajé também. O filho diz para o pai soprar na venta dele, para tirar *Korɜmam'am*. Faz e tira pra mandar a Cobra espiar as mulheres. A Cobra vai lá trepar na beira do igarapé. Ele vê as mulheres todas se enfeitando, se pintando de urucu, botando chapéu, e que ficam todas em carreira na beira d'água. Quando o *Kotsa* vem com muito peixe e começa a foder as mulheres, a Cobra cai e passa bem no meio da gente. Querem matá-la mas não conseguem e ela já foi embora. Ela vai conversar com o seu dono. *Korɜmam'am* conta tudo que viu e o *paiko* chama o filho dele para lhe contar também. Quando voltam não querem mais comer do peixe de jeito nenhum. Já ficou com raiva. No dia seguinte mandam as mulheres e as crianças para a roça até de noite, para trabalhar. Os homens querem matar a Lontra. Fazem rastro de queixada, depois curralzinhos compridos, com pauzinho e cipó, este serve para a Lontra entrar e pegá-lo. A boca tem uns trinta cm. e é para botar logo em baixo da linha d'água. Os homens se pintam e enfeitam como as mulheres faziam, inclusive o velho, e matam todas as Lontras, salvo um que escapa porque um curralzinho estava com defeito (4). Tiram o fígado, o banho e a carne, para bater para comer carne batida. Tiram *apadakom*, o ovo dele, para pendurar em cima, na porta da maloca. Eles dizem que mataram queixada, botando taquara com sangue perto de onde pegaram as Lontras. Elas comem a carne

batida na folha, mas os homens não comem nada, dizem que já comeram antes. Outro dia eles tiram tara de tucum e escondem bem pertinho da maloca. O ovo ficou podre e começa a pingar água de lá de cima. *Paiko* viu que começa a pingar muito e chama a mulher para olhar o seu pé, bem embaixo do ovo. Ela tira alguns e logo cai na sua perna um pingo (5). Já está fedendo e logo entende que foi. *Paiko* fica valente, pega a mulher pelo cabelo e força ela até para aonde está a tara de tucum e dá uma surra nela. *Paiko* está tudo malvado e todas apanham com os espinhos. Elas viram *wiri*, queixada, a mais velha vira tamanduá bandeira, *padja*. Elas levam só as meninas com elas, não levam os meninos. Só querem levar menina, nada de menino, mas um menino corre atrás delas, até encontrar um pau grosso caído. É um caszinho e não conseguem passar pelo pau, a mãe já foi em frente. Choram e um diz para a outra, vamos virar gavião de queixada, o *pawɜrɜkom*. Já experimentam o som, um para a irmã do menino outro para ele mesmo. Este canta quando tem queixada por perto e o camarada já sabe que pode ir atrás. Aliás, aquele coruja olhão, *uru*, o *kadjo*, também. Aquele chama o *wiri* também [ele canta bem como é o som que faz quando a gente abre um *wiri* para cortar a tripa dele]. *Paiko* fica calmo dentro da casa, não tem mais mulher. Em breve, já se arrependem, porque fazer esta confusão toda, agora estamos sem mulher. Tempos depois, os *wiri* vem para a maloca, desmanchar roça, pegar a massa no igarapé, as banana, os mamães. Uns homens foram pra roça, para comer mamão. Quando andam no caminho, encontram taioca, *mitsi*, gritam ah, ah, e vão correndo, já vão avoando, avoando, viram jacu, *tabi*. Eram quatro, viram quatro jacu. Outros ficaram em casa, quando os *wiri* chegam lá, trepam em todo pau dentro da maloca mesmo. *wiri* quer matar os *paiko*, estes ficam lá em cima, até que viram cupim. Nós todinho vira esse cupim. Os *wiri* vem vindo, de vez em quando, mas faz algum tempo que *wiri* não passa por aqui. Cariú diz que tem *wiri* lá para Rio Branco, que tem muito por lá, parece que foi tudo para lá. Lá tem *wiri atsahonim*, porco de casa que tem rabo, aquele *wiri* daquele tempo não tem rabo não. Pronto, já acabou *amkira* (6). “*Hawak*” (7). (“

- (1) Esta foi uma sugestão de sua mulher.
- (2) Jabuti seria uma espécie de madeira?

- (3) Risos.
- (4) Este tipo de armadilha se chama *maiako*.
- (5) Parece que seja uma espinha.
- (6) *Amkira* é a história.
- (7) “Acabou”. Na verdade ele se antecipou uma vez, quando terminou logo depois dos meninos virando gavião.

(1) K.: (“)Uma fêmea Adjaba vem de noite e se encosta num canto escuro do terreiro. Ela parece com a mãe das jovens mães que participam do Warapikom. Quando deixa a criança, leva lá para o mato e deixa num paneiro com outro Adjaba. Depois outra mãe vem, mas ela recusa guardar a criança, uma menina, porque somente quer meninos. Quando consegue vai embora e não volta mais. As duas mães são cunhadas entre si, *itsanhuan* (2). De manhã, descobrem o acontecido. O Adjaba cria os meninos com banana e *tawa* que vai buscar na roça de gente mesmo, do pai deles mesmo. Adjaba não tem roça e vai buscar lá longe para criar os meninos. Já está quase rapaz, já está gordo, e Adjaba quer matá-los, está bom de comer já. Os Adjaba combinam que a mulher mata os meninos enquanto que o homem vai buscar aumesca, ou omisca, *pahk3r3* (3). Para misturar e comer com os meninos. De manhã bem cedinho os Adjaba estão fodendo dentro do mosquiteiro. Eles dormem em redes em baixo, os meninos dormem em redes amarradas em cima. Os meninos já estão acordados também. Aí o Adjaba pegou, de lá de baixo, as costas dos meninos, para sentir se já estavam gordos, e achou que sim. Está bom de matar, agora ele diz para a mulher para só tirar a tripa e tirar toda a gordura de dentro para torrar “na coca”. É para deixar “a banha” mais para cá, no canto dele. Ele sai, e a mulher, a mãe, procura logo matar os meninos. Quer matar derrubando um pau, dizendo para *paiko* ficar de costas e não olhar. Parece que espia [não claro] e o pau cai ao lado. A mulher se lamenta que “quase matar meu filho”. Então vão juntar pau velho para lenha, para fazer uma ruma grande de lenha. Faz uma coivara e vão tomar banho. Ela manda os dois mergulhar e boiar de um lá para cá no igarapé com água bem limpa, “como paca”. O Adjaba faz um “yucuru” (4). Ela joga no curumim, mas erra e pega no couro dele, nas costas todas, quase fura ele. Param de tomar banho e saem da água. O Adjaba vai lambe o sangue que

está saindo, engole todinho. Agora *paiko* já sabe, *paiko* é sabido, todos dois são. O Adjaba faz um fogo grande no terreiro e bota os dois meninos bem na frente dele. Todo dia ela varre o terreiro e começa a fazer agora de novo. Ela diz para eles não se virar e ficar de costas para ela. Depois ela vem “com vontade” para empurrar os dois para dentro do fogo. Mas eles espivavam sim, e um sai para um lado, o outro para o outro lado, e o Adjaba passa no meio, caindo dentro do fogo. Os *paiko* pegam yucuru e a cassetete e matam ela, com a ajuda do fogo. Ficou bem queimada. Aí tiram o bucho, a banha todo e botam na coca para torrar. Bota dois vasos com banha torrada e trepa numa árvore para esperar o Adjaba chegar. Chama-se *mapikarɜmam*, parece que cariú chama de maria. É uma árvore “buchada”, grosso, mas com galhos mais finos. Se bater neste pau, tom, tom, aí vai chover mais tarde. Bom para tirar madeira de um igarapé, bate com machado e vem chuva grossa. Estão numa árvore pequena, nova. Fica lá esperando Adjaba. Quando este chega, joga a pera de aumesca na ponta do terreiro quando encontra lá um vaso de banha, o resto do terreiro está limpa até o tapiri dele no outro lado. Pensa que é do curumim e vai comendo a banha misturado com aumesca. Daqui a pouco *paiko* grita lá de cima [em Kanamari, ele quase canta], “oh *paiko*, é a gordura de sua esposa”. O Adjaba olha, escuta, mas acha que foi o vento. Vai comendo muito de novo. Gritam lá de cima de novo, e ele escuta. “Aí, reparar, aí vomitar que só ele. Vomitar à vontade mesmo”. Vomita muito e quando acabar vai atrás, trepando para matar *paiko*. Para trepar ele vira a bunda, (...) ele trepar bem com a bunda, não é com a cabeça não. Adjaba. Adjaba trepar com a bunda. Todo tempo, quase pegar *paiko*, aí *paiko* ... fazer xooo, *mapikarɜmam* esticar mais pra frente. Aí trepar de novo, quando pertinho quase pegar ... canto de *paiko*, aí pfuu. Crescer mais já, outro, vai, Adjaba vai. Até que chega perto e *paiko* fura ele. “Aí *paiko* dá yucuru pra ele. Bem no cu dele, furar”. Todos dois tem um yucuru, que foram da mulher Adjaba. Os dois furam ele até a cabeça e ele cai de lá de cima. O pau *mapikarɜmam* xooo, já fica baixinho e os dois descem de lá. Adjaba já morreu e puxam ele mais para dentro do mato. Eles dormem lá em cima do pau e, quando amanhece, vão embora. Mais tarde, chega lá na maloca da mãe deles. Sobem num pau, lá no porto do igarapé. Depois, as duas cunhadas vão buscar água no porto e os dois estão lá em cima, sentados e balançando as pernas. As mulheres espivam algo e pensam que é n’água e uma chama a outra. *Paiko* vai cuspir, fazer “*tsu, tsu, tsu, tsu,*” e aí vêem que estão lá em cima. Elas reconhecem os filhos

e eles descem. Todos vão para a maloca e eles explicam o que aconteceu. “Já terminou aquele”.(“

(1) Assim terminou a sessão da noite, com Kurau bem à vontade somente sendo atrapalhado um pouco pelas interrupções do rapaz do Juruá. No dia seguinte, Kurau ia, como de costume, se ocupar com algo fora da aldeia, mas ele voltou rapidamente para casa porque lhe faltou a faca para cortar seringa. Neste vazio, sem nada urgente para fazer e ainda empolgado com a noite anterior, resolveu gravar de novo. Começou com a história do Adjaba que vem para roubar crianças.

(2) Cunhada, prima cruzada.

(3) Resina de árvore antigamente usado para iluminação.

(4) Uma espécie de arpão com uma ponta.

- [embalado, contou logo outro de Adjaba, e troquei de fita para registrá-lo. Perdeu um pouco do início, quando apresenta um homem casado com duas mulheres].

K.: (...) dois mulher vamo embora buscar patawa. Então vamo. Todos dois que mulher, mais ele. Todos dois mais ele, mais ele, andando mais ele, andando mais ele, andando mais ele, andando mais ele até chegar no patawa. Você vai pegar, fazendo pera aqui, eu vou, o patawa bem ali, como casa de Geraldo [uns cinqüenta metros]. Eu vou trepar primeiro, você vai fazer pera aqui, tirar palha, tirar. Mulher dele, todas dua. Ai, *paiko* foi, quando chega lá no toco do patawa, fazer picunha, picunha é *hibik* não, é *hibik* pra trepar. *Hibik*, *hibik*, tá coisa assim. Nós chamar *hibik*. [pra trepar]. Aquele picunha, picunha. Ele botar, fazer picunha, quando pronto picunha, aí *paiko* trepar. No, no, no, açai, patawazeiro. Trepando, trepando, quando no mais no tamanho como beira de casa [ininteligível], Adjaba já chegou. Já viu, queda do pau acolá, foi, coisa do patawa que, que, Adjaba furar também com gravatana dele [zarabatana]. Tem gravatana bonita dele. *Hatz hadjibo* [ininteligível, cadê?], Adjaba, Adjaba dizer pra gravatana dele, aí, fazer soprando, fuu. Tá, caiu, hooo, caiu mesmo, a coisa dele. A pé de patawa ficou, em pé. Cai só coisa dele.

E.: Patawa?.

K.: A palha dele.

E.: Ah, palha.

K.: Uhm. Ai mais pra cá, já é outro. Já é outro, todo tempo até encontrar *paiko* quando trepar. Quando *paiko* trepar, lá vem o caboclo trepando ali, aí sopra ele. Fazer fuuu. Ei, botar mesmo aqui. Aí, *paiko* caiu, [ininteligível] de repente. Venenada aquela coisa dele né. Caiu. Quando mulher [fala ininteligível], vê a queda do, do marido dele. Mulher foi lá. Quando ooo, oooo. Aquele, o menino já caiu. Eu vai espiar lá. Aí, vai. Outra mulher sem curumim não. Outro tem curumim. Curumimzinho, pequena. [pequena]. Uhm, a outra mulher dele não tem não. Ela foi lá correr pra onde tá ele. Ela reparar cai aonde tá a queda dele, mas não, não tava não, quem tava Adjaba. Tava danado, amarrar todo, com envira. Envira não, com cipoal. Cipó com cipó, tudo, amarra até aqui. Amarra aqui no pescoço [todo encolhido assim]. Bem encolhidinha, bem encolhidinha, envira aqui pra levar na costa, botar na costa.

E.: Pra levar.

K.: Depois outra dizer, foi Adjaba matar nossa marido. Foi? Foi, minha irmã, aí deixa pera aqui aí. Quando Adjaba vai botar na costa, mulher dele vai reparar. Mulher dele fica atrás, outro fica, não tem curumim, fica, igual com ele. Outro vai fazer o caminho na, atrás. Com curumim no braço. Não chora também curumim não. Não chora nada. Só, outro mulher solteiro foi mais ele, todo tempo. Adjaba não quer nem espiar mata. Botar *maripɜ* [zarabatana]. *maripɜ* nome dele. Dele bota na costa *paiko* vai embora. Andando pedaço, andando pedaço, até na terra, todo tempo, todo tempo na terra, todo tempo na terra até chegar no buraco. Dentro do buraco aquele, dentro da terra. Assim.

E.: Dentro da terra?.

K.: É.

E.: Casa dele.

K.: Na frente do igarapezinha. Tem um buraco assim. Te-, terreiro assim. Aí, demorou outro tá chorando, eu quer *kidamim*, *kidamim* [quase canta]. Curumim dele assim ...

E.: Curumim do Adjaba?.

K.: É, curumim do Adjaba. Que, quer miolo. De gente.

E.: Quer o que?[alguém atrás ri].

K.: Querer miolo de gente, de cabeça, miolo.

E.: Ah, miolo.

K.: *Kidamim, kidamim.*

E.: *Kidamim* é miolo.

K.: Chamar *kidamim* miolo, nós chamar *kidamim*.

E.: *Kidamim*.

K.: Tudo, tudo nós chamar *kidamim*. Tudo caça nós chama *kidamim*. *Bahsi kidamim, mok kidamim, hitsan kidamim, kamudja kidamim*. Tudo, assim. [ininteligível] chama *kidamim*, chorando, na beira do coisa dele. *Ham kidamim* [toma miolo; continua em Kanamari]. Joga *paiko*, bota *maripɜ* dele bem acolá, na frente. Você vai ficar aqui. Quando chegar gente você va-, dizer, gritar, quando vê aí eu vem aqui. Aí, deixaram. Deixaram, fazer jogar curumim aí. Aí corta tudo. Come *paiko* todinho ali. Moqueado. Parece que moqueado.

E.: Deixou curumim na frente?.

K.: Não, foi Adjaba, Adjaba, com curu-, curum-, o, o mulher ficou. Deixar até o *maripɜ* dele. Vamo embora buscar. Vamo. Mulher dele, mulher dele, todas dua. Buscar *maripɜ* do, Adjaba. Botar pendurado assim. Botar assim.

E.: Pendurou?.

K.: Pendurou assim no canto.

E.: No canto.

K.: No canto dele mesmo. Adjaba deixar. Mais longe, a porta dele acolá, o, a coisa dele aqui. Aí quando mulher dele vem, pra buscar *maripɜ* dele. Do Adjaba. Quando perto, quase pegar, ele mas tá gritando. *Ee wara, ee wara* [ee dono], Adjaba vem correr em cima mulher correr também.

E.: Quem gritou?.

K.: Foi, ... esse, o, coisa dele.

E.: Coisa?.

K.: *Maripɜ* dele. *Maripɜ*, gravatana [ah]. Gravatana, *maripɜ*.

E.: Gritar.

K.: Gritar, *maripɜ* dele, gritando como gente assim. *maripɜ* do Adjaba da, só gritando mesmo. Outra coisa sabe, do Adjaba. Aí, agora o que nós fazer? Agora nós tira barro. Barro você tapar a boca, pra cá, outra pra cá, você tapa assim. Eu tapa também pra cá, você tapa pra cá também. Sim. Aí, tira barro. Boa barro né. Barro bom, aí, vai, vai, foi no meio. Não vai mais pra cara dele não. A cara dele é a ponta dele né, o buraco dele pra colá, outra ponta pra cá. Aí, quando chegar, aí o outro mulher tapa fazer buuf. Não fala mais não. Bota barro aqui no buraco. O tapa mesmo assim. Tapou buraco.

E.: Tapou toda.

K.: Tapou, tapou, irmão dele pra cá tapou outro tapou pra cá.

E.: Um de um lado outro do outro.

K.: Sim, tá segurando, outro agüentando lá, outro agüentando na ponta dele. Aí levando, vai embora. Não disse mais nem pro dono dele. Já levar.

E.: Tapou.

K.: Tapou todinha com barro já foi lá.

E.: *Maripɜ*.

K.: Uhm, *maripɜ*. Tapou boca do *maripɜ* todinha.

E.: Não fala mais.

K.: Não chora mais não, não grita mais pro dono dele, já foi le-, levar pra casa dele. Aí vai, vai, vai, vai, vai, até chegar aonde tá Adjaba matar *paiko*. Aí passar por aí, até chegar no casa. Chegando chorando no caminho. Agora marido dele vem cair no, no patawazal. Patawa, trepar no patawa quando marido dele cair agora morrer. Mulher dele tá chorando, Mais va, o, mulher vai leva coisa, *maripɜ* na costa. Não tira barro dele não. Levar *maripɜ*, para mostrar irmão dele lá.

E.: Para quem?.

K.: Tem muito irmão aquele da casa, sabe. Mas buscar só patawa dentro do mato. Aí quando chegar lá. O, *iya* [irmão, mulher que fala] ... [fala Kanamari, que marido foi flechado]. Cunhado sabe. Morrer só cunhado com esse coisa. Adjaba matar ele. Já foi, levou, já comeu. Agora nós trazer *maripɜ* dele pra cá, gravatana dele. Mas tapado. Agora tem aí fala muito. Vai tirar barro. Vai, *paiko* tirar barro todo furar, aí gritar à vontade. Deu machado tudo, quebra todo no meio, bota no, dentro do fogo. Queimou todinho *maripɜ*

do Adjaba. Quando chegar *paiko* tira barro todo, chora que só ele. Ee wara, ee wara, ee wara, aí tá vendo. Por isso que nós botar barro todinho na boca. A primeira que nós buscar ele mais todo falando de ee wara na boca Adjaba reparar nós, nós já correr pra cá. Nós tira barro, nós tapar, nós trazer ele. Aí quando chegar no meio dentro da casa, da maloca, grita, grita, *paiko* matar ele com *tsowi* [machado]. No meio, quebra todo no meio um bocado, aí ... Botar dentro do fogo. Queimou. Todinho. *Maripɜ* do Adjaba. Vem, arrumar *pahki*, arruma todo, amanhã bem cedinho. Hora desse *paiko* já tá matando Adjaba lá. Aonde tá o cunhado dele morrer. Adjaba comer, pegar ele, até o mulher dele foi também com ele. Mulher até matar mulher também. Todo de Adjaba mata todo de, nós todinho [pausa].

E.: Como foi que mataram Adjaba?.

K.: Foi ela mesmo. *Pahki*, queimou, todo buraco sabe.

E.: Queimou.

K.: Queimou um bocado.

E.: Com *pahki*? [pimenta].

K.: *Pahki* também.

K.: Tudo. Todo fazer coivar à vontade, bem queimadinho, bem em cima do buraco.

E.: Buraco na terra?.

K.: Uh, Adjaba tá lá dentro. Demorou pouco, Adjaba tá mijando [ininteligível] lá, fazer xii, mijando muito, demorou pouco Adjaba correr. Dentro do fogo, bem em cima do fogo passa pra cá, tem medo de queimar mais não. Vai morrer mesmo. Quando chegar *paiko*, o, mata ele. Correr, pega ele lá, mata ele. Demorou pouco, mulher também correr. Aí mulher também vai, matar ele. Demorou pouco, *paiko* de novo, *paiko* mata também. todo assim. Até morrer todinho. Não fica mais nada, percurar, não tem mais Adjaba não. Só tem cinco. Aquele pouquinho né. A outra, aquela outra, que ele disse pra outra, aquele muito. Tem muito aquele.

E.: Aquele tem.

K.: Esse aí não. Acabar Adjaba aquele. [Mito 61].

(1) K.: (“)Djanim é pajé grande, “maior que nós”. Ele tirou djohko de garça, *tohnim*, aquele grande e branca. Com este, ele subiu ao céu. Passou três dias lá. Uma mulher Kohana, *kohana’anya*, se aproxima de Djanim que está descansando na rede, com vontade de foder com ele (2). Mas Djanim é homem inteiro, não é alma não. Quando a pomba dura dele entra nela, ela grita ééé, duro demais. Ela pensava que era mais mole, como é das almas, quando fica mais mole. O Kohana não quer mais ele lá não, diz para só voltar quando morre. Mas ele diz que a mulher dele também quer cantar Kohana no céu, e eles voltam juntos ainda (3). Conversa, bebe *kuya*, come banana, e de noite canta warapikom. Ele trazer *kuya* de lá e depois dono da caçuma, três mulheres. Ah não, este foi Warɜ’im, Djanim não fez isto não, este só foi passear lá em cima. Warɜ’im estava num lugar chamado Aracati, lá no Juruá, o pessoal Kadjikiri Djapa tinha ido morar lá. Todos dois buzinavam quando chegavam lá no céu, para o pessoal em baixo saber. Warɜ’im também passou lá inteiro, e ia lá para fazer festa. Agora Warɜ’im mora sozinho, numa casa dele, com um terreiro bonito e limpo aí também, o resto do pessoal mora mais longe. Warɜ’im trazia mulheres Kohana de lá de cima para cantar aí.

K.: Só Warɜ’im, só Kohana’anya. Só beber *kuya* dele, não beber *kuya* daqui não. Assim não sobe. Pra céu, não volta nunca mais, fica pesada esse caçuma. Pra ele. Lá, lá de cima dele mesmo, fica mais maneira sabe. Bebendo *bari* [banana] dele, bebendo caçuma dele, até amanhecer o dia. De manhã mais cinco horas. O, Warɜ’im deixa ele. Caboclo já vê todinho *Kohana’anya*, esse caboclo que vem passear.

E.: Warɜ’im trouxe.

K.: Trouxe lá de cima.

E.: Pra cantar aqui.

K.: Tá aqui, todinho, cantar assim aaaah, só cantar Kohana [o ritual]. Achar graça cantiga [ininteligível] de Kohana fazer aaaa [palavra Kanamari]. Irmã [ininteligível] canta [ininteligível], fazer acha graça assim. *Kohana’anya* três, quatro parece que vem quatro. Tudo novinho, novinho, novinho, novinho.

E.: Para cantar.

K.: Uhm, cantar, cantar, canta Warɜ’im. Fazer Kohana com ele. *Oparanim*, *opara* [amanhecer], subir, cinco horas da manhã, não tem amanhecer tudo

não. Aí, subir, voltar. Mais dia um pouco, vontade vai de novo. Warɜ́'im foi lá, ela pediu pra vem cantar mais aqui Warɜ́'im trazer *kuya* dele pra cá. Trazer tudo, até banana. Aí, quando chegar, Warɜ́'im buscar ele. Deixar, outro, deixar outro, deixar outro. Quatro viagem ele fazer. Aí, tudo, de noite já. De noite tudo cantar, cantar, canta quando amanhecer o dia, volta todinho pra trás. Warɜ́'im deixar. Todo dia Warɜ́'im fazer assim. Warɜ́'im solteiro. Não tem mulher não.

E.: Não?.

K.: Não. Por isso Kohana querer ele. Demais né?

E.: Querer por isso?.

K.: Kohana querer, Warɜ́'im Kohana mesmo. Subir pra lá, passar dia lá. Nunca voltar. Só quando gosta de [ininteligível] Warɜ́'im, ah lá pra Warɜ́'im. Cantar que tá, Warɜ́'im. Agora nós vai lá pra você nosso terreiro todo bonito, bonito mesmo é a casa, todo bonito, quarto tem tudo. Já tem banana, banana à toa nós não bebe não Warɜ́'im, agora nosso daqui nós leva tudo pra lá. Nosso de, nós fazer *kuya*. Pra nós levar pra lá, viu Warɜ́'im, assim.[pra baixo]. Pra baixo. Warɜ́'im você vai deixar nosso de *kuya*. Warɜ́'im trazer dentro de, pote parece. Warɜ́'im trazer, vai deixar. *Kuya* dele, aí Warɜ́'im voltar. Buscar mulher. Warɜ́'im trazer dois mulher. Cada um.

E.: Cada uma de um lado.

K.: Lado ao lado, aí deixar. Vai buscar mais dois, quatro. Tudo brincando. Só ela que canta. Os outro também homem não vai não.

E.: Não?.

K.: Não, só Kohana'anya mesmo.

E.: Kanamari aprender Kohana lá?.

K.: Foi, de lá mesmo.

E.: De lá mesmo?.

K.: É de lá mesmo, tem Kohana muito lá, que aprender lá foi, de lá.

E.: Foi Warɜ́'im, foi Djanim?.

K.: Warɜ́'im foi lá quer aprender lá de no-, Warɜ́'im, o Djanim também aprender lá, de Kohana. Aqui não tem Kohana primeiro não, só tem lá em cima. Quando essa camarada foi lá, de fazer vai lá, lá sabe tem Kohana, sabe. Ela gosta de lá, todo tempo vai lá. Até pra cantar, pra aprender ou-

tro daqui. Nessa pessoa, sabe. Pra aprender. Djanim aprender ele. Warɜ'im também aprender seu pessoal. Da mulher daqui. Warɜ'im cantar Kohana. Agora quando Warɜ'im vai lá, quando chegar manda limpar terreiro, tira camisa de *wakoama* [camisa]. *Wakoama*, todinho. Do *ihkira* [buriti] mesmo, de *ihkira*. bem tecido mesmo. Aí, Warɜ'im fazer Kohana, é pra deixar aprender deixa mulher. Depois Warɜ'im vai lá de novo, vem, aprender deixa mulher todo dia aprender mulher. A Kohana de Warɜ'im. Todinha, aprender muito mesmo, até Kohana se, *Kohana'anya* vem. Ele dizer pro tuxaua, agora eu vou trazer, *Kohana'anya* pra cá. Pra cantar aqui pra você ver. Pra você não vai fazer enganar eu que enganar pra você.

E.: Disse que era mentira?.

K.: Ela foi. É, mentira. Você pensar eu só mentira. Não é mentira não. Agora você trazer *Kohana'anya* pra cá. Aí, trazer mesmo, trazer até o caiçuma dele. Esse pessoal não, não beber caiçuma não. Não deixa pra beber, só ele que beber mesmo. Quando este pessoal com-, beber caiçuma com ele, a dele mesmo, faz mal. Faz, nunca mais sair daí não.

E.: Como?.

K.: Não sai mais daqui não, *Kohana'anya*. Pra subir.

E.: Não sobe mais?.

K.: Só a ela que tá bebendo. Ela, ela deu só pra Warɜ'im, Kohana, pra Kohana. Deu só pra Kohana, pra Kohana, ele também beber, ela também beber até acabar. Caiçuma dele. Trazer *barihi* também, cozido de bari, também, trazer pra cá. Tudo pra Kohana. Esse pessoal [ininteligível] não toma não. Assim Kohana não vai embora não. Vai ficar todo tempo aí.

E.: Aprendeu assim.

K.: Assim que aprender kohana. Warɜ'im todo dia aprender, de Kohana, aprender até mulher. Mais dia, depois Warɜ'im não vai mais pra lá não. Agora só cantar aqui. Já aprender mulher.

E.: Djanim também não foi mais.

K.: Não foi mais não, só quando foi, só quando morrer.

E.: Quando morrer.

K.: Uhm, Kohana querer ele só quando morrer.

E.: Kohana não vem mais não.

K.: Não vir mais não. Já foder a mulher com pomba dura![risos]. Não vai mais pra lá não.

E.: Não pode.

K.: Não pode não. Kohana não querer mais lá não.

E.: Só morrer, só depois de morrer.

K.: Só quando depois de morrer você vem pra cá Djanim. Você não morrer, você vem inteira, não presta não, você mata mulher com pomba dura.[risos]. Ah Djanim com pomba não dá nada, nem cumprida dele assim [ininteligível]. Ah não, *Kohana'anya* não gosta não, *Kohana'anya* só gosta mais mole. Quando minha [ininteligível] fica mais molinha é nossa. *Kohana'anya* não gosta de, *Kohana'anya* que disse. De pomba dura mesmo assim. *Kohana'anya* não gosta não. Ela sabido. Mulher sabe que tá vivo né. Não morrer não. *Warɜ'im* mesmo lá assim também.[Todos dois são Kadjikiri Djapa. Ele ainda acrescentou que o pessoal chegou a Aracati porque fugia de caruara]. (...) Primeiro pajé, não tem nada ainda não. Depois que outro pajé, Djanim aprender outro pajé. Aí quando morrer Djanim, aí ...

E.: Fica outro.

K.: Ficou outro, até esse mais fraco, outro mais fraco, ficou outro mais fraco sabe.

E.: Hoje em dia.

K.: Hoje não tem mais não, não tem mais não. Aquele não aparecer mais não. Pra nós aquele não aparecer mais nunca. Já foi, parece que vai pra ... [está se referindo às pedras, que Djanim levou o *djohko tohnim*, e que também a pedra *piɜda* aparece, mas é difícil. Lembram um xamã forte dos Om Djapa, mas também é só forte aqui, não vai mais para o céu não. Só os dois mesmo que subiram e o *djohko* com que voaram não apareceu mais]. (...) Aquele de voador não, não aparece, não fica não. Avoar mais com dono dele. Quando dono dele de tarde doente pra morrer aí botar, aí avoar com ele. É assim. Avoar ... Quando aquele morrer, botar aí, enterrar aí, saiu, avoar com dono dele, a de alma. É.

E.: Já foi.

K.: Já foi voando com ele. Djanim fica morrendo [ininteligível], fica só couro dele. Alma já foi. *Tohnim* levou todo pra céu. É assim, *Warɜ'im* também mesmo assim. Parece que *Warɜ'im* já morreu, não sei que, parece que não morreu não.

- (1) Este mito foi pedido meu.
- (2) Lit. tia paralela que é Kohana, termo genérico para mulher Kohana.
- (3) Sobem de *djohko*, abraçados e de olhos fechados.

[Pausa; depois de ouvir uma parte da gravação, ele continuou].

K.: *Hudja* [macaco preto] *Kamudja* [guariba], *Kadjo* [coruja]. *Kadjo* quer tirar, gravando fogo. Do *Hudja*.

E.: Ele que tem fogo.

K.: *Hudja* tem fogo. Muito fogo. Até lá, serin-, seringueira grande que morrer, o, *Hudja* bota fogo. Pra queimar. Queimar muito, [parece que fala nome seringueira em Kanamari]. Quando acabou outro lado, *Hudja*, *Kamudja*, *Kamudja*, *Kamudja*, *Wadjo*, *Wadjo*, *Wadjo*, *Wadjo*, todinha. Todo Macaco. Sentiu, tudo, com cassete tudo. Cada qual com seu cassete na mão. Pra matar *Kadjo*. *Kadjo* quer tirar *ihstanonpɔ* [fogo pequeno]. No meio da gente aqui. Pra ele também, não tem fogo também não.

E.: Só Macaco que tem?

K.: Só Macaco tem fogo. Não deixa nem pra outro não. Não deixa de jeito nenhum. Não deixa de jeito nenhum. Quando ... *Kadjo* tá lá em cima. Quando acabar avoando, brigar muito. Pode vir pra cá, nós, quando você vem pra cá, nós matar você. Tudo com cassete, cada um todo. Quando demorou pouco, demorou pouco, o *Kadjo* vem avoar pa cá, vauf [interrupção]. Levarg logo, nem não pode nem bater. Carregou. Um carvão assim, na mão. Com a unha sabe. Senta lá no alto do pau. No galho do pau. Aí dentro aí, ... com ... serin-, seringa morta também lá. Mas seco, quando chegar lá *Kadjo* botar, fazer fogo lá também. Já tirou dali. Aí, acabar os outro, já tá com raiva todo pra outro ... Nós espiar *Kadjo* quando tirar fogo daí. *Kadjo* fazer fogo lá, não precisa mais fogo não. Já tem, queima pedaço dele. Já queima pedaço. Agora. Agora nós vai, mandar aquele Sapo. Fazer ho, ho, ho, aquele Sapo aí.

E.: Como chama?.

K.: Aquele ... *Ho*.

E.: Nome dele.

K.: *Ho, Ho*. Nome dele *Ho*, você não vê cantando nessa hora?

E.: Sei.

K.: Foi, aquele *Ho*. Quando dia de chuva, tá cantando assim né. Foi. Já passou, *Ho*. Aquela. Vamos mandar ele.

E.: Macaco que fala.

K.: Macaco mandar aquele *Ho*. Levar água, pra, apagar fogo do *Kadjo*.

E.: Tava com raiva.

K.: Levar, fica com raiva. *Ho*, agora você vai levar água, você vai apagar fogo do, *Kadjo* lá. Sim, eu vai lá. *Aí, Ho* quando chegar lá, leva água. Levar água, levar água, até encontrar fogo do *Kadjo*. *Kadjo* só, tem bocado de gente também, tem bocado de *Kadjo* também. *Aí, quando chegar lá. Ho ... fa-, Ho bo-, o, o, com água. fazer boof. Aí apagou fogo. Com água. Ho* que botar água em cima dele. Pronto acabou-se. Agora de novo. Vai buscar de novo. *Aí vai tomar, outro fogo ainda. Aí Kadjo, depois demorou pouco, Kadjo vem de novo. Ela, ela, Macaco manda ele pra ... botar água no fogo dele. Agora vem atrás de novo. Kadjo* senta lá de novo, no galho do pau. Agora você não mexer mais não. Nós não deixa nem mais nada, agora todo cuidado aqui. Todo soldado aqui, nunca acabou. Brigar muito, *aí avoadá muito mesmo. Só brigando com cassete no chão. Pra matar Kadjo. Mas não mata Kadjo não. Kadjo dá uma reza grande pra ele, aí. Quando já tá bem crescida a coisa, Kadjo voar, tirar de novo. Aí pronto. Nunca mais Kadjo ma-, o, Macaco não mata Kadjo não. De jeito nenhum.*

E.: Levou de novo.

K.: *Aí, levar fogo de novo. Aí nunca mais aparecer mais fogo não. Kadjo* fazer longe agora. Não fazer mais perto do Macaco não. Assim aquele *Ho* botar água de novo. Agora vai fazer fogo mais longe, longe, longe mesmo. *Aí, apareceu fogo, até do caboclo também. Agora com mais dia, que Kadjo* aparecer com fogo, depois caboclo toma de conta também. Pronto, não acaba mais não. Até hoje né.

E.: Só depois né.

K.: Só depois, quando acabar tem apareceu caboclo também, caboclo toma de conta, *Kadjo* entregou. Pra gente também sabe.

E.: Pra gente.

K.: É. *Kadjo* também gente. De que Macaco não entrega pra gente não. Só quando *Kadjo* tira fogo pra botar, pra entregar pro caboclo. Quando caboclo pegar tomar de conta, aí não acaba mais, até hoje né. Até o cariú também.

E.: É?[risos].

K.: Aí espalhou fogo todinho pra caboclo, no, quando *Kadjo* não tirar não tem fogo não ... *Kadjo* tirar todo pra gente. *Kadjo* gente bom mesmo. Entregou fogo pra gente.

E.: É.

K.: Pra não comer cru né. É gente bom mesmo, *Kadjo*. Coruja grande, aquele coruja olhão. Aquele gente bom mesmo. Essa história não é grande.

[outro intervalo; mas depois retoma].

K.: Tem um irmão. Irmão mora mais ele, tem um cunhada. Tem três cunhada assim, dois cunhada, três com ele. Depois quando não aparece nem uma coisa pra co-, comer, aquele couro velho, do pau velho, o pau velho que ele disse tomar. Omis [quer dizer omesca].

E.: Como é que chama?.

K.: *Omamdak* [casca de pau].

E.: *Omamdak*.

K.: Uhm, é pra comer. Não tem nada coisa, só comer com pau, o casca do pau.

E.: Uma mulher.

K.: Uhm, uma mulher.

E.: Com dois cunhados.

K.: To-, tá com dois cunhado. *Hitsan* [caititu] também. *Hitsan* irmão do, irmão dele mesmo. Irmão dele casar com caboclo mesmo, sabe. Irmão não é porco não, só mulher mesmo, irmão dele. É porco. Aí quando falta, ela tem *wadja*. *Wadja* cará né, do mato.

E.: Batata do mato.

K.: Uhm, cará do mato. Ela mesmo *nimkote* [fezes] dele, não é, dentro do mato não. Ela cagar, aí vira cará. Ela cagar na frente, virar cará. Caga na frente mais, vira cará. Todo tempo isso. Bota dois pra uma. Dois pra outro, uma

pra ele. Uma pra ele, cinco. Cinco batata que ele manda fazer. O cunhado agora você fica aqui. Você fica aqui, fazer pera, eu vou reparar *wadja* pra cá. Nesse mato pra lá.

E.: Fala pra quem?.

K.: Com a mulher.

E.: Com a mulher.

K.: É, a mulher fica aí. Mulher fica aí, tá fazendo pera por aí assim. Depois quando, demora pouco, vamo embora já, já, eu já achar quatro. Cinco com ele. Já cagou, cagou, cagou até virar cará todinho.

E.: Cagar depois pegar.

K.: É, depois vira cará.

E.: Ela mesmo pegar?.

K.: Ela mesmo pegar, ela ruma, ela caga no mato mesmo.

E.: Aí.

K.:... chama *wadja*. *Wadja*. Não é cará de plantada não, cará de plantar de porco mesmo, *animkote*. É toda merda do porco. Ela vira cará todinho.

E.: Nome *wadja* mesmo?.

K.: É, *wadja*. Aquele cará do mato. *wadja* nome dele. Aí, depois que ele vai mais ele. Vamos embora, vamo embora, andando pedaço, tá aqui. Pode cavar, você vai tirar. Andando tá, tá aqui a tua também, não tem dois aí não, só tem cada um uma. Cada uma todinha. [ininteligível] Essa sua aquela do outro dele também. Aí, ele foi quando, eu vou reparar pra mim, lá também na frente, viu. Você fica tirando a tua aqui, eu vou reparar pra mim também. Vai pra lá mais. Tirar dele lá. Fazer uma pera. Grande assim, são daquele grosso o *wadja*. Como desse pau assim. Todo assim. Quando pronto dele, que ele, a mulher tava, tava cavando dele. Cavando devagarzinho, eu vou lá, não fazer isso não, minha cunhada. Vai pegar mesmo no, no tronco do *wadja*, vai forçar assim como macaxeira. A gente arrancar. Aí fazer tsu tsu-uee. Fazer, aí botar aqui. Aí, cavar com pedaço ponta dele todinho vira bota [ininteligível] uma. Assim, assim, a gente fazer assim. Aí fazer outro, fazer uma pera todo bonito, grande. Pera como macaxeira, sabe. Cada ruma grande, *wadja*. Hora desse já chegou. Quando chegar, fazer fogo, cozinhar todinho né. Ela cozinha dele também, ela botar um bocado, guarda pro irmão dele.

Quando irmão dele chegar com jacaré, paca que ela matar. Tudo, coisa trazer tudinho ... caça pra comer. Tá aqui pra ele. Tá aqui do meu irmão, Quando irmão dele chegar aí, tá aqui sua comida. *Wadja*, uma ruma aqui, cozido sabe. Aí, comer à vontade. *Mion* [irmã, homem que fala], agora você vai fazer todo dia assim. Pra nós não ter pau mais. Assim.

E.: Não tinha *tawa* né?.

K.: Não tem *tawa* [macaxeira] de jeito nenhum. Só aquele coisa mesmo.

E.: Só *omamdak*.

K.: É, primeiro tempo. Primeiro tempo. Só aquele negócio mesmo. Porco, porco fazendo, fazendo, fazendo até pra outro, meio outro *wadja*, porco já foi embora. Não vai ficar mais trabalhando não. Eu vai embora. Agora você não vai comer mais ... *wadja* mais não. Eu vai embora. Vuuf, já foi embora. Até com saudade com ele mas não aparecer mais não. Nunca mais vem nem pra casa. Já foi embora. Ela pedir três irmão que vai embora. Eu vai embora.

E.: Foi só?.

K.: Já foi embora não volta mais não. Só essa mesmo, só.

E.: Ela foi sozinha.

K.: Ela vai, ela vai sozinha. Solteiro.

E.: Irmão fica?.

K.: Irmão todo ficou, casado aí, com caboclo.

E.: Não tem mais pra comer?.

K.: Não tem mais cará comer omesca de novo. Só amito [palmito] de pau mesmo. Comendo. Porco já foi embora.

[continua direto].

K.: Aí ... até a mulher também. A mulher que foi, a mulher foi mais ... mais marido. Casado com marido. Mas a mulher não gosta de *paiko* não. Aí, o, a, o, o, o marido dele disse pra ele: vamo embora dar uma caçada, flechar passarinho, flechar tucana. Flechar todo uma coisa mesmo pra nós comer assada aqui. Vamo embora mais esse. Você nunca anda mais eu. A mulher foi ficar, de atrás. Mulher fica atrás, o macho foi na frente. Com taquara no, com, o taquara, com arco na frente. *Paiko* espera ali nada, mulher não vai nada. Eu vai na frente. Já foi na frente. Já foi na frente, a mulher fica atrás. Muita

devagar por aí. Porque não gosta do homem dele não. Aí flecha até um bocado quando adiante ela encontra com, com outro homem. Com outro, até bonito. [ininteligível], homem bonita mesmo [mulher pergunta]. Bonito mesmo. [acaba fita, troca].

K.: Aí encontrar outro homem, outro homem o marido dele já passou. Ele vai por aqui viu, sim, eu vai, vai, vai, você passar. Aí quando entrar por aí também, mas quebrar pau, fazer um caminho. Quebrando, entrando por aí mais marido, da outra, da outra camarada. Entrando, ele andando pedaço, andando pedaço, só que ele vem lá. É você? É você. Eu mesmo. Então embora pra cá, ela foi andando até dentro do mato já. Oo, o marido dele foi dar uma caçada dentro do, de um caminho, pra lá pedaço.

E.: No varadouro.

K.: Flecha tucana, flecha uru. Flecha muito passarinho. Hora dessa, o menino já chegar, o marido dele. Hora desse mesmo. Chegar com bocado de, de, de, passarinho que tá flechando pra cá. Depois a mulher dele disse pra ele, cadê tua mulher rapaz? Eu não anda com mulher não. Mulher já, já foi tratar pa você, você ped-, você vai dizer pra ele você vai na frente. Mulher atrás de você. Cadê mulher? Você não matar não? Não mata não. Ele disse não encontrar pra mim no caminho, esperei dali mas não, não foi nem chegar. Eu vai embora. Na frente. Aí contrar outro, homem vai mais ele. Mais *Piɔda*. *Wana* [às vezes parece dizer mais *Wa'ana*]. Nome dele. *Wana*.

E.: Era *Piɔda*?

K.: É, *Piɔda*. *Wana*. Bonita né. Ela vai, o nome da mulher, *Kaiawɜ* também, *Kaiawɜ*. *Kaiawɜ*.

E.: E nome de *paiko*?

K.: *Kaiawɜ* vai mais *Wana*. *Wana* que vai perder ele. Chama ele, pra, vai embora. Quando mais lá dentro, aí encontrar *wadja*. Cará. *Wadja* [nome do cará].

E.: *Wadja*. [pausa para se rearrumar].

K.: Encontrar *wadja*. Encontrar *wadja*. Contrar *wadja* quando não, já nadando, levar *kawɜhbɜ*. Jabuti. Até aqui assim, jabuti.

E.: Quem levar?

K.: *Wana*. Mais mulher. Levar na frente, encontrar *wadja* de novo, aí tirar

wadja. Tirar *wadja*, *wadja*, cavando *wadja*, tirando todo. Depois dizer mulher. A mulher: você tá com fome, eu tá com fome. Sem fogo. Aí botar *kawʒhbʒ* aqui. Botar *wadja* aqui também. Botar outro *wadja* aqui, botar outro *wadja*. Três *wadja*. Botando essa.[embaixo do braço; i.e. axilas]. Do braço. Botar outro aqui. *Kawʒhbʒ* aqui nessa coisa aqui.

E.: Entre as pernas.

K.: Sim entre as perna, encolhida assim.

E.: Encolhida.

K.: Uh. Até queutar todinho. Bem assadinho, assar *wadja*, assar *kawʒhbʒ*, assar tudo. Fica assadinha. *Kawʒ* fica molinha. demorou pouco, tira todinho, pode comer.

E.: Kaiawʒ fazer assim?

K.: Uhm, cozido todo, já todo cozinhando. A, qualidade de gente sabe, *Piʒda*. *Piʒda* fazer assim, Ubana nome dele. Aí, Kaiawʒ comer à vontade, comer, comer mais ele. Vamo embora. Na frente, na frente, na frente, fazendo caminho, Kaiawʒ fazendo caminho todo tempo, que- fazendo quebrando. Quebrando caminho todo tempo, todo tempo lá no igarapé. Andando no igarapé, deixando o igarapé ao lado do igarapé no lado de lá, vai já anoitecendo. Vai, depois quando homem chegar, não tem mais mulher anda não, anda mais mulher não. Até irmã dele [ininteligível] dele tá matando nossa de, de irmão.

E.: Como é?

K.: Caboclo disse pra cunhado dele. Não tem mais mulher, já parece que já matar. O homem já tá reclamando ele isso.

E.: Reclamando?.

K.: Tá reclamando pra matar nossa de irmão, vamo embora reparar primeiro. vamo embora reparar, reparar Kaiawʒ fazer pique aqui ali, irmã dele atrás dele, de tarde já. De tarde. Foi, foi, foi, contrar só casa de casca de, cará, casca de, *kawʒhbʒ*. Kaiawʒ tá comendo, Wana tá cozinhando pra ele. Aí na frente, na frente, na frente, aí acabou pique. De quebrado. Acabou-se. É precurar. Irmão precurar, precurar, não acha nem um pique mais, nem um pau quebrado mais. Acabou-se a, o pique de Kaiawʒ fica aqui mesmo. Dá um grito pra ele. Irmão dele grita, Kaiawʒ [grita]. Hooo [grito], Kaiawʒ tá gritando dentro do barro. Wana já enterrou ele.

K.: Enterrou?.

K.: Já, com Wana mesmo aí. Tá na chão. Por baixo de no chão. Kaiawɜ.

E.: Enterrou porque?.

K.: Porque tá morando com ele lá.

E.: Ele mora lá?.

K.: Wana não não, não enterra aí, pra nascer. Taboca.

E.: Wana taboca?.

K.: Wana taboca. Tamanho como desse pau [riso]

E.: Sim, pra nascer.

K.: É pra nascer. Tá morando dentro da terra Kaiawɜ, mais ele, mais Wana. Morando mais Wana lá. Depois, gritar de novo, Kaiawɜ, hooo [grita]. Tá aqui, vamo embora cavar. Abriu assim, Kaiawɜ, hooo, aqui, tá aqui vamo embora cavar, ele cavar, cavar, cavar, não contra Kaiawɜ não. Já tá de noite. Já amanhecer de noite, amanhã, amanhã nós tira ele. Aí deixar.

E.: O marido e o cunhado?.

K.: O marido não, todos dois de irmão.

E.: Dois irmão?.

K.: É, irmão, irmão. Que, marido dele não vai mais não.

E.: Não vai.

K.: Não, não querer ele. Não gosta de homem, dele, deixa ele. Wana fica com ele. Wana esconde Kaiawɜ, dentro do barro assim, no chão, morar dentro do chão. E, aí, de manhã, ma-, o, irmão dele foi lá. Chega lá dá um grito Kaiawɜ, hooo, aí cavando barro lá dia todinho, até cinco hora. Não aparecer Kaiawɜ não, só gritando mesmo alí. Kaiawɜ -hooo, aí cavando. Kaiawɜ -hooo, tá pra cá, cavando aí, não encontra nem Kaiawɜ não. Kaiawɜ -hooo, tá pra cá. Assim tá perdendo também. Kaiawɜ Wana quer ver, e o, tá morando dentro do barro. Nunca mais aparecer Kaiawɜ mais não.

E.: Nunca mais?.

K.: É. Vamo fazer um negócio pra ele, fazer ... mingau de banana. Cozida, cozido banana, cozido *wa'akak* [ananás], tudo nós fazer isso, pra *Piɜda* vai lá, deixa Kaiawɜ pra nós. Vai tirar até camisa também, camisa cumprida, cantar *warapikom*.

E.: *Wakoama!*

K.: É, *wakoama* [camisa]. Fazer *wakoama*. Aí depois caboclo cantar no meio de terreiro. Cantar, cantar, cantar, chamar Kaiawɜ. Mais irmão dele, pajé [diz fajé] também sabe. Pajé também. pajé também, esperando lá na frente. Kaiawɜ. Demorou pouco, Wana cantando pra cá pra vem deixar Kaiawɜ, pra irmão dele. Aí, vai pra beber coisa de banana, de wa'akak também.

E.: Wana *Piɜda*.

K.: É, Wana *Piɜda* [interrupção]. Wan, Wana em, depois vai, Wana que cantar. Cantando, cantando, cantando até chegar.

E.: Canta o que?.

K.: Cantando o nome dele.

E.: Nome dele.

K.: É.

E.: Wana.

K.: É, Wana. Cantando o nome da mulher, cantando o nome da mulher dele também. cantando até passar, o, irmão dele pegar Kaiawɜ. Ela disse p-, pegar Kaiawɜ. Não sentiu [ininteligível] mais, nem *Piɜda* não sentir mais no *paiko* mais não. Tá, tá muito cantando pra cá no terreiro. Mais danado corre pra cá, vem, vem no *wakoama*. Kaiawɜ com *wakoama*, ele tá com *wakoama* também. *Piɜda*. Aí, depois Kai-, irmão dele pegar Kaiawɜ. Irmão dele pegar Kaiawɜ, conversar com *Piɜda*. Agora você vai beber wa'akak. Wa'akakhi [suco de ananás]. Aí, *Piɜda* beber wa'akakhi, barihi, *Piɜda* vai embora, voltar. Kaiawɜ ficar com irmão dele. Fica doido ele. Doidão ele.

E.: Doido?.

K.: Doido. Fica doido ele, Kaiawɜ.

E.: Porque?.

K.: Porque tá doido mesmo o que Wana, é assim dá uma reza pra ele. Dá reza bem, tá doido ele, o mulher- o irmão dele trazer pra casa, botar na maqueira, amarra beira de maqueira todinho. Kaiɜ fica aqui. Tra- tratando ele. Tratando todinho, tratando tirar djohko todo. Do Kaiawɜ. Pra não ficar mais bebo. Tava bebo como cachaça, sabe.

E.: De djohko né.

K.: É djohko. porque *Piɜda* dá reza grande pra ele.

E.: Botou muito?

K.: Uhm, de Wana mesmo, perdendo mesmo ele. Perdeu mesmo ele.

E.: Perdeu como?.

K.: Uhm, só perdendo mesmo.

E.: Como.

K.: Perdeu de reza da, *Piɜda* dá o reza pra ele, pra casar com ele.

E.: Reza para botar *djohko*.

K.: É, aí botar, pra ficar mesmo, virar Wana. Wana, na, *nabatsawa* [esposa dele].

E.: Pra virar Wana também?.

K.: É, pra virar Wana também. *Kaiawɜ*. Mas irmão dele que tirar, né. Aí, *Kaiawɜ* vai fica até melhorando até casar com marido dele de novo. Demorou pouco, na outro ano, Wana chamar ele, Wana buscar ele, nunca mais aparecer mais não. Pronto.

E.: Chamou?

K.: Aí, chamar aí quando Wana, mais Wana buscar ele. Até hoje *Kaiawɜ* não aparecer mais não. Não querer mais entregar pro don-, o, pro irmão dele mais não. Já entregou primeira vez, agora quando mais dia buscar de novo, não vai deixar mais não. Já ficar com ele mesmo lá.

E.: Na casa dele, morar com ela.

K.: Wa-, Wana vai perder até mulher do outro. Roubar ele.

E.: Roubar?.

K.: Morar dentro da terra, agora *Kaiawɜ* vira Wana agora.

E.: Vira Wana.

K.: Uhm, tem taboca.

E.: Taboca mesmo?.

K.: A Onça, Wana.

E.: É Onça também?.

K.: Primeiro tempo, agora não é mais Onça não, agora é tudo, taboca agora. Agora tudo taboca, não tem mais *piɜda* não. Mas mora, *piɜda* mora dentro taboca, agora onça morar lá dentro.

E.: Que qualidade de *piɜda*?

K.: *Piɜda* onça mesmo.

E.: *Piɜda kanaronim*?

K.: É de *piɜda kanaronim*, *kidjipɜ* [um gato menor] tudo morando dentro aí.

E.: Tudo.

K.: Tudo. Tudo, tudo, tudo, tudo.

E.: É Wana.

K.: Uhm ...[Mito 62].[continua direto].

K.: (“)Kodak *Padja*. Agora eu conversar outra, língua. Ele lembra que o Urubu tinha a planta do *makiari*, que era forte, enquanto o que tem aqui, *makiari pɜhnim* (vermelho), é mais fraco. *Kodak Padja* não mostro o *kupiná* primeiro não, só o mais fraco *makiari*. O caboclo foi pedir ao *Kodak Padja* e este dá *makiari*, dizendo para botar no igarapé e depois de uma volta deste, o peixe iria virar. Este não presta não, demora para peixe morrer. O caboclo diz para *Kodak Padja* que ele quer pescar e vai deixar peixe aí para ficar podre e Urubu comer. Parece que já não está muito satisfeito, e quer mais forte. *Kodak Padja* diz que, mais tarde, ele vai mostrar. Um tempo depois, ele mostra o mais forte, com só um pedaço para bater, os peixes morrem logo, *makiari tam*. Aquele *makiari tam* ainda tem por aqui, outro dia usaram para pegar peixe. Mas o *kupiná* não queria mostrar não. O caboclo foi lá para pedir mais forte, muito forte mesmo. *Paiko* conversou com ele até mostrar. “Só essa ponta da, do, do, do pena dele. Bem ponta da pena.

E.: Ponta da pena?.

K.: Essa ponta da, essa primeiro, pena, aquele pra avoar, esse aquele *aɜɜhnim* [vermelho dele]. Mas no meio *makiari tam*. Essa bem na ponta pena, bem fininha, aquele *kupiná*.

E.: Pena do Urubu.

K.: Pena de *Kodak Padja*. Uh, tirando do urubu. Tudo fazer isso. Quem sabe fazer veneno, foi Urubu. Tapete [ininteligível]. Até Tamakori também fazer. O, Jakwari também, Jakwari. Todo vai conversar agora, Jakwari também saber. Muito. Jakwari tirar, só *makiaripɜ*. Raiz de *makiari*. Só raiz. Cada qual um

pedaço mesmo. Enrolar, só uma enrolada mesmo. *Makiariompɜ* [*makiari* cipó pequeno] pequeno. Jakwari só esse mesmo. Como nós matar dentro do lago? Não assim já dá. Pode levar sua massa todinho pra beira do lago. Cada qual um pera de massa, tudo carregado pra lá ... Aí, só que não dá pra matar peixe não, dá, pra mim dá, pra você não dá não. Bem, você sabido mesmo, nós vai, *paiko*, todinho, levar com mulher e curumim tudo. Chega lá. Bater, de manhã cedo medo. Lago perto, lago grande, aquele lago do Juruá. Aí, bater, bater, bater, bater aqui. Batendo *makiari*. Só um pedaço mesmo. Só uma rodinha, de raiz, de *makiari*. Não corta *makiari*, *makiari'om* não [cipó]. Levar só raizinho mesmo. Chega lá bater, aí tem um bocado de gente. No lago, na beira, fazer fogo, fazer tudo. Fazer farinha de *tawamim* tudo. Mas, o, Jakwari, eu vou tomar banho. Agora eu, Jakwari tomar banho, no meio do lago. Levar *makiari* bem pequenininha, rodinha mesmo, até na cabeça assim. Quando no meio de, no meio do lago fazer *djukdjukdjuk* assim. Jakwari.

E.: Esfregou assim?

K.: Lavando, lavando, lavando esfregando coisa de *makiari*. Todinho. Todinho, todinho, todinho, todinho de morar pouco já vem peixe todo virando. Aruana, tucunaré, tudo, até sair até cobra, sair de tudo. *Kadjo* [jacaré], tudo sair. Tá vendo [ri]. Jakwari não brinca não, Jakwari forte muito mesmo. Aí gente botar, tudo botar né, botar moquinha de peixe bocado cada uma. Bocado aqui, bocado pra lá, bocado. Bota tudo *matsirɜ*, qu-, todo morrer. Morrer bocado de peixe mesmo. Morrer monó [ininteligível]. aruana, morrer peixinha, morrer todo todo coisa, cará, todo, que, sair todo pra beira. Todo caboclo só flechando, só flechando, só fle-, ruma cada um, todo ruma cada um. Não acaba mais não. Já morrer todinho, até lago seco. Urubu que vai aproveitar também. É assim.

E.: Jakwari que ficou com *makiari* forte?.

K.: *Makiari*, com forte de, do Jakwari também, *makiari*. D-, Jakwari correndo o pessoal. Você de fome agora eu vai botar *makiari* dentro do lago. Vamo embora levar massa todinho, todo fazer massa, todinho cada uma com a pera, depois quando planta massa de vocês eu vou tirar raiz de, *makiariɜ*. *Makiariɜ*. Eu vou tirar um pedaço de *makiariɜ*, eu vou levar só esse mesmo. Pra botar dentro do lago pra você comer. Pra mim tudo. Jakwari levar também, casada com a mulher também. Eu não disse.[conversa em Kanamari]. Bem *makiari* o, a coisa tirar leva pra lago.

E.: Mas aí *makiari* foi Urubu que deu?.

K.: Urubu entregou, mas Jakwari toma de conta. Quem sabe, mas Jakwari também saber. Jakwari mesmo, quem sabe foi ... casado com caboclo, maqueira, o, coisa.

- [se esclarece que ainda tem *makiari* forte, embora o *kupiná* é mais forte. *Makiari* faz os peixes ficarem “bebados”, *kupiná* já mata mais facilmente. Ainda menciona que tem um outro veneno, *kanahuan*, que cariú chama de saco, ou sacó, que corta, tira leite, e com o líquido mata tudo, até pirarucu. Este parece na ação com *makiari*, mas mata mais do que *kupiná*].

- [ele mesmo lembrou aí de *Kiow3*].

K.: *Kiow3*. A menina. Menina sabe. Tem irmão também, de homem. Casado com uma mulher. Mãe dele bonito assim, com o nenê. *Kiow3* tá aí. Cada um a buchada assim [alguém comenta, *Kiow3* nome dela]. Nome dele. *Kiow3* assim. Nunca saiu no canto. Quando fazer fogo. Aquele mesmo no [ininteligível] do fogo, o *Kiow3* morando ali. Nunca sai. Nem nunca anda não. *Kiow3* não anda não. *Kiow3*, *Kiow3* mesmo, assim sentado assim. Só que bucho dele todo assim. Bucho, grande bucho dele. Só querer comer cabeça. *Kiow3* [cabeça eu quero].

E.: Ah é.

K.: Uhm. *Kiow3* chorando, *kiow3*, *kiow3*, *kiow3*. Chorando, chorando, todo tempo. Chorando. Chorando mesmo, *kiow3*, *kiow3*. Querer cabeça, querer comer cabeça de caça, quando irmão chegar, querer comer *akidamim*. Miolo. É, querer comer *akidamim*. Só chorando, só chorando, só chorando, nunca comer carne, só cabeça mesmo. *Kiow3*. Cada qual um bucho assim. Pequena, mesmo pequenininha assim, menina. Cada um bucho danada. Mais dia, mais dia, todo dia irmão dele *Kadjo* [jacaré]. Todo tempo trabalhando pra ele dar comida pra ele, só comendo, só comendo, só querendo cabeça. Comendo na palha de, palavra dele não. Todo tempo querendo *kiow3*. *Kiow3*, *kiow3*, *kiow3*, *kiow3*, *kiow3*, todo tempo, não é palavra não, comer mas querendo *kiow3*. Assim. Curumimzinho mesmo.

E.: Curumim.

K.: Curumimzinho, só chorando mesmo. Só chorando, só chorando, só chorando, só, só, mais dia, irmão dele foi no mato. Mulher dele ficar. ...[tos-

se]. Mulher dele ficar. Depois mulher dele dizer pra ele. Kiow³, vamo embora buscar *munya* [casa de abelha]. *Munya* abelha de *kodohkiri*. Ali no galho do pau, *kodohkiri*. Aquele pequena, assim, tem um cana assim. Assim, lá, no, eu vi outro lá na frente. Então vamo embora. Da, é, irmão dele não sabe não. Mulher dele levar ele, já, fazer homem como Djanon [adulto jovem]. Olha como Djanon. Homem. Homem bonito mesmo, ele, Kiow³. Bonita botar, pena de arara aqui na, no orelha. Aí, trepar, matar *kodohkiri* lá no no, no galho de pau. Quebrar, aí, largar, pra mulher. Tira o, coisa dele tudo [interrupção].

E.: Aí, subiu.

K.: Subiu, quebrar *kodohkiri*. *Munya*. *Munya*. *Kodohkiri*, *kodohkiri* assim, olha aqui. Tamanho desse menina. Cada um bucha danada. Aí, que ele virar como Djanon. Homem mesmo. Botar.

E.: Kiow³?

K.: Kiow³. Sim. Kiow³. Bota pena aqui, vai trepar, vai trepar, vai tirar abelha de lá. Tirar negócio tudo, enterra todo dentro do camburãozinho, cabeça, o, potezinho pequena. Encher aquele pote com *kodohkiri*. Encheu dois [alguém pergunta em Kanamari]. Mel, mel, que tirar mel do *kodohjiri* todinho botar, emperra todinho dentro do, pote. Encheu pote esse, encheu outro. Chamar ... o ... pote, *moroki*. Nós chamar *moroki* [um pote pequeno]. Encher *moroki* dois, quando irmão dele chegar, como entra aqui *kodohkiri*? A mulher disse pra marido dele. Foi quem tira, foi eu que tirar. Derrubar. Eu mesmo que tirar, nós não viu outro dia? Eu já vi também. *Paiko* dizer assim. Eu tirar, mas Kiow³ tá bem ali. Kiow³. Kiow³ tá chorando ali. Não chora não, olha aqui, bucho dele.

E.: Grande.

K.: Não pode nem levantar não. Foi ele que tirou, pra mulher.

E.: Pra mulher.

K.: Pra depois mulher enganar pra o marido dele sabe. Foi irmão dele. Irmão de Kiow³. Irmão de Kiow³, gente, como nós assim. Mas ele Kiow³ mesmo.

E.: Kiow³ é Kiow³.

K.: É, Kiow³, Kiow³. Uhm, Kiow³. Irmão dele. Irmão do, de [outro fala]

E.: O que é Kiow³?

K.: Kiow³, cabeça mesmo.

E.: Cabeça.

K.: Uhm, a, nome dele mesmo. Kiow³ de menina. Kiow³. Chorar comi-, só comendo cabeça. Só danado com cabeça. Todo tempo. Só choradeira mesmo, dizer *kiow³*. Chamar Kiow³ mesmo.

E.: Enganar marido.

K.: Tá aqui, *paiko* comer mel à vontade. Comer, beber, garapé [ininteligível, garapa?]. Comer né, beber de novo, tá ... *kuham* [mentira]. *Kuham*, fica bonito mesmo. Na outro dia, de novo, encheu, encheu três. Nós tirar *kodohkiri* de novo. Foi Kiow³ que tirar *kiri* pra ele. Encher três, coisa, *moroki*. Uhm, agora acabar quando chegar, marido dele demonstrar, tá aqui, nós tirar aquele outro, aquele tirar de lá, você não viu aquele, eu, nós, tirar aquele de novo. Só uma que dá pra encher três aqui? Dá, nós tira quatro, nós derrubar outro na volta, nós já vem todinho. Depois *paiko* maginando. Marido dele maginando, foi ma- [ininteligível] você? E vai agora reparar. Aí na outra viagem, na outra vez dar uma caçada. Tá chorando ele aqui ... Parece Kiow³ que tirar pra ele. Eu vai reparar assim no outro caboclo não, só ele. Aí eu foi na frente, dar uma caçada. Eu vai caçar. Não disse nem pra mulher dele não. Só reparar dentro do mato mesmo. Dar uma caçada, dar uma volta aí, esperando mulher. Esperando mulher, demorou pouco, homem já grande né. Botar pena de arara aqui. Na orelha. Fura orelha aí, vira.

E.: Pra trás.

K.: Foi. Foi, anda mais mulher. Foi de até [ininteligível] fazer bucho, como Inoya [grávida]. Fazer até o bucho da mulher, curumim.

E.: Ah, é?

K.: É. Foder mulher aí, só trepar pra tirar abelha. Kiow³. O, irmão dele tá reparando dentro do mato mesmo. Foi *kiow³* que tirar pra ele, mulher não tira *kodohkiri* não. Foi, a ele que tirar. Ele não disse, agora eu tou reparando. Agora eu vou saber. Eu vai buscar

... jacaré. [ininteligível]. Jacaré deixa que vai ficar aqui. Ela tirar, ela tirar bocado, tirar cinco. Quebrar todinho, como desse pau aquele. Kiow³ trepar, tirar tudo, já encher todo coisa dele de novo. Quando chegar tem um bocado de *kodohkirihi*. Encher todo coisa de novo. Quando chegar, com caça, no, na costa, irmão dele, tá lá no terreiro. No canto dele, fazer *kiow³*. Kiow³, quan-

do irmão dele chegar, empurrar com, com perna dele, fazer Kiowɜ [grita] aí.

E.: Empurrou?.

K.: Empurrou, matar com pé dele. O bucho dele, bem pé em cima.

E.: Botou o pé aonde?

K.: Aqui no bucho mesmo.[outros dizem, no bucho dele]. Sim. Foi, quando chegar. Quando chegar, o, *paiko* já viu, ele andando mais mulher. Irmão dele já viu. Aí quando chegar com caça aí, empurra com perna. [assim]. Assim. Aí ficou [outro fala]. Quebrar até bucho, foi que, amassar bucho todinho, virando carapaná. A bucho dele só carapaná mesmo. Não fica nem um mais nada. Que quase morrer irmão dele. Não fica com outro não. Só ele, que carapaná matar ele.

E.: Como é?

K.: Carapaná.

K.: Carapaná.

K.: É, tá vira do carapaná, o, tripa dele, tripa dele, sim. Tripa dele, todo encheu carapaná. Aí ...

E.: Carapaná fez o que?

K.: Pra matar o irmão dele.

E.: Pra matar.

K.: Matar ele, só ele.

E.: O irmão.

K.: É, sim. Do irmão ... [falam Kanamari]. É carapaná, carapaná fica irmão dele, não come mais nada. Não come [ininteligível], tira folha de mato. Só abanando [ininteligível], só apanhando, apanhando, só apanhando. Carapaná, anda carapaná, mas todo dia huum. Não fica nem pa outra gente não, só ele. Quase que foi, quando na entrou na terra, vai no igarapé. Fundar dentro, dentro do rio assim. Dentro do igarapé. Fundou, fundou, carapaná ficou lá mesmo, dentro do, dentro d'água mesmo, mesma coisa, quando acabar, saiu de lá de novo, correr, cavar, cavar até buraco, Cavar buraco, cavar bu-, outro cavar buraco, entra dentro do cana-, tapa bem com barro, mas carapaná foi lá. Não deixa não, até quase

matar. Parece que já matar, eu não sei não. Parece que já matar. Carapaná não deixa não ... Kiowɜ já morreu, irmão dele matar.

E.: Tripa dele vira carapaná.

K.: É, carapaná.

E.: Aí foi atrás do irmão.

K.: Irmão, só matar irmão dele também. Não fica nem um, matar nada, não quer buscar nem outra gente não. Não buscar nem outra gente não, nem a mulher, mais nada, só ele mesmo. Querer matar também né. Carapaná mesmo matar. Aí demorou pouco, fica carapaná espalhar todinho.

E.: Depois.

K.: Juruá não tem carapaná? Aquele que não tem carapaná. Kiowɜ não morrer aqui não, morrer lá no Juruá. Por isso tem tanto por lá. Quando Kiowɜ morrer aqui nesse rio, aí tem carapaná. Quando morrer no Juruá, iiii, muito todo dia vou lá [ininteligível].

E.: Mas o irmão morreu?.

K.: Parece que, eu não sei não, só o papai me contou só história aquele mesmo, não vai nem morrer não a o irmão parece. Papai conta só mesmo de, dentro d'água, mas carapaná bolir todo tempo lá. Quando sair dentro d'água, aí fazer buraco, tapar, ele pensar que não entrar carapaná dentro do barro não, mas mexer, lá de novo. Não deixar irmão dele. Parece que morrer *paiko*, eu não sei não.[rimos]. Carapaná matar ele.

E.: E a mulher?.

K.: A mulher não tem mexer nada não. Não mexer nada aos outros, todo [ininteligível] de comer. Só ele mesmo.

E.: Só.

K.: Foi só, não coisa nenhum. Só ele mesmo, cuida só ele, porque ele mata também com pé.

-[ainda explica que no bucho de Kiowɜ só tinha carapaná mesmo, que pelo pontapé, se soltaram e foram atrás. O irmão não tem nem como comer, que carapaná não deixa. Para fechar o buraco cavado, o irmão usa um pedaço de sapopemba, *omamkono*, como uma porta].**[Mito 63]**.

(1) P.(“) Wadjo Paranim. Wadjo Paranim meu avô falar assim. Mãe dele tá tirando fruta, tá tirando fruta, mãe dele. [E.: Com curumim?]. É, curumim. Eu vou deixar você aqui até tirar. Chorar pra mãe dele, ele grita *padjava* [espera]. Pessoal vem aí. [E.: Que pessoal?]. Pessoal Wadjo Tiknim. Esperando,

ad3 niama, tá tirando fruta (2). Chega, chega mamãe, pessoal tá aqui. Não fala não. Bota veneno embaixo da unha. [E.: Que veneno?]. *Pehe* (3). Morrer. Quando mãe dele vem com fruta, pera cheio, pera grande. Ah, onde meu curumim, ah ele tá morto. Ele procurando, chupando braço todo. Ah, quem botar veneno pra meu curumim? Aí tira debaixo da unha. Ficar melhor já. Já tá chorando de novo. Depois tira peito dele, como querosene, virar fogo, queimar muito, mato (4). Pessoal vai bater *omamdak* pra rezar contra fogo. Rezar, bater fogo já apagou. Se não tirar fogo queima tudo (5).[Mito 64].(“)

(1) No final desta excepcional sessão, a de Kurau, que foi interrompida algumas vezes, Pairo estava presente e dava mostras que conhecia a história de Kiow3. Na tarde daquele dia passou um regatão, atraindo a atenção de todos e fazendo tudo parar. No dia seguinte encontrei Pairo sozinho na casinha de Djo’o, descansando por não se sentir muito bem. Conversamos sobre algumas coisas e perguntei sobre Kiow3. Ele rapidamente contou o essencial do bucho grande que não saía do lugar, só querendo comer miolo de cabeça e que virava homem, fodendo a mulher. Sem o episódio do mel, o *paiko* ficou impaciente que o menino que criava não crescia e por isso estourou a barriga de onde saíram as carapanás. Mas aí entrou com outra, por iniciativa própria.

(2) Lit. eu mãe.

(3) Veneno do zarabatana, já referido antes.

(4) Gesto de tirar como quem tira leite com a mão.

(5) Faz fuu, fuu, como se estivesse soprando contra fogo.

Mito 65 P.: “Adjaba”. (“)Amanhã eu vou pescar bem cedinho. Adjaba tá escutando. Irmão dele, vai levar filho. Acenda, levar, leva. [E.: Fala pra quem?]. *Mion*, ele chamar cunhado dele. *Tanhuan* (1). Ele escondido, só alumia luz pra não mostrar nariz, no varadouro. Andando, andando, já *pi3da*, outro índio. Encontra outra pessoa. Você já tem cu, eu não, eu sim. Eu não tem cu não, eu comer vomita. Ah, bicho, Adjaba. Eu fazer, bem mole aqui. *Yucuru* pra fazer bunda. Ele já furar, chega, chega até chegar na goela dele. Ah. aí

é Adjaba, bicho. Depois manda pessoal derrubar pau, cai muito, Adjaba já manda. Rapaz, eu já matar Adjaba, Adjaba já vem, vai tirar *omamdak*. Eh tirar, beber, *fuuu, fuuu, tso, tso*, já parar. Vai todo mundo, mulher criança, quando chega lá só sangue, ele Adjaba não tá mais não. Depois quando voltar, ele bater sapopimba, ti, titi. Olha aí, este bicho, este Adjaba, batendo sapopimba. Depois ele assobiar (2). Batendo pé. Só sangue mesmo, tá morto não. [E.: Não]. Morrer não já foi embora levantar embora.“)

(1) “Vamos”. Como estava num particularmente sintético, creio que o *mion*, irmã, não proceda, logo se estabelece que o chamamento é de cunhado.

(2) Bota dedo no lábio.

Mito 66 P.: (“)Agora este Tatu canastra também gente. Quando pessoal chegar lá, tem casa assim. Chegar. O que comer? Nós comer fruta, cinco horas já chegar. Nós comer fruta, nós dormir aqui. Eu tenho muito maquira pra dormir. [E.: Quem é?]. Dormir Tatu faz. [E.: Como?]. Como rede ele estende pernas, braços, não deixa outro não, não dá outro, vai no chão. [E.: Quem é?]. Companheiro, *Kawadjo*. [E.: Quem?]. Coati. *Kawadjo* matar ele. Ele furar bunda, como Adjaba. Ele *piɜda* muito, ele tira yucuru dele, chegou na goela dele. Tatu canastra já morrer. *Kawadjo* já embora de manhã. Outro parente dele, chega lá, conversar. [E.: Com o Tatu?]. *Matsira*, unha grande pra cavar barro. [E.: Porque *piɜda* muito?]. *Kawadjo* mesmo, ele caçando ele vê casa dele mesmo assim. [E.: Como é o nome?]. *Piɜda djawarokom*. [E.: Que *piɜda* é este?]. Pintado. [E.: *Kawadjo* parece com ele?]. Parece com *piɜda djawaro*.“)

P.: (“)Tem uma mãe *Wadjo* *Paranim* que vai tirar fruta e leva seu filho. Ela o deixa um pouco afastado enquanto vai tirar as frutas. O filho chora por ela e a mãe responde para ter paciência. Ela vai comendo e tirando até encher uma pera. Ela grita que tem muito *warapikom* e que aguarda. Quando chega lá, ele já está morto. Foi *Wadjo* *Tiknim* que botou o veneno *pehe* em baixo da unha do menino e já foi para casa. A mãe chega e vai tirando o veneno,

chupando o corpo, unha, umbigo, barriga, peito, do menino e ele já fica melhor. Ele pede logo *warapikom* que está com fome. Está aqui, pode comer meu filho. Ele conta que foi Wadjo Tiknim que fez, passaram duas mulheres e um homem e eles que botaram o veneno. O menino ainda gritou que chegou gente, mas a mãe não ouviu. Vão para casa e o menino conta tudo ao pai dele. O pai quer ir lá para brigar, mas o menino diz que não, tem muito lá, *wi*, muito, vamos só espiar do mato mesmo. Wadjo Paranim também tem muito, estão por aí, caçando, buscando fruta no mato. A mãe faz mingau de fruta, que é como caçuma. Depois ela diz para o marido que pode chamar o pessoal que está pronto para beber a caçuma. Chama todo pessoal, ee, camarada pajeréu, tem *kuya*. Chama os Wadjo Tiknim para beber e vai falar com eles sobre o que aconteceu. Apesar do menino ter contado que era Wadjo Tiknim, este disse não sei quem foi não. O pai diz que ele não é assim não, ele não está com raiva, *noktɜ*, Wadjo Tiknim também diz que está *noktɜ*, mas Wadjo Paranim diz que não, *nok* (2). Ele já ouviu tudo e diz para o outro que não quer mais ele aí não, que não vem mais na sua casa não. Wadjo Tiknim não vai embora e não vem mais. Os Wadjo Paranim moravam todos juntos na mesma maloca, e os Wadjo Tiknim também moravam todos juntos na sua maloca. Depois disso eles se espalharam todos sobre o mundo, comendo fruta (3).(…) A mãe tirou o fogo do peito, botou o mato em fogo, como uma coivara grande. O pessoal lá da outra casa já ouve o fogo chegando, queima muito, muito pau caindo. Os Wadjo Tiknim logo tiram *omamdak*, casca de pau, batem e depois bebem e fazem pflu, hooo, ele, pflu ho tsotsotsotso, pflu ho tsotsotsotso ... Pflu ho tsotsotsotso, ele vem vai embora. Já, já parou, ele já parar, não vem, já parou. Não vem não.(“)

(1) No mesmo dia ele estava se preparando para mais uma sessão de rami de noite, e sem fazer nada em especial. Visitei-o de tarde na casa de seu filho, ao lado da casa aonde morava ele com a família de outro filho. Trouxe o gravador e ele mesmo fechou a casinha um pouco mais, para ficar mais separado e atrair menos atenção. Começamos com o que contou de manhã. O que segue é um resumo.

(2) Com ou sem raiva, atitude de agressão.

(3) Perguntei sobre o fogo do peito que ele deixou de lado primeiro. Com

alguma dificuldade esclarece-se que Wadjo Paranim estava com raiva e foi se vingar. Primeiro disse que ela fez um fogo para fazer *tawa bukinim* (macaxeira assada), para comer todo junto. Depois disse que também tinha coisa de Adjaba que contou de manhã. Sem ficar claro isto, ele lembrou o que segue.

- [Um homem, dentro de casa, fala com seu cunhado, ibu, vamos pegar peixe amanhã de manhã bem cedo. Isto na noite anterior e Adjaba está escutando do lado de fora. Quando está de noite ainda, Adjaba fala para o homem como se fosse o companheiro dele, vamos embora compadre. Ele diz vamos embora e o homem pega o bico dele para pescar e vão andando no varadouro. No varadouro conversam, vamos pescar, flechar peixe para comer, vão lá para o lago. O Adjaba vai andando e conversando assim, para pescar e comer na beira do lago. Quando quase chega lá no lago, o homem peida assim, puuum].

P.: Rapaz, você tem bunda? Eu tenho. (...) Não tem cu não. Quando Adjaba, comer, vomitar, cagar. Quando comer, cagar vomitar é assim. Ele dizer, rapaz, vai por o meu também aqui. Eu tenho, eu tenho pedaço de, de bicha aqui.

E.: Pedaço de pau?

P.: É.

E.: Que pau?

P.: O pau, yucuru. Yucuru, tem pedaço de yucuru do Adjaba. Ele vem assim, chegar. Cadê, de, o, cu dele assim? Bem aqui, olha bem aqui molezinho aqui. [fala baixo agora]. Bicho, esse é bicho. outro *tɜkɜna* sabe, esse aí bicho. E furar, hum, pode furar bem quatro dedo, cinco dedo. Tá ... Vai gritar, já tira [grita em Kanamari, deve ser para parar]. Aí já morrer.

E.: Passar aqui.

P.: É, passar na goela. Já morreu com pau, pedaço de pau. Já morrer Adjaba. Depois o, o, *paiko* já voltou, ele voltou com medo de Adjaba.[outro ri].

E.: Aí chegando em casa.

P.: É, correndo, correndo, quando ele chegou lá, contou pra mulher dele [fala Kanamari], ele dizer, conversar pra mulher dele, pro, bicho levar eu meia noite.[repete o acontecido com bastante Kanamari no meio]. (...) Ad-

jaba já morrer. Não morrer, morrer já levantar de novo, quando amanhecer o dia, o pessoal falou, rapaz vamos espiar adjaba já tá morto. Vamo embora. Levar tudo. Quando chegar lá Adjaba só tem *mimi*. *Mimi*. [sangue]. É, sangue. Só tem sangue, tá aqui, olha aqui tá sangue, é *mimi*. *Mimi bara* [sangue de caça; fala Kanamari]. Tem muito, o, o, o sangue dele.[rep.]

E.: Aí não tem mais Adjaba.

P.: É, não tem mais Adjaba não, quando ele já [ininteligível] chega lá, procurando, quando ele batendo sacopimba, ele vem bater ti, ti, ti, ti, ti. Pfu, pfi, pfi, pfi, pfi [como assobia]. Adjaba aí, tá vendo bicho. Bicho não morrer não aí.

E.: Adjaba que faz?.

P.: Adjaba tá fazendo pro, pro pessoal.

E.: Porquê?.

P.: Porque não morrer não. Ele tá pro, pro fazer medo pra, pra pessoal.

E.: Fazer medo.

P.: É, [fala Kanamari], ele dizer vamo embora voltar.[fala em Kanamari]. Ele dizer, eu flechar com taquara, pessoal todo com medo que ele volta, deixar Adjaba aqui.

E.: Volta.

P.: É, voltando, chega lá em casa vai tapar tudo casa dele. Tudo tapando, com [ininteligível], com palha assim.

E.: Com palha.

P.: Tem, até aí, todo mundo assim. Pra fechar todo. Depois, dormir, madrugada ele vem, Adjaba vem. Conversando, assim. Ele chegar, Adjaba conversar, au-au, au-au, au-au edi, au-au. Nunca não para mais não [falando baixo]. Tudo não para mais não. Ele dizer au-au.

E.: Não fala nada?.

P.: Pessoal não fala mais em casa não, tudo com medo. Deixa Adjaba falar. Au-au.

E.: Adjaba fala?.

P.: Adjaba. É, Adjaba.

E.: Fala dele?.

P.: É a fala dele. Ele conversar pessoal de, dormindo mas não querer conversar não. *Au-au, au-au edik, haitɔ awanim kotɔ au-au* [fala alto]. Adjaba mesmo [fala baixo]. Ele vai rodeando por aqui, au-au, au-au rodando, au-au rodando, au-au. Não, só, ele já foi embora, mais dia mais dia assim, how, howhow hooooow, hoooooh, dididididi, dididididi olha ele já voltou. Ai, ele voltou [baixo]. *Panim kimhi*. Ele falar *kimhi*. [E.: *Kimhi?*]. É, ele voltou, *kimhi* [voltar]. O pessoal contou, *kimhi* [baixo]. (...) Que ele vai, todo palha, tudo duro assim pra entrar. Pra querer matar pessoal, cabeça de pessoal. Não.

E.: Cabeça de pessoal?.

P.: É, que ele vai matar, agora não, não pode entrar não, o palha mesmo duro, pra aí. Mesmo como assim. *Nok*.

E.: Queria pegar cabeça do pessoal?.

P.: É. Querer pegar tirar todo, rancar, arrancar. É pra comer, dele também Adjaba. Tem muito, muito, muito assim, ele rodando, falando.

E.: Adjaba?.

P.: É, muito Adjaba, muito Adjaba, ele voltou. O pessoal todo armado com, *hiwiiu*. Arco.

E.: Arco?.

P.: É, arco. [ininteligível], deixa ele vem. Rodando por aí, falou, todo mundo ficou, todo mundo assim. Adjaba. Adjaba já voltou. Ho, hoho ho ho ho ho ho dididi, batendo sapopimba ... Embora já voltou, já amanhecer o dia. Ai, até, pessoal vai de manhãzinha, beber, levantar, botar o caíçuma dele. Não, ora já [ininteligível] Adjaba deitar mais o pé dele. Tudo grande. Dentro do terreiro. Ah, Adjaba. Danado. Ele deve, foi, não, agora nós fazer? Não, assim não, Adjaba matar nós já. Deixa aqui nós mesmo. Nós não caça não, dois dia aqui, amanhã, não hoje, amanhã depois nós vai caçar. *Donmana* [pescar] com, com *pina*. Com anzol, anzol né? [fala Kanamari]. Outro dia, não fazer nada não, só em casa todinho. Ele parou assim *tɔkɔna*. Ele com medo por Adjaba.

E.: Todo mundo em casa?].

P.: É.

E.: E botar *omamdak*, como é?.

P.: É, *omamdak*. Botar *omamdak*. Botar *omamdakam*.

E.: E aí?

P.: Tirar, pessoa tirar *omamdak*.

E.: Pra espantar Adjaba?.

P.: É, pra espantar Adjaba. Tirou, fazer o, botar dentro d'água, batendo, batendo, o garupa desse tamanho. Aí tomou, vai fazer assim gritando eeeeeee, Adjaba, pra Adjaba ele vai tso tso tso tso tso. Gritando, Adjaba não vem mais não.

E.: Espantou mesmo.

P.: É, espantou. Botar todo embora mais, nunca Adjaba aparecer mais. *Bapo* [acabou].

(1) P.: (“)O Kawadjo está caçando quando encontra alguém, com cara de gente também. O Matsira pergunta o que ele anda fazendo e Kawadjo responde que anda caçando, perguntando, por sua vez, qual é o seu nome. Kawadjo vê o rabo grande dele, é um Tatu grande. Matsira convida ele logo para ficar na casa dele, lá tem caçuma de fruta, comida. Convida para ficar de noite, já são cinco horas, dizendo que tem muito maqueira para dormir. Mas de noite, o Matsira dorme na rede e não deixa espaço para Kawadjo (2). O Kawadjo dorme mesmo é no chão, até amanhecer. De manhã, ele se despede e parece dizer que volta algum outro dia. Depois ele encontra outro Kawadjo e conta para ele que o Matsira o convidou para dormir numa rede na sua casa mas que dormiu no chão. Comeu e bebeu, mas não deu o *homom* dele não (3). A casa dele é o buraco dele. De manhã Matsira pergunta se ele vai voltar. Não ele diz, eu não vou voltar não, eu não venho mais na sua casa não. Kawadjo volta para o pessoal dele e conta o que houve, e que não quer mais voltar lá. O pessoal dele quer ir lá para matar o Matsira, mas o Kawadjo não deixa não.

E.: Mas de manhã você não contou assim não.

P.: Ah é, isso mesma!

E.: Como foi isso?.

P.: O, o, o, Matsira *piɜda*. *Piɜda* muito bom, bom, aí.

E.: É *piɜda* também?.

P.: É, *piɜda*, *piɜda* dizer, rapaz, você tem um bicho pra, pra furar meu curta bem aqui? Eu não tem cu não, Matsira falar pra, pro Kawadjo. Tem, eu tem cu.[ininteligível] tem pedaço de pau aqui, pra, vai furar meu cu. Depois ele pegou pau, o yucuru também. É yucuru também. Tá aqui, molezinho aqui, pode furar aqui. Tá, você tenta mesmo? Eu tenta. Pode furar, três dedo, quatro dedo, cinco dedo. Tá. Ele furou bunda de ... Ai, ai, gritar, ele tirar, tira, tira [grita], matar goela dele. Já morto.

E.: Morreu.

P.: É. Kawadjo embora já. Pra, pra casa dele. Matsira morto. Morrer.

- [Ainda tento esclarecer o uso de *piɜda* para o Matsira, e ele diz que é tatu mesmo, mas é *piɜda* também].

P.: Porque foi ... o, *piɜda* mesmo, pra matar, todo uma coisa. Comer todo uma fruta, todo tempo assim. Comer, comer sapo, comer *kadjo* [jacaré], comer poraki, comer arraia, tudo. E, e *piɜda* também assim.

E.: *Piɜda* também assim.

P.: É, comer todo assim. Muito, o, o, bicho.

E.: Muito bicho.

P.: É, Matsira também comer, comer até fruta. Comer fruta, junta tudo fruta, fruta qualidade, qualidade, todinho. Aí dizer também *piɜda*.(...) com raiva pra matar tudo um bicho, *piɜda*. Tudo com raiva matar um bicho, comer tudo um bicho, até foi lá com *piɜda*.

- [dá o exemplo de que o *piɜda* pega arraia dentro d'água e Matsira faz a mesma coisa; termina por dizer que *padja*, tamanduá grande, também é assim, por isso também é *piɜda*].

- (1) Perguntei sobre a história do Matsira e Kawadjo.
- (2) Parece que ocupa uma rede com um braço, outra com outro braço e assim adiante.
- (3) Palavra para rede.

- (1) P.: (“)Um menino fica chorando por miolo de cabeça, o que come quan-

do o irmão chega em casa da caça. Ele tem o bucho grande de comer isto. Kiow3 vai tirar mel, que tem muito, e depois a mulher diz que foi ela que tirou. O menino está lá gritando por *kidamim*, miolo, de novo no canto dele quando o homem volta. Até que ele desconfia, finge sair e vai atrás quando a mulher convida Kiow3 para tirar mel. Tira muito mel para ela e eles tem relações sexuais. Quando volta na casa tudo parece normal. Mas o irmão já sabe e depois de dar a comida pisa na barriga para Kiow3 morrer. Ele morre, mas as carapanás que saem da barriga não deixam o homem em paz e chupam seu sangue até ele morrer. Assim morrem os dois e só fica a mulher, mas já não tem mais mel para ela. Isso foi no Juruá, lá tem muito carapaná.“(“

(1) Este termina a série desta oportunidade. Novamente se trata de uma versão editada com expressões aproximativas.

(2) Como ele estava ficando já bem impaciente, encerramos por aqui. No final ele disse: “Eu contar também, Pairo”. Quando Kurau terminou de ouvir parte da fita que gravamos no dia anterior, ele tinha terminado por dizer: “Esse aqui palavra de Kurau”.

(1) Djo’o: (“)Aquele *Kana’a*. [E.: *Kana’a*?]. É. Aquele sapo, cantar uí, uí, uí. [E.: Como é que chama?]. A. Cantar assim, ah, eh, ui, ui, ui, assim. Primeiro gente também, *Kana’a*. [E.: Fazer o que ele?]. Quando gente tirar mel, vai tirar mel do *Kana’a*. [E.: *Munyahi?* (mel)]. É. [E.: Dono de mel?]. É, dono de mel ... [E.: Pedir mel dele, ele dá?]. Ele dá. Quando ele não quer virar gente ele vira *Pi3da p3hnim* (2).[E.: *Vira Pi3da p3hnim?*]. Vira. [E.: E ai?]. Só. [E.: *Pi3da p3hnim* é dono de mel?] É. [E.: E sapo também?]. Vira *Kana’a*, vira *Pi3da p3hnim* de novo. Ele que é dono do mel. Quando primeira a gente vai lá para tirar, ele dá. [E.: Ele dá?]. Ele dá pra gente, quando pedir ele dá.[fala Kanamari]. *Pai*ko, *Pi3da p3hnim* eu tá com sede. Eu tá com sede. pode beber ele dá um copo pra ele. Mulher pedir. [E.: *Hwa* (mulher)?]. Uhm. [E.: Beber?]. Beber. Quando mulher beber, vira menina, *Kana’a* de novo. *Kana’a* foder muito mulher, até prenhe, bucho grande, ele deixou. *Kana’a* solta mulher, manda embora pra aldeia dele. Dois mulher. [E.: Todas duas prenhe?]. É. Mandar embora pra aldeia dele. Quando menino falar no meio

do varadouro. Aí, a mãe dele deixou. Tira folha, aquele bananeira, aí deixou no meio do varadouro. [E.: Curumim?]. É. [E.: Falar?]. Falar. Deixa guita (3). [E.: O quê?]. *Homo'am*, *homo'am* também [flauta]. A mãe deixou esse aqui também (4). *Tsirɔpɔɔɔ* (5). *Adak* também (6). A mãe fazer viagem. Aí, ele tocar gaita, a mãe dele escutar. Ah, meu filho já vem, esperar meu irmão. Ele pintar, a mãe dele de resguardo. Aí, a mãe encontrar queixada agora quando encontrar não fazer nada, não tem flecha. Filho chegar, mamãe eu vai fazer arco, pra matar com dois. Aí ele vai e matar dois. Ele não matar com flecha não, mata com dente. [E.: Pra matar?]. É. Matar só dois. Ele dormir mesmo aí. [E.: Com a mãe e *anya* (irmã da mãe) dele?]. É, deu inteiro pra mãe dele, ele inteiro comer cru. Ele comer só cru. A mãe dele assar. Do *Piɔda* só cru mesmo. Aí dormir, com dia chegar na aldeia dele. Onde tá irmão dele. [E.: *Idja?*]. *Idja*. Fazer *kuya*. Dizer pra não brincar com seu vivo não (7). Porque *Piɔda*, ele matar. Ajunta todo menino, brincar, esconder, fazer medo. *Piɔda* falar pra menino. [E.: Parente dele?]. Não, parente nada. Rapaz você vai *wiri* [queixada]. Aí ele vira *Piɔda*. Rapaz como Behe, quase comer menino (8). [E.: Quase comer?]. *Pama* dele fica com raiva quase sogro dele matar *Piɔda*. [E.: *Ito* (MB)?]. *Ito* de *Piɔda*. [E.: Matou filho do outro?]. É, filho dele já morrer. *Piɔda* matar, enterrar menino. A mãe dele falar muito com ele pra não fazer mais não. Então eu vai embora. Para papai dele. [E.: Papai dele?]. É. Ele vira *Piɔda* no mato. Ele morar no mato. *Piɔda pɔhnim*. [E.: Primeiro *Piɔda pɔhnim?*]. Foi. [E.: Só?]. É, fica morando no mato (“

(1) Assim, estes últimos dias em que havia ainda mais gente na aldeia, foram bastante produtivos, mas a partir deste momento, as preocupações diárias e a saída da pessoas para passar o inverno lá nas antigas aldeias, fez esvaziar em muito a aldeia. No final do mês fui me despedir de Djo’o, que estava esperando a carona se aprontar para subir. Como este pessoal demorou de acertar o bote que queriam usar, perguntei se ele conhecia o mito de *Kiowɔ*. Conhecia sim, o menino que só queria comer cabeça e ficava no seu canto, mas saía para foder com a mulher do irmão que o criava. Mas a história do mel era outra.

(2) Lit. onça vermelha.

(3) Fala não clara, parece querer dizer flauta.

- (4) Aponta para o lábio superior.
- (5) Adorno nasal.
- (6) Aponta pulseira, braços e pernas, ou seja adornos para estas partes do corpo.
- (7) Quer dizer genro, sobrinho (ZS).
- (8) Rapaz de uns doze anos.
- (9) Esclareceu, ainda, que o menino falava da barriga da mãe com ela, no varadouro. O pai dele, o sapo Kana'a, morava no buraco de uma paxiúba quando as mulheres chegaram lá e foi ele que deu a ordem para que ela deixasse o menino no meio da varadouro.

Intervalo

Logo depois ele saiu para ajudar na arrumação da partida. Depois de vários problemas na adaptação do bote com um motorzinho de popa, finalmente conseguiram sair, em ziguezague, para voltar de novo em duas horas, porque a casa mais próxima não comportava tanta gente. Mesmo assim, no dia seguinte saíram mais uma vez e, a partir daí, a população da aldeia diminuir gradativamente, até que ficamos quase que só. Quando surgiu então uma carona para sair da área saímos e viajamos longamente para chegar na base da Lasa e sair da Amazônia, passando em Carauari e Manaus.

4. terceiro tempo

Intervalo

Em março e abril de 1988 voltei ao Juruá, passando um tempo procurando meios de chegar no alto Jutai. Finalmente vieram uns homens de aldeia para vender borracha, e viajei com eles. Chegando lá, havia muita gente na aldeia, porque algumas pessoas tinham convidado o pessoal de Três Unidos, e muitos vieram passear. A aldeia era bem estabelecida e até bastante reformulada no alinhamento das casas, fazendo com que houvesse um grande terreiro, a partir do início das duas linhas de casas defronte à curva do rio, onde se localiza a aldeia. A presença dos outros, fez com que, de vez em quando, ensaiassem algum ritual ou festa em conjunto, e que várias pessoas se vissem ocupadas em tentar obter o indispensável peixe e carne para todos, e especialmente pela presença dos visitantes. O clima da aldeia era, em termos gerais, muito mais tranqüilo do que no verão da sua construção, e as atividades cabiam muito mais sob a categoria “animação” dos Kanamari, isto é, movimento, gente, festa, comida. Dentro deste quadro, era bem mais fácil tentar trabalhar do que na fase anterior. Por outro lado, certas pessoas-chave andavam ocupadas e com pouco tempo para gastar em conversas antropológicas.

Comentários

A prioridade, neste momento, consistia em conseguir gravar mitos em Kanamari e preparar algum meio de tradução posterior. Em algumas oportunidades, certas pessoas narraram mitos já conhecidos. Primeiro, Tewin voluntariou a história do Kotsa, com as mulheres virando *wiri*. A sua versão é igual à que deu Kurau, somente acrescentando que os homens viraram, além de jacu, também arara e garça. Depois, Aro contou sobre Djanim, em termos iguais às versões já dadas, enfatizando somente as coisas que viu lá em cima (“tudo como aqui”), e o que ele trouxe lá de cima: dentro dos quais um cinto em preto e vermelho que os homens antigamente usavam. Um detalhe divergente foi que, quem falou para ele voltar somente depois de morrer, era seu cunhado morto (*ibu*). Numa outra oportunidade, contou, sucintamente, a baixada de Tamakori e Kirak com a origem dos Kanamari e Kulina (para

5. quarto tempo

Comentários

De fato, João e sua família se mudaram para Eirunepé e ele concordou em trabalhar nas traduções nos dias em que tinha tempo para, tendo em vista alguns outros compromissos, concentramo-nos nas transcrições de fita e suas traduções. A entrevista inicial com Muyawan se mostrou tendo um começo algo disperso. Lembrou “nosso avó Tamakori e nossa avó Wainha, e nosso pai Zé Francisco e nossa mãe Maria Conceição”, entrando nas diferenças entre cariú e índio, logo depois. O kariwa é dono de boi e porco e come estes animais, enquanto os Kanamari caçam no mato para comer. Padre Conceição disse para não mexer com as coisas dos kariwa. Padre Conceição disse: “Eu sou Amɜna Djapa” e ele também disse que é Wadjo Paranim Djapa também. E mais que: (“)Os Kanamari tinha muita planta deles, como cará, pequenas batatas conhecidas como *kiriɓam*, macaxeira e que os kariwa tinham as plantas deles. Rapidamente falou da pupunha, como adquiriu o nome pelo peido de Kirak, quando comeram a planta pela primeira vez. Padre Conceição chegou na maloca falando que era gente também, que Aro era parente dele e cantou: “*Kodo naki, atsa paiko Tamakori. Towi, Towi. Kodo naki atsa pama Towi, kodo naki atsa pama Towi. Kodo naki atsa niama Maria Conceição. Towi, eee*”. Isto se traduz assim: “No céu, meu avó Tamakori. Towi, Towi. No céu meu pai Towi (José?), no céu meu pai Towi. No céu minha mãe Maria Conceição. Towi, eee”. Ele já sabia os nomes dos animais em Kanamari e ele chama Tamakori de seu avó. Tamakori subiu ao céu vivo, como sua esposa também, Wainha. Adão, *paiko* Adão, morreu mesmo aqui neste mundo. Padre Conceição se afogou mas, quando começaram de todas as formas buscar o corpo, não acharam nada, já foi para o céu direto, para o pai dele. O *paiko* lá do céu (Tamakori) olha o que a pessoa faz aqui, se não briga, se não é *nok* (valente ou briguento). O padre disse para Aro que assim, ser bom e não brigar, deve ser e *paiko* lá sabe.(“)

Ao ser perguntado, Muyawan esclareceu que quando o padre chegou na maloca, todos correram com medo. (“)Ele gritou que “*adɜ noko, mion*”. Isto é, provavelmente: “Eu fala lingua irmã”. O padre indicava que já os conhecia, e que trazia conta e tesoura para elas de presente. “*Adɜ noktɜ*”, eu não sou valente não, ou seja, eu venho em paz, não para brigar. Ele trouxe miçanga e distribuiu (num tempo as mulheres só andavam com uma tangui-

nha), e lembrou a distribuição de terçados e machados entre os homens (terçado para Djana, Mawin, Parana, Aro, Oda e machado para Aro, Muyawan (não o narrador), Atɜna, Bastião, Daura). O padre diz que dá os presentes para não roubarem dos brancos, porque aí o branco vai matar os Kanamari e vocês vão morrer.(“ Perguntei algumas coisas a mais, mas ficamos somente falando das vestimentas antigas. Antes as mulheres andavam só com uma tanga e os homens com um cinto no qual amarravam o pênis para cima. Nos primeiros tempos, depois que chegaram os brancos, estes venderam vestidos e calças, mas os índios só se vestiam, com a roupa, quando iam visitar alguma casa de cariú, guardando-a no resto do tempo.

A gravação

Depois de uma interrupção, em que um índio do Juruá relatou o encontro de Kanamari e Kulina com os Warikama Djapa, grupo sem contato permanente do alto Jutai, prossegui com Muyawan. O que se segue é o relato em Kanamari, transcrito e traduzido, no intuito de mostrar a narração de mito na língua original. Três ressalvas devem ser feitas, antes desta reprodução.

Primeiro, Muyawan nem sempre pronuncia claramente as palavras e, às vezes, nós (junto com o tradutor João Manelão) tivemos de adivinhar o que ele disse. Por exemplo, de vez em quando, ele muda as vogais, falando *nɜkɜ* em vez do normal *noko*, ou ele omite alguma parte da palavra. Segundo, veremos que ele narra os fatos de modo que, muitas vezes, não explicita quem é a personagem que fala, em determinado momento. Por fim, na primeira linha segue a transcrição em Kanamari, na segunda, a provável tradução, e na terceira se inserem comentários na tentativa de esclarecer algum ponto obscuro.

Tsumam na hi, tsumam na hi adik tso. Hiwi kotaunim ihik tso. Ihik tikina.
Vamos fazer, vamos fazer sim. Eu vi muita sorva. Eu vi naquele canto.

Ayʒhtʒ ki. Hiwi kotaunim. Hotsomam na ti tso. Tiyam ti tsomanatso. Tiyam
Tem muito? Tem muito sorva. Vamos buscar lá. Vamos buscar aquele lá.

tsomanatsoo, para. Tiyamham tam ti ana. Tiham tiham hohti am hotihti.
Vamos buscar aquele lá, maduro. Amanhã cedo ele vai lá. Amanhã, está

Hotihti, hiwi. Adʒ manim tsabo.
baixo, bem baixo. Bem baixo mesmo, a sorva. Eu vou fazer mesmo.

Adʒ manim tsabo, hiri, hiri, hiri, auhina.
Eu vou fazer mesmo, subiu, subiu, subiu, até o galho.

Tatam, dji dji dji djidjo, hooo, dji dji dji, hoooo, dji dji, hoooo.
Tá lá, [sacudindo o galho, som] [som de fruta que cai]

Kaa ediki napʒ ediki tso, djam ... Mawin já vai lá. Mawin já vai lá.
Aqui para vocês comerem, está vendo. Preguiça já vai lá [repete].

Diwahkom pikik adʒ. Diwahkom pikik adʒ. Hiwi madura. Tsuuuh, goh.
Joga no meu coração. Joga no meu coração. Sorva madura. Tsuuu, bum.

Comer. Diwahkom pik adʒ ... Hop. Hiiii. Hiaaaa. Aiaiai.
Comer. Joga no meu coração. [acerta, gritos de dor].

Aí não agüentava mais, morreu ... Mawin morreu ... Mawin morreu,
Aí não agüentava mais, morreu ... Preguiça morreu ... Preguiça morreu,

kidiktsi, datsi. Tsʒkʒ, tsʒkʒ, tsʒkʒ, tsʒkʒ, uiiii ... Ha, na adik
Desce aí [ininteligível]. Morreu [rep.]. Ha, vamos embora, vamos

adjibo, na adik adjibo. Cuidado [ininteligível] de tirar este Mawin.
embora. Cuidado em atirar neste Preguiça. Vamos chegando, eles ficaram,

Na adik adjibo, ma'am, na adik adjibo ... Tsi, hoo ... tsi tsi hoo tsiii
vamos chegando ... tsi, ho ... tsi tsi hooo, [Preguiça revive e reza]

tirana. Hiwi. Hiwimam, no limpo. Omam hotɜ tihim niama.
ele tá soprando o pau. Sorva. Pé de sorva, no limpo. Então a árvore não

Tam paiko ha'am taaaam. Tam paiko taaaam.
está mais baixo. Aí paiko ficou aí. Aí paiko ficou aí.

Atsa paiko am tsɜkɜ am tsɜkɜ wɜ tsɜrɜnim. Itsonim potihti. Anihi o bik,
Meu paiko fica magro e quase morre. O mundo estava pequeno.

bik, bik, bik ... Haanim tsɜkɜno oti, paiko anim. Odjam waukna. Tsɜwɜhkɜ.
Bebeu água do buraco do pau [som chupar]. Ficou e quase morre paiko.

Tɜpatona, tɜpatona. Tɜm, tɜmtɜ, tɜm, tɜmtɜ, tɜm, tɜmtɜ. Hum tɜkɜna
wamam

Chegou para ele. Pica-pau. Alguém chega. [batendo no pau]. Aí tem gente

tih ta'am. Wamam tih tsabo. Ito imatohoki anitsa. Adɜ tsɜkɜno oti tsobɜ.
forte. É forte mesmo. Ito eu vou falar com ele. Eu quase morri mesmo.

[MB/WF]

Djɜ ha'anim itsakwa. Hanim itsakwa. Tɜkɜna adɜ anim itsakwa. Dɜrɜ hak
dji

O que é itsakwa? O que é itsakwa? Eu sou gente itsakwa.

[ZS/DH]

adɜ atsa pok idahadjinim. Paiko lá em cima dele
Experimenta a minha canoa que eu trouxe. Paiko lá em cima

Que [ininteligível] anim. Oh dá pra cair, não vai não. Ooh, amtɜbɜ itsakwa
dele. [?] Está para cair, não vai não. Ooh, não pode itsakwa

padjawabo. Panim tso wabo. Ooh, itotih imahokina nabi itsakwa.
espera aí. Eu já vou. Ooh, eu vou falar só com meu ito itsakwa.

Ito, ito nahodjiedik. Deuktɜ na'am kitsa tuna kitsa. Tsɜkɜ adɜ tsabo.
Ito, ito vem buscar você. Ele não está forte para ir mesmo. Eu vou

Tsɜkɜ adɜ ayohdɜrim tsabo.... Pinicapau. Aquele tototora tototora.
morrer. Eu vou morrer de fome mesmo. Pica-pau. Aquele que canta assim.

Aquele vai, vai, vai, vai adiante tu, tu tu tu, lu, lu lu lu ... [rep]
Aquele vai, vai, vai, vai adiante tu, tu tu tu, lu, lu lu lu ... [rep]

tuna amkina, tsa, tuna da tsa nana. Tuna tsakina.
ele já foi, foi indo.[ininteligível, pode ser plural] Foi [batendo pau]

ɔyaaa, tihɔ abara tatamtih. Já vai. Ooooh waukna Kodak Padja natatam.
indo. ɔyaaa, desceu, sua caça está aqui. Já vai. Ooooh, Urubu chegou para

Tɔna ...tɔkɔna ... tsotso bara natihɔso, panim tuna naki am.
ele. Ali... gente ... tsotso nossa caça fez isso, já vai, é lá mesmo.
[que seria FZ/WM, toda esta parte ininteligível porque ele fala enrolado]

Bara adɔ atopok animtso. Ta aniama am. Ta adɔ tsɔkɔtsabo.
A caça que rezou para mim. Então eu fiquei. Aqui eu vou morrer.

Hatɔnɔam totsohikbɔ. Nho ihina wabo ... Yayayam ...
Aonde nós vemos aí mesmo. Eu vou buscar longe ... Yayayam [som de voar]

[alguém pergunta sobre urubu] Hum, todji Kodak Padja todadji. Kodak
... Hum, Urubu vem de lá, vem de lá. Urubu

Padja todadji ... li, li, li, lɔ, lɔ, lɔ, lɔ ieeeyee nama hetoda.
vem de lá ...li, li, [som de voar] ieeeyee ele chegou ali de novo.

Too, to, to to to. Hanimbɔ. Aah, aah amam kaki adɔ tsabo ito.
[bate asa para pousar]. Chegou também. Aah, aah ele vai me quebrar o

Kakitɔ itsakwa, kakitɔwa. Kakitɔ itsakwa.[outro fala]
galho ito. Quebra não itsakwa, quebra não. Quebra não itsakwa.

Uh, tatam adak abi kidiki. Todaki itsakwa.
Vocês podem comer a pele descascada dele. Senta itsakwa.

Darahak ki atsapo tso. Tih botɔ tih, itih dɔ bo kobo tsa. Tih
Experimenta minha canoa. Aí, embarca aí, segura e fecha o olho. Aí,

noko ome'riknaha edik amtɔ adjibo. Tɔnimbɔ edik animbɔ itsakwa.
morde a língua você, senão você não chega. Faça isso mesmo itsakwa.

Deuk. Dam paiko na. Patɔna paiko kilikana tɔktɔ tɔktɔ tɔktɔ, tɔktɔ.
Força. Paiko está no caminho. Paiko vai para lá, vira para subir, bate

Imatɜbɜ tsa doham. Uuh ... dɜdɜ ... dɜ, hiii onaham ki. Towahak ahiknaa, asa. Eu faço mesmo saltar. Uuh, [som outros urubus] hiii isso é outra

wanahi todjiii. Kimhi wapatona tsotso.
coisa. Ele procurou por sua casa, passou, entrou aí. Voltou para lá com

Haaa, otsatsanam atsatsana tso. Ikobi ikobi watama,
tsotso. Haaa, não vai pisar nele. Eu como o olho [meu pai?][rep.],

ikobi ikobi watama, Wayo Wayo, Wayo, Wayo, yogbi kobi wapama, Wayoo,
Wayo [provavelmente nome do Urubu], eu como o olho meu pai,

Wayoo, Wayoo, Wayoo. Tɜba, Kodak Padja anya. Amtɜbɜtso ...
Wayoo [rep.]. É mesmo, as mulheres do Urubu. Não faça não ...

Napambara ti no'obim tobitso.No'obim kobihitsa iko bihtsa apama.
Seu namorado vai matar caça para você. Eu vou chupar com minha língua o

Nokobi anihtsa atsakwa ipam barahak tsotsakwa anim ...
olho do namorado meu pai. Não vai chupar não, meu genro vai caçar
[Urubu fala fanhoso e engole as palavras]

Barahak atsaitsakwa anim, barahak,
e matar caça, é nosso genro. Meu genro vai flechar caça, flechar caça,

barahak tsatsakwa. Paiko todji, naitam kodji paikooo.
meu genro flecha caça. Paiko chegou, como paiko pode tomar banho. Como

Naitam nodja anim. Manatih. Calado. Notohonimpa ahtamtih.
ficaram alegres. Fiquem quietos. Calado. Não vão achar graça aqui não.

Ediki namahoki tamtuh ... Ambak, ambak, ambak, ambak. Anim, anim,
anim,
Eu falei para vocês ... Tá bem, tá bem, tá bem, tá bem. Está, está, está,

anim. Opara, opara, opara, opara. Djatɜ panim nimbak konama animbɜ.
está. Amanhecer, amanhecer, amanhecer, amanhecer. Ele não estava alegre

Tɜtɜtɜrɜnim tih ki ambɜ. Dɜrɜhak piram agüentar iwiu ama.
Porque estava doente mesmo. Ele estava magro mesmo. Ele foi experimentar

Ito, ito, hatɔ nodɔrɔkɔam am?
puxar o arco. Ito, ito, cadê sua flecha?

Itatak totih tih ibaramam anim itsakwa. Notih atsa dɔrɔkɔam. Tih.
Ha, bem aí aonde eu mato caça, itsakwa. Pega aí minha flecha. Pega.

Nahi mari [bari] tabotso. Ha, hak nowabara adɔ anim antiwa.
Já se aborreceu de banana. Ha, seu marido vai flechar eu vou ficar aqui.

Paiko nadɔ nikanaɔ paiko ahikna mok. Paiko nahik mok, tɔkɔna iwabɔ,
Paiko saiu na frente procurando anta. Paiko viu anta, gente rastejar,

iwabɔ, iwabɔ, ahikahak niama. Tsahnobikom ahodji niama.
rastejar, rastejar, ele viu e flechou então. Então ele trouxe o rabo.

Damimkom hodji niama, tititi, titi, titi, ti, ti maburuku niama,
Então vieram buscar a tripa, tititi [batendo sapopemba]

kuru kuru, kuru kuru, kuru kuru amamtsɔbo bau. Mok nama ta
sinal caça grande] [conversa do Urubu?] ele cobriu. Anta está lá para

dɔrim. Aah. Itso, itam tɔkɔna yowɔ tɔ animbɔ.
ele mesmo. Aah. Minha filha, eu quero essa gente para fazer isso

Awara ti anim wapɔ bɔ. Owamam naham adɔ anim ito. Obammahik tatsa
O caçador vai dar de comer. Eu vou pegar outro ito. Vamos cuidar do

itsakwa. Maborowa adiwa tsɔnim adi wa titso. Adik ahiktso. Adɔ tɔnim
meu itsakwa. Lamberemos até que rasga, nós aí minha filha. Nós vimos ele.

towabo, adɔ tɔnim towaadɔ tɔnim towa. Tsoohee. Kodak Padja irɔ, Kodak
Eu vou lá, eu vou lá também, eu vou lá também. Tsoohee. Ele se deitou com
[grito chegada]

Padja ira, ira Kodak Padja anya. Paiko na'ira Kodak Padja anya. Paiko
a mulher Urubu. Paiko se deitou com a mulher Urubu. Paiko se deitou com a

na'ira Kodak Padja anya. Paiko na'ira Kodak Padja anya. Opara. Tiham
mulher Urubu. Paiko se deitou com a mulher Urubu. Amanheceu. Levanta
aí

adiko maim [ininteligível], itso. Barimam noto kuya.
amanhã, minha filha. Faz kuya de banana.

Totih nokotɜ. Tam kodokirianim amtsɜbɜ amdobu ... Nokok tahaa.
Aí, com você aqui. Eu disse quando ouvi o trovão ... [ininteligível].
[Acabou um lado da fita, perde um pedaço]

Adɜ tohik adɜ wabo. Adɜ tohik adɜ wabo. Adɜ to anim towa. Adɜ ato'anim
Eu estou olhando para lá. Eu estou olhando para lá. Eu vou estar lá. Eu

towa. Tsɜɜ, kiii. Kodak Padja ira. Kodak Padja ira. Kodak Padja ira.
vou estar lá. Tsuu, kiii. Deitar com Urubu. Deitar com Urubu. Deitar com

Kodak Padja anya. Akodak ira, Kodak Padja anya. Akodak ira Kodak Padja
Urubu. Mulher Urubu. Deitou com ela, mulher Urubu. Deitou com mulher

anya, akodak ira Kodak Padja anyaaa. Opara. Tiham omimkom mam. Itso,
Urubu, deitou com mulher Urubu. Amanhecer. Amanhã vai buscar a tripa.

bariwa noto kuya. Totime mimkom paha. Tam konink ediki amdibɜ am
amdibɜ

Minha filha, dá kuya de banana para ele. Ali tem a tripa podre. Eu falei

... Nokak taahaa. Deuk. Anim tam tsoko tanim tsa.
e vocês devem fazer.[desconhecido] Forte. Nós devemos nós lembrar mesmo.

Tan, tan, tan, tan, tan, tan, tan, tan, tan. Nhaa, ssh, itso tsobotso
Tan [rep.][batendo asa]. Nha, sh, minha filha vamos

hinatso. Tsobi tɜtam tsomana tihtso, tsonɜtsabo hidja tso ... Nowi tsohik
buscar. Nós vamos comer aí mesmo, minha filha, manda seu irmão. Nowi viu

paiko topoa mok. Towahak bawa. Kodak Padja anya nadoham hatom. Wiwi,
paiko cobrir a anta. Aí ele flechou dois. A mulher Urubu sentou em cima.

wiwi, wiwi, wiwi. Wiwi, wiwi, wiwi. Kodak Padja wadikdik nadikdik notokok
Wiwi [Rep.][Canto Urubu]. Urubu se chama, se chama, só sabe nome de

Atonim atɜtsoa. Amsobik bik bik, bik, bik, bik. Aikobi mok. Towi itso,
Atonim. Está bicando. Ele está comendo olho da anta. Olha minha filha,

atsa aiko anim towa itso. Mamditso pama. Animtɔ awapama naikobi anim
meu olho está aqui. Pega aí meu pai. O pai dela ainda não tinha comido o

kotɔ. Maitsɔma manim wadidi mabik, mabik, mabiiik, mabik, mabik, mabik,
olho dele. Coma aí, balance a cabeça para frente eles comeram, comeram,

mabik. Eeeeh, bapopoho. Madɔdak kodji ...

comeram, comeram, comeram, comeram, comeram. Eeeeh, acabou tudo.
Lavaram

Madɔdak kodji ... Paiko adommana,awahdom amam niama waraknim paiko
wapɔ

o beijo ... Lavaram o beijo ... Paiko foi pescar, então ele foi fazer,

awadom. Bari'ô niama. Kodak Padja noota ... noota ... mokbihnim.

cozinhar e comer seu peixe. Então ele bebeu banana. Urubu comendo a
anta.

Paiko tsɔkowam, bari wao paiko. Paiko na'ira abatsawa ...

lá. Paiko quase morre de comer, paiko bebeu banana. Paiko se deitou com

Ahwam, ahwam, ahwam. Waukna obawa hak. Ahak obawa tsɔbɔ.

sua esposa ... Passa tempo, tempo. Chegou e flechou dois. Ele flechou

Ti am to. Tɔkɔna ahik am. Hiii, hoto mok, hoto mok tom. Hiiiii, hahtɔmok
dois. É esse aí. Gente está olhando. Hiii, ele estava com a anta. Hiiiii,

manihito tih idja? Hiiiii, hii, hii, hii, hii, hii. Dahadji ta'

o que é que você faz aqui irmão? Hiiiii, hii, hii, hii, hii, hii, hii.

[seguem umas partes ininteligíveis]

itanim edik ki. Esse eu sei, mucura. Mucura, tɔkɔna anya [ou anham] anim.

Você está chegando. Esse eu sei, mucura. Mucura, é gente mulher [ou ele].

Ha'anim nomanim adɔ tsonomanim? Amam tohoki, bara tiyam.

O que você está fazendo aqui que chamou nós? Eu fiz para falar para você

Oh, tsɔpɔ obɔ onaham tih tawari. Adjaba tokori tiyam anim. Tsopɔ tɔ

desta çaça. Oh, esta coisa aí, meu amigo, nós não comemos. Esse é alma de

atɜnim. Kihim adɜ tsabo, kihim na. K'im hina niama.
Adjaba. Nós não comemos isso aí. Eu vou voltar para lá. Então ele voltou.

Darahaktɜ ohoko otɜkɜna. Tɜkɜna tamtih.
Aquele que não experimentou gritou para outra gente. Tem gente aí.

Anim tih bara tokpɜhɜ. Haitanim nanim ham Waikom Djapa. Djam.
Hooooo,
Aí tem quem come. O que é, que é Caba. Olha aí.Hooooo,

hooooo, hiiii, hihihih, hihihih nodakbi, ho ho ho ho nahikdji.
hooooo, hiiii, hihihih, hihihih você come algo, ho ho ho ho já viram.

Haitanim? Bara tihak animtso. Iiiyooo, wapɜ adiktsa. To ti'ambɜ mok adak
O que é? Eu flechei esta caça. Iiiyooo, nós comemos. Faz aí a anta
[admira]

pɜhnim amiim. Watsi Waikom nabɜhɜ watɜkbɜhɜ abɜk mahik amiam.
Bɜhɜk
vermelha. A Caba fez a anta mesmo assim para verem assim. Fez para isso

amiam. Atanim paiko toktɜhɜ atanim paiko da'adji. Bokopɜ, bokopa, ha-
nim
mesmo. Paiko estava sentado, veio de lá. Acabou, acabou, aonde ele está.

tam na'am. Ohnotom makanatih animtso. Damadji dɜ tokpua animtso.
Amimkom
No outro lado, está mais na frente. Eu deixei coberto. Eu trouxe a tripa.

tih dahadji. Tam tih am amimkom tiyam abi toda. Opara. Otiham da'adji ...
Aí ele come a tripa lá de novo. Amanhecer. Amanhã ele veio ...

Naitam da'adji tɜ anim kotɜ. Panim tuna aibu Waikom Djapa. Waikom
nimbak
Ele vem de lá também. Ele já foi para o seu ibu, a nação da Caba.

animtso. Waikom nahik anim tɜkɜna. Paiko Atsoya da'adjiiii. Ti mok
É Caba mesmo. Caba viu gente. Paiko Atsoya chegou. Ele viu essa anta
[nome?]

ahikdji. Təkəna wa wa'adji. Wəw, wewe, wə adak koroooo. Diknim.
Gente veio chegando. Wəwə, wewe você belisca a pele. Vocês.
[voando]

Wə adak koroooo mok. Ooowah, vamos embora comer apama, ima edik
am pama.
Outro beliscou a anta. Ooowah, vamos embora comer pai, vai começar meu

Amaham təamtə pama. Bik obik onabak edik. Oooh, animbak tsobanim
itso.
pai. Vai fazer isso, meu pai. Beliscando o outro está bom, vai você. Oooh

Panim adik, nobi abarahai kotə. Anham anim totso. Tuna ki na obim amti
está bom mesmo minha filha. Vamos lá, come a carne dele também. Aquele aí
itso? ... [terceiro fala algo atrás]. Atobowa, ama tobowa atso tso. Kodak
mesmo. Será que seu namorado já foi, minha filha? Ele aconselhou a sua

Padja namam ... Ha'am ninim, atsa təkəna amtso? Ha'amtə təkəna amtsobə?
filha. Urubu que fez ...Aonde está minha gente? Aonde é que esta gente

Atsa təkəna amti tso, Djo'iknək, Bo'inək. Tih təkəna anham tih.
está? Só meu pessoal, Djo'iknək, Bo'inək. Essa gente estava aí.

Tatam barahak bara hina hina tih. Tihdək tih, tih aniok dakdak. Atənohik
Foram caçar para buscar carne aí. Eu estou aqui, tratando peixe aqui. Ele
[frase não clara]

aditsa? Adəkdəzək bara, hə ... Ha'ai tsinabo ... Deuk/Adə [?]. Tamtiih.
vai ver nós? Eu peguei carne ... Fica aí ... Eu. Aqui.
[ininteligível]

Tiiii, waukdji. Hai'itanim nomanim idja? Tubə bara
Tiii, chegou aqui. O que é que você faz meu irmão? Eu tirei o olho da

naikopok anim idja. Deuk/Adə opoknim katə ahiwi tso. Adə ... Itsaro
çaça aí, meu irmão. [ininteligível, parece voltar à sorva]. Eu ...

hinok, itsaro ida edik ... itsaro hotamtam. Tatam hinək Dakdak dahə
as mulheres, vão vocês ... mulher não foi. Preguiça está levando elas

anihbɜ. Mawin notɜbɜ atso ... Hiii, ah, Mawin tatsiho padihe piaopɜ tobɜ mesmo. Preguiça não fez a filha dele ... Hiii, ah, Preguiça rezou aí e

bahinim. Aheee, adjoro adjoro. Topo dai mohtowa bowatso. Heee, towɜhbɜ nasceu um filho. Aheee, ele fodeu, fodeu. Topo também ficou grávida de

tututura, tututura, tutututra tɜ purɜ'ɜ. Adɜ ki nohak bɜnim tsakwa. novo [ou dos dois?]. Heee, pica-pau tututura [rep.]. Eu que vou fazer sua

To nohak huniam tsimam kotɜ ... Oba huniam ... Oba huniam tsimam kotɜ ... casa itsakwa. Nós vamos fazer sua casa ali ... Vamos juntar outra palha

Adɜ mamdji mam. Ori tai tso.

... juntar outra palha também ... Eu cheguei para fazer. Folha do mato. [ininteligível]

Deuk, manatso. Tih djibo. Taham nohik bɜ, tuna napadja naki ki ada Forte, faça aí. Pega aí. Fica mais para cá para olhar, ele vai esperar

horonimhɜ. Adik animbo. Adik, adik am tɜnim. Mawin sai. Da'am tɜ ki-diki?

escondido com folha do mato. Nós somos assim. Nós, nós mesmo. Preguiça

[terceiro fala] ... Djam. Ta'am ta'am bu. Ta'am tɜnim bɜ hiwi, hiyaa wara sai. Ainda não foram?... Olha aí. Foi indo, foi indo. Essa sorva está aí,

tihti tihtihinim ... Ana tihti nomaripɜ nowa gravatana. Tirou gravatana. com muito medo ele estava só, escondido ... Ele andou só com zarabatana e

Towik tibo taitamtsabo. Taitam. Nowa bara pauhnim. Hudja, kadjikiri, o veneno. Tirou veneno. Olha aí, está chegando. Chegando. Seus bichos

ihpidi, hororo ... wadjo, kadjikiri, uh, ɜh, ɜh, otɜkɜna hikdak dirim. pulando. Macaco preto, macaco de cheiro, suim, parauaca ... macaco prego,

Ho ho ho ho

macaco de cheiro, uh, ɜh, ɜh, estão procurando gente mesmo. Ho ho ho ho

ho ho ho, ho ho ho ho. To tatɜ koda dibo amimnaki, odjam nodahadjidi ho ho ho, ho ho ho ho. Olha bem lá dentro do buraco, irara trouxe alguma

konohmam. Aqui tem umbaúba verde ibu. Anim tsoi Mawiiin ... Aba, ab3
coisa. Aqui tem umbaúba verde ibu. Vamos comer Preguiça ... A folha dele,

am3 hina t3tat3niha Wai tat3niha, wab3niha.
vai buscar para fazer, será que ele está lá, será que Caba está lá, ele

Mahitit3niha. Hiti ta'am to dok, dok, dok, dok ... Not3nim nakat3.
faz buscar. Será que eles não estão vendo nada? Subiu para lá, dok, dok,
[fruta que cai]

Hokparii. Hoots3, abarohmam.
dok, dok ... Vocês não estão com raiva. Assopra flecha. Hoots3, ele tira

Hokpari. Iiii, paiko dapikadji boko ... Hanim t3 amtsak adik amtso. Hitsa
flecha. Tira flecha. Iiii, paiko já caiu para frente ... Lá onde nós

panim ti anim apotso opatsim djodo. Kodak poi hotso.
estamos. Hitsa já estava aí com o filho no braço. Não tinha pestana.
[tradução incompleta] [nome mulher]

Mawin nawa opatsim. Tih paiko namanim. Wanimam nabubuam.
Filho de Preguiça. Aí paiko fez isso. Ele bateu muito com imbaúba.

Mawin nawa opatsim ati. To natam ad3bo. Oh, Mawin nati anim.
Ele matou o filho de Preguiça. Eu vou embora. Oh, ele já matou Preguiça.

Hiram napik ad3 tso. Opik at3bo am amtso. Kamudja na'iki hak.
Quando levantou ele jogou em mim. É o coati mesmo. Ele flechou muito

Hudja iki hak. Adik tuna paiko konohmam. T3 amb3 pamdik aniiiiim. Pahdji
barrigudo. Flechou muito macaco preto. paiko e irara saíram. Aí nós

ad3 k3tso habakt3 otodji. Mawin nawa opatsim dawaimamdji. To paiko tso.
chegamos lá. Eu também cheguei no tapiri e o outro chegou. Ele jogou fora

Atso adahadji atsotso. Haaa panim bapo bo. Bapo.
o filho de Preguiça. Paiko está lá. Ele trouxe a filha dele. Já acabou. Acabou.

[continuou com este pela sua inspiração] Uma onça. Wamok. Niama.
Uma onça. Mulher. Então.

Oooh. Edikiada tawa koro to niama. Ediki nawa tawa anim djɔbo. Wadjo
Oooh. Então vocês vão lá capinar a roça. A roça de vocês. Wadjo, meu

animtam tsokoro anim yokpɔ. Tu niama tsotokoro animtso. Tawa tsanam
filho, nós vamos capinar a roça. Lá, então, vamos capinar. Vamos carregar

nahina, da'adji. Tatam tsobobo animtsooo, tok tokkanaronim ka. Kotsaa,
macaxeira para cá. Lá nós fazemos a pintura da nossa cara. Lontra, traz

dadjok dom, Kootsaa. Kotsa yiwa, yiwa, yiwa, yiwa, dadom hodji. Dadom
[nadando] peixe aí, Lontra. Lontra yiwa, yiwa, yiwa, yiwa, yiwa, ele leva

hodji. Kotsa namam adjoro adɔbo adjɔronim, tsɔnimɔ dakia.
peixe. Ele leva peixe. Lontra fodendo comigo, fodendo, ficamos de [ininte-
ligível]

Hɔm vai, ihtakirakom pok tih kotɔ. Watokdanim ta'amti kotɔ.
cocoras. Hum vai, lontrinha fode aí também. Ela se deitou e a outra aí

Wiripa pahdji padjam. Niama, haitanim dom ediki namanoim tso? ...
também. Wiripa chegou descansada. Mamãe, como vocês fizeram para pegar

Amtamtam yokpɔ. Tsakba itsarɔ kidak. Tsakba tsohomanim. Anim tsaba
peixe? ... Não é meu filho. Puxamos a pera velha. Nós puxamos. A mulher

anowamok, nowamok. Tɔkɔhinim tso manim anim yokpɔ ... Tɔkɔ todji ...
dele que fez, a sua mulher. Vem aqui para cortar lenha meu filho ... Vem

Animbak anim niama. Animbak anim yokpɔ. Anim kotɔ diiii, opara, otiya.
cortar ... Certo minha mãe. É isso mesmo meu filho. Passa um dia e uma

Opara. Tiham da'am okotɔda. Tawa hinanim. Kotsa niama
noite. Outro dia. Hoje vão lá de novo. Vamos buscar macaxeira. Lontra

nata nodom hodji ... Hum, pama, bora ta'am, ta'am amtɔ pahdji.
traz o peixe dele para minha mãe ... Hum, pai, bora está na hora de

[interferência de criança] Pama, baohnim, baohnim edik anim bɔ. Kuham
chegar em casa. Pai, a roça, a roça que você está plantando. É mentira,

anim, darahak anim idja. Tatam motsa ... Dahadji oba ... Dahadji oba ...
experimenta aí meu irmão. Chega lá mais tarde ... Me dá tabaco ... Me dá

Oba horɜ horɜɜɜ. Oba horɜ horɜɜɜ. Ka. Uru'uru u hara. Ho ikunaham ɜhti
tabaco ... Tomou tabaco pela nariz. Tomou tabaco. [som de vomitar]. Ho,
[assim tira djohko]

korɜma'am. Anobo niama, tatam hina dapitipiti natam tih. Tatih niama
ele tem olho esta cobra. Eu mandei então, ele foi lá buscar e aí entrou

korɜma'am kaa'aam. Aumitsa. Tɜkɜna waukdji nok. Waukdji nooook, todji adɜ
no capim. Ali minha mãe, tem cobra. Ele chegou mais tarde. Elas chegaram.

dom, Kotsa, adɜ doooooom. Kodjidi, yuwa, yuwa, yuwa, yuwa, yuwa, yuwa,
Elas chegaram, aí Lontra chegou, eu quero peixe, Lontra, eu quero peixe.
yuwa, yuwa, yuwa, ui [outro: já chegou?]
Tomamos banho, yuwa, yuwa, yuwa, yuwa, yuwa, yuwa, yuwa, yuwa, yuwa,
[batendo n'água]

Hum, waukdjits. Hooo, hooo, hum, wahwa ki no'obim anim tso.
ui, ... Hum, chegou não. Hooo, hooo, hum, seu namorado está no outro

Hum, wahwa ki no'obim anim itso.
igarapé. Hum, seu namorado está no outro igarapé minha filha. Quando a

Adjikatɜ tɜkɜna adju atso. Oooh, oooh, oh, dadoham tih wirimim pika'am.
gente chegou também, pegaram a filha dela. Oooh, oooh, oh, sumiram aí e

Wiripoi tatam. Panim Kotsa dorohok mawa
encontraram a trilha profunda de queixada. Cabelo de queixada estava aí.

konaki ... Panim nadak mapohnham mahai porok niama.
Lontra já estava sentado bem no meio delas ... Então eles tiraram da

Itsaro napɜ anyama ... Otsi aditianiim.
sua carne depois de cortar a pele. As mulheres comeram ... Otsi estamos
[nome?]

Him, otia, opara. Otia otoda. Atihti ...
aquí. Chegou, passa uma noite, um dia. Outra noite ainda. Aqui mesmo ...

Atadirim dirimti atadirim. Amtɜniim. Dahi podji tsa. Hum, puni atsa pi
No lugar dele mesmo. Nem pensava. Ele vai trazer. Hum, tira meu espinho.

tso. Puni atsa pi. Tih pi korɜkɜɜm am pi tso. Ah am hinam kiditsa
Tira meu espinho. Este espinho mexe na carne dele. Aha, puxa minha

... Hɜ ... Nho, haihtanim, ha'ihta'am? Tiyam, tiyam. Tiyam tɜtso
perna ... Sim ... Está bom. Cadê, cadê? Ai, aquele. Isso aí mesmo

korɜkorɜnim. Apɜnim, apɜnim, apɜnim apɜnim. To aba patona adɜ tsaha
que está mexendo. Ela vai tirando, tirando. Com a mão eu puxo o tucum de
[ininteligível]

haritsa, hoom. Naitam nanim? Wara topaha animtso, anim paha animtso.
lá, hoom. Como é? Tem muito podre aí, é podre mesmo.

Kotsa adik adjoro adik tsobu. Amtɜ kidiki? Mapadakom anim animtso.
Lontra estava fodendo com nós. Não tem vergonha não? É mesmo o testi-
culo
[lit. algo como 'não ser vocês?']

Nobubu wai edik ki tsabo ... To Horori Bokopo wadik. Tan,
deles. Você bater mesmo em você ... Ali ele chamou Hori e Bokokom. Tan,

tan, tan, tan, tan, tan, tan, tan, tan, tan. Aaaah, aaaahhaaa, aaaah,
tan, tan, tan, tan, tan, tan, tan, tan, tan. Aaaah, aaaahhaaa, aaaah,
[batendo asas]

aai aiaiaiai, aai. To madjinim não aitsɜnim. Awabara tokbwa.
aai aiaiaiai, aai. Ali elas chegaram lá no mato delas. O marido dela

Wahikna wabubu wam. Wadjodjo djam wiripa niama.
fez isso. Estavam vendo que ele açoitou muito. Então, marchando na

Imanim bak ediki tso. Hɜ, hɜ, hɜ, hɜ, hɜ ... Tamta opatsim kotɜ.
trilhas, viraram queixada. Eu vou lembrar de vocês. Hɜ, hɜ, hɜ, hɜ, hɜ
[grunhido queixada]

Tso omimim kohana opatsim. Niama, niama, niama, niama, niama, niama,
... A criança ficou aí. Ele faz comida para as crianças. Mamãe, mãe, mãe,
[pouco inteligível]

niama oh. Ta'amtɜ mion. Darahak, nowati idja. Anim nabɜbɜ. Djam.
mãe, mãe, mãe, mãe oh. Vou lá não irmã. Experimenta só o seu, irmão. Ele

Odadododododooo, omani to dona. Darahak tso, mion. Too, to,
bateu asa. Tá. Odadododododoo, [batendo asa] Tenta, irmã. Too, to,

to, to, to, to, howa, howa, howa, howa. To to to to to to to, howa,
to, to, to, to, howa, howa, howa, howa. To to to to to to to, howa,
[canto gavião fêmea]
howa. Inowa anim iya. Djam. Atsa imam tsabo. To to to to to to to,
howa. O seu, meu irmão. Tá. Eu já faço o meu. To to to to to to to,

maaawa, maaawa. To to to to to to to, maawa, maawa. Ta'ama, awa nhimam
maaawa, maaawa. To to to to to to to, maawa, maawa Ele fez isso, ele
[grito gavião macho]
natiti dirim. Am tso, tihi nowɜtɜ. Tuna nanapana adɜ.
açoitou muito nossa mãe. É mesmo, você não quer descer não. Eu vou virar.

Ka, já terminar. Já terminar wiri.
Ka, já terminar. Já terminar queixada.

Matador de, não comia queixada não. Só comia hudja. Só comer hudja,
Matador de, não comia queixada não. Só comia macaco preto. Só comia

só comer. Hudja pɜ, hudja pɜ, hudja pɜ, hudja. Wiri pɜ anim adɜ tɜkba.
macaco preto, só macaco preto. Comia macaco, comia macaco, comia ma-
caco,

Taropɜ komhimdji. Amtɜ animbɜ amtɜ adɜtowa.
macaco preto. Com vontade de comer queixada. Ele fez vinho de tucumã

Amtɜ tsokorɜredji. Amam hɜkdji ahiparara apamnim ahɜwamnim.
nova. Eu não fico, eu vou com você. Vamos quebrar em pedaçinhos. Ele

Taitam tih mawabɜnim. Taitam tih paniim. Atɜ nɜdja, hɜɜɜ.
disse para tirar o caldo para ver se era amargoso. Chegando aí foram

Ahodji ahiparara pamnim paradi.
fazer. Já chegaram aí. Estavam alegres, hɜɜɜ. Ele vem buscar o caldo já
[ininteligível, talvez 'ajuda meu irmão']

Tɔnon idja Tɔnon di idja, Nɔdi nɔhik adi wabo. Hata donim bara?
de noite. Tɔnon irmão, Tɔnon meu irmão, Nɔdi vê a gente. Para onde

Tɔna tih ba'amtso. Ba'amtso. Wapɔditso idja, aihamtɔ idja.
foi a caça? Foi aí, deixa para lá. Deixa para lá. Vamos comer meu irmão,

Aihamtɔ edik anim kotɔ. Ha'am edik kotɔ. Hata'am paiko tso?
você é teimoso. Você também é teimoso. Fica aí você. Cadê o homem? Paiko

Paiko totodjima. Paiko Pima waidjo panim. Njodi towiri ooh. Hoooh.
vem de lá. Paiko Pima já vem com canto dele. Njodi estava com wiri. Hoooh.
[ininteligível]

Hokam to adɔ tsimam daho notsi nham. Nobaktihtam anim tsawa? Ahiknim
Eu sumi de lá e levei comigo. Você está alegre itsakwa? Ele viu paiko, lá

paikooo to ahik powadak naki. To powadak naki, tih dahonam toda. Tiham
na palha da palmeira. Lá na palmeira, aí levaram lá de novo. Então

niama, ahikna. Atahik niama. Atodadɔnim.
amanhã ele vai procurar. Então ele viu de novo. Viu lá de novo.

Atso dadɔniim mahik atoda. Ahik natoda. Atso da anim toda.
A filha dele foi e viu eles de novo. Ele vai lá de novo. Minha

Uh, djam. Toda derim to otoda, o wau toda anim tso.
filha vai lá de novo. Uh, para cá. Ela foi para outro canto, ela chegou
[para frente] [ininteligível] [ininteligível]

Wé, wé, wé, wé, wé, wé, ta'am aopɔ ikauknim.
lá no outro lugar. Wé, wé, wé, wé, wé, wé, o filhote dela está chorando.
[grito queixada pequena]

Panim Kapiori. Kapiorii. To'ik katɔ to'ik katɔ iyaaaa. Kiripam mahuk
Rápido Kapiori. Kapiorii. Olha para lá, olha para lá meu irmão. Eles
[mulher que fala] [todo tipo de batata pequena]

adik kotɔ kiripam. To'ik katɔ iya. Hiiii tobowa hik. Oba hakba hina.
juntaram batata para nós. Olha meu irmão. Hiiii, olha para aí. Oba busca
[nome mulher]

Tsuk, tsuk, tsuk, bauk tsuk bo. Odanim datsaknidji.
palha de casa. Tsuk, tsuk, tsuk, bum, tsuk. Arrastaram e cobriram.
[som cortar] [som caiu]

Hororo, hororo, hororo, hororo, hororo, tsaka paiko namam. Iiiii, iiii,
Macaco, macaco, macaco, macaco, macaco, paiko buscar. Iiiii,
[ininteligível]

iiii, djamdji, iiii. Iiii, éé animtam odjotso, aba awaimam.
corre aí, iiii. Iiii, éé ele estava aí e ele jogou a palha. Minha

Atsahai hokam. Ediki na hororok. Atɔbok. Abahok anim toda.
carne vai se acabar. Vocês estão queimando. Assando. Juntou a palha lá

Tsaka ho anim hotoda. Abaktsak adɔ ho'aniiim. Nekik adidik, nekik adidik,
de novo. Juntou [desconhecido] de novo. Eu empurro e junto. Vamos puxar,

nekik nekik adidik, nekik adidik, nekik. Naitam. Djabatam nahik toda.
vamos puxar, puxar puxar, vamo puxar, puxar. Como é. Ele vê de novo o que

Paiko tsadak tih nohik to kodo dji ... Paiko tsohikniiim, wuuu.
não presta. Paiko você vê minha pele aí no alto ... Nós estamos vendo
[grito queixada]

Tatam adɔ. Ha'i mana toda. Wik, wik. Ha'anim tih to'ik.
Eu cheguei. Foram de novo no rastro. Wik, wik. O que tem aí, olha. Jogou
[grito queixada]

Aba waikmam. Tam paiko, wuuu. Paiko djahidji. Adɔ anim bɔ ito. Adɔ anim
a palha. Está aí paiko em pé. Sou seu ito. Sou eu ito,

ai ito noktɔ adɔ anim bo ito. Noktɔ adɔ anim tɔ, noktɔ adɔ anim ito.
eu não estou valente não ito. Eu não estou valente não, eu não estou

Hɔ, hum, hɔ hai, hai, hai, hai, hai, hai. Motsa dɔrim
valente não ito. Hɔ, hum, hɔ, hai, hai, hai, hai, hai. Foram atrás
[queixada que está indo embora]

hik. Motsa dirim hik. Motsa dirim hik atamtam ba'anim tso. Abotsɔ
olhando. Foram atrás olhando. Foram atrás olhando, você não vai encontrar

anim. Adiki abiriham tih tso ... Djam ... Iiiiiii, iiiii
mesmo. Para com isso. Nós escapamos aí ... Olha aí ... Iiiiiii, iiiii.
[admiração de gente]

Nodji ahik təkəna animbuuu. Nobu panim bu ipiaaa. Djam, hi hu hu hu hu
Nodji está vendo a gente aí mesmo. Mandei meu filho para isso mesmo.

wiri anim tsəbu. Huu, ediki nohok anim nokbuuu. Nomimho, tsi, tsi, tsi,
Correram, hi hu hu hu hu hu é queixada mesmo. Huu, vocês gritaram pelo

tsi, tsi, amtə konibi.
seu ibu. Falou com a boca, tsi, tsi, tsi, tsi, tsi, não é a fala da caba.
[cunhado] [ininteligível]

Tsiktsik am tih kotə. Tsi, tsi, tsi, tsi, tsi, tsi, tsi, tsi, tsi.
Fazer xixi também. Tsi, tsi, tsi, tsi, tsi, tsi, tsi, tsi.

Doham paiko, doham niama, doham paikooo. Tatam paiko tso.
Paiko saltou para o outro lado, saltou então, paiko saltou. Paiko está

Pahdji paiko dgoripa. Pahdji toda paiko tso. Terminar, paiko
lá. Ele chegou e virou cupim. Chegou paiko lá de novo. Terminar, paiko

Pima virar queixada. Pima ele. Nome dele Pima, paiko.
Pima virou queixada. Ele é Pima. O nome do paiko é Pima.

Aqui encerrou-se a narração de Muyawan, com um mito que ouviu de um Tukano, o mito 69. Muyawan estava à vontade nos registros e contou o que veio à sua cabeça. Ele estava na casa onde morava e somente com alguns familiares presentes. O outro registro gravado foi num fim de tarde, um pouco de surpresa, no último dia que fiquei em Queimado, naquela estadia. A surpresa atrapalhou Kurau no início:

Mawin. Tom. Mawin tom paiko hiwi katə. Hiwimam tom paiko ...
Preguiça. Em cima. A Preguiça deixou paiko na sorva. Paiko está na

Hiwimam natom paiko. Mawin naiko'upənim. Abatsawa to ta tiki anim bo ...
sorva ... Paiko está lá no pau de sorva. A Preguiça cegou o olho dele.

Abatsawa onomanim ...

A mulher dele ficou lá junto com ele ... Ele ficou com a mulher dele ...

Paiko Mawin naiko ponim natobowa. Abatsawa niama adahɜnim.

Paiko Preguiça cegou totalmente o olho dele. Ele levou então a mulher

Mawin ahɜ niama. Hwa. Paiko nawarahak niama.

dele. Então a Preguiça se juntou. Mulher. Então paiko flechou ele.

Abatsawa hotoda ... Hiwi nakatɜ kaki nihwam paiko tso ...

Ele ficou de novo com sua mulher. Quase que a sorva quebra o paiko aí ...

Naitam tɜwɜhkɜ nahikdji ... Paiko namahoki, ito. Hanim, tih imtiki

Ele viu que pica-pau chegou ... Paiko falou para ele, ito. O que, me leva
[sogro]

adɜ. Adjaba tam atsa po. Ihina, ito hina, poknhanim waara, itsakwa ...

para baixo. Minha canoa não serve. Eu vou buscar, eu vou buscar lá, aí

Tɜwɜhkɜ nama djinim ama katɜ wa paiko ... Kodak Padja niama

tem canoa grande, meu genro. Pica-pau chegou para ele, o paiko ... Então

am paiko ... Wahikdji ... Atiktik niamam paiko, wahnaki atsoinok, na

é Urubu, paiko ... Eu vou ver ... Paiko tem o couro queimado, lá no

nakodjina niama. Abiribirinim wahnaki ... Kodjinim. Naitam Kodak Padja

igarapé com as filhas dele, então elas dão banho nele. No igarapé com sua

anya naiko bihnimwam paikowa.

pele podre ... Dando banho. A Urubu estava com vontade de comer o olho
do

Mahimtɜ itso. Tɜ obim namam mok hak adik wapɜtɜnim.

paiko. Não faça isso minha filha. Este seu namorado vai flechar anta para

Wa orom wa tih nadik. Awa pama namam Kodak Padja anya.

nós. Aí tem o que comer para nós. O pai dela mandou assim para ela.

Ama koniuknim. Aikobihnim nowitom paiko. Nimkotɜbowa ... Padjakaham

Ela vai comer o olho na ausência de paiko. É assim mesmo ... Três

anim nihɜ paiko tinon dɜrɜk ... Tinon dɜrɜk paiko. Paiko nahak nikimam dias depois parece que paiko foi preparar a flecha ... Paiko prepara a

niama Mawin. Kodak Padja nabihtɜ nhamam Mawin. cana da flecha. Então paiko vai rápido para caçar Mawin. Urubu não come

Awarahaknim abatsawa tɜ anim paiko. Awarahaknim abatsawa, Preguiça mesmo. Ele flechou sua antiga mulher. Ele flechou sua mulher, a

Mawin nawa pahanim ... Amkatɜ hwatso. Padja ham niama paiko nahak mok

Preguiça deixou ela podre ... A mulher coitada. Então paiko vai flechar

otooda. Padjaham Kodak Padja nadak padja. Ahik nanim tooda. Paiko nata anta também. Depois o Urubu só encontra o couro limpo. Ele olhou lá de

ahairɜnim. Adak padja abohnim anim iya.

novo. Paiko tirou a carne aqui. Enfiou o couro limpo meu irmão.

Anim katɜbowa. Paiko enganar tikinim ... Tobowa Kodak Padja.

Foi isso que fez. Paiko fez mesmo foi enganar ... Urubu daquele tempo.

Tsokobi ho tsopama imam nanim edik. Hatɜ mok bihtso ...

Eu disse para você, nosso pai, para comer o olho. Cadê a anta para

Atso namam niama ... Kodak Padja amkatɜbowa ...

comer ... Então a sua filha fez isso ... Foi isso mesmo com o Urubu ...

Padjaham niama paiko nahak nihbak mok ama. Nham nhamam mok bihnim..

Depois então o paiko flechou uma anta para eles mesmo. Aí tem anta para

Paadja paiko nahak. Tanham awɜtɜ bara djaba bihnim nawɜtɜ tɜbak Kodak vocês comerem. Paiko flechou tamanduá bandeira. Urubu achou ruim para

Padja. Mok ti wabihnim nimwɜ. Paiko atiktiknim bahomnham ...

comer e não quis comer. Eu quero que mata anta para comer. Ele marcou o

Tɜkbowa anim ... Kodak Padja bara bihnim

paiko de preto como enganada ... Foi assim ... Urubu comeu a carne que

[ininteligível]

paiko napagartikinim ... Tadak tomahuan tso Mawinpa nowa otihthinim
paiko deu para pagar para ele ... Tadak está com saudade mas a mulher

anim atoba hwa ... Paiko nawarahak tso awabara nawarahaknim.
está virando Preguiça mesmo ... Paiko flechou a outra, a mulher dele

Mawin, nah3 kat3bowa. Hiwinapat3dakdinim amt3b3 paiko.
que era muito próximo dele. O Preguiça, casou-se com ela. Paiko ia mesmo

Nahak Mawin tso. Ts3k3 niama Mawin. Abatsawa namam paiko nadah3nim
para a sorva de novo. Ele flechou o Preguiça. Então Mawin morreu. Ele

tooda. Amkat3bowatso Paiko ...
levou a mulher dele de novo. Foi assim Paiko ...
[Não está claro se havia duas mulheres, já que teria matado uma].

Itsaro apop3 tohina tam adiktso paiko. Pi3da nap3 niama paiko. Batsawa
A mulher queria comer e ficou enquanto que o homem foi buscar. Então a

hinok... Naitam adak ho'o apaka pakamam paiko. Naitam wai nok?
Onça comeu o homem. As esposas ... Ele pegou a roupa do homem. Como
são

Ibu, abut3niom tsanimbu, amadjinim wai nok, komkima, komkima, komkima,
os cantos? Cunhado, há tempo que ele não fez, ele vem fazer as músicas,
[ininteligível]

komkima. Komke atana pat3. Pi3da namam atam paiko hinok. Abara Pi3da
nap3 Komke foi junto com ela. A Onça fez isso com os homens. Quando a
Onça

pahdjanim. Hiyo ha'ik, ampad3nim wainuk napotidi to wapi3da. Homtom
chegou ela comeu. Hiyo carregou, vinha cantando para ali aonde estava a

topaiko ati. Amt3hina kariwa ap3 atiwa. Naitam mam aop3 ts3r3ka'am
anham
Onça dele. No chão ele matou o paiko. Ele não foi buscar e matou e comeu

anokb3h3 tih mapuam t3nim.
um cariú. O filho dela, já grande, fez ela sair por causa de dor de

Atɔ pahkɔɔ hi'anim. Ha'am niama Djori.
barriga. Foi com ele com breu aceso. Então Djori estava lá.

Djori niama mapuam ha'am tɔnim. Wahinatih nama, Kana'am napatona ...
Djori, esse ficou com dor de barriga. Vocês vão aí para ele, lá para

Amtobak Kana'am konin ha'am. Wii, wii, wii, wii, wii,
Kana'am ... Kana'am está aí e é bom ele, ouve o que diz. Wii, wi, wii,
[sapo grande] [canto do sapo]

amtobak Kana'am. Tatam napatona edikitso. Tih akonin anim to, anim
wii, wii, Kana'am é bom. Vão para lá vocês. Lá está a fala dele, vão para

napatona adikitso. Anim katɔbowa. [mulher interrompe para fazer
lá vocês. Foi assim.

observação jocosa] Ta naki upatim bɔ niama ... Hwa. Wa oma, wa oma,
Então aí dentro ele fez uma criança ... Mulher. Wa oma, wa oma,
[canto sapo]

na abɔnim amtɔbɔ Kana'am ... Tiham niama upatim naowaratiki. Ho-
no'ampadak
foi ele mesmo que fez ... Então amanhã ele fez nascer a criança. Quando o

niama opɔ'ɔnotsak Kana'am nabi. Amtɔbɔ hwa.
filho vem tocando flauta, não machuca o filho que Kana'am fez. É assim
[Kana'am fala]

Mimi otsem amtɔbowa awa niama anim. Hiwihom namam awa niama mu-
lher. A mãe dele perdeu sangue no parto. A mãe dele fez uma pera e
[tem duas irmãs, a outra fala]

wa'ikna. Awa ibibak awa niama hinɔk.
está carregando ele. A mãe e os outros tinham uma boa peconha.

Amkatɔ awa festa Kana'am nabitso ... [quase canta] Ha niam awa niama?
Começou a festa do filho de Kana'am ... [canta] Aonde está minha mãe?

Porara paudaknim. Porara padaknim, ahik awa niama hin3k. Amkat3 akana'am.

Porara estava pulando. Porara estava pulando, ele viu a mãe e as outras.
[nome filho] [de galho em galho]

Wiri namam ati nimbakti toodaknim, amtowa pi3da.
Assim Kana'am fez. Ele matou queixada e juntou tudo, onça não faz isto.

Pi3da Kanim aop3. Amt3 Kana'am anim anham. Ad3 ki anim nihom?
Ele era filho da Onça Kana'am. Kana'am não fazia isto. Será que era eu

Ad3 tobowa ... Am kat3bowa, hwa. Pi3da na'ik ediknim aop3 tom
mesmo? Era eu mesmo ... É assim, mulher. Você carregou o Onça que é o

tokba ahik aokp3 ana. Pi3da nakat3 ana wiri'i wana hinim.
seu filho em cima da pera e ela viu o filho andar atrás. Ela foi com a

Quatro tiki wiri atinim. Awa niama niama
Onça no rastro dos queixadas. Ele matou quatro queixadas. Ele jogou umas

Ad3 niama [... problema fita] Tsiripa niama awa mok
queixadas para a sua mãe. Então eu [...] Ele quis brincar de tsiri com as
[brincadeira com produto do mato]

hinok natam waonam anam anim. Anim notiyam niama. Awa niama nata
jovens lá quando chegou. Esse é seu, mamãe. A mãe dele foi buscar milho.
[às vezes pouco claro na pronúncia]

natsihina. Aitom niama Boi namam dah3. Aboinuk ahodjinim. Anaikihak
Então ela deu para Boi levar. Boinuk veio buscar. Flechou nossas

itsowa wiri, ibu? Wa'orom namamdjinim. Amt3 kat3bowa Pi3da. Hanimtam Boi
queixadas, cunhado? Na chegada botou na comida. Onça que fez isso. Boi

natinimbakti hwa. Animtam awa pama nato deuk niama. Apohanya ... Maranmi
açoitou muito a mulher. Então o pai dela brigou muito. Irmã dele ...
[pouco inteligível] [prima?]

nodik niama paiko. Mondé dokina kat3. Ad3 konin bak niama pi3daop3.
Então paiko tapou o buraco do tatu. Armou o mondé. Então cheguei alegre

Niama, niama notapoihti padjadz, opoinim manati
para o filho da Onça. Mãe, mãe você vai lá buscar só o cabelo, por favor

djibo. Ta'atam ti ikidak napo mi'orim tsabo.
vai buscar o cabelo sozinho. Ikidak fez um sinal de morte para eu morrer
[pessoa mais velha do mesmo nome]

A'andirim katzbo Piɜda. Tatam niama paiko nati na. Toodamam mondé di
lá. Foi assim mesmo com a Onça. Então paiko matou ele lá mesmo. No toco

katz, amtɜ Piɜda tso. Awa niama natapoi hina namam tooda.
do patawa o mondé caiu, a Onça já morreu. A sua mãe foi lá de novo para

Horiki naki niama, abotartiki. Paradjinim nama tsomtso. Tso, tso,
buscar seu cabelo. Bota dentro do um hori mãe, e ela fez. De noite ele

tso, tso, tso, tso, tso, makakariri.
assobiou para ela. Tso, tso, tso, tso, tso, tso, tso, tso, makariri.
[som de onça]

Anim niama mapɜhnim niama, amtɜbɜ Piɜda ...A pia nabahomnham paiko
natinim
Então ele é vermelho, assim fez a Onça. Paiko matou mesmo por causa
[lit. onça vermelha]

tso. Kana'am nati, Piɜdaopɜ nati am. Ihinanim tsobo iya.
do filho dele. Ele matou Kana'am, matou mesmo o filho da Onça. Eu vou

Amtɜkedik. Paiko namam tɜbɜ apoamyam ahahaknim hotobowa.
buscar meu irmão. Então por isso, que ele furou sua irmã que paiko fez

Ahaknim hom hotobowa. Aupatim na'itom ...isto.
Por causa daquele furada. A criança dela daquele tempo.

Baktihtan, amkira.
Bonito, a história.
[mito]

Towari. Ediki natɔ tsowi ada nohɔk, adɔ kotɔ towari ... Kina'am namam ki Amigo. Vocês não tem machado para mim, eu quero amigo ... Kina'am fez

tɔbɔ paiko. Paiko natom niham namam awa tsowi ... Anyahom nhamam anyahom

isso com paiko. Paiko não quis dar o machado dele ... Por causa disto ele

anyahom paiko hinok nhamam. Piɔda odjohko nokbɔ. Atobowa Iham fez isso com os homens. Mandou a pedra da onça. Naquele tempo o velho

bauhkidak. Itam itsɔɔhnim, piɔda nokbɔ, nokbɔ nimbaktih amhwam. Upatim Iham era xamã. Cresceu aqui, mandou a onça, mandou para acabar com tudo.

niyam. Upatim niyam ... To rapaz nɔk kotɔ bwawa. Adik padja piɔda Criança também. Criança também ... Aí tem muito rapaz novo. Quando

tsohahak animtsa, amtɔbɔ akoninnauhnim. Namamtamtam niama chegamos vamos flechar a onça, falou isso na roça. Vocês não foram e [a rapidez atrapalha a pronúncia]

to piɔda hwa nati nimbakti. Awa primo amam tɔkɔnim namam hwa hinok. então a onça fêmea matou tudo. O primo dela atravessou e perguntou o que

Kuyahbi. Adɔ nanimwam. Kuyahbibɔ ediki djibu.

as mulheres estão fazendo. Fazer massa. Eu pensei em ir. Vão vocês fazer

Adɔ nimwɔ bauhnim tsɔtɔkɔ wa. Anbarimninok tsɔtɔbo wa, hwa. massa de macaxeira. Eu quero ir para a roça para derrubar. Mulher, vão

Kuyahbibɔ niama bauhnim primeiro to pehkina. Anham tatam ... abrir a roça que nós fizemos. Então foram fazer massa na primeira roça,

Piɔda napɔ nimbakti anyamiam nɔk. Ekik niama nɔk. lá rio acima. Ela está lá ... A onça comeu todas as mulheres. Então ficou

Obawa amanham nɔk, akidak nakatɔ. Waradjinim. só uma. Aliás duas, a ikidak dela estava com ela. Ela acordou.

Naitam okakina porto patona. Akidak nahim ficarnim, porto tamtih. Animti Aí desceram para o porto. A ikidak ficou, ficou lá no porto. Só ela que

nhamam ohoro. Obara kihkom tom. Dəɾɿhhok. Hwa, piɿda namam kidak
pɿɿhna.

mergulhou. Caiu e boiou abaixo de folha de banana. Ficou quieta. Mulher,

Namam dirim hwa dahonim. Kipikamna hwa autana.

a onça pegou e comeu a velha. A mulher baixou o rio mesmo. A mulher

Tiyam taba hwa tso dahoni ... Naitam piɿda nahoho dakwa. [canta]

baixou com a cabeça fora d'água. Ela levou aquele folha ... Ai a onça

Idoko, idokooo, imakomham kinimdik, imakoham kinimdik.

foi gritando. [canta] Idoko, idokooo, eles mentiram para você, eles

[pessoa mais nova do mesmo nome][canto do ritual de Piɿda]

Naitam piɿda mamamdak ahohodaknim. Aihamtɿ bowa hwa ... Ihhoma-

nim ikidak. mentiram para você. A onça gritava tanto. Eu vou gritar para

ikidak ...

Anim to'ik ikidak pahkorɿ hianim. Todji animhwa aniamam hwa. Hwa

nato'ik

Eu vou olhar se é ikidak com bréu ascendo. Ela vinha e foi assim. A mulher

tamtihti piɿda hohonham. [quase grita o canto] Idoko, idoko, na-

mamkomham

viu lá que era só a onça gritando. Idoko, idoko, eles mentiram para você,

kinimdik, namakomham, namakomhamtih awa pamam tih idoko. Piɿda

namamdi

mentiram, mentiram lá para seu pai idoko. A onça disse isso para a

namam hwa. Awa niamam ati nimbakti padja anim. Amkatɿbowa. Piɿda

djohko

mulher. Quando chegaram lá ela matou todas. Foi assim mesmo. A pedra

onça

amkatɿbowamam, pama. Aukbarihom awa bauhnim kimam tamtɿbɿ nok.

que fez isso, meu pai. Ele roubou a roça do outro, e logo eles fizeram

Kuyahbibɿ animwa ... Hanim tanhuan oparanim.

isso. Elas foram fazer massa de macaxeira. Quando amanhece vamos. Por

Homnama ikaukdak dirim, taitam, taitamhwam, hiiiiiiwɜ. Anitɜbɜ pama .
isso Hom ia chorando mesmo, chegou, vão chegar, hiiiiiiwɜ. O pai e os
[som chegada]

hinok. Aikauk animbɜ, naitam amkira tso? Piɜda napɜ nimbakti niama
outros fizeram isso. Ela chorava mesmo, como é a história? A onça então

nahtso. Tam paiko no'onimtam nahtso. Abauhnim atɜhbɜtɜ. Tamam tanim
piɜda comeu elas todas lá. Paiko ficou com raiva mesmo. Não derrubou
mais a [ininteligível]

ati. Tanham hinam napatona no'onim kotoda. Ambɜ paiko na'am totso.
roça. Foram para matar mesmo a onça. O grupo foi para lá e ficou com mais

Paiko anim awa bauhnim amamtɜhtso.
raiva. Paiko foi andando para lá. Paiko lembra a roça que não vai fazer

Abatsawa ahoktɜ dirim. Ekik paiko natso dirim. Ekik paiko natso anim
mais. Não tinha esposa mesmo. Só um homem tinha uma filha. Só um
homem

amtɜtso. Piɜda nowadjam tiniam. Adja po animham tobowanim tso ...
tinha mais uma filha. Aquele que correu da onça. Isso foi na lua nova ...
[de novo se supõe falta de clareza, wadja é lua]

Upatim nimham amam katɜ ahwatso. Piɜda nahtso katɜbowa ... Naitam hinok
Ela fez isso com as crianças e as mulheres. Foi a onça mesmo ... Como

djam diwa? Todjitih tohinok djahi tso. Ta'am tsakia waadji, ta'am
que as mulheres podiam correr? Os homens chegaram e ficaram em pé. Foi

tsakia waadji. Yatiam tsakia wahna ana paiko hina yatam djam djinim.
aqui nas águas do Jutai, aqui nas águas do Jutai. Aí nesse rio Jutai

Opaiko no'onim niama.
paiko foi, correndo por aí. Os outros paiko estavam, então, com raiva.

Amkatɜ ahinada, naitam hwa ahokinim dakdji. Awadik bɜhɜ dakdirim wanok?
Foi atrás e a mulher falou com quem chegava. Como é seu nome, o que
vocês

Amkatɔbowa. Pina'am nawa djohko. Piɔda odjohko tsoahak tatam
vêm fazer? Foi assim. A pedra de Pina'am. A onça pedra chegou lá na nossa

adjinim ... Tsakia hi'amtamba ... Tsakia hiatamba iatɔ bahina.
casa ... Aí onde têm águas pendendo para o Jutai ... Nesse lugar ele foi

Korɔ wahtɔ yatiamba. Dawɔyam tiamti ba.
buscar palha. Da palha da palmeira panema. Faz um desvio que a palha é

Djahe amtobowa. Inaya amtobowa. Inaya tɔ'am tobowa. Amda tobowa.
bem aí. Ficou lá em pé. Era Inaya. Aquele era Inaya. Andou para frente.

Ipam, odjam, odjam, hatɔnim tso. Hina, hina bauhkidak tsanim djikatɔ ...
Meu braço, isso, isso, onde está. Procura, procura o xamã velho que

Tsanim tam hina'am. Naitam ahina pato deuk konink obɔ.
chegou tempo atrás ... Naquele tempo foram procurá-lo. Quando chegou

Tsowin nokdirim amkatɔ bowatso. Tanam piɔda apɔ nimbakti amhwam.
falou zangado com ele. Tsowin estava muito zangado e falou também. Como a

Amtoba. Hwa anim tso. Amtɔ paiko hinok itsaro wauraktamtam tiwa.
onça comeu todas mesmo. Foi mesmo. Foi a mulher. Os paiko não têm mais

Piɔda nabatsawa apo nimbakti anim. Amkatɔ paiko hinok tso ...
mulher. A onça comeu todas as suas esposas. Foi assim com os homens ...

Ekik nim paiko natso djahe anim. Aniamam aumentar tanim toda. Opo-
daknim.

Só ficou uma filha do paiko. Ela que fez aumentar eles de novo. Tendo

Amkatɔbowa. Tso, tsanim tɔam amtamtam batih. Ka ...
filho. Foi assim. Foi, naquele tempo, hoje não tem mais. Ka ...

[continua direto de novo] Kirak. Kuyahtɔ wao tsabo idja. Otiyaya adɔ
Kirak. Não vai beber caçuma meu irmão. Eu vou

tsabo idja. Ta'animtam adɜ pahdji. Motsanatitihbi tam tokitamnim am adɜ
anoitecer meu irmão. Eu não sei que horas eu chego. Só no final da tarde

tsabo idja. Ambɜ Tamakori, itsarobɜk ita tobowam tso. Itsarobɜ korohnam
e eu vou dormir aí irmão. Faça Tamakori, faz uma mulher aí. Ele fez uma

tobo aa abɜnim. Anim itsaro wao dirim katɜbowa. Amtɜbowa Tamakori
mulher de âmago de pau. Era uma mulher mesmo que ele queria. Foi assim

primeiro itsaro nahiktɜnim. Animtam Tsupuna nawara djoro hwa.
que Tamakori viu a primeira mulher. Peixe-boi fez sexo com a mulher.

Tatam padjanok kariwa nadjoro anim tiwabo. Animti adɜ kotɜ bowa am
Ali foi assim que cariú também transou. É só que eu quero também
[i.e. começou]

Tamakori. Tamakori natatam nakonam batsawahɜ kuyabɜhnim.
Tamakori. Tamakori está lá ao lado da mulher que faz caçuma.
[lit. esposa-intenção, não esposa mesmo]

Kuyahbɜnim babapo padjanim niama kodjina. Pada dahɜnim. Tanhammam
Então ela fez caçuma e foi tomar banho. Ela levou cuia. Para o Peixe-

Tsupuna. Tom, tom, tom, tom, tom, tom, tom. Tom, tom, tom, tom, tom,
boi. Tom, tom, tom, tom, tom, tom, tom. Tom, tom, tom, tom, tom, tom, ela
[batendo na cuia virada em cima d'água]

tom, ama niama Tsupuna. Tatam Tsupuna madjarahmam adjoronim. Tamakori
fez para o Peixe-boi. Aí ela abriu as pernas e fodeu com Peixe-boi.

natikok nimwɜtɜ tobowa. Uh, ibakomti ipunim tsabo. Anim amiam
orɜkɜkɜk
Tamakori não sabia não. Sim, eu vou tirar esse dedo. Com isso ele botou

nabotartiki abatsawa atikodo anim amiam. Anim kotɜbowa, Tamakori. Tiyam
o pica-pau para reparar a mulher. Assim fez Tamakori. Ele arrancou esse

itsowa bakom poanimtso. Naitam orɜkɜkɜk wa. Orɜkɜkɜ, orɜkɜkɜ, orɜkɜkɜ,
nosso dedo. Para o pica-pau. Orɜkɜkɜ, orɜkɜkɜ, orɜkɜkɜ, orɜkɜkɜ. Ele
[canto pica-pau]

orəkəkək. Amkotəbowa orəkəkək tso. Amam Tsupuna amam itsaro nodjoranim

fez o pica-pau assim. O Peixe-boi fez isso, ele e a mulher foderam mesmo.

dirim. Nanimtam mahokinim to awara natatam. Tatam, Tamakori trabalhar. Ele foi falar lá onde estava o dono dele. Ali aonde Tamakori está

Tawa təkəro anim natatam mahokinim orəkəkək tso. Tihamti itsaro trabalhando. Ele estava capinando quando o pica-pau veio falar com ele.

tsobotartiki. Tsupuna djikatə adjoro itsaro tso ... Tikikom hina, idja. Só amanhã nós vamos botar a mulher. Peixe-boi chegou para foder com a

Nokokom tsaihnim. Tikikom.

mulher ... Vai buscar o ariramba irmão. Ele tem o bico longo. O

Tamakori nabə nhamam arpão. Audjatih nhamam taroba hina. Arapão ori-bəhə

ariramba. Tamakori está fazendo um arpão. Seu irmão foi buscar palha de

niama kotə. Audja arpão bəhə kənadji.

tucum. Então ele fez a corda do arpão também. Seu estava fazendo o arpão

Na mesma hora nahak niama Tsupuna. Ta'am Tsupuna tsəkəna'am. ao lado dele. Na mesma hora arpou o Peixe-boi. Ali o Peixe-boi quase

Wanimhi təkəkəni. Tatam niama. Pato namam ahikdji. Tibara ihak tso. morreu. Ficou dentro d'água. Então estava lá. O Pato foi vê-lo. Eu arpei

Amam niama Pato. Hanim to mamabo? Toba bərəkrok pura.

um animal aí. Então ele avisou o Pato. Para onde eu vou? O pobre

Purak, purak to Pato. əh, ihina otowabo. padjaham niama Ihtakirakom e mergulhava e boiava. O Pato boiava aí, boiava. Uh, eu vou buscar um

waukdji. Bərəkrok patam tih ti Tamakori natam tih tam tih Ihtakirakom outro. Então depois chegou a a Lontrinha. Mergulhou aí, bem aí ao lado do

boihadji. Naitam Tama? Naitam ki? Tih ibara ihaktso. Po'nim inowabara Tamakori a Lontrinha boiou. O que é Tama? Que foi? Eu arpei caça aí.

imam hokidik. Iponim Iponim am ki tsa. Aniamam Ihtakirakom.
Para tirar minha çaça eu mandei falar com você. Eu vou tirar mesmo. A

Taaaa Ihtakirakom. Ihitona. Boihadji niama Ihtakirakom.
Lontrinha disse isso. Taaa a Lontrinha. Embaixo d'água. Então a
[som de mergulho]

Hinok tam Tamakori. Batihti nhamatsda. Tih edik nato'iknim. Panim
Lontrinha boiou. Tá longe Tamakori. Então é agora. Você olha aí. Ele já
[i.e. duro]

hotobowa. Ahik anim baktso. To tobowa awa niama. Baah, koniok. Noknim,
foi. Ele viu mesmo. Ali estava a mãe dele. Baah, ele foi falar. Zangado,

noknim, noknim, nom yukpɜ namahik tɜnim. Yukpɜ, yukpɜ, yukpɜ, yukpɜ.
zangado, zangado, procuram o filho dela. Meu filho, meu filho, meu filho,

Atsa idoko, atsa idoko. Atsa idoko. Atsa idoko. Upatim nakoniok mahimtɜ
meu filho. Meu idoko, meu idoko. Meu idoko. Meu idoko. Você não deu

edik niama, ɜh mion. Animtam itsakwa miorim tih wam, anim amam atsa
conselhos para sua criança, oh irmã. Meu itsakwa está quase morrendo,

itsakwa. Ihtakirakom namam tobowa tsupuna hwa.
isso ela fez com meu itsakwa. A Lontrinha que falou assim para a mulher

Omamkitokdjo nimbakti tih hwa tsupuna, Ihtakirakom matih
peixe-boi. A mulher peixe-boi enrolou tudo nos galhos de paus, a

nimhwam nakitibowa. Ahito to wa manatso. Djɜkɜ
Lontrinha foi fazendo aí. Então ele estava lá embaixo d'água. Balançou
[para tirar a corda]

djɜkɜ, djɜkɜ djɜkɜ ida ori mahmam padja oriwabo.
balançou, balançou balançou, assim eles foram pegar a corda. Puxar a

Ediki anikik amamtso, imam dirim padja ediki imam wabo. Ihtakirakom
namam corda. Vocês puxam aí, quando eu faço assim vocês vão puxar. A
Lontrinha

katɔbowa. Tamakori. Tamakori nani ki mam Tsupuna bɔro. Tsam anim kotɔ
falou isso. Tamakori. Então Tamakori puxou o Peixe-boi inchado. A

Ihtakirakom. Taaa, Tamakori natsak oporadjinim tam bowa Tsupuna berohtso.
Lontrinha saiu rápido. Taaa, Quando o Peixe-boi inchado boiou Tamakori

Ihtakirakom tsɔkɔnimbak boihadji poraak. Amtowa. Ihtakirakom.
pisou em cima. Quando chegou a boiar a Lontrinha estava quase morta.

Itana Tsupunaaa. Aí pɔrɔ tɔhtoham. To'ikitsaro trabalhar nimtsɔkɔ.
Lontrinha. Estava aí o Peixe-boi.[..] Olha a mulher trabalhando que quase
[ininteligível]

Am. Tanim abaaaa tsabo. Tamtih di wapɔhim. Tamakori namam niamam
morre. É. Está aí a çaça dela. Aqui vamos comer. Tamakori fez isso com a

itsaro. Tsupuna apɔna adjorohi. Namitsanim am nabɔrɔhinim.
mulher. Ele comeu o Peixe-boi que fodeu com ela. Ela comeu a banha

Namitsanim bɔrɔhi po nowadjorohtso. Animtam Tamakori namam
misturada na comida. Vai comendo a banha de com quem você fodeu. É isso

abatsawa wa. Korohna mi, bɔk djikatɔ Tamakori nabɔ niamam.
que Tamakori fez com sua mulher. Então um âmago de pau com buraco foi o
[como a mulher primeiro foi feita disto, volta a um episódio deste mito]

Panim akatɔbɔ, Kirak, apua atam mam tih. Amam dɔ tamam nodjoro abu.
que Tamakori fez. Ela já fez com Kirak que cortou o seu pênis. Ela fez

Ayamtɔ kotɔbɔ Kirak. Hadibi djoro tihtsa. ɔh, iya nadjoronim adɔ. Animti
isso porque você fodeu. Você é teimoso Kirak. Ele fodeu com Hadibi. Oh,

padja atɔ djorotɔ totso. Aihamtɔ animbak. ɔh, adjoro hokotɔda tsabo djoro
meu irmão que fodeu comigo. Foi só ele, eu não foder aí não. Ele não a

amam niamam. Dabi,
deixou mesmo. Oh, então ele foder de novo e forçou a foder. Foi um gozo,

dabidi ohiram djinim anham niamam, korirororok apuamam. Amtobowa. Kirak
gozou e ele se levantou, cortou o pênis dele. Foi assim. Kirak mesmo.
[ininteligível]

tso. Naitam Kirak djouroho wa itsaro natom. Tamakori mahik dirim. Naitam Como Kirak serviu-se da mulher. Tamakori viu mesmo. Aí Tamakori puxou e

Tamakori nanikik apua ponim. Naitam pua waimamhwam. Mowidako pah-pa hanim

tirou o pênis. Aí ele jogou mesmo o pênis. Ele fez virar o pênis dele em

mamtɜnim apuanok. Tih mowidako animtso Kirak napua. Amkatɜbowa tsanaham

jeju preto. Esse é mowidako, o pênis de Kirak. Foi assim mesmo. Ele foi
[apelido do peixe]

dji. Am dahonihonim. Amkatobowa ...

baixando. Ele fez assim ...

[logo passa a lembrar pedaços do mito da baixada dos dois protagonistas]

Tɜkɜna nakonin amdak amtɜbɜ. Tamakori am tso. To tih. Mimkiori naikokbi

A fala de tɜkɜna já existia, já estava aí. É Tamakori. Aí. A Preguiça e
[gente] [espécie de preguiça]

kira, makamtiii. Dɜrɜkɜ'am bitsi. Apadakom. Korok kotoda. Tatamtih seu olho está na história, lá na frente. Lagarta de cana. O testículo
[ininteligível] [cana de flecha]

atopohmam tɜkɜna nim katoda. Amtɜbɜ ham Tamakori nok primeiro to ambɜ dele. Beliscou de novo. Ele lá jogou uma praga para tɜkɜna de novo. Foi

hinok. Tɜkɜna warahtɜnim anim tobowa.

assim que Tamakori era valente e fazia com eles. Nos tempos antigos

Totso poromam. Wadakpɜ edik, idja. Tatamtih niamam nomi ahiktɜ nomi niana tɜkɜna não era dono de nada. Aí estava o jaci. Vai comer você, irmão. Aí

tso. Paraha hanim. Opara tsa anim

ele fez a boca e então ele não viu a boca. Estava maduro. É amanhã que

ahik tobowa. Tiyam ki katɔbowa. Opararanim tsa anim, anim katɔbowa ...
ele vai olhar. Foi esse aí mesmo. Quando de manhã, será assim ...

Tatih niama. Tso namin paraha tso naha aitom. Oparara tamkatɔ
Aí então. A pupunha está madura e usaremos depois. Aqui no amanhecer, ao

pararanahitso. Naitam, poro idja, totih poro, tsoda obik porowa. Tsoda
amanhecer ele vê. Como, jaci meu irmão, está aí o jaci, vamos chupar

obik porowa. Naitam koko ahokanim, korok djinim Kirak. Yatam kohihnon,
jaci. Vamos chupar jaci. Bota aí no limpo, Kirak descasca aí.

yatam kohihinon, yatam kohihinon, yatam kohihinon. Kohihnok. Quatro.
Já vai contar, já vai contar, já vai contar, já vai contar. Contar.

Otamtam Kanamari tiyam tih anim, idja. Kanamari tiyam animhwam.
Quatro. Outro não é não, este aí é Kanamari, irmão. Esse aí é Kanamari

Porohkom bo. Karahtsi tih niamam Korɔ. Naitam koniak waoyam niama.
mesmo. Fez de coco de jaci. Desse inaja ele vai fazer Kulina. Então a

Konin pikamhiktɔ hinok. Konin atiki kom tɔnim karahtsi.
fala ficou torta. Eles não entendem a fala de ninguém. Ele fez a fala do

Korɔ atɔbɔ anya'anim. Tamakori namakuna. Tiyam Kotsi niama Djapa
caroço de inaja. Ele fez Kulina daquilo mesmo. A fruta boi de Tamakori.
[ininteligível]

anim kotɔ. Anim kotbowa Tamakori namakonin anim adik. Tso ama tɔkɔna wɔ
Então desse ouricuri ele fez os Djapa. Tamakori falou para nós de novo.
[Kaxinawá]

anim dirim. Todjinim niama, nhokonhokodak Yuni.
Ele fez tɔkɔna porque queria mesmo. Então ele chegou, ele foi falando com

Bari okuya odakdinim. Amtɔbɔ Tamakori tso. Kihina anim,
Yuni. Ficou bebendo caçuma de banana. Foi isso que Tamakori fez. Ele

anim. Yatam idahonim todjinim niama, aukta dji kotoda. Anham kotɔbowawa.
voltou para cá. Então eu baixei e cheguei, veio lá de baixo de novo. Ele

Awa təkəna hinok ama okoniuk koniuk koda. Hori, hori. Wa
também fez. Ele ficou falando com sua gente do novo. Hori, hori. Buscou a
[outro, Kirak] [ininteligível] [chamada para festa]

təkəna hina. Kuyahbɜ. Kuyahbɜ. Kuyahbɜ. Bari obɜ.
gente dele. Fizeram caçuma. Fizeram caçuma. Fizeram caçuma. Fizeram

Wa'akak. Natsio kuya. Naitam Tamakori naitam tih, hwa amam.
caçuma de banana. Ananás. Caçuma de milho. Aí Tamakori, toma aí, foi

Nokonin kodak to Tamakori amtso. Ediki nato, nato konin,
a mulher que fez. Fala sua língua disse Tamakori. Vocês colocam aí, devem

nato hwiu konin nadɜ di wamtsa. Taitam konin deuknim bu. Amam atobo,
guardar minha fala. Chegou uma fala que é forte. Ele fez isso mesmo,
[ininteligível]

Kirak. Kirak, niram orotsa da amtɜnim. Tokpok dona donahtso Tamakori
Kirak. Kirak, [ininteligível] Bota veneno e Tamakori e sua fala vai andando,
[ininteligível]

nakonin tsa, amtɜbɜ Tamakori. Naitam audja motsadji kotɜ horohtsamdadj.
assim Tamakori fez. O seu irmão veio, cansado, atrás dele. Ele fez vinho

Amam dodakdji ahorok. Naitam bakatɜ amkira. Ma nohmam. Amkatɜ, amam
de casca de pau. Como é que saem todas estas histórias. Você usa este
[ininteligível]

nohmam tobo amtso. Təkəna nhamnham amkiranim.
pau. É com isso, ele faz isso aí mesmo. Təkəna que fez esta história. Os

Wiri Djapa Kirak. Wiri Djapa, tok atok koniuk. Naitam Kirak, adikti tobɜ
Wiri Djapa são como Kirak. Os Wiri Djapa, veja a fala deles. Como Kirak,

təkɜniuktɜ. Opikamhi tobo adik. Tamakori namahoki djinim.
só nós que nunca falamos. Nós só ouvimos o outro. Tamakori falou isto
[dos outros]

Ediki natoniukam koniuk tsa. Taitam konin deuk animbo. Ma'am katɜ bɜ
para nós. Vocês não vão gritar a fala. Aí eu mando palavra forte. Ele
[que doi, ou seja castigo]

adik, manim wiokamtamtam. Tamyam kotɜ nhamwam. Amkotɜ bowadik
Kirak tɜ
falou isto para nós, não vão gritar. A coisa é assim também. Então nós
[com outros] [ininteligível, talvez: Kirak não fez nome, não chamou nada;
Kirak tem manchas]

niama. Amtɜtoba Wiridjapa. Anatɜ koniok tobowa, bakatɜ amkira wa.
não temos mancha não. Wiri Djapa não faz assim. Não ouviu a fala, todas
[ininteligível]

Tatamtso Wiri Djapa, tɜtɜtik niukdak.
as histórias. Aonde estão os Wiri Djapa, tem sinal preto perto do nariz.

To tatam Wiri Djapa amkira. Bapara iparara. Bawahtɜnim Wiri Djapa anim
Lá com os Wiri Djapa tem história. Mão branca e pé branco. Lá todos os
[ininteligível]

tso tonim bati ... Hawak. Bapo.
Wiri Djapa são feios ... Acabou. Terminou.
[acabaram as considerações sobre Tamakori que os mitos inspiraram]

Piyiyom. Katɜbowa kodo wahak. Upatim heuwnim akatɜbowa operim pe-
rim kodo.
Sapinho. Ele fez uma casa no alto. Todos os filhos estavam lá no alto
[provavelmente uma rã mas que os Kanamari chamam sapo]

Amtɜ upatim hinuk tɜamtɜbo upatim hinuk. Ooh adɜ nihom ihaktso? Ihak
pulando com ele. As crianças fazem assim o tempo todo. Ooh será que eu

kodohhak. Ahak nimtahtam mimtsaina. To ihak kodonim wabo. Ihak, ihak.
vou flechar? Eu flecho a casa do alto. Você vai errar barrigudo. Eu vou

To'iknim ihak to'iknim nibɜ djibɜ tso. To apizda.
flechar lá em cima. Eu vou flechar mesmo. Olha para mim flechando, eu vou

Naitam kodo ahakwa? Kaki niama akodo tihadjirim, hom tihti, tihti.
mesmo. Lá, o neto dele. Como vai flechar? Eu vou quebrar o céu e vai cair

Oh, iieee. Ediki nakonin, tɔkɔniukwam nimhwa.
aqui, bem baixinho. Oh, iieee. A fala de vocês, foi a fala de vocês

Totsa koniuk hanim ha'am tsa. Kodohbo dapokinimbak amwambo.
mesmo. Essa conversa tem que ficar aqui mesmo. Ele caiu lá do alto mesmo.

Paiko namam to hwanham. Pauwɜɜkom bo. Pauwɜɜkom ki tɔbowa aninimhɜ?
Paiko falou para a mulher. Gavião que fez. Será que não foi esse gavião?

Tsiwiiii. Konin ha'am ki tsa, ho. Ediki natɔkonin djiwa kidi tsa.
Tsiwiiii. A conversa não deve sair daqui. Não vão falar que vocês vão
[canto gavião]

Dapokinim nimbak kodo wabo ... Dapokinim niamam tobowa koda amtso.
perder. Caiu lá de cima mesmo ... Ele fez cair lá do alto mesmo. Você

Dapokidi kodohkidak to odjam karahtsimam. Takodadji ediki djibo. Taitam
caiu lá do céu velho até aqui, o pé de inaja. Ficam aí ao lado do pé

kodo dapokidji tsabo. Karahtsi ti kodo naudja. Ahikdji karahtsi otsakam.
vocês. O céu vai chegar a cair. Só o inaja é irmão do céu. Quando ele

Paiko hinok ficarnim upatim hinok am kita.
viu, se afastou do inaja. Os paiko ficaram e as crianças ficaram no

Onikinok ti bocado. Kodo natihnim. Amkatɜ watso.
lugar. Dos outros morreram um bocado. O céu que matou. Foi ele mesmo.

Hanim niama hopahpa anim. Homorom. Nomapikam ki ho tso. Ho, ho.
Aqueles que ficaram viraram Ho. Jia. Você pode ouvir o seu grito ho. Ho,
[achataram-se] [rã grande, para Kanamari "sapo"]

Tambɜ paiko nok tobanim pahpa animtso. Ho pahpa anim. Piyoyom pa
ho. Foi isso que aqueles paiko viraram. Viraram Ho. Viraram Piyoyom.

Bakatɜna, tona paiko hinok pa anim tso. Anim paikoti karahtsimam potodji.
Foram todos os paiko que viraram. Só ficaram os paiko debaixo do inaja.

Animti niamam ficar upatim hinok. Anim niama paiko hinok nãopatim tsorɜɜ
Só estas crianças que ficaram. Então quando os filhos dos paiko

dohdɜ niamam apohanya nimbak ahotɜnim. Animmt wihto hotoda. Towa paiko cresceram, casaram com suas irmãs mesmo. Foi assim que aumentou. Assim [Z/MZD e FBD]

tsɜkɜ kodo nati padja oikinok. Wakinok ti tobowa. foi que os outros paiko morreram porque o céu os matou. Naquele tempo

Hopahpa ha tso. Homorom pa tso, Homorom pa. Bo. Bo amtsobo matou os outros. Viraram Ho. Viraram Ho, viraram Ho. Bo. Canta bo, o

Homorom. Tɜ am Ho, djanim dawa. Hodja da'am wa, ho. Ho makahodji di ho Homorom. É o Ho, ele vai cantar de novo. Vai cantar ho, ho. Se juntaram

tsa. Amtobɜ paiko hinok, paiko hinok towabɜ anim tso ... em um círculo para cantar ho. Foi assim com os paiko, eles fizeram assim

Paiko hinok towabo. Anim tso kodo naukdja tɜnim. Tihtoba natatam paiko ... Os paiko fizeram isso. O irmão do céu mesmo. Os paiko estão mesmo no

hinok. Anim tih ana toriki tso. Paiko. Ham, paikona ibiumam. Kodoham kodo igarapé. Ele foi lá com paneirinho. Paiko. Pega, para paiko. Então pegou [ininteligível]

nati nimbakti niama. Amtowa amdiki djibo. Tamakori nakonin tom nada. o céu e o céu matou todos. Vai acontecer isso com vocês mesmo. Tamakori

Naitam, tɜhinok. Ho hotobowa anim dirim katɜbowa. falou de novo para eles. Como faz com aquele povo. Ho vai ficar assim

Tamakori am. Ta'anham amakonin am. Anotɜnim paiko tɜ wapɜ mesmo. É Tamakori. Falou isso para eles. Não fica com raiva quando alguém [não tem mais jeito]

animkotɜ. Tanham hoto wabo. Tam hoo, ho wiwa anim paiko inok. Amtoba chega para comer também. Vai usar isso assim. Chama os outros aí. Está

paiko, Tamakori namakonin ta'anham. Tsahnim ta'am amwɜtɜ bati. bom paiko, aquilo é a palavra de Tamakori. Faz tempo, não foi agora não.

Nim adeuktɔnim, bawanim anim hotobowa. Anim Tamakori nakonin ki-dakti anim

Nunca ficou zangado comigo, sempre foi bom para mim. É a palavra velha de

bɔ. Paiko natirar ki kinim kotɔ. Tɔ kariwa animbɔ atirartikinim anim Tamakori. Paiko foi tirar também. Ele fez tirar os kariwa e nós também,

tobowa adik kotɔ. Naitam niama, itsowa pama hinok namam namahoki kihi tih

naquele tempo. Então é assim, os nossos pais sempre deram conselhos para

namam diwa. Adik niamam tanham itsowa upatim hinok tsopoknim. Anim nim nós. Nós fazemos isso com nossas crianças, nossos filhos. Nós devemos

niamam tso ensinartiki palavra katɔ kotoda. Am ki adik amtsabo.

ensinar aquela palavra de novo. Isso que devemos fazer. Aquelas histórias

Ta'anham, ta'anham amkira pikamnim oto ohokinim opatim hinok niama. que nós ouvimos nós contamos para os outros, para os nossos filhos. Como

Naitam upatim hinok ta'anham kotɔ. Ta'amtih kotoda. Ata tsɔkɔnim anim as crianças também devem fazer assim. Tem que ser assim de novo. Com ele

kotoda amtɔnim kotoda. Ta'amtɔ konin to kɔkɔhinim kotoda.

morreu de novo, não foi de novo. Não ficou palavra aí, morreu de novo.

Ta'anham, manimbak panim amkatɔ djibo. Tamakori namam kotɔbɔ adik. Batih

Aquilo, guarda com vocês mesmo. Tamakori, ele que fez isso para nós. Hoje

amtɔnim adik tsotikotɔ anim tsanim tɔ'am paiko am dakoni. Deixartiki. Am nós não sabemos as palavras daqueles paiko dos tempos antigos. Deixaram

niama tsotsoronim hinok, na na naihtooda estudartiki anim kotɔ. Mawa pama mesmo.

Nós que somos os mais velhos, nós já estudamos isso mesmo. As

nakonin nok. Adik niama itsowa pama namahoki kiji kotɜ. Anim abo tso.
palavras dos pais deles. Para nós, então, o nosso pai falava mesmo
[de todo pai]

Wawatam anim wamanim. Baktihtam kirɜ'am wamama ki am tsobo.
também. Fazia mesmo. Ele era gente forte. As histórias bonitas eram

Tsanim tɜ'am tsanim awɜ tamtam batih. Hawak.
fortes mesmo. Faz muito tempo, não é de agora não. Acabou.

Final

Encerrou-se com isso a participação direta dos narradores de mitos, sendo que os comentários do colaborador ficarão para a discussão de cada mito em particular. Somente nos resta, neste sentido, terminar esta parte com a menção deste colaborador de um mito não registrado até este momento. Trata-se de um fragmento de mito (**Mito 69**), em que o Morcego pegava um cipó, voava com este para alcançar um coco, e levava o coco para uma árvore para abrir e comê-lo. A Onça viu e queria comer aquele menino, mas este sempre pulava antes e escapava de suas garras. Com esta rápida menção se encerra o corpus de mitos Kanamari colhidos no trabalho de campo, sendo que, desde já, fica evidente, pelo surgimento do último mito, que isto não implica de modo algum ter esgotado todo o conjunto de narrativas existentes.

Narratio Kanamari apresenta o *corpus* dos mitos Kanamari coletados, e analisados no primeiro livro: **Imago Mundi Kanamari**, com algumas informações sobre o desenrolar da pesquisa de campo, os narradores e as condições em que contaram as suas histórias. **Narratio Kanamari** é, portanto, um suplemento ao primeiro. Ele pode, sobretudo, servir como testemunho de uma tradição, na verdade, de tradições de diferentes Djapa, na memória e expressão performática dos narradores herdeiros de uma tradição, ou de várias, pela sua ascendência e que as contingências da história reuniu numa única aldeia no Alto Jutaí. Testemunho de uma riqueza narrativa, de empenho dos narradores, a quem agradecemos e, dessa maneira, talvez possamos homenageá-las nesses registros e, em algum momento, devolver sua palavras para os seus descendentes.